

The background of the entire cover is a dark, high-contrast photograph. It depicts a pair of hands, with a visible tattoo on the left wrist, holding a bright red, bloody heart. Below the hands, a pile of crumpled US dollar bills is visible. The overall mood is somber and suggests themes of sacrifice, value, and the cost of life.

KAREN RODRIGUES

O VALOR DA VIDA

Tudo tem um preço
até a vida...



Karen Rodrigues

O VALOR

DA

VIDA

Tudo tem um preço até a vida...

Para os tesouros da minha vida!

Por acreditarem, apoiarem e me fazer
acreditar que um sonho é possível.

“O dinheiro não traz felicidade —
para quem não sabe o que fazer com ele.”

Machado de Assis

PRÓLOGO

COMEÇANDO

TOP MODEL

A NOIVA

UM ENCONTRO

CHANTAGEM

BODAS

ESTACA ZERO

DEMANDA

SEMELHANÇAS

ATENTADO

UM PASSADO

O PRESENTE

ALTERCAÇÕES

LOBO

INVESTIGANDO

FAMÍLIA

UM BEIJO

IMPrensa

REENCONTRO

PATRÍCIA

UM SUSTO

MORTE

CONSIDERAÇÕES

NOVO ENCONTRO

RELAÇÕES DE SANGUE

DESEJO

EFICIÊNCIA

INVASÃO DE PRIVACIDADE

AMOR E AMIZADE

GRATIDÃO

COMPLICAÇÕES

TRAPAÇA

REVELAÇÕES

EPÍLOGO

Prólogo

O ser humano é algo estranho vive a própria vida pensando na vida alheia, e se esquece de viver plenamente a sua, mas somos todos assim gostamos de observar as pessoas e como elas reagem a determinadas situações somos como *vouyers*, não em sentido sexual talvez. E você também gosta não é? Estou falando de ver a vida de outra pessoa, de ver como ela se define como ela reage a determinadas situações. Afinal os *Relaty Shows* não seriam tão populares se as pessoas não gostassem de ver como outra pessoa vive, ou sobrevive seja de forma física ou psicológica. É prazeroso observar ratos em laboratório. Como eles se mexem, como comem ou interagem...

Eu sou um *vouyer* nesse sentido, gosto de observar e criar na minha mente situações para a vida de determinada pessoa. Você também será um ao final dessa história. Bem estou divagando, você vai observar que costumo fazer isso às vezes.

Vamos ao que interessa, muito do que vou descrever eu soube em primeira mão. Outros fatos chegaram até mim um tempo depois. Através muitas vezes de fofocas, notícias de jornal, entrevistas entre outros meios que resguardo somente a eu saber. Mas fique sabendo que como todo bom roteirista eu vou preencher as lacunas dessa história de forma que digamos bem convincente, visto que tenho uma vantagem, eu conheço muito bem a mente dessas pessoas... Tenha sempre cuidado com o que você põe na Rede, se até a internet, consegue traçar seu perfil, imagine se uma pessoa estiver mesmo disposta a isso.

Começando

Bem existem muitas crianças na condição dessa menina. Gravidez não planejada, criança não desejada. Mas daí você pensa que pleno século 21 em um país literalmente aberto a varias convicções e ideologias novas, mesmo que ela não seja desejada vai ter uma boa vida, ela será criada pela mãe e pelos avós, o pai vai aparecer, de vez em quando, para dar um presente, pagar uma pensão pífia, mas essa criança terá uma vida razoável. Talvez desenvolva algum trauma ou rebeldia na adolescência... Em fim seguirá normalmente a vida, ou talvez morra em alguma sarjeta assim que nascer e a mãe abandonar.

O que você se espanta com isso? Não se espantem, muitas mulheres fazem isso, quando não querem a criança, jogam fora como um trapo velho, algo sem valor, descartável.

Eis que temos uma moça grávida aos 18 anos, uma moça muito bem de vida, com uma condição financeira invejável. A gravidez nos dias atuais acontece muito, tem meninas grávidas até mesmo com 12 anos quanto mais aos 18 tem varias mães solteiras que criam seus filhos! Bem voltando...

A família é mulçumana, fundamentalista, embora morassem em um país livre de certa forma de preconceitos, e eles estavam sujeitos à religião, e as leis dessa religião. E acima de tudo a comunidade que envolvia a família e a religião. Vejam bem não vou criticar credos, mas eu quero que você compreenda o que envolve isso, é como se existisse um país dentro de outro país, com suas leis e regras. E esse “país” tem habitantes que seguem essas regras, logo a gravidez sem um casamento era motivo de vergonha para a família. Você consegue compreender o que envolve tudo isso? Se já não é fácil uma gravidez não planejada em uma comunidade sem preceitos, imagine em uma comunidade que exige isso?

Ela não tinha ainda marido, então era uma vergonha muito grande para a família. Ao que parece eles já tinham decidido o casamento, mas por certo que não ocorreria. Foi uma vergonha imensa! O pai um homem duro não aceitou a situação e a mãe uma mulher passiva, abaixava a cabeça se sabia o que era melhor para ela, nesse sentido que você está pensando. Ela nunca ia contra a opinião do marido. Eles tinham muito dinheiro uma família rica, muitas posses. Segundo soube era donos de comércio de tecido, os melhores! Importavam muitos tecidos e exportavam também. Sem duvida um negócio lucrativo.

Mas agora não tinha mais retorno, ela estava grávida e eles tinham que dar um jeito nisso, e pelo visto esse jeito não era algo muito bom. Aborto vocês pensam? Poderia até ser, mas a moça foi inteligente e escondeu a gravidez até quase o parto, não tinha mais o que ser feito. Deve ter sido complicado esconder a barriga, mas segundo dizem uma mulher consegue fazer isso se necessário. E mulheres são criaturas incríveis e arditosas, quando querem.

O certo é que já era tarde quando descobriram, então fizeram planos de evitar o pior para o nome da família. Levaram a menina gestante para o interior, para que ela pudesse dar a luz.

O dia estava nublado tal qual como seu humor, não imaginava como as coisas chegaram a aquele ponto, mas sabia que alguma providencia teria que ser tomada. Nunca passou pela sua cabeça que algo do gênero pudesse acontecer. *“Bom agora não é hora para lamentar”*. Pensou.

Jamil Ahmad era um homem de porte atlético, embora os anos já lhe tivessem tirado muito do vigor físico, ainda conservava certa beleza. No alto dos seus 65 era considerado um senhor atraente com traços árabes firmes. Olhos negros, boca pequena. Tinha muitas linhas de expressão, a mais marcante era a que tinha na base do nariz que formavam dois vincos entre as sobrancelhas grossas dando um ar carregado a sua expressão. Considerado um homem severo, era e muito respeitado na sua comunidade e no meio empresarial.

E através do que estava passando naquele momento com toda certeza o incomodava profundamente.

Com o coração pesado, pensou em suas propriedades e no muito que tinha feito na vida, em principal para seu legado. Pensou na sua casa, na fazenda e no seu orgulho maior, sua empresa. Isso sim! Sua empresa! Disso ele tinha orgulho, pois havia se erguido do nada, com o suor de seu rosto, embora fosse de boa família e até tivesse posses, mas tinha mostrar para seu pai que ele era digno da herança. Realmente um homem muito orgulhoso de suas realizações.

O hospital estava tranquilo àquela hora da madrugada as coisas em uma cidade pequena não se alteravam muito. Quase não havia pacientes. A enfermeira do outro lado do balcão lutava constantemente contra o sono.

Ouviram-se gritos vindos do fundo corredor, enfermeira se alterou um pouco, mas logo voltou a sua rotina. Jamil já sabia o que se passava lá dentro, mas a verdade ainda era difícil de engolir. A vergonha, a grande vergonha entrou em sua casa.

Seguiu na direção do grito, não queria acreditar, seu coração se compadecia e ao mesmo tempo se fechava, uma presença quase imperceptível se fez à sua frente, a mulher era pequena e silenciosa. Uma mulher morena com uma beleza mestiça, sua esposa não era de muitas palavras, e não se interpunha em seu caminho.

—Por que não posso ir lá?

Olhando intensamente para seu marido Leila sabia o que aconteceria com Samira, se Jamil entrasse naquele momento, por isso não permitiu que o fizesse.

—Não podemos entrar na sala de cirurgia Marido. —O que estaria acontecendo, pensou ele — Deixe o médico trabalhar — Leila não era de muitas palavras, mas sabia ser coerente quando era necessário, era uma mulher inteligente, embora muitos pensassem que não devido a sua apatia em demonstrar sua opinião. Na verdade ela aprendeu a conviver com o seu marido e sabia que o silêncio muitas das vezes era a melhor arma que

teria.

Jamil não gostava de seguir ordens, muito menos de sua esposa. Mas naquele momento tinha de deixar sua arrogância de lado, pois não podia fazer muito em relação ao ocorrido a não ser planejar uma saída. Já tinha traçado uma forma de ninguém vir, a saber, o que ocorreu, e já tinha colocado o plano para correr.

Um choro inconfundível de criança, vindo direto do corredor os alertou de que ao menos a criança estava bem, bastava agora ver se mãe também estava.

Filha estúpida!

Esse era seu pensamento.

Alguns minutos se passaram e a agonia aumentava, ao abrir a porta do quarto, viu entre os lençóis brancos, uma figura pálida na cama muito fraca. Aquilo provocou um aperto no seu peito, não se parecia em nada com aquela moça de outra hora.

Sua filha era uma moça de extrema beleza, morena a pele azeitonada, olhos e cabelos negros que brilhavam com um simples raio de luz.

Samira era uma filha dedicada e por isso ele permitiu que ela se interessasse dos assuntos da empresa. Em pouco tempo se tornou seu braço direito cuidava da papelada, era uma moça astuta. Ele sabia que tinha que ter casado ela antes, mas com toda a esperteza que ela demonstrava, Jamil permitiu que ela ficasse solteira mais tempo, afinal não viviam em um país que era regido pelas regras do Alcorão, então ela podia se dar ao luxo de trabalhar estudar e escolher seu futuro marido. Foi o que Jamil pensou. Que inocente ele foi, mal sabia ele que o coração de um apaixonado é algo que ninguém domina. Nem mesmo a própria pessoa.

Eles tiveram outro filho, mas o imprevisto sobreveio a ele. Aos dezesseis anos seu único filho, morrera vítima de uma queda enquanto cavalgava. Lembrar daquilo ainda trazia muita dor. Nunca pensaram que teriam outros, e depois de quatro anos uma linda menina veio para alegrar seus corações, Jamil ainda assim não conseguia entender como seu anjo foi lhe trair daquela maneira. Porque foi exatamente isso que ela tinha feito! Tinha traído seu pai, seu ensinamento e a si própria.

Sempre dera o melhor para ela, não economizou em nada já que não poderiam mais ter filhos, e ele não queria e não podia mais casar de novo, depositou em Samira todas as suas esperanças e frustrações, ela até aquele momento correspondera à altura.

Com o cenho franzido que evidenciava mais os vincos, as mãos em punho extremamente apertadas em frustração total. Olhou bem para a cama e verbalizou toda sua indignação.

—Como foi acontecer isso Samira? Filha da minha velhice? —perguntou, mas sua filha não podia responder estava desmaiada, com certeza devido ao esforço, ou a sedação.

—Ela não vai respondê-lo, está exausta o trabalho de parto foi muito longo creio que ficará assim por no mínimo 2 horas. Foi um parto difícil, exaustivo na verdade. — disse o médico entrando no quarto — Contudo aconselho o senhor a levar ela a um local

com mais recursos para futuros exames, os quais eu não posso fazer aqui.

Jamil apenas emitiu um resmungo, não queria conversar muito com o médico, ele não achava que ele era confiável. Principalmente para o que tinha em mente. Samira era muito jovem tinha muito pela frente e não ia permitir que sua filha acabasse com a sua vida... Ele tinha que fazer algo. Jamil observou atentamente o médico à sua frente e viu o cansaço do trabalho duro, provavelmente faltava algo, ou talvez quisesse algo melhor na vida.

— Doutor, como está a criança?

— Bem, saudável... Mas...

— Acredita que a criança poderia morrer? – O médico olhou com estranheza.

— Não é forte... Mas... – O médico estreitou os olhos e percebeu que na sua frente estava um homem de posses... Os pensamentos do médico vaguearam para muitas possibilidades.

— Podemos conversar fora do quarto? – Jamil perguntou ao médico. Sua esposa Leila, apenas observava a cena, seu coração estava na sua querida filha. Seu coração dizia que talvez algo não estivesse certo. Leila era boa em ler o modo das pessoas e viu seu marido e o médico saírem do quarto com uma atitude estranha. Ela conhecia Jamil, ele não tinha aceitado a gravidez com muita alegria, principalmente sabendo disso a menos de dois dias! Samira tinha sido esperta, escondeu muito bem a gestação, e ainda era um enigma para Leila, como ela conseguiu isso dado às circunstâncias e medidas do seu ventre. Jamil tinha programado outra vida para sua filha e Leila sabia que Jamil não gostava de ser contrariado tinha aprendido há muito tempo isso.

Ela colocou a orelha na porta para ver se conseguia ouvir algo, mas as palavras estavam abafadas.

— Acho que consigo, mas tem que valer à pena... — era a voz do médico.

—Sou muito influente, e garanto que valerá. — Leila ouviu seu esposo. E as vozes ficaram baixas.

Leila já sabia o que ele faria, foi seu coração de mãe que disse. E sabia que não conseguiria impedir, Jamil era um homem muito difícil, mas ela também o entendia, a gravidez foi algo extremamente prejudicial para Samira. Não conseguiria evitar o mal, mas quem sabe remedia-lo. Leila sabia ser sorrateira e saiu do quarto sem fazer barulho indo direto para o berçário, em sua mão ela carregava algo importante e sabia que tinha que ser rápida. Mexeu no outro bolso e viu que tinha dinheiro suficiente para o que precisava fazer, ela nunca saía de casa sem um bom valor escondido nas vestes, afinal era uma boa esposa e uma mulher prevenida, e se não bastasse o dinheiro ainda lhe restava às pulseiras de ouro. No canto dos olhos ela viu Jamil e o médico juntos, ambos apertando as mãos, seu estomago revirou, e apressou o passo. Tinha que ser rápida.

Samira abriu os olhos lentamente, sentiu a cabeça pesada estava muito fraca, mas

precisava alimentar seu bebê olhou para os lados procurando-o, queria saber qual era o sexo, no momento em que o médico iria dizer ela desfalecera.

Onde estava seu bebê? Não ouvia nenhum choro começou a ficar aflita, não conseguia se levantar devido à fraqueza viu a porta se abrir, por ela entrou seus pais, ambos pareciam desconfortáveis, sua mãe estava com a face vermelha em um lado, os olhos vazios como Samira já tinha visto outras vezes. Olhou para eles tentando ter alguma resposta para suas dúvidas. Não conteve a pergunta que estava em sua garganta.

—Onde está meu bebê?—perguntou em um fio de voz.

Seu pai a olhava com uma expressão fria, indiferente a seu sofrimento respondeu-lhe de modo direto:

—Esta onde ele tem que estar. Morto! Agora podemos seguir nossas vidas como se nada dessa merda tivesse acontecido! E que *Allah* tenha piedade de você.

As palavras duras demoraram fazer conexão em seu cérebro, ela estava lenta pra processar a informação. Mas sentiu que seu coração parara de bater e que um buraco abriu sob ela ameaçando engoli-la viva. Ela balançou a cabeça, tentando afastar aquela sensação apavorante.

—O que foi que disse?—não podia acreditar no que seu pai estava lhe dizendo, só podia ser mentira tinha aliás tinha que ser mentira—Mamãe, é mentira não?

Sua mãe a olhava com extrema piedade o que a deixava ainda mais transtornada.

—Filha, eu...

A agonia era imensa, sufocante e parecia tomar conta de cada nevo do seu corpo sobrepujando suas forças sua linha de raciocínio. Era impossível isso ela não podia passar por isso. Ela tentou de todos os meios para evitar perder aquele bebê. Ela se desdobrou para ficar fora das vistas de todo, se esmerou e mesmo assim essa seria sua recompensa! Ela tinha sonhado tanto com o bebê seu corpinho junto ao dela. Tinha feito planos para estar longe quando ele nascesse não era tempo ainda para aquilo. Tinha adiantado muito. Ela tinha feito de tudo e agora o nada jazia em suas mãos.

Lentamente ela olhava para as mãos vazias, e não conseguia ouvir o que seus pais diziam, apenas olhava para as mãos, vazias. Sem um corpinho, sem calor. Levou as mãos até o rosto e pensou que nem o cheiro do bebê tinha ficado nada absolutamente nada estava ali.

—Eu não, não... Eu não aceito isso... Não! NÃO... NÃO... NÃO... NÃOOOOOOOOO — balbuciava agora já estava totalmente descontrolada, não raciocinava direito, histérica debatia-se na cama gritando. Sua mãe tentava acalmá-la, sem nenhum sucesso.

E aquele buraco que apenas ameaçou sugá-la agora estava levando-a com tudo para baixo, para a escuridão, para o sofrimento profundo. Ela pensava porque não tinha sido ela a morrer, por quê?

Mas amigo a vida é injusta mesmo, não temos tudo o que queremos. E muitas

vezes temos tudo o que não precisamos.

Do lado de fora do quarto, naquela pequena clinica, em uma pequena cidade, um médico sorria já imaginado o que faria com tudo o que tinha conseguido. Os gritos não o incomodavam, iam passar. Ela iria se recuperar. Teria mais filhos e acabaria por se esquecer daquele momento. Agora a mente do médico se focava no presente que ia comprar para seu filho. E levar a esposa até aquele restaurante famoso que ela tanto queria ir.

Pensando assim saiu do hospital, pegou a estrada tendo em mente uma vida boa e cheia de oportunidades. Deixando para traz os gritos aflitos de uma mãe arrasada.

Top Model

Ah! Lá está ela, pensa em uma mulher bonita, e multiplica isso então você terá a beleza aproximada dessa mulher. Ela tem o corpo magro de modelo, mas por incrível que possa parecer, ela tem curvas suaves que desenha seu corpo de modo sexy. Não! Eu não sou um depravado, mas até você conseguiu ver as curvas dela, não é mesmo? Então vou dar mais detalhes, seus cabelos eram longos e negros combinando com seu tom bronzado de pele, dona de um rosto delicado e traços firmes, olhos verdes intensos e uma boca carnuda que incitavam muitos pensamentos, além de uma graciosa pinta sobre os lábios. Uma verdadeira beldade, não concorda? Eu tenho que trazer detalhes se não fica maçante e você vai me deixar sozinho.

Naquele momento seus pensamentos estavam um pouco egoístas, o que não estava colaborando em nada com o fotógrafo que se esmerava em tentar achar posições para tirar as melhores fotos, mas sua paciência estava meio que no fim. A mente dela vagava dessa forma;

“Carta estranha dela... E aquele pacote... Não vi o que tinha dentro... Não consegui também com Andrés atrás de mim o tempo todo... Já está no cofre eu preciso analisar com calma tudo e dar uma resposta...”

—Patrícia você ouviu o que eu disse?—com eu disse a paciência do fotógrafo estava no fim. Ele olhando-a não entendeu por que estava tão desconcentrada, por ser a melhor e mais conceituada profissional do mercado, nunca cometia erros. Aquelas distrações que ela teve durante todo aquele dia não eram normais.

—Me desculpe Vi, ando meio distraída!—*Ótimo agora estou perdendo o foco e atrapalhando!*

Vinicius Callow um dos melhores fotógrafos do mercado, ele tem o dom da beleza. Muito difícil nas fotos dele uma mulher ficar feia, ele captura algo nelas que por mais falta de atributos a modelo tenha, ainda assim ficam deslumbrantes. Eu fui a uma exposição de fotos sua e me surpreendeu algumas das fotografias. Era como se saltasse aos olhos a beleza interior de casa modelo. Então dessa forma ele é mundialmente famoso. E estava naquela cidade apenas para semana da moda que estava ocorrendo. Nada movimenta tanto dinheiro como a semana da moda.

—Patrícia! Hoje nos ficamos por aqui, você não esta muito concentrada e eu preciso de todo seu talento. Como você mesmo sabe essa é uma campanha publicitária muito importante, a sua presença foi uma das exigências nela. Sendo assim eu preciso de mais empenho da próxima vez ok?—Patrícia concordou com um gesto de cabeça, e se retirou.

A imprensa dizia que ela era uma mulher montada, fria como um robô, na passarela fazia tudo corretamente, e como a perfeição normalmente gera polemica nesse nosso pequeno mundo, era o que acontecia com Patrícia. Além de ser o cachê mais alto do

mundo da moda e a modelo mais disputada. Tudo isso gera muito interesse por parte da mídia. Do seu passado pouco se sabia, apenas que Andrés seu empresário a descobrira em algum lugar no sul do Brasil. Quando uma pergunta pessoal lhe era dirigida, Patrícia respeitosamente ignorava a mesma, seu empresário havia lhe instruído de uma maneira que nada pudesse abalar sua reputação, não havia fotos de paparazzi, nada na internet que pudesse manchar sua reputação.

Após se trocar Patrícia se dirigiu ao escritório onde Vinicius se encontrava, entrou com intenção de se desculpar afinal ela colaborara e muito para o fracasso daquele dia.

—Desculpe as falhas Vini. —Disse sentindo aquela sensação de fracasso e falta de profissionalismo para com o fotografo.

O rosto grego de Vinicius, não traia sua emoção. Ele tinha aprendido a controlar as emoções durante sua carreira. Foram anos e anos de trabalho duro para esculpir aquele semblante. Patrícia podia dizer que era um homem bonito, com mais de quarenta anos com certeza, não era dado a futilidades como a maioria dos homens na sua posição, mas sempre estava namorando ou saindo com alguém. Mas o que realmente chama atenção em homens dessa idade e neste ramo é a influência e Patrícia, sabia que aquele homem detinha nas suas fotos o poder de fazer decolar a carreira de qualquer modelo que eles queiram.

—Olha Paty eu não tenho nada a ver com isso, mas se eu fosse você daria um tempo tiraria umas férias. São quase dois anos que a vejo trabalhando direto se isso não é estafante então eu não sei o que é.

—Você tem razão, nem eu sabia que fazia tanto tempo que estava na ativa!—disse sorrindo para ele.

—É menina se a gente não observa acaba virando escravo do trabalho, e você é muito nova para entrar nessa.

—Pode até ser. —falou e logo pensou na sua agenda que estava lotada até o fim do ano. —Mas se eu tiver que tirar férias, só no ano que vem, pois tenho serviço até o fim do ano!

—Toma cuidado Pat não gostaria de ver você se acabando como muitas que vi.

—Isso eu te prometo amigo, mas agora eu tenho que ir até amanhã!

—Até.

Ela fez um pequeno malabarismo para poder sair do prédio moderno, situado na Avenida Paulista centro comercial da capital paulistana. Seus seguranças eram dois. Um fazia às vezes de motorista seu nome era Willian, e o que ia do lado dela para protegê-la chamava-se Carlos. Tinham sido contratados para a semana da moda em São Paulo. Normalmente Patrícia vivia em Nova York onde estava a maioria de seus contratos. Hoje apenas Willian estava ali o outro teve um compromisso inadiável por isso não pode acompanhá-la. O que secretamente Patrícia agradecia por que tinha mais espaço para poder respirar.

Willian avistou a modelo saindo de forma discreta pela porta principal, ninguém pareceu notar de quem se tratava. Essa era uma das funções de Willian, observar e interferir se necessário. Mas a moça era realmente esperta e conseguia passar por qualquer pessoa sem que a notassem. Ele observou como ela andava nos cantos desviando o olhar e procurando as sombras. Esperta. O que era ótimo que ninguém notasse, pois ele teria mais tempo para executar seu plano.

Avistou Willian perto de uma Mercedes preta, sempre gostara desses modelos de carros achava que tinha classe, mas ainda não sabia dirigir o que era uma pena, só ficava observando.

—Srta. Sabatini? —Willian a pegou pela mão levando ela até o veículo, alguns passantes desviaram sua atenção para a cena, principalmente por causa do carro. E após acomodá-la entrou no mesmo ligou-o e saiu.

Patrícia tinha o olhar perdido através do vidro do carro via o movimento nas ruas, virou o rosto e viu no retrovisor o rosto de Willian, ele tinha um rosto duro e sempre estava de óculos escuros, mesmo de noite que se destacava muito nele, pois era muito branco tinha o nariz quebrado e uma cicatriz no rosto próximo à orelha, que provavelmente teria sido feita por uma faca, como raspava o cabelo ela era visível e de certa forma ele a assustava, mas nunca se podia julgar o livro pela capa, ou pode?

Um ligeiro pensamento passou pela mente de Patrícia. Talvez tivesse sido prudente atender seu instinto. *Às vezes quando temos alguma má impressão e nosso instinto indica fuga é bem prudente considerar isso, eu sei bem como é. Sabe do que estou falando, aquela sensação de que algo muito ruim vai acontecer, ou uma pessoa não parece muito confiável muitas vezes ela não é?*

“Esse homem é tão estranho que chega a me dar calafrios, até parece àqueles capangas de filme, ah deixa para lá o que eu quero é chegar logo em casa, tomar um banho e relaxar e ver se eu consigo ir até aquele cofre ainda hoje.” – Pensou Patrícia.

Com esse pensamento assim fechou os olhos estava com fome, ainda não havia almoçado, com a dieta restritiva sempre acabava pulando refeições, o que por vezes causava sonolência. E esse era um daqueles momentos de sonolência, onde o silêncio imperava e fazia com que sua mente vagueasse e ela se perdesse em um profundo sono. Principalmente porque na noite anterior tinha aberto o desfile e tudo durou horas e horas o que resultou nesse estresse do seu corpo e a letargia que levava levemente para o sono.

Willian olhou no retrovisor e percebeu o que tinha acontecido, um sorriso prenunciou em seus lábios. Um pequeno cordeiro pronto para o abate. O dinheiro sempre faz as vítimas e os assassinos, porque tudo gira em torno da lei da oferta e da procura como o mercado financeiro gira. Mas o erro de muitos é procurar o mais barato, ou o que está à mão. Em minha opinião isso geralmente sai errado, porque barato não significa qualidade.

E enquanto a mente de Willian girava em torno do que ele faria com a grana que ia entrar, a modelo desancava o sono dos justos, mas não o sono eterno e irremediavelmente ela acordou.

Letárgica por causa sono e viu pela janela que estavam em uma rodovia sentiu-se confusa, olhou para Willian que continuava a guiar tranquilo.

—Onde estamos Willian?—perguntou em seus olhos não se percebia muita emoção.

—Srta. Sabatini já acordou? – ele se surpreendeu como a volta dela, mas não demonstrou a consternação.

—Eu te fiz uma pergunta Willian onde estamos indo?

—O a secretária do Sr. Andrés ligou e informou um novo compromisso.

— Novo compromisso? – ela estava estranhando, não encontrou seu celular, nem sua bolsa que estava do seu lado quando entrou no carro. Willian tinha sido esperto e tinha tirado a bolsa de perto dela antes dela acordar, enquanto estavam no transito lento da capital paulista.

Patrícia tinha certeza que algo estava muito errado até porque nada era feito sem que tudo fosse devidamente informado, Andrés fazia questão, ele era metódico. —O que você quer dizer com isso Willian? Eu não recebi nenhuma mensagem ou ligação... Viu a minha bolsa?

—De repente seu celular estava sem sinal ou desligado... Não vi. – ele foi evasivo ganhando tempo.

O carro fez uma curva saindo da rodovia e entrou em uma estrada de terra deserta, ainda e alta velocidade.

—Estamos em um lugar que não reconheço e não estou gostando nada. Pare já esse carro.

—Me desculpe, mas não obedeço a ordens suas mais. —Disse isso com imensa tranquilidade.

—Como não obedece a ordens minhas? Você é meu segurança, e eu te pago para me proteger! —Gritou estarrecida ante a ideia.

—Não mais! —Sentenciou.

Ela olhou estarrecida para o retrovisor do carro, o sorriso ainda estava lá e a calma dele deixou-a em pânico, suas pernas perderam as forças e estavam fora de seu comando, sua respiração aumentou a um nível onde visivelmente hiperventilava. Mas os olhos ainda estavam frios. E isso deixava Willian desconfortável. Eles seguiram em alta velocidade então saltar do carro não era opção para ela, assim como atacar seu motorista estava fora de questão.

Sentiu o carro diminuir a velocidade e parar a beira da estrada, olhou através vidro traseiro e viu outro veículo preto parando, uma nuvem de poeira da estrada de chão rodeava dois homens, que desceram do carro, um deles era baixinho, mas encorpado tinha os cabelos raspados como os de Willian usava roupas pretas. Patrícia sentiu o coração comprimir no peito. Aproximaram-se do carro e Willian olhou no retrovisor, levantou a

mão e disse.

— Qualquer movimento seu e estouro esse seu rosto lindo! – Naquele momento ela nem respirava o terror profundo apoderou-se de cada membro do seu corpo levando ela a um estado de paralisia. Choque.

Ele saiu do carro e travou tudo, aproximou-se do vidro fumê e observou sua doce modelo em estado de choque, tão linda... Foi o que ele pensou.

Realmente naquele momento tudo o que passava na cabeça daquela garota era um medo pavoroso, mas muitas vezes quando nos deparamos com esse medo, também vem o aumento da adrenalina e a necessidade de fuga. Patrícia tentou abrir a porta do carro, sem sucesso. Ela sabia que se ficasse ali nada bom poderia acontecer. O pavor à adrenalina corria no seu sangue. Tinha que fugir. Mas como?

De repente a porta do carro abre e Willian a puxa pelo braço para fora do veículo. Ele era um homem alto e forte o que fez com que parecesse uma agressão naquele momento. Ela não se lembrava de ter passado por isso na vida, o que a deixou indignada. E foi esse sentimento que regeu seu corpo e a fez puxar o braço com tudo, mesmo que doesse, aquela era sua oportunidade e ela iria agarrar ela! Em um pensamento louco por liberdade e achando que tinha chances ela correu no acostamento naquela estrada deserta, pois não via nenhum veículo passando por ali apenas mato e terra.

E cometeu um erro, esqueceu completamente dos outros homens que estavam ali perto. Um deles que olhar mais lascivo se posicionou na frente dela, fazendo com que trombasse nele. O sorriso do homem aumentou quando ela quase caiu no chão. Mas foi a mão de Willian que ela sentiu no cabelo. Um forte puxão e uma dor e a incapacitação tudo em questão de segundos. Uma mulher contra três homens era no mínimo muito baixo.

Ela gritava, mas não chorava, não ia chorar era uma mulher mais forte que isso! Tinha coragem no coração e não faria isso, mas gritava, muito!

—Por favor, Willian me deixe ir, por favor! —Gritou.

—Não! —gritou seu algoz. —Estou sem paciência, acha mesmo que eu vou deixar você ir embora e perder o meu dinheiro!—disse isso como um sorriso maldoso.

—Eu pago o dobro do que estão pagando vocês! – tentou argumentar se o problema fosse dinheiro ela tinha e muito.

— Eu sei que pode fazer isso belezinha, mas vai, além disso. – a voz dele era fria como aço. E o destino dela estava selado.

Patrícia se debatia na esperança de conseguir fugir, mas ao ver a intenção dela Willian levantou a mão e deu uma bofetada fazendo o sangue escorrer pelos seus lábios, ele abaixou-se e nesse momento Patrícia cuspiu no rosto dele que sem pestaneja. Willian deu outra bofetada nela fazendo o sangue escorrer agora do nariz.

— Não vai conseguir nada com isso, não tem força para superar a minha. – Ele a arrastou até o carro de seus comparsas, não era um modelo de carro novo. Um deles o mais alto abriu o porta-malas. Willian a amordaçou e amarrou também suas mãos e

pernas, cuspi no rosto dela já manchado de sangue e disse:

—Agora gracinha você vai dar um passeiozinho, mas não fique preocupada. Meus amigos aqui darão um jeito em você rápido, por isso não vai sofrer muito — dizendo isso a colocou no porta-malas do carro e fechou em seguida, mesmo abafado o som das vozes chegaram aos seus ouvidos.

—Vocês já sabem quais são as ordens? —Era a voz de Willian.

—Sim sabemos, temos que leva-la a e dar cabo dela – uma voz firme.

—Isso mesmo Fabio, e tem mais... Coloquem o corpo em um local visível depois os dois tratem de sumir do país entenderam?

—Nos entendemos, mas quando o dinheiro vai estar em nossas contas?

—Quando encontrarem o corpo Ed. Agora vão!

— Podemos nos divertir um pouco com esse corpo de um milhão de dólares? – era uma voz lasciva que Patrícia identificou como sendo o homem que bloqueou seu caminho.

— Façam o que quiserem.

O terror mais pleno se apossou do corpo de Patrícia, ela não conseguia respirar direito, ainda estava amordaçada e tudo balançava aquele lugar escuro e apertado. Seu sangue corria como gelo sob sua pele. Consequia sentir o suor escorrer pela sua face. Então chorou, chorou muito... Estava apavorada, iria morrer, e iria ser estuprada! Seu fim estava selado.

“Não!”

O instinto de sobrevivência gritou em sua mente, não podia ser assim! Ela sentiu que sua vida era mais que isso e não ia se render! Aquele *insight* que algo tem que ser feito, pois bem, foi o que aconteceu com ela Naquele momento. No escuro fétido, sendo chacoalhada e em total desvantagem. O instinto foi maior do que o medo.

“Não vão conseguir me matar! Vou fugir! Tenho que conseguir! Não posso me entregar, sou mais forte que isso, eu já passei por muita coisa nessa vida e não morrer!”

Ela começou a se mexer no pouco espaço que tinha, sua movimentação afrouxava as amarras, ela sentia a pele arder nos braços, onde estava preso. Doía muito e ela suava por causa do calor e a falta de oxigênio nublava sua mente em alguns momentos. Chegou a pensar em desistir, mas não se rendeu. Quando sentiu uma das mãos passar pela amarra esfolando sua pele, o alívio foi imenso. Deixou-se respirar um pouco para recuperar a força, não podia se dar ao luxo de descansar. Com muita dificuldade conseguiu soltar as mãos tirou a mordaça procurou por seus pés e se contorcendo dentro do espaço apertado. Soltando-os, agora estava livre era só esperar o carro parar e fugir. Tateou no escuro procurando alguma coisa com que pudesse bater, achou o que parecia ser uma “chave de roda”, sentiu-se sufocada estava muito quente ali, o suor escorria pela frente, pelas costas parecia que iria derreter de tanto calor.

Muitas horas se passaram até que ela sentiu o carro diminuir a velocidade e parar, provavelmente dormiu em algum momento, a falta de oxigênio também contribuía para a exaustão. Mas sentiu o ritmo do carro mudar e ouviu o motor ser desligado. Agora era uma questão de tempo. Ouvia barulhos abafados de caminhões, carros e vozes pareciam que tinham parado em algum posto de combustível, começou a bater na porta tentando fazer barulho ou até mesmo abri-la.

—Fica quieta aí gatinha, senão eu te mato agora mesmo, entendeu. — Aquela voz não era lasciva, provavelmente o outro cara o tal Fabio.

Ela obedeceu, pois pensou que talvez ele tivesse uma arma como ele. O que com certeza não seria uma novidade sua morte se aproximava mais e mais e o pior não tinha como evitar tal fato.

Passou-se 1 hora desde que pararam no posto e novamente sentiu o carro parar.

“Agora é meu fim tenho certeza disso a menos que um enorme milagre me aconteça, coisa que não é muito normal. Meu Deus! Não quero morrer e pior não quero morrer e ter meu corpo encontrado em um local público. Por enquanto eles não tentaram nenhum abuso sexual... tenho que fazer algo, não vou deixar alguém levar minha vida dessa forma! Idiota! Ridículos!”

Patrícia escutou o que parecia uma tentativa de abrir a porta. *“Tenho que fingir estar amarrada afinal foi assim que me colocaram aqui.”* Pensou, segurou a ferramenta junto de suas costas.

O tal Ed. abriu a porta e a retirou de lá, colocou-a no chão, e lhe disse, não sem antes passar sua mão lasciva através do corpo dela, fazendo com que se estomago revirasse.

— Hum! Que gosto tem será uma supermodelo? – ele falava com a boca na orelha dela e aquela voz asquerosa.

— Me solta... –ela tentava, mas a voz saía muito fraca.

— Não posso queridinha, vou me divertir um pouco e depois o meu amigo vai finalizar – um frio passou pela espinha dela. Os olhos nojentos dele a encaravam com luxúria desmedida e asquerosa.

Mas aquele corpo não tinha como não olhar ou não querer, a mente pervertida de Ed., viajava nas possibilidades do que faria com ela. Ele nem podia imaginar a sorte que lhe foi concedida, ele nunca nem em um milhão de anos sonhou que teria Patrícia Sabatini debaixo do seu corpo. E Só esse pensamento já era o suficiente para que ficasse em ponto de bala! Ah! Ela gritaria e faria aquela cara de medo e de desespero! Como ele gostava daquilo, como era maravilhoso aquele momento de dor e desespero, onde ele tinha total controle e a mulher estava a sua mercê. E como seria maravilhoso controlar aquele corpo! Esses pensamentos o fizeram perder o foco, pois só as imagens que se formavam na sua

cabeça já o deixavam enlouquecido. Ah! Aquele corpo divino! A boca enchia de água. Ele passou as mãos pelas pernas dela, ela ainda estava amarrada o que seria mais fácil. Para domar. Seus olhos percorriam a extensão do corpo delgado. Ed gostava da preparação de ver a vítima sentir medo. Mas teria que ser rápido, Fabio não gostava daquilo, mas também não interferiria. Ele abriria as pernas e força e conseguiria tudo o que era seu.

Diga espectador você também esta torcendo por nosso amigo? Pensa em ver cenas libidinosas? Bem hoje esse tipo de cenas vendem livros e filmes, onde uma mulher é subjulgada. Esse tipo de atração atrai muitos expectadores, e eles ainda julgam como ato de amor, você acha que o que está sendo narrado acima é um ato de amor? Não? Por quê? A mente desse animal naquele momento registrava um ato de amor, segundo a sua visão. Eu não sou um puritano, apenas gosto de jogar com sua mente, deixemos isso de lado e continuemos da onde parei.

Ela estava com a mente variando em diversas formas de escapar daquele asqueroso, sentiu o peso da ferramenta nas mãos, ela ainda parecia amarrada no escuro.

—Tem algum ultimo pedido antes do fim? Quer que eu seja bondoso com você gatinha? —Perguntou arrastando as mãos suadas sobre o peito dela. Ela tinha que ganhar tempo.

—Bom na verdade eu tenho – ele a olhou com o aqueles olhos nojentos.

—E o que seria gracinha?

—Que você apodreça na cadeia!

Ele riu. Ela olhou ao seu redor e tudo estava escuro, quase não se via nada.

—Infelizmente isso eu não posso conseguir, mas vou te fazer gritar muito.

Nesse momento Ed foi em direção a ela ficando muito próximo, Patrícia sentiu o peso da ferramenta que carregava e reuniu toda sua força segurou-a com firmeza, pois sabia que teria somente uma chance, então deferiu um golpe contra a cabeça dele que deu um forte grito de dor, mas ela não se deteve e o golpeou novamente na nuca.

— VAGABUNDA!!!! – ele gritava alto com sangue caído pela face, mas parecia abalado de algum modo e cambaleava – Eu vou te matar! – Ele tentou tirar arma, mas não encontrou.

Patrícia sabia que não teria muito tempo, estava agarrada a sua “arma”, com os olhos estalados e já ajustados a escuridão tentando procura uma rota de fuga, mas era só mato para onde olhava.

—O que está acontecendo aqui? —Gritou o outro que já vinha de encontro a eles, aquele parecia mais perigoso, mas ela não vacilou. Fabio tirou uma arma e apontou para ela – Sua vaca! Vou te matar! – ela sabia que ele não estava brincando, jogou a ferramenta na direção dele, bateu no braço fazendo a arma desviar a trajetória da bala.

Ela não tinha tempo para ver o que estava acontecendo, virou e começou a correr na escuridão, até a lua se escondia naquele dia. E isso não parecia ser um mau negócio. Ela corria com seus pulmões queimando, tinha que se salvar! Tinha que sair dali! Seus pés

estavam machucados, mas ela já não sentia nada a necessidade de salvar sua vida era muito maior e contra essa necessidade não existe o que vai contra.

A noite era sua amiga e o mato alto também, ela só tinha que sobreviver era tudo o que conseguia pensar naquele momento.

A Noiva

Geralmente o dia do casamento é muito importante para noiva, elas tendem a ficar histéricas e deixar todos com o mesmo sentimento. Elas olham como se ninguém estivesse fazendo o que elas pediram, ou a festa não está como a cor certa de decoração. Bem isso é normal para qualquer noiva. Menos essa noiva que você vai conhecer agora.

Alana Haddad não estava com todo aquele ânimo que uma noiva normal estaria. Suas preocupações eram as mais diversas possíveis, e algo profundo estava deixando uma ruga em seu semblante perfeitamente maquiado. Um rosto lindo e preocupado, que ninguém conseguia entender o porquê daquela expressão. Sua irmã estava mais radiante que a noiva Amélia era uma mulher esplendida loira, alta, magra devido a procedimentos estéticos e olhos azuis como os da falecida mãe, ela estava tentando mais que tudo entreter os convidados e desviar a atenção da sua irmã carrancuda. Amélia naquele momento não entendia a irmã, elas não se pareciam muito fisicamente e talvez menos ainda quando se tratava de suas características mentais e emocionais. Enquanto Amélia era extrovertida e com o raciocínio lento, o que não significa ser desprovida de inteligência, apenas ela não a usava. Já Alana era introvertida e extremamente perspicaz. Amélia ficou com certa inveja pela irmã se casar com o homem que agora era seu cunhado, parecia um homem bom, bonito e bem sucedido.

Com um pequeno bufo Amélia sorriu para um convidado que estava acenando, e saiu quase dançando para perto de um senhor com ar de bonachão. Victor observou a cena com um sorriso no rosto, gostava de sua cunhada, parecia uma mulher fácil de levar, tudo era uma grande festa para ela. Já sua esposa estava com um ar estranho, sorria gentilmente para os convidados, mas ele sabia que ela estava com o pensamento longe. Geralmente era assim com Alana, ela sempre tinha o pensamento longe, nem parecia irmã de Amélia. Victor apaixonou-se por Alana quando a conheceu em uma festa do partido que ele representava, ela estava com seu pai e sua irmã. O pai dela é um dos doadores mais influentes. Amélia pertencia à família Haddad detentora da marca Empeck S/A, fabricante de embalagens para os mais diversos tipos de produtos. Muito conhecido no meio empresarial o proprietário Artur Haddad era de grande influência, tanto política como economicamente falando.

Isso era importante para Victor, ele amava a esposa, mas amava mais ainda as vantagens que o casamento iria lhe conceder. Victor era jovem na política, mas descendia de uma família influente que tinha feito carreira nos mais diversos ramos da política do país, no momento estava no seu primeiro mandato de deputado estadual. A família Haddad Rosa era influente, mas o apoio que teria somado a Artur Haddad poderia levar a carreira de Victor longe, e era isso que mais importava na sua vida. Com o acréscimo de uma bela mulher, inteligente, discreta e ligada a muitos movimentos sociais. E essa esposa estava cada vez mais distante na comemoração o que estava deixando Victor particularmente impaciente.

Ele saiu andando no salão disposto a saber o que estava afetando tanto sua noiva a

ponto de desconsiderar completamente seu próprio casamento!

Amélia avistou seu formoso cunhado com a testa franzida seguindo em direção a sua recém-esposa, ela tratou de interceptar ele, para que ninguém percebesse que havia algo que não estava correndo magnificamente na mansão Haddad.

— Querido, onde pensa que vai com essa carranca? – perguntou sorrateiramente.

Victor se espantou com Amélia na sua frente, ela sorria largamente para ele e olhou por sobre o ombro para onde sua irmã estava.

— Estamos na sua festa de casamento querido, não queremos que os fotógrafos façam uma foto estranha, que com toda certeza vai estampar as paginas da internet ainda hoje – Amélia falava entre os dentes e com o sorriso largo como se estivesse conversando sobre qualquer coisa sem importância.

— Sei, mas ainda assim isso não vai evitar uma foto estranha dela. – Victor tinha entrado no jogo de Amélia, a muito percebeu que ela não era uma mulher burra, mas usava seu raciocínio oportunamente. Principalmente quando era hora de dissimular na frente de uma multidão nisso ela era perita.

— Sim, mas será mais fácil explicar uma dor de cabeça, do que uma briga de casal no dia do casamento. Não concorda?

—Sim, você tem razão – Amélia olhava para seu cunhado formoso.

Era um homem de estatura alta, tinha um leve bronzeado, embora o branco ainda se sobressaísse em partes que o sol não chega. Olhos castanhos, nariz adunco, boca fina e cabelos castanhos enrolados. O rosto embora fino fosse masculino de alguma forma. Era um homem de presença e por esse motivo era um dos parlamentares mais jovens a serem eleitos. Tudo isso somado era um bom partido, sua irmã tinha sorte, mas Amélia não se sentia atraída dessa forma que você está pensando, embora ela seja uma pessoa exuberante, não era promiscua. Tinha seus discretos relacionamentos e amava muito sua irmã e por esse motivo tinha em Victor um irmão. E essa lealdade para com os dois fazia com que ela se portasse como a verdadeira anfitriã.

Ela deu uma palmada de leve no ombro do noivo e seguiu sorridente para a noiva.

Alana sabia que a sua irmã tinha algo em mente assim que a viu se direcionar para ela, já podia até imaginar que viria um assunto não muito bom. Alana conhecia Amélia onde todos viam sorrisos ela via o brilho nos olhos azuis determinados olhos que estavam seguindo na sua direção.

— Lana... Vamos ao toalete retocar a maquiagem? – ela tinha um tom suave para os ouvintes desatentos, usou até seu apelido para que ninguém percebesse.

— Sim Mel – ela ia entrar na brincadeira.

Dirigiram-se para a suíte que ficava no térreo e estava sendo utilizada como quarto da noiva naquele dia. Assim que fecharam as portas o sorriso de Amélia caiu como uma máscara.

— Alana, eu não sei o que está acontecendo, mas você poderia disfarçar melhor!

Alana ignorou a irmã e sabia que isso a deixava louca de raiva. Seguiu para o banheiro da suíte, ainda bem que tinha escolhido um vestido mais simples e clássico. Seria mais fácil usar o banheiro. Mesmo assim demorou uma eternidade. Ao sair Amélia ainda estava furiosa.

— Sabia que é horrível usar o banheiro com esses vestidos? Ainda bem que não segui seu conselho escolhendo aquele que parecia um bolo! – ela ainda estava brava e Alana sabia que não sairia daquilo facilmente.

Embora Amélia mantivesse o sorriso largo no rosto, seus olhos eram onde Alana podia ver a dor. Elas não se pareciam fisicamente, Amélia era mais baixa, loira e olhos azuis o rosto tinha sido afinado por cirurgias estéticas, algo que Alana evitava com fervor. Viu sua irmã passar por tantos procedimentos dolorosos que não queria isso. Mas Amélia tinha um coração muito bom, a mente um tanto quebrada, mas assim mesmo ela prosseguia com a altivez de uma rainha, era o que Alana mais notava na sua irmã.

— O que está acontecendo.

— Nada estou cansada apenas isso – os olhos azuis se tornaram penetrantes.

— Eu conheço você muito bem se esqueceu? – persistente.

— É complicado Mel, não posso falar para você ainda... – Amélia entendeu que era melhor não forçar no momento. E a feição de Alana estava quebrantada, como se algo profundo estivesse acontecendo. Algo que naquele momento fugia a compreensão dela.

— Sabe que pode falar comigo a qualquer momento, não sabe? – O coração de Alana se partiu, mas sabia que não podia envolver Amélia.

Nesse momento, ambas estavam sentadas com as mãos dadas quando um homem encapuzado entra no recinto empunhando uma arma, Amélia deu um grito e Alana ficou petrificada outro homem mais baixo entrou também armado.

—O que é isso!—gritou Amélia, partindo para cima deles.

—Cala a boca!— falou o homem alto apontando o revólver calibre 38 cano longo com silenciador, Amélia caiu no chão quando as pernas não sustentaram seu peso —Não é com você o nosso assunto e sim com a noivinha ali.

— O que vocês querem comigo?—Perguntou valente, Alana se dirigindo para a Irmã que estava no chão.

—Você vem junto noivinha são as ordens! – a voz dura do homem fez as penas de Alana ficarem moles e os membros tremerem involuntariamente.

O homem mais alto foi para cima dela, e vendo o perigo Amélia entrou na frente da irmã para protegê-la, mas não foi o suficiente por que ele deferiu um soco nela que caiu no chão imóvel.

— Amélia!!!! – Gritou Alana desesperada, vendo a irmã tão exuberante imóvel no chão.

—Agora você vem com a gente—disse ele segurando o braço dela—E vai bem quietinha entendeu—disse colocando arma na costela dela.

Alana sentiu o revolver e resolveu colaborar com ele, se quisesse continuar viva. Queria sair o mais rápido possível do quarto para que Amélia não corresse risco de vida. Olhar aquele rosto tão sorridente manchado de sangue apertava o coração de Alana.

—Você vai ficar quieta, nos acompanhar como se fosse à coisa mais natural do mundo. Por que se não nós temos um atirador preparado para dar um fim no seu querido maridinho ok? Eles saíram discretamente da suíte, andando sempre junto à parede, para que ninguém percebesse, o Homem alto tinha retirado o capuz, mas o cabelo meio cumprido cobria o rosto. Alana se limitou a obedecer cegamente, nem respirava direito porque o ato a lembrava do cano do revolver.

Pensou em Victor , ele não sabia de nada, e teria de enfrentar tudo sozinho. O homem mais baixo estava com um chapéu e óculos escuros, eles passariam por seguranças da mansão tranquilamente ainda mais nesse dia que estava lotada com muitas pessoas trabalhando. A casa da família Haddad ficava em área nobre da capital, um portão gigantesco levava a alameda por onde passavam os carros, indo direto pra a casa em estilo contemporâneo. Com suas colunas altas e portas de pé direito duplo era uma casa magnífica. E naquele dia estava repleta de pessoas convidadas e trabalhadores. Conforme iam passando pelas pessoas Alana sorria nervosamente torcia para que nada de mal viesse acontecer com Victor .

Passaram andando no corredor que levava à área de serviço da casa, o mais interessante foi que quanto mais se aproximava desta área, mais ela conseguia ver a colaboração das pessoas com os homens que a escoltavam. Era como se todos já soubessem que ela iria passar por ali. Alana tentou pedir ajuda pelos olhos para os passantes, mas suas tentativas foram fúteis. O dinheiro é algo que tem um poder abissal, transformam os ratos em gatos, ouvintes em surdos. E naquele momento era isso que você podia observar, a agonia do rosto da noiva era visível, mas os presentes faziam questão de não ver. Ao passarem pela porta desceram as escadas da bela mansão, um carro com vidros negros já estava encostado esperando por ela e seus amigos. O mais baixo abriu a porta e o outro a empurrou para dentro do mesmo.

O desespero começou a corroer suas veias, o terror que o que estava acontecendo era algo que fugia ao controle dela. Esse desespero e terror de observar a cena sem poder alterar nada, nem uma única informação é algo incapacitante. Os homens entraram sentando um de cada lado dela sempre com a arma encostada nela. O homem que estava no volante deu partida no veículo, que passou sem nenhum problema entre os seguranças da portaria.

Quando ganharam as ruas Alana deu vazão ao em pânico e começou gritar em plenos pulmões, foi nesse momento que o homem mais alto lhe deu uma coronhada na cabeça fazendo-a desmaiar.

Quanta falta de senso ela teve, poderia ter gritado em qualquer momento, mas escolheu o pior deles.

Obviu que estando inerte não viu nem sentiu nada, nem mesmo quando diminuíram a velocidade do carro, chegando a um lugar posto de gasolina. Ao estacionarem o veículo ela voltou a si, com uma imensa dor na cabeça. Ela permaneceu quieta com se estivesse desmaiada, assim pensariam o mesmo.

—Cara eu preciso ir ao banheiro, estou muito apertado!—ouviu.

—Eu também!

—E eu...

—Mas e a noivinha como vamos fazer com ela, não podemos deixa ela aqui sozinha.

—Nem por cinco minutos? – aqui você consegue imaginar porque algumas coisas não dão certo.

—Você sabe que não! Eu não sei por que perguntou isso. Primeiro “Xadrez” e eu vamos tomar um café você espera! E quando nós voltarmos “Pequeno” você vai—dizendo isso saiu.

Assim que seus companheiros se afastaram aquele que tinha o apelido que condizia com a sua estatura bufou.

—Eu vou esperar do lado de fora não aguento esse calor, além do mais você não vai acordar tão cedo noivinha!—exclamou Pequeno, saiu do veículo e encostou-se acendeu um cigarro muito tranquilo.

Nesse momento Alana levantou a cabeça sentindo a dor da pancada, meio atordoada viu que as portas não estavam trancadas, olhou pela janela e notou que o sujeito ainda fumava, com muito silêncio, se livrou dos sapatos e de parte do vestido que por sorte era do tipo que destacava uma peça para poder dançar, agradeceu a sua forte decisão de ficar com aquele modelo. Abriu a porta oposta a qual se encontrava o tal Pequeno e como se fosse um felino saiu sorrateira. Andando abaixada para que não fosse vista, quando chegou a certa distancia pôs se a correr sem parar.

Arriscou uma ultima olhada e viu que o homem continuava tranquilo fumando seu cigarro. E é por isso que existem profissionais e amadores. Enquanto o diminuto estava fumando tranquilo deixou de dar atenção a sua presa, que disparava na sua corrida alucinada no meio da noite. Os pés eram perfurados por pedras, mas isso não a desanimou continuou firme em seu propósito, olhando apenas para a lua.

Enquanto nossa garota tenta salvar sua vida, no seu pequeno palácio tinha se instaurado a verdadeira Babel. Pouco depois que o carro tinha ganhado as ruas tranquilamente Amélia saiu correndo do banheiro com um hematoma evidente no seu rosto, com os olhos procurou por seu cunhado e este estava ao lado da pessoa que ela queria mais que tudo ver seu Pai.

—Pai! – Artur com toda a sua elegância se virou, e olhou para o estado deplorável da sua filha mais querida e se assombrou com que viu.

—Amélia o que houve – e com um extremo tato arrastou sua filha para a primeira

porta que estava aberta, levando-a para longe dos olhos audazes de vários membros da alta sociedade.

Victor estava ainda estupefato, nunca vira sua cunhada nem mesmo com um milímetro de cabelo fora do lugar, quanto mais naquela situação. Acompanhou sua recente família para o local mais reservado.

—Amélia... – a voz de Artur estava quase inaudível.

Amélia começou a soluçar e se agarrou ao pai como uma criança pequena e falava frases desconexas. Mas deu para entender.

—Eles a levaram... Pelo amor de Deus ache ela eles!—gritava.

Victor não precisou de muito para entender a situação, sua esposa não estava ali e fazia algum tempo que não a via na festa ele pensou em procurar ela, mas achou desnecessário visto que Amélia havia se retirado com ela. Ele pensou que ela estava precisando de ajuda feminina, não imaginou que nada pudesse acontecer principalmente por se tratar da mansão da família Haddad, nada passava por aqueles portões. Era o que ele pensava.

—O que aconteceu Amélia?—quando fez a pergunta Victor segurou os braços dela a fim de olhar o ferimento que estava em seu rosto com se fosse uma pancada muito forte, pois estava roxo.

—Eles a levaram Victor ...—disse chorando.—Eles entraram no banheiro me bateram e levaram Alana embora...

Ele sentiu o mundo parar e o sangue descer por corpo, como se fosse desmaiar a qualquer momento, virou-se a Amélia e perguntou:

—Como?!—não conseguia entender como sua mulher havia sido sequestrada em plena às bodas.

Artur estava mais chocado que Victor , ele tinha o melhor sistema de monitoramento de todo o país, tinha mandado importar todo o equipamento, não era possível que isso estivesse acontecendo. Deixou todo seu pânico de lado, isso iria vazar não tinha como não evitar. Pegou o celular discou um numero.

Alguns instantes depois um toque na porta anunciando uma pessoa.

—Chamou Senhor – Um homem de terno preto e óculos de aro fino apareceu na porta.

— Carlos, eu quero a cabeça de todos os seguranças! Minha filha foi sequestrada. Chame alguém que seja sigiloso no máximo.

—Sim Senhor. – os olhos de Carlos vaguearam pela saleta e observaram o rosto de Amélia. Um observador menos atento não teria percebido a pressão no maxilar, mas ela estava ali. Amélia retribuiu o olhar e desviou rapidamente.

—Quero todas as imagens de câmera na minha sala agora, e de um fim nessa festa maldita. –Artur estava colérico, entraram na sua casa, na sua festa, bateram em uma filha

sua e levaram a outra. Seu nome estaria na roda de fofocas e suas ações despencariam na bolsa.

Artur era um homem de raízes libanesas, logo trazia muitos traços dos seus ancestrais, era forte, não muito alto, tinha o um rosto duro e implacável típico dos empresários acostumados com o sucesso. Os anos não foram muitos generosos com ele, pois embora ele fosse relativamente novo os cabelos já estavam grizalhos e as rugas de expressão evidentes e naquele momento de ira total eram extremamente evidentes, assim como a vermelhidão que cobria seu rosto e pescoço.

—Sim Senhor – Carlos saiu sorrateiro, ele sabia que tinha um grave problema nas mãos.

Artur olhando a sua volta percebeu que enquanto ele estava se desgastando e com uma crise terrível nas mãos, seu genro estava estático.

—Victor ! – a voz de Artur tirou Victor de um estado quase catatônico. — Estamos no meio de um problema sério não preciso de você surtando!

—Desculpe é que minha esposa...

—E minha filha! E daí! Amanhã vou ter problemas mais importantes para controlar! Preciso que você se atente ao máximo nesse!

—Sim Senhor! – Victor assustou com a voz e as palavras de seu sogro.

—Não posso perder tempo com isso! –Amélia só chorava naquele momento e não queria aceitar a voz do seu pai.

—Temos que achar ela... ela... nós... temos...

Artur se aproximou de Amélia segurou seu queixo entre os dedos com a mão firme, olhou nos olhos azuis lagrimejados.

—Nós vamos Amélia! Recomponha-se! Vamos precisar de você, Papai precisa que você esteja na sua melhor forma. Vamos ter que lidar com essa merda hoje e amanhã. E você tem que estar esplendida – ele abaixou a cabeça ao nível dela e olhou em seus olhos com muita intensidade, apertou mais ainda à mão no queixo dela – Você entende não é querida?

O mais incrível é que algumas pessoas parecem cães treinados, eles obedecem cegamente à ordens e é espantoso! Gosto disso.

Naquele momento bastou à voz autoritária e o comando do seu pai e Amélia estava de pé enxugando as lágrimas como se nada houvesse ocorrido. Nos seus olhos o terror e a dor eram visíveis para quem a conhecia intimamente, mas se você a tivesse encontrado naquele momento diria que nada tinha acontecido.

—Preciso da minha maquiagem... – ela disse olhando para o espelho na parede oposta da saleta.

Victor observando a cena desacreditou, sua cunhada se recompôs de imediato e seu sogro parecia mais preocupado com as ações do que com sua filha. Ele falava no

telefone com pessoas sobre acompanhar o mercado de ações, e com vários funcionários sobre ações de marketing para tentar sobrepujar o que viria acontecer. Enquanto ele Victor estava ali no olho do furacão, observando tudo a sua volta e tentando se manter lúcido, afinal era tudo uma grande loucura.

Um encontro

Sim, passou um mês inteiro de toda aquela confusão. Acrescentemos mais algumas pessoas nessa história. E vamos começar com uma pessoa que eu acho particularmente interessante. Eu fiquei sabendo naquela época ele estava a caminho de um casamento, nada mais redundante. Mas algo aconteceu nesse percurso.

Ela tinha corrido por horas talvez dias, não se lembrava. Tinha cicatrizes das quais não lembrava o motivo. Chegou a um posto de gasolina meio decadente, mas achou que era um bom lugar para se esconder. “*Mas se esconder do que?*”. Esse era um pensamento latente em sua mente. Ela achou naquele lugar pessoas que lhe ajudaram na medida do possível. Achavam que ela era um sem teto, um andarilho. Mas bem na verdade ela não sabia... Aceitou a oferta de comida e ajudava no que podia. Não tentou se limpar e isso era estranho, tinha a impressão de ser uma pessoa preocupada com isso.

Não muitos carros passavam por aquele posto, mas durante aquelas semanas ela viu alguns carros estranhos. Todas as vezes que vi algum carro se escondia. Uns homens passaram por ali perguntando sobre uma mulher na sua idade, mostraram fotos. O senhor do posto disse não conhecer. Ela sentiu alívio, mas não entendia o porquê?

—Ora essa!Fantástico! Um pneu furado era o que me faltava!—reclamou Rodrigo ao ouvir o barulho que vinha de uma das rodas traseiras de sua caminhonete.

Parou no acostamento para trocar o pneu, aquela parte da rodovia era deserta, sabia que tinha um posto de combustível a mais ou menos uns 15 minutos dali, talvez lá pudesse achar um borracheiro.

Ele estava indo para fazenda de seus pais que ficava em uma cidade próxima à capital, embora ficasse em outro estado, todos seus irmãos estavam lá. E como sempre ele que teve que ficar preso no serviço mais do que poderia imaginar, tinha muitos casos para resolver e ainda deixou dois pendentes. Dois casos que estavam tirando seu sono.

Rodrigo faz parte da Polícia na divisão antissequestro da cidade de São Paulo, e atuava em parceria com a polícia federal. Eles tinham que ter a colaboração de muitas pessoas, devido à complexidade que envolvia esse crime. Muitas vezes a pessoa desaparecia em uma determinada cidade e era encontrada em outra cidade em outro estado. Eles já tinham encontrado muitas vítimas desse crime em outros países. Tráfico de humanos ainda era algo praticado no mundo, seja para fins sexuais, ou qualquer outro que arrepiava a espinha em pensar no sofrimento que muitas das vezes envolvia esse crime. Por causa Brasil fazer parte da rota de tráfego de humanos internacional, por vezes ele se envolvia em casos da Interpol, mas não reclamava até gostava de tudo aquilo, da adrenalina no sangue cada vez que estouravam um cativado, e da gratificação que era libertar as pessoas. Terminou de trocar o pneu, entrou na caminhonete seguiu para o posto de combustível mais próximo.

Ela o viu de longe, seus olhos acompanharam o homem que chegou a uma caminhonete, ele era diferente. Parecia ser bom, ao menos de longe, o modo como ele andava e se comportava dava essa impressão. Um dos pneus estava furado, embora tivesse pedido para trocar o pneu, ele mesmo se encarregou de fazer a maior parte do serviço. O homem tinha um rosto bondoso e um sorriso caloroso. Ela gostou. E de forma sorrateira ela traçou um plano.

Embalado ao som do Rock, Rodrigo olhou para o relógio viu que faltava meia hora ainda para chegar até a fazenda, estava ansioso em rever seus irmãos e seus pais como estivera fora do país por cinco meses, e no ultimo mês vinha trabalhando muito não deu tempo para estar com eles, queria ver como estavam e conhecer sua mais nova sobrinha. Viu a estrada que levava a fazenda estava cheia de buracos como sempre.

—Sinto tanta saudade daqui!—falou enquanto a caminhonete pulava nos buracos.

Parou a caminhonete para apreciar a vista era sempre maravilhosa, nesse momento viu de relance no retrovisor do carro uma cabeça aparecer pela lona que cobria a caçamba da caminhonete, de imediato colocou a mão no revólver que trazia na cintura, cuidadosamente circundou o veículo com muita calma pegou a ponta da lona e puxou de uma vez para cima e tal foi a sua surpresa quando viu uma mulher que mais parecia uma mendiga estava toda suja, magra, tinha o cabelo bem curto e olhos de uma cor cinza claro que lhe chamou muito a atenção. Embora o rosto estivesse encardido de sujeira e graxa a beleza estava presente ali, algo que chamava atenção. Tanto que seu cérebro demorou a registrar aquela presença.

—Quem é você e o que esta fazendo aqui?—perguntou.

—Eu... Eu... Eu!—ela gaguejava e não conseguia responder a pergunta dele.

—Quem é você?—perguntou novamente agora sem paciência.

—Eu não sei!—gritou a moça e se encolheu mais ainda na caçamba da caminhonete colocando os braços para se proteger como se fosse apanhar. O medo evidente nos seus olhos, e isso ele já tinha visto muitas vezes para ignorar. Mas sempre tinha a precaução. Nunca se sabe.

—Espera aí. Esta me dizendo que não sabe quem você é?—perguntou ainda com a arma apontada para ela.

—É! Será que dar para você apontar essa coisa para outro lado. —Rodrigo muito a contra gosto colocou a arma novamente na cintura.

—E como você veio para aqui na minha caminhonete?

—Eu... Eu entrei aqui quando você parou lá no posto. —naquele momento ela culpava a si mesma por não ter ficado quieta na caçamba do carro.

Ele tinha cabelo castanho escuro, era branco, estatura alta mais ou menos um metro e oitenta, tinha os ombros largos e uma boca cheia, os olhos de um azul impar

rodeado por cílios de dar inveja a muita mulher. Resumindo um homem bonito.

Ela o examinava sem pudor, como alguém que conhece tudo pela primeira vez, mas ele não estava acostumado com aquilo e deixou-o inquieto.

Interessante os homens muitas vezes examinam as mulheres com total intensidade, mas quando são vítimas dessa análise tende a se tornar tímidos, como é o caso desse homem em questão que estava ficando tímido com o olhar despudorado da jovem.

—Vamos sai daí. – raspou a garganta para falar.

—Você pode ajudar?

Quando pegou ela no colo se surpreendeu como a leveza e fragilidade do seu corpo, parecia que estava pegando uma criança não fosse por causa do tamanho, colocou-a de pé no chão e notou que ela tinha quase a mesma estatura que ele.

—Como você foi parar naquele posto? – ele ainda queria resposta, mas ela não estava em condições de dar por vários motivos.

—Eu não sei como foi parar lá, a única coisa que sei é que faz um tempo que estou lá. – podia ser uma mentira, mas o rosto dela parecia sincero.

—É! Antes disso não se lembra de mais nada?—começou a raciocinar como investigador que era.

—Não! Absolutamente nada. – a figura frágil na sua frente não lembrava muito nada, nem mesmo um ser humano. Poderia ser alguma vítima de sequestro. E ele não podia deixar ela sozinha, fazia parte do seu trabalho.

Pressionou a base no nariz tentando pensar no que fazer, com a moça. Não tinha memória isso era difícil. Não iam achar tão cedo à família. Respirou fundo, porque ele estava precisando de muita calma. Olhou para moça que vestia apenas uma camiseta velha e suja e uma calça igualmente suja. Os pés estavam descalços.

—Estranho... – os olhos cinzas observavam ele – Tem algum nome ao qual posso te chamar?

—Não o pessoal do posto me chamava de garota.

—Isso não é nome, vamos ver que tal Maria?—ela torceu o nariz. —Não? Então Patrícia? Alana? Alana?Sei lá!

—Não penso muito nisso. Qual seu nome?—ela perguntou.

— Meu nome? – o atrevimento era grande – Meu nome é Rodrigo Corona. — um nome forte pensou a moça –Vou te chamar de Grey, cinza em inglês por causa do seus olhos.

Ela sorriu, os dentes brancos apareceram através dos lábios cheios.

—Onde estamos? — ela quis saber, estava aflita de ter errado no seu julgamento.

—Na fazenda de meus pais, esta vendo aquela casa lá — apontou para uma casa branca logo à frente — estão me esperando faz tempo quem não venho aqui.

—Ah! Desculpa atrapalhar—disse abaixando a cabeça.

—Eu entendo, minha família é muito hospitaleira, e você poderá tomar um banho e se alimentar!

—Eu estou muito suja—disse isso mais para si mesma e Rodrigo percebeu o quanto ela ficou incomodada como a situação, tanto que vacilou ao entrar no carro—eu estou cheirando muito mal?—perguntou quando ele entrou no mesmo.

—Um pouco, mas não se preocupe com isso logo você estará limpinha!—dizendo isso deu partida.

Seguiu em direção a casa onde havia outros carros parados, e ele pôde perceber que todos estavam lá! E como sempre ele estava atrasado.

Grey olhou para frente e viu um casarão típico de fazenda, as paredes eram brancas jAlanas e portas azuis, parecia ser uma pintura recente, pois não tinha nenhuma macha, com uma varanda na frente onde pode ver muitas flores penduradas. Ao entrarem na sala, pode notar que era decorada ao estilo rústico, moveis de madeira e almofadas coloridas, quando entraram pode ouvir muitas vozes e se assustou.

A situação aqui é bem estranha, ela estava extremamente incomoda. Era como se estivesse entrando em um filme de época e mais uma vez ela olhava para sua condição e se ressinta, sabia que não era uma mulher dada a esse tipo de situação, mas não entendia como aquilo pode acontecer.

Notando isso Rodrigo pegou a sua mão e puxou-a porta adentrando, aquele gesto era estranho para ela, sua mão estava meio suja e ela se sentiu incomoda. Na sala gritou:

—Mãe! Pai! Eu cheguei!—ainda puxando-a seguiram em direção as vozes.

—Rodrigo!—gritou sua mãe—Que bom que chegou querido estava com saudades de você!—dizendo isso o abraçou e gritou—Pedro, meninos venham ver quem chegou! Porque não avisou que estava vindo!

—Quis causar mãe!

Ouviu muitas vozes se aproximando e logo apareceu seu pai, e seus irmãos, fazia tempo que não os via seu pai o abraçou e se seguiu uma algazarra, pois eram em muitos em um total de seis, quatro homens e duas mulheres enquanto se cumprimentavam Grey observava. De repente sua mãe perguntou:

—Quem é essa moça Rodrigo?—Nesse momento ele se lembrou de sua convidada inesperada, e se sentiu culpado pela situação da jovem. Posicionou-se na frente dela tentando bloquear a visão dos demais.

E ela se sentiu inferior, suas roupas estavam sujas, a camiseta rasgada e a calça que o Sr. Mario lhe emprestou quando ela chegou ao posto estavam sujas de graxa, na

verdade imundas era como as descreveria, as unhas quebradas, os cabelos estavam marrom de poeira, o rosto e os braços cheios de manchas pretas devido ao trabalho que fazia para conseguir um prato de comida em troca. Mas ela não conseguia se limpar, tentou manter a higiene, porém era como se a sujeira a escondesse de certa forma o que não tinha incomodado em nada até aquele momento.

—Pessoal essa moça aqui, entrou na caçamba da minha caminhonete lá no posto⁹⁷. Ela esta perdida e sem memória por isso sejam bonzinhos. Valeu?—disse com entusiasmo.—Ah! Podem chamá-la de Grey.

Muitos rostos a olhando e ela ficou com vergonha e foi quando a mãe dele veio em socorro dela.

—Meu nome é Maria Ana Corona, venha comigo querida vamos limpar você e depois fazemos as apresentações. – Grey gostou daquela mulher, ela tinha o sorriso gentil, era morena e cabelos bem curtos tingidos de preto.

As duas se retiraram para e com muito jeito Maria a levou até um quarto de hospede, providenciou roupas e fez com que ela tomasse um banho.

— Querida, tenho certeza de que vai se sentir melhor depois, não fique acanhada. – Grey se limitou a obedecer, fazia muito tempo que não se banhava com qualidade.

O banheiro era simples e a água quente relaxava muito, ela viu a sujeira escorrendo pela pele e formando um caminho no chão do banheiro. No posto não tinha tanto recurso ela só conseguia se lavar na pia do banheiro. Mas no dia seguinte tratava de se sujar de novo. Isso acontecia dia após dia. Em sua mente estava correto dessa forma, mas ela não entendia... A noite no posto ela meio que ficava sozinha, não gostava muito do segurança que ficava lá e se escondia no meio das tralhas. Só queria sair dali, mas nunca encontrava um meio, ou alguém. Até que aquele homem apareceu. Agora se sentia acolhida de certa forma e isso era muito bom.

Lágrimas corriam pela sua face junto com a água, não sabia o porquê do pranto, mas se sentia aliviada.

Assim que sua mãe se retirou começaram as perguntas, sobre sua vida como foi à viagem, como vai o serviço entre outras coisas, até que a pergunta crucial veio de seu gêmeo.

—O que deu na sua cabeça de trazer essa mulher para cá?

—Eu não a trouxe! Ela estava na caçamba da minha caminhonete entendeu!—disse isso pausadamente o que indicava que ele não estava muito suscetível a críticas.

—Tudo bem maninho não esta mais aqui quem falou, mas que ela é estranha ela é. – olhar para Ricardo era como ver seu próprio reflexo.

—Você quer o quê Ricardo? Ela está sem memória, fraca e visivelmente perturbada.

—Não sei Rodrigo, mas eu acho que a conheço de algum lugar. —disse Cristina pensativa.

—É! Da onde?—perguntou Ricardo curioso.

—Não sei, só sei que já vi aquele rosto antes —disse Cristina pensativa.

—Bom independente disso, eu quero que ela seja bem tratada por todos vocês, ela esta frágil e assustada.

—Frágil é maninho, eu acho que você ta caidinho por ela!—Brincou seu gêmeo.

—Ora essa! Cala boca seu mané!

—Caidinho ou não! Você agora é responsável por ela Rodrigo, já pensou que ela pode não ser uma boa pessoa?—perguntou Fábio.

—Pode até ser, mas não podemos julgá-la! Além do mais sou policial não é gente! Por isso não se preocupem—dizendo isso recomeçou as brincadeiras e perguntas sobre a viagem.

Mas a mente de Rodrigo virava em varias direções, foi até a varanda para enviar um email para a central. Procurando por possíveis desaparecimentos na região, era muito estranho que ela não tivesse procurado a polícia, ou até mesmo o pessoal do posto não tivesse relatado. A moça não parecia ser inculta, ela andava com certa classe e mantinha os ombros retos, esse porte físico não se destinava a pessoas de baixa classe.

Estavam todos conversando na varanda, quando Rodrigo aproveitou para procurar pela mãe e sua convidada de olhos cinza, as encontrou-as em um dos quartos. Sua mãe terminava de cortar os cabelos de Grey.

—Prontinho querida! Já terminei viu ficou bem melhor agora!—através espelho Rodrigo viu o reflexo dela, estava agora limpa tinha o rosto delicado, boca vermelha, os cabelos pretos agora cortados corretamente davam a ela um ar mais doce, e os olhos tão cinza que mais parecia duas moedas de prata.

Um *déjà vu* o atingiu quando a viu limpa, ela se parecia muito com alguém.

—Sim!É uma pena eu não me lembrar de como eram meus cabelos, e olhe para essas cicatrizes nas minhas pernas nem mesmo sei como as consegui. —estava ficando deprimida.

—Olha querida, não se preocupe com isso agora, fique aqui e relaxe. —dizendo isso ela saiu passou por ele fez sinal para que entrasse.

O que era mais estranho é que embora aquela sensação de que a conhecia ficava cada vez mais latente algo no seu intimo mudava lentamente. E ele era uma pessoa endurecida por causa dos anos de polícia e pela vida em si. Mas essa mudança estava acontecendo lentamente e era algo que talvez nem ele quisesse parar.

—Oi da licença posso entrar?—disse batendo de leve na porta.

—Claro! Fico feliz em vê-lo! – seu sorriso era muito bonito.

—Ficou muito bem com essa roupa!—entrou no quarto sentou-se na cama de frente com ela—É de Cristy, caiu muito bem em você.

—Como sabe de quem é a roupa?—perguntou

—Ah! É fácil essa roupa é do tipo indiano e só a Cristy usa roupas assim ela é meio zen sabe!

—Ah! Quem é a Cristy?

—É Cristiane. E Cris é Cristina!

—Ah! Entendi! Quer dizer mais ou menos! Sua família é grande!—ficou com o olhar parado como que pensando em alguma coisa então disse—Será que eu tenho família?—uma onda de pânico a invadiu, Rodrigo percebeu.

— Olhe eu não sei, mas não fique pensando sobre isso não é legal! Faz de conta que nos somos sua família ok!—disse isso dando um sorriso levantou-se —Vamos até a varanda, estão todos lá e assim poderemos conversar e descontrair que tal?

— Mas eu preciso saber quem eu sou, tenho a sensação de que é muito importante isso.

— Sim, mas ficar desesperada não vai ajudar em nada, quanto tempo estava no posto?

— Não sei, acho que umas duas a três semanas...

—Por que não procurou ajuda antes?

— Bem se você quer uma explicação para isso, infelizmente vou falhar. Porque não me senti segura até hoje para sair dali. Era como se alguém estivesse atrás de mim... Não sei explicar...

— Por que eu?

— Você parece confiável... – aquilo mexeu com ele.

Ela se virou e se olhou no espelho por algum tempo tentando refletir, sobre quem ela era. Durante o banho repetiu muitas vezes o nome Grey e viu que não combinava com ela, mas não sabia que nome combinava.

—Sabe eu fico falando o nome Grey e vejo no espelho que não combina comigo, qual nome você acha que combinaria com a minha pessoa, quer dizer eu nem sei como eu sou de verdade e se eu for uma pessoa má?

—Se você fosse má eu saberia! Sou bom em julgar as pessoas é meu serviço afinal —disse—E quanto ao nome não se preocupe com isso agora ok? Tome tempo para seu cérebro ele precisa de paz. Talvez ficando aqui durante esse tempo você acabe por recuperar a memória.

Ela simplesmente fez um gesto com a cabeça, mas ele pode ver nos seus olhos o conflito interno ao qual ela estava passando. Os dois saíram pelo corredor conversando sobre as ultimas semanas que ela havia passado naquele posto de gasolina, e tentando adivinhar como ela havia ido parar lá. Grey não gostava muito de pensar naquilo a única coisa que importava naquele momento era que estava muito feliz de ter entrado naquela

caçamba.

Chantagem

São Paulo, capital.

Dentro de um dos apartamentos no conjunto habitacional de periferia, o sol da tarde penetrava pela Alana iluminando o chão desgastado da sala, bem próximo a ela havia um telefone que começou a tocar instantaneamente, enquanto no chuveiro um homem se banhava despreocupado, ele sabia quem era há um mês recebia telefonemas da mesma pessoa. Só que naquele dia não estava nem um pouco a fim de atender e receber aquelas cobranças, ele não teve culpa pelo que aconteceu. Ele cumpriu sua parte com perfeição com qualidade que poucos conseguiriam.

O telefone não parava e o estava deixando irritado, sabia que o homem que o procurava tinha poder e podia muito bem fazer o que quisesse, mas não se atreveria enquanto ele obtinha informações preciosas a respeito do mesmo. Não aguentou mais a insistência e atendeu.

—Alo?

—É você?

—Claro quem mais atenderia ao telefone?

—Sem gracinha! Ouviu?

—Sim. Desculpe.

—Quero saber se você já tem notícia daquele nosso problema?

—Você mais do que ninguém sabe que não!

—Olha bem rapaz!

—Olhe bem você! Quem você pensa que é para me ameaçar?—estava farto de ameaça.

—Você sabe quem eu sou, e sabe que poderes eu tenho—o homem falava com segurança.

—Quer saber de uma coisa, se eu abrir o bico você dança cara mais do que ninguém, e sabe muito bem disso!

—Pode até ser, mas será que você vai ter tempo de abrir o bico?

—Você esta me ameaçando?

—Encare como quiser.

—Talvez eu tenha informações a respeito, mas e aí quanto vou receber por ela?

—Nada.

—Tudo bem então posso passar para a polícia e receber uma grana!—fez chantagem porque sabia que era assim que as coisas funcionavam com aquele homem.

—Dessa vez não vai funcionar.

—Funcionar o que?—se fez de desentendido.

—Chantagem.

—Você quem sabe! Vou passar para a polícia as minhas informações. —desligou.

Estava cansado de tanta pressão, e sabia que a polícia ia dar uma boa recompensa se ele dissesse o que sabia. Aquele homem lhe dava nos nervos só fazia mandar e mandar estava cansado. Ouviu o telefone tocar novamente não ia atender, estava decidido, mas e se ele aceitasse pagar pela informação? Tocou de novo.

—Alo?—atendeu.

—Você venceu!—disse —Onde podemos nos encontrar?

Eu venci! Consegui! Esse pensamento é tão ridículo.

—E de quanto vai ser a gaita?

— Dez mil?

— Vinte!

—Ok! Onde?

—Na Praça da Sé!—tinha que ser em um local público.

—Não!

—Por quê?

—Seu otário!—gritou—Sabe muito bem que eu não posso aparecer em local público!

—Então na Rodovia Imigrantes depois do posto de guardas?

—Certo à meia noite de hoje.

—Combinado!

Ao desligar o telefone estava eufórico, receberia vinte mil na maior moleza era um bom começo. Com esse dinheiro e mais o que tinha guardado iria embora do Brasil para bem longe de tudo aquilo, era pouco dinheiro, odiava morar ali eram todos tão diferentes dele, ele tinha classe coisa que aquela gente não tinha, não suportava mais tudo aquilo.

Um toque na porta o alertou que ela havia chegado sua musa, sua deusa ariana. Ao abrir a porta deu de cara com ela, que usava um chapéu e óculos escuros para esconder sua face, mas aquela boca vermelha estava de fora. Ferozmente a puxou para dentro do apartamento, fez com que ela se livrasse muito rápido das roupas que a envolviam e ele por estar apenas com uma toalha também ficou nu.

—Ah minha deusa!—olhou satisfeito com o corpo branco como leite, cabelos loiros como a palha do trigo tinha ter ela ali mesmo estava cheio de desejo e só tinha uma forma de aplacar. Tomando-a para si.

—Lindinho por que você ta tão assim desejoso eim?

—Olha gracinha não fala nada agora vamos para cama!

Chegaram até a cama onde ele poderia se apoderar daquele corpo maravilhoso satisfaria a carne e mais tarde o bolso. Possuiu-a com extremo desejo e juntos chegaram ao clímax.

Extasiados e saciados descansavam na cama enquanto ele fumava um cigarro, olhou para o lado e viu sua deusa dormindo como era linda. Nunca cansava de olhá-la iria levar ela junto com ele quando fosse embora.

—Deusa?—chamou-a.

Ela se virou, olhou para ele com aqueles olhos verdes que mais pareciam duas esmeraldas, estava apaixonado por aquela mulher tanto que quando estava ao lado dela não pensava em mais nada nem mesmo em dinheiro.

—Sim?

—Vamos embora comigo para outro país?

—Você sabe que não posso querido tenho negócios aqui.

—Não são seus negócios!—gritou—São de seu namorado!—estava com ciúmes e muito ciúmes.

—Querido! Não fique bravo! Você já sabia disso quando começamos...

—Mas porque não pode fugir comigo?—tinha se levantado da cama e andava como um leão preso em uma jaula. —Eu também tenho dinheiro se é o que te interessa!

—Você não poderia me dar tudo o que eu tenho com meu namorado. —simplificou.

Ela se levantou e começou a se trocar, ele estava furioso e não gostava quando ele ficava assim. Parecia-se muito com seu marido que era violento e batia nela toda vez que não conseguia fechar um negocio. Mas mesmo assim ela continuaria com seu namorado atual, tinha tudo o que queria menos uma coisa, que não era importante já que conseguia em outros lugares.

—Sua prostituta! Eu te dei o meu melhor e não foi o suficiente?—gritou partindo para cima dela.

Ela se esquivou, mas não o suficiente, ele se apossou de seu pescoço tentando enforca-la, ela se debatia, tentava puxar as mãos dele em vão, ele estava nervoso e não via mais nada na frente dele somente a raiva que o dominava, fazendo seu sangue ferver.

—Porque não pode ser minha por quê?!—gritou.

Olhou para aqueles olhos verdes, que pouco a pouco perdiam a luminosidade, mas

não conseguia parar! Sentiu a vida se esvaír do corpo daquela que era e continuaria sendo sua deusa. Não choraria por ela, por que não merecia suas lágrimas se não era bom o bastante para ela, ela também não era boa o bastante para suas lágrimas que eram preciosas de mais.

—Por que você não quis fugir comigo Deusa por quê?—alisava os cabelos dela como muito carinho, mas ela já não podia sentir mais nada afinal seus dias haviam acabado.

Terminou de vestir as roupas no corpo, arrumou-a para que pudesse sair com ela sem levantar suspeitas de nenhum curioso. Trocou de roupas também, foi até a cômoda que ficava no quarto, puxou a primeira gaveta e pegou lá de dentro um envelope que continham as informações que venderia mais tarde.

Faltando meia hora para o seu encontro saiu do apartamento com o corpo da sua deusa nos braços, quem olhasse parecia que estavam muito apaixonados, chegou até seu carro colocou-a no banco de traz com muito cuidado afinal não queria machucá-la.

Guiou o veículo até o local onde estava previsto o encontro, chegando lá viu um carro parado no acostamento, já sabia quem era estacionou também e desceu com os documentos na mão.

—Tudo bom?—perguntou ao homem que esperava em pé e parecia meio impaciente.

—Onde estão os documentos?

—Aqui!—levantou a pasta que carregava nas mãos.

O homem na sua frente deu um pequeno sorriso, e ele sentiu um metal frio contra sua cabeça deixou a pasta com os documentos cair, olhou para o lado e viu outro homem segurando a arma.

—Acho mesmo que eu iria ceder as suas chantagens? Pois saiba que não! Eu não sou poderoso à toa idiota foi com muito custo que consegui o que eu tenho hoje. —Abaixou-se e pegou os documentos.

Não ouve tempo para reagir, nem ouve barulho apenas sucumbiu ao disparo da arma na sua cabeça, e a ultima coisa que viu foi o sorriso nos lábios dele que estava parado bem a sua frente.

—Hei! Chefe? Tem um corpo de mulher no carro. O que o senhor acha de armarmos uma cena?Crime passional seguido de suicídio.

—Faça como você achar melhor, mas não se esqueça de eu não tenho nada a ver com isso entendeu?—ameaçou.

—Sem problema chefe. Eu sou um profissional!—disse

—Ele também era!- falou o chefe apontando para o homem que jazia no chão. Dizendo isso entrou no carro e saiu da cena do crime.

O Assassino olhou com desprezo para o homem no chão, e ficou enfurecido por

seu chefe comparar ele com aquele tipo de lixo. Mas sentiu certo arrepio na espinha de pensar que poderia acabar como aquele cara ali. Tratou de se esmerar em fazer um bom serviço e cobrir os rastros do seu chefe.

Chegou ao seu escritório abriu o envelope, continha algumas fotos e informações que não eram boas. Davam uma pista sobre onde estava seu problema. Praguejou muito jogou longe os documentos. Olhou pela janela de seu escritório, que dava uma vista esplendida da cidade de São Paulo, pensou que precisava de um novo detetive para seguir aquelas pistas, talvez alguém de dentro, tinha que ser rápido e chegar primeiro que a polícia.

Estava evitando a todo custo envolver aquela pessoa nisso, era um profissional excelente desse campo de atuação. E era o que precisava, mas ia ficar mais caro, esse cara cobrava muito caro e a maior parte antecipado.

Pegou o telefone discou um numero após três toques alguém atendeu.

—Tenho um serviço para você.

—Ora, Ora O que seria?—perguntou jocosa do outro lado da linha.

Ele não gostava de lidar com aquele cara. Se tinha uma pessoa que o fazia sentir medo era esse cara. Todo o dinheiro que ele tinha não podia comprar a ira desse cara. Ele era movido a motivação, a adrenalina. Estava no Brasil no momento e todos que dependiam do seu trabalho sabiam disso, mas ninguém o conhecia. Sempre aparecia com mascara, em todos esses anos ele nunca tinha visto o rosto desse cara. E preferia nunca ver, soube e um parceiro seu que viu o rosto dele e não durou nada. Ele gostava de estar no topo, mas gostava de viver e era o que fazia melhor.

—Venha até meu escritório temos que conversar.

—Segunda feira?

—Tem que ser antes. Sabe onde é?

—Quem não sabe? E nesse mundo eu sei de tudo.—disse a voz com ironia.

—Esteja lá amanhã às dez horas —desligou. *“Talvez agora as coisas caminhem com perfeição”*. Pensou.

Bodas

Fazenda da Família Corona, interior de São Paulo.

Na manhã seguinte a sua chegada na fazenda Grey conheceu melhor os irmãos de Rodrigo, foi durante o café da manhã. A mãe de Rodrigo fez as apresentações.

— Aquele é meu marido Pedro Corona e meus filhos.—disse apontando para um homem já avançado na idade, mas de certa beleza, parecia ter sido loiro alguns fios ainda estavam presente naquela cor.

—Seja bem vinda moça!—disse o senhor Pedro.

—Aquele é Carlos Alberto, meu mais velho. —apontou para o homem que estava bem a sua frente.

—Oi tudo bom?—ele se parecia muito com Rodrigo só que era mais velho e alto. — E essa é minha esposa Letícia —apresentou uma mulher que não tinha visto antes, ela era loira de olhos castanhos e baixinha.—E aqueles lá fora são meus filhos Felipe e Fernando eles são gêmeos!—disse ele com muito orgulho, Grey pode ver pela janela dois rapazes que pareciam ter uns 18anos cada.

—Aquele é Fabio e sua esposa Ângela—apontou para um homem da estatura de Rodrigo, só que era loiro como o pai deles e a mulher ao lado dele uma mulata de olhos cor de ébano.

—Oi!—disse ele de longe.

—Ah! Ali esta Ricardo.—apontou para uma copia perfeita de Rodrigo, com exceção dos olhos, mas não era nada físico como ela podia observar, era algo profundo que não tinha nos olhos daquele gêmeo. — E como você percebeu é gêmeo de Rodrigo. E ambos solteiros! – essa informação somente as mães casamenteiras são capazes de proferir.

—É que ainda não descobri minha cara metade. —ele justificou cumprimentando-a.

—E como não poderia faltar! Essas são as meninas!—disse isso a puxando até duas mulheres aparentavam ter uns vinte e poucos anos cada —Essa é Cristina —disse colocando a mão na moça que tinha os cabelos mais curto, rosto delicado e redondo —Ela acabou de ter bebe uma linda menininha! Olha ela esta ali minha netinha Melinda!—apontou para um carrinho que se encontrava ao lado da mesa, onde descansava um lindo bebe.

—E eu mamãe não apresenta?—perguntou sorridente a outra.

—Claro! Que cabeça! Essa é Cristiane. —apontou para moça que se vestia com

roupas vermelhas, estilo indiano ela tinha os cabelos compridos e lisos, muito parecida com a outra, mas olhos negros, bem diferente.

—É um prazer e uma honra conhecer todos vocês. —disse com sinceridade que foi acolhida por todos os presentes.

—Bom apresentações feitas vamos todos trabalhar já que temos um casamento para realizar ainda hoje! – os olhos de Maria brilhavam. Naquele dia seria o casamento de uma de suas filhas e nada deixa uma mãe mais feliz que isso.

Grey se sentou um pouco incomoda de estar na mesa de café principalmente porque seu anfitrião não estava ali, parece que dormiu um pouco mais. Ela agradeceu e se retirou pedindo permissão para olhar a fazenda.

A fazenda amanheceu a todo vapor, estavam todos ansiosos com o casamento principalmente a noiva. Rodrigo pode constatar isso quando entrou na cozinha.

—Não acredito que finalmente chegou meu grande dia!—exultava Cristiane.

—Calma maninha o noivo ainda não chegou!—brincou Ricardo.

—Seu bobo! Acha mesmo que ele deixaria essa beldade aqui esperando?

—Eu com certeza não deixaria!—disse Rodrigo ao entrar enquanto o papo se desenrolava.

—Tá bom! Você foge de casamento como o diabo da cruz!—Brincou Cristina.—E não se preocupe o Marcelo acabou de ligar dizendo que em uma hora estar aqui!

—Quando ele ligou?

—Quando você saiu como o papai para buscar o resto das flores!

—Falando em flores à flor que você trouxe ontem está muito bonita hoje maninho. – brincou Ricardo se referindo a Grey.

— Engraçadinho! Não a vi hoje.

— Ela estava conosco até agora a pouco saiu para dar uma olhadinha na fazenda. — Disse sua mãe.

Cristina e Cristiane saíram, conversando animadas sobre o vestido que Cristy usaria, Ricardo também se foi alegando ter que ajudar Carlos com a preparação do altar que seria improvisado no jardim, que ficava bem na frente da casa. Ficando sozinho com sua mãe Rodrigo perguntou:

—A senhora se incomodou com a presença dela aqui mãe?

—Não, você sabe que nunca me incomodei com esse tipo de coisa filho, por que a pergunta?

—Ah! Mãe é diferente, eu nem mesmo a conheço... Alias nem ela se conhece e acabei por envolver todos nisso.

—Mas já se sente responsável por ela não é?

—Eu estava pensando em levá-la para São Paulo comigo amanhã.

—Rodrigo é seu dever e você sabe disso, mas poderia deixar ela na delegacia local. Quem sabe você encontra a família dela lá.

—Eu até pensei nisso, mas acho que prefiro leva-la comigo, Afinal não é uma viagem longa e lá na capital posso usar mais meios de encontrar alguém que a esteja procurando.

—Você sabe o que faz filho, confio em você. Ela parece ser uma boa moça, mas parece que tem um grande problema com ela. Mas você é melhor do que eu para discernir isso.

—Será mãe?—dizendo isso saiu.

Colocou os pés na varanda quando ela apareceu, vestindo jeans e camiseta azul, olhou demoradamente para ela analisando-a, realmente estava muito magra deveria ter passado fome ou coisa parecida não se imaginava em uma situação parecida com aquela em que ela se encontrava, gostava de estar no controle de sua vida e muitas vezes no controle da vida de outras pessoas. Era lamentável não ter o controle das coisas e ele sabia muito bem o que era se sentir impotente, de mão atadas e talvez por esse motivo estivesse tão empenhado em ajudar aquela mulher.

Grey levantou os olhos e encontrou aqueles olhos azuis, que a analisavam de alto a baixo, não gostou muito do que se refletia nos olhos daquele homem, tinha a impressão de que não era uma mulher dada a isso. Era como se no íntimo soubesse que não era digna de pena de ninguém. Mas seu lado feminino estava se perguntando se ele está gostando do que via nela, por fora sua aparência. A vaidade feminina estava aflorando nesses dois dias, ela ficou dias naquele posto de combustível e não pensou por um só instante que tinha que ficar bonita, mas bastou alguns minutos com aquele homem para que esse pensamento não largasse da sua mente. Ele era bonito do seu ponto de vista e talvez de outras mulheres e não queria como mulher ser olhada como naquele momento. Ela tinha se olhado no espelho mais cedo e observou que passava a impressão de morta de fome, desleixada. Suas unhas estavam em petição de miséria assim como as mãos e os pés. Se enfureceu ante a ideia daquele homem estar sentindo pena dela, não era digna de pena era uma pessoa forte, quer dizer não sabia ao certo o que, ou quem era, mas ao menos era o conceito que tinha de si mesma.

—Por que está me olhando assim?—atacou.

—Assim como? Do que você está falando? – ele observou uma chama nos olhos cinza, e total indignação.

—Você me olha com pena. E eu não gosto disso.—estava furiosa agora ficando frente a frente com ele viu que eram praticamente do mesmo tamanho, ele um pouco mais alto alguns centímetros talvez. Ergueu o queixo demonstrando atrevimento e superioridade.

—Olha para uma desmemoriada você é muito atrevida! – Rodrigo estava achando

engraçada a atitude dela.

—Não me olhe com pena ok? – ele não tinha se dado conta que estava fazendo isso.

—Não estava olhando-a com pena, estava imaginando que eu não suportaria estar no seu lugar.

Aquilo a atingiu em cheio, lembrou-se que não tinha memória nenhuma e estava ali de favor, e por bondade do homem ao qual atacava verbalmente.

—Me desculpe! – as bochechas estavam ficando rosadas.

—Não peça. Você tem o direito afinal deve ser muito difícil estar nessa situação.

—Mas não tenho o direito de atacar você.—disse abaixando a cabeça procurou uma cadeira onde se sentou, colocando as mãos não rosto começou a chorar.

Ele se abaixou na frente dela, tirou as mãos dela do rosto fez com que ela erguesse a cabeça e disse:

—Você vai comigo para São Paulo, nós vamos descobrir quem você é mais rápido do que imagina.

—Do que adianta saber quem sou se não tenho memória?—disse batendo na cabeça—Eu odeio isso, odeio não saber que sou se sou casada, se tenho filhos ahhhhhhhh! —gritou puxando os cabelos.

—Calma se você se desesperar vai ser pior.—Ele olhou dentro daqueles olhos cor de prata, viu muita dor e confusão.

Ela deu vazão a sua angustia, chorando copiosamente no ombro dele, como não sabia quem era não sentiu vergonha talvez mais tarde sentisse, mas agora só queria aliviar o peito daquela dor, sentia-se sem lugar sem saber para onde voltar.

E aquele medo que a invadia todas as noites, um medo de que? Não sabia! Mas era aterrorizante, ela sonhava repetidamente como se estivesse correndo e correndo, mas correndo do que? Não sabia. Naquele momento estava somente dando vazam aos sentimentos e não conseguia controlar. Por que aquele homem tinha o poder de tirar tudo de dentro dela, e fazer aflorar cada sentimento de inutilidade e fragilidade, mas se agarrou a ele como um naufrago se agarra a sua tabua de salvação.

“Agora sou lenço ótimo! Do que mais preciso para completar meu grande dia!” Pensando assim não viu que alguém se aproximava deles e os observava a cena se divertindo.

—E ai! Será que podem parar com essa choradeira?!—disse Ricardo com um sorriso de triunfo nos lábios por ter encontrado o irmão em uma cena comprometedor.

Grey levantou-se limpou as lágrimas, respirou fundo e saiu da varanda dizendo que iria ajudar as meninas com alguma coisa.

Rodrigo olhou para o irmão fuzilando-o com os olhos, ficou muito constrangido

com a interrupção dele, por estar muito próximo de Grey e deu uma impressão errônea sobre o que estava acontecendo.

—Que foi? Por que esta me olhando assim? Interrompi algo que não devia?

—Não é o que você pensa.

—Não?—perguntou arqueando uma das sobrancelhas.

—Você só pensa em coisas erradas. Eu estava consolando-a.—explicou-se.

—Ta! Se o que você diz, quem sou eu para contrariá-lo Senhor policial!

—Não é o que digo, é o que estava acontecendo.

—Olha só sei de uma coisa Rodrigo, nunca vi você assim tão “amigo” de uma mulher muito menos uma estranha, principalmente depois daquilo! – uma dor invadiu os olhos de Rodrigo e Ricardo se arrependeu de tocar no assunto. Sabia por experiência que nunca era bom lembrar Rodrigo daquele episódio.

—Estou preocupado com ela. E também ela pode ter envolvimento com um caso no qual estou trabalhando. – desconversou Rodrigo, passando a mão no peito de leve e olhando para seu irmão como se estivesse vendo seu reflexo, mas Ricardo era mais suave.

—Qual?

—Não posso falar nada você sabe, é confidencial!—disse dando uma piscadela para ele sabia que isso o atingiria mais do que se ele brigasse abertamente com ele.

Saiu para uma caminhada pela fazenda pensou na sua vida e em sua família, seu pai era um criador de cavalos. Sempre viveu ali com sua mãe.

Carlos Alberto e Fabio tinham uma pousada em uma cidade vizinha à fazenda, Cris era modelo embora não fosse uma das de destaque estava sempre na mídia dando entrevistas, só que no momento estava afastada por causa da gravidez e tinha Cristy com seu jeito todo zen tinha uma loja de artigos indianos na capital paulista, mas se casaria do modo tradicional isso sim era incrível! E tinha surpreendido toda a família, sua família era de certa forma unida, mas ele tinha se distanciado deles. Não porque não os amava, mas as vezes era difícil lidar com o sentimento de pena que eles tinham para com ele. Ele entendeu perfeitamente o sentimento que a jovem tinha, ela estava no seu íntimo ferida, mas era uma ferida que não tinha como curar. E olhares de pena não resultavam em nada de bom, somente aumentava a magoa que estava no coração.

De todos Ricardo era o que entendia melhor sua dor, não apenas por ser seu gêmeo, mas por ter passado por algo similar em certo sentido. Ele era piloto de avião, uma profissão normal nos dias de hoje, mas tinha seus riscos também e naquele momento ele lembrou-se da vez em que Ricardo sofreu um acidente com um monomotor só ele sobrevivera ficando na UTI por muitos dias. Achou que seu irmão fosse morrer ficou desesperado ao vê-lo naquela cama de hospital, todo cheio de tubos e ligado a muitos aparelhos era desesperador só a lembrança. Mas sorriu ao se lembrar do dia em que ele foi visitá-lo e ele estava de pé na janela, com um sorriso radiante nos lábios que era sua marca registrada, naquele momento percebeu quanta falta ele faria na sua vida, até aquele

momento tinha negado toda a situação, mas quando o viu deu vazão a dor de todo o tempo em que viu seu irmão desenganado na cama.

Os dois viveram muitas aventuras juntos, quando ele decidiu ser policial ele foi o único que apoiou a sua decisão, o mesmo aconteceu quando Ricardo decidiu que continuaria pilotando depois do acidente.

—Hei espere!—olhou para traz e o viu.

—O que você quer Ricardo?

—Ora maninho você sabe muito bem.—Rodrigo sorriu.

—Não é da sua conta—disse com um sorriso.

—Como assim não é da minha conta, somos amigos! Além do mais podemos ter o seu caso lá em nossa casa. —apontou para mesma.

—Tudo bem! Eu conto, mas não sai daqui entendeu.

—Segredo maninho. —fez um sinal de lacre sobre os lábios.

Quando voltaram já estava tudo arrumado para cerimônia, suas irmãs estavam no quarto com Gray. A família do noivo havia chegado junto com os convidados. Foi se trocar estava ficando tarde e ele era um dos padrinhos.

— Grey não se lembra de nada mesmo?—perguntou Cris.

—Não.

Cristy estava com um vestido de tecido indiano branco, de alças finas que ajustava perfeitamente ao seu corpo, apesar do casamento ser tradicional ela quis dar um ar indiano no seu vestido, embora soubesse que o branco na cultura indiana era destinado as viúvas, mas ela estava no Brasil e seu casamento seria de certa forma tradicional a cultura do país.

Grey olhava para noiva e notou-lhe a felicidade, será que algum dia foi feliz assim? Afastou aqueles pensamentos, tentou sorrir e ficar feliz pela sua nova amiga.

—Então está muito nervosa?—perguntou.

—Um pouco nunca casei antes!—sorriu Cristy colocando sobre a cabeça o que parecia ser um véu, só que era feito do mesmo tecido do vestido.

—Tenho um vestido que vai servir perfeitamente em você Gray!—opinou Cris— Você esta tão magrinha, acho que vai até ficar um pouquinho largo.

—Não se preocupe com isso Cris, eu não vou participar da festa.

—Como! Você vai fazer essa desfeita comigo!

—Desculpe-me Cristy, mas se eu participar me sentirei super mal, principalmente se alguém me fizesse perguntas.

—Mas ficar no quarto?!—Cris mal podia acreditar.

—Sim

—Rodrigo vai ficar chateado com isso. —opinou Cristy.

—Eu nem ligo...

—Ligar para o que?—perguntou Rodrigo entrando no quarto da irmã.

—Nada é que...

—O que?—disse arqueando a sobrancelha como seu irmão.

—Ela quer ficar aqui no quarto durante a festa!—disse Cris.

—É, por que Grey?

—Por causa das pessoas lá fora. —disse apontando para a janela —Elas vão querer saber quem sou.

—Bom se você pensa assim.—deu de ombros e saiu.

—Eu disse que ele ia ficar chateado. — disse a noiva com um biquinho nos lábios.

—Pode até ser Cristy, mas vou fazer o quê? Mudando de assunto você esta linda, e já esta na sua hora —disse olhando para o relógio na parede do quarto—vou assistir daqui à cerimônia.

Pela janela, Grey observou a noiva atravessando o jardim todo decorado em direção ao altar, mas não era a noiva que chamava sua atenção e sim certo homem de olhos azuis, e uma boca de mostrava claramente sua contrariedade. Mas Grey intimamente sabia que não seria bom ela estar ali junto com a família, ela não queria responder a muitas perguntas e não queria mentir, mo seu intimo sabia que não gostava disso. Contentou-se em observar a festa da janela onde estava, era como ver um teatro, mas da vida real.

Após o termino da festa, os gêmeos ficaram conversando na varanda da casa estavam todos dormindo, já passava das duas horas da madrugada. A festa tinha começado por volta das dez horas da manhã e agora a noiva e o noivo já estavam a caminho da lua de mel.

—A Cristy estava linda não? – Perguntou Rodrigo.

—É! Mas eu achei que a Cris ia casar primeiro, no entanto nem quis saber.

—Ela é muito independente. Mas também sofre com a sua decisão, não é fácil criar uma criança sozinha, mesmo que ela esteja com a mãe aqui.

—Mudando de assunto maninho, eu ainda não entendi direito o que você me disse sobre aqueles sequestros.

—Por isso que você é o piloto e eu o policial. —brincou.

—Engraçadinho. —disse sarcástico.

—É simples —começou —Temos dois sequestros de mulheres famosas, a primeira é uma “mega top-model.”.

—Quem? – os olhos de Ricardo brilhavam de curiosidade.

—Presta a atenção, se não você não vai entender nada.

—Mas quem é a modelo?

—Patrícia Sabatini —Ricardo soltou um assovio ante o nome mencionado—Já vi que você conhece.

—Claro que conheço, ela é linda olhos verdes, cabelos cumprido pretos um corpo dos sonhos. Além daquela pinta que ela tem acima dos lábios que é super sexy! Quem não a conhece, mulherão! Está sempre em campanhas publicitárias. Eu sempre quis voar com ela, mas nunca consegui. Meu colega conseguiu pilotar um voo onde ela estava, mas disse que a primeira classe foi toda comprada para ela e sua equipe. Dá para imaginar? Ele não conseguiu nem falar com ela, nem um autógrafo!

— Vejo que você conhece muito ainda! Pois bem é ela que esta desaparecida há um mês ninguém sabe nada dela, só se sabe que saiu dos estúdios Callow no dia vinte e quatro passado e desapareceu, ela dispensou o segurança e sumiu, o que é muito estranho porque de acordo com as informações que eu tenho ela não sabe dirigir. A outra é uma mulher de um influente no meio social, você conhece aquela empresa que fabrica embalagens Empeck ?

—Sim... Mais ou menos...

— Bom não importa. A filha do fundador e maior acionista é a outra mulher, mas essa segundo as informações que eu tive foi sequestrada. A irmã dela um socialite estava presente durante o sequestro. Ela foi levada nas bodas por dois homens, e parece que o sequestro foi facilitado pela segurança, mas não temos como saber. Porque não há provas e todos se negam a falar.

—Tudo bem, mas o que a nossa hospede tem a ver com isso?

—A nossa hospede é muito parecida com ambas, mas se parece mais com a herdeira da Empeck .

—Espera como uma pessoa pode parecer com duas? – Ricardo estava confuso e com razão.

— Bem... – Rodrigo tirou o celular do bolso – Olhe você mesmo.

Na tela tinha uma foto da modelo, tirada no dia que ela sumiu Ricardo viu e deslizou o dedo na tela e outra foto apareceu de outra mulher sorridente vestida de noiva com os cabelos arrumados e maquiada. Então Rodrigo deslizou o dedo e mostrou uma foto recém-tirada no quarto da sua irmã, onde Grey aparecia sorrindo. Ricardo ficou boquiaberto as três eram muito parecidas.

—Você acha que é ela?—perguntou Ricardo apontando para casa.

—Talvez, mas para ter certeza vou levá-la para São Paulo amanhã, a fim de definir um pouco esse cenário.

—O que você vai fazer com ela?

—Conferir digitais, não podemos pedir para que a família reconheça, pois poderia dar falsas esperanças.

—Mas e se não for ela? – Ricardo ainda não acreditava no que via na tela do celular, mudava de uma foto para outra e não acreditava.

—Ai meu irmão não sei o que vou fazer com ela!

Estaca Zero

São Paulo, capital.

Pela janela da caminhonete, Grey observava cenas cotidianas desenrolando ante seus olhos. *“Tudo parece tão normal para as pessoas, será que só a minha vida esta de ponta cabeça. Fico pensando se tenho um emprego, o que será que faço durante o dia. Ah! Melhor não pensar em nada! Se eu continuar a pensar assim eu vou enlouquecer!”* Esses pensamentos a assolavam com muita frequência, ela era consumida por tudo o que ela poderia ter na vida, ou na sua própria vida em si.

Imaginar essa situação... Provoca-nos uma sensação de impotência, é como se seus braços e pernas estivessem amarrados, e sua boca tapada. E não poder confiar sequer em seus próprios pensamentos! Você consegue imaginar, não ter um principio e um fim? Não conhecer seu meio, não se reconhecer? Olhar para o espelho e ver um estranho? Tentar se acostumar com um rosto que nunca na vida viu?

—O que vamos fazer se acharmos a minha família? – ela perguntou.

—Você vai ser devolvida a eles. – esse pensamento a assombrava não queria ir com estranhos.

—Mas eu não os conheço. —disse isso olhando para ele com apreensão, temendo o seu futuro.

—Mas eles a conhece, e não é justo para com eles.

—Tá, mas e se eu não morasse em São Paulo?

—Nos também saberemos disso.

—Como?

—Comparando suas digitais, vamos procurar no sistema alguma informação sobre você. É impossível que não haja, afinal você fala muito bem o português o que é um sinal que você é desse país.

—Ah! Se você me diz eu confio. —disse isso voltando a olhar pela janela, permanecendo calada.

Rodrigo olhou para sua companheira de viagem, e sentiu algo o incomodando, só não sabia o que era. Talvez estivesse perto de resolver ao menos um dos dois casos mais complicados de sua carreira.

Rodrigo começou a ficar irritado com o caos do transito paulista. *“É sempre assim quando quero chegar a um lugar, transito infernal!”* Olhou para o lado e viu que Grey continuava a observar as ruas, parecia que estava em outro mundo um só dela onde tentava descobrir quem era. Quando o transito começou a fluir normalmente, não demorou

muito até chegarem ao apartamento de Rodrigo que ficava em um condomínio fechado de classe média.

—É aqui que você mora?

—Sim, por quê?

—Eu não conhecia este bairro.—disse com naturalidade.

Assim que terminou de falar, viu que tinha dito algo que o deixou espantado. Ante ao espanto dele perguntou.

—Que foi? O que eu disse de errado?

—Não é isso! Por acaso você se lembrou de alguma coisa que possa ajudar?—perguntou isso enquanto estacionava na vaga. Inclinou-se para ela e perguntou agora com mais insistência—Lembrou-se?

—Não eu não me lembrei de nada! Apenas...apenas senti que não conhecia este bairro, mas não significa que conheça outros bairro!—começou a ficar instável.

Ela simplesmente chegou a uma conclusão na sua mente, o trânsito tinha sido normal para ela. Parecia que estar em ruas movimentadas e com trânsito era normal. E o local também a cidade em si não parecia estranha...

—Não chora. – ela não tinha percebido que estava chorando –Vamos subir e aí você descansa um pouco enquanto eu tento descobrir alguma coisa relacionada a você ok?

—Ok.

Ao entrarem no elevador Grey sentiu um medo que a paralisou, suas mãos suavam, suas pernas tremiam, pensou que talvez não conseguisse ficar de pé por muito tempo.*Que medo é esse, porque estou sentindo esse pavor, parece que alguém está me sufocando, não consigo respirar meu Deus!* Rodrigo notou que algo não ia muito bem com ela, estava suando e pálida como um papel.

—O que foi? Que está acontecendo com você?—perguntou apreensivo, pois parecia que ela iria desmaiar a qualquer momento.

—Eu...eu...—desmaiou.

—Rodrigo!—gritou, mas ela não ouvia mais.

Entrou no apartamento com ela no colo, depositou-a na sua cama. Ela estava tão pálida, que o deixou mais preocupado. *Por que ela tinha desmaiado?* Mexeu-se, mas não abriu os olhos, Rodrigo abaixou a cabeça para examinar seu rosto. Ela era tão linda tinha a boca bem feita à pele meio bronzeada, não se contendo colocou uma das mãos em seu rosto.

Nesse momento ela abriu os olhos, e viu o rosto dele próximo, e por um breve instante sem a máscara de defensor que ele sustentava todas as vezes que olhava para ela, uma atitude que a desconcertava. E aquele rosto sem máscara era mais lindo ainda, seus olhos ficaram vidrados na face a sua frente. Então como que com um choque se lembrou

de que havia desmaiado, e por que o fizera, sentiu um medo terrível ao sentir-se fechada, fora do controle.

—Você esta bem?—viu a preocupação nos olhos dele e achou melhor dizer alguma coisa.

—Acho que tenho medo de elevadores!

—Se lembrou disso?—perguntou na esperança dela ter recuperado a memória.

—Não, é apenas uma suposição.

—Além disso, alguma coisa mais?—estava aflito.

Grey sentou-se, e tentou organizar os pensamentos.

—Apenas uns fleches.

—Como são esses fleches, o que eles retratam?

— Não consigo mais me lembrar de nada!—notando o nervosismo dela ele não insistiu, e mudou de assunto.

—Bom, vamos resolver alguns problemas tirando suas digitais. Ao menos saberemos seu verdadeiro nome.—disse isso com um sorriso nos lábios e aquele olhar de protetor novamente.

Dizendo isso saiu do quarto e foi até o escritório, onde encontrou uma almofada de carimbo e uma folha em branco. Retornou e pegando a mão, e um dedo por vez carimbou as impressões dela no papel.

Enquanto ele executava a tarefa, Grey o observava com interesse, as linhas do rosto dele eram bem feitas, marcante ela diria. Os olhos eram de beleza impar e tinha um cuidado para com ela que a deixava em desvantagem, uma vez que não podia retribuir tamanha dedicação.

—Pronto! Agora vou dar uma saída.

—Aonde você vai?

—Vou até a delegacia, tenho que comparar essas amostras, e preciso dar uma olhada nos outros casos, para ver como andam.

—Ah!Vai demorar muito?—quis saber por que não gostava da ideia de ficar sozinha ali.

— Não se preocupe com isso, provavelmente voltarei por volta das vinte horas. Descanse um pouco, se precisar tem comida na geladeira.—disse isso saindo do quarto, ela pode ouvir uma porta se fechando e se viu sozinha naquele apartamento.

Ficou sentada por alguns minutos, levantou-se e caminhou pelo apartamento notando que para um lar de solteiro, tinha tudo que uma casa precisava, a cozinha era bem equipada decorada em preto e branco, assim como o restante do apartamento, a sala estar tinha um sofá de couro preto muito confortável como que pode notar e uma janela que servia como porta para uma pequena varanda, era um ambiente masculino e sem nenhuma

decoração feminina. O sofá estava meio desgastado como se ele tivesse dormido varias vezes ali. Ela sentou no sofá e acariciou o local.

Precisava tomar um banho, olhou para um relógio na parede da cozinha e viu que já passava das cinco horas da tarde, logo Rodrigo estaria ali e quem sabe com boas notícias pensando assim dirigiu-se ao banheiro. Após um longo banho saiu do banheiro a procura da pequena ma com algumas roupas que as irmãs de Rodrigo junto com sua mãe tinham providenciado. Ela encontrou algumas roupas, mas percebeu que não tinha lingerie para usar. Começou a procurar por um shorts o qualquer coisa que pudesse cumprir o papel. Não encontrou nada, então foi até o quarto e olhando nas gavetas onde só tinha roupas masculinas encontrou o que parecia ser um pacote com uma lingerie preta. Pensou que podia se de alguma namorada de Rodrigo, mas não queria pensar muito nisso, parecia nova as roupas de baixo e como ela não podia se opor a nada na atual situação, fez uso das peças. Estava só com uma camisa grande, ficando na metade de suas coxas, mas não se importou já que o homem que a acolhera era uma pessoa muito decente e ela não ficaria se mostrando. Olhou para a cama na sua frente parecia tão tentadora que não pensou duas vezes para se deitar a fim de descansar um pouco, talvez apenas uma hora.

Longe dali exatamente na delegacia da policia civil que se situava em um prédio ao lado do da polícia federal, Rodrigo levantou-se rapidamente de sua confortável cadeira e não acreditou no que seus olhos viam não podia ser verdade, mas era. Como aquilo podia acontece? Não podia entender, era uma circunstância com a qual não contava.

—Como?—perguntou para seu parceiro, segurando o resultado sobre as digitais nas mãos. Estava incrédulo.

—Olha eu não sei. Não sei o que dizer.—disse o outro levantando as mãos em sinal de rendição.

—Alan isso não é normal —Alan Ramos era seu parceiro havia um ano, e quase sempre resolviam casos muito difíceis, mas nunca se depararam com uma situação semelhante.

Alan era um homem de estatura média e magro, tinha cabelos lisos castanhos, olhos castanhos pequenos o rosto fino e o que mais se notava nele era o nariz que era meio torto como o de um tucano, mas não tão avantajado. Segundo ele foi uma bolada em uma partida que tinha resultado naquele nariz ridículo. E embora fosse magro era um homem forte, ele mesmo presenciou isso em diversas perseguições que estiveram juntos naquele um ano de parceria.

—Temos dois sequestros ok?

—Sim, e uma mulher em sua casa, que pode ser uma das duas! —contra argumentou.

—Isso! Mas ai vem o mais decepcionante essa moça não tem digital registrada.

—Ótimo! Voltamos à estaca zero.—A sala que dividia com seu amigo de repente ficou sufocante.

—Se a moça que esta lá em casa não é nem a modelo, nem a noiva quem é ela?

—É a mesma pergunta que me faço.

—Mas não tem lógica. Como uma pessoa não tem as digitais registradas, principalmente notando que a pessoa em questão é maior de idade?

—Olha meu amigo isso pode ocorrer. Principalmente se ela, não tiver certo grau de instrução —argumentou Alan.

—Não é o que parece. No que pude notar ela não é analfabeta.

—Mudando de assunto —começou Alan — Estamos sendo cobrados pelo pai da noiva. Artur está colocando seus cães no nosso pé.

—Não sei o porquê? Ele demorou em entrar em contato conosco!

—Sim, e se não fosse o genro dele, talvez nunca soubéssemos do sequestro.

— Aquele cara parecia extremamente perturbado – Rodrigo ainda se lembrava das frases do futuro deputado, todas desconexas. Ele parecia não saber muito a respeito do que estava acontecendo, só que não conseguiu admitir não envolver a polícia nisso e tomou a iniciativa de ir até a delegacia. O que provavelmente deixou se sogro muito furioso e aquele homem sabia que não tinha tomado a atitude certa perante o sogro, mas do seu ponto de vista era a mais correta.

— Sim ele estava com um aspecto lastimável – Alan concordou. –Eu acho que ele entendeu que não entrou em uma família muito boa, apesar de tudo. De acordo com ele o Senhor Haddad estava deixando o tempo passar para não perder muito no mercado de ações.

—Sim e um escândalo desses era algo sem precedentes para um homem de negócios. E para variar temos muitas fotos, mas por mais que veja todas elas, sempre fico espantado de ver que são todas absolutamente iguais.

— Não tão iguais – Alan interveio.

—Sim, a modelo é um pouco diferente, olhos cabelo a pinta sobre os lábios... E sobre a modelo temos algum avanço?

—Nenhum contato dos sequestradores ainda.

—Isso é um pouco estranho, nesse momento se fosse um sequestro normal já teríamos o pedido de resgate, e talvez já estivesse até solucionado. Porque dinheiro não falta e Andrés seu empresário disse que pagaria qualquer quantia que pedissem.

—Rodrigo nem podemos dizer, que o caso de Patrícia é um sequestro já que não temos nada que prove isso, nem imagens nada! Já no caso de Alana Haddad temos um breve contato, pedindo resgate e algumas imagens de câmera que foram filmadas onde podemos ver a saída dela da festa.

— Alan o que me estampa é o poder do dinheiro, nenhuma pessoa quis depor, ninguém quis ajudar. Eles a viram passando por eles, no rosto o desespero estampado e ninguém a ajudou naquele momento, nem depois para encontrar os bandidos.

—Meu amigo tudo nessa vida tem um preço, e você melhor do que ninguém sabe disso. — aquela frase levou os pensamentos de Rodrigo longe e a dor que ficava alojada no seu coração começou a pulsar. Ele sabia muito bem sobre o seu parceiro estava falando. — Você tem razão, mas os sequestradores ligaram de novo ou mandaram alguma garantia de realmente estão com ela?

—Não, nada. Apenas o primeiro pedido.

—Ao menos o sigilo continua a mídia não sabe nada a respeito, sendo assim podemos continuar a investigação em paz.

—Não sei até quando Andrés vai conseguir manter o sigilo, sobre o paradeiro de Patrícia Sabatini. Os programas de fofoca e revistas estão ligando a todo o momento para o pobre. Ele até inventa desculpas, mas por quanto tempo.

—Isso me preocupa não que a TV não ajude nesses casos, só que já imaginou a quantidade de repórteres que teríamos aqui na porta se eles soubessem sobre Patrícia e a Alana Haddad. Seria um caos!

—É! Só de imaginar, me dá calafrios — brincou Alan fingindo tremer.

Olhando para o relógio no seu pulso, Rodrigo viu que já passava das sete horas da noite e prometera para Gray que estaria em casa às oito. Não sabia o porquê, mas tinha uma grande necessidade de manter ela tranquila. O que ele tinha presenciado naquele dia sem duvida tinha sido causado por algum trauma recente. Chegaria atrasado com sempre, nunca conseguia cumprir horários a não ser no serviço, era seu maior mal.

Saído em direção ao seu carro, pensou em levar uma pizza para comerem.

Chegou ao apartamento por volta das nove horas devido ao transito sempre infernal, sorte que telefonara para pizzaria do carro. Ao entrar notou que estava tudo muito silencioso, como era de costume não fez nenhum barulho ao caminhar, tinha aprendido a ser discreto principalmente em momentos no qual exigiam sutileza. Procurou-a na cozinha que ficava logo na entrada do apartamento, passou pela sala seguindo para o quarto quando chegou à porta que estava aberta. Estacou.

Imóvel, conteve a respiração e, então, quase parou de respirar.

Ela estava deitada de costas em seu leito, vestia apenas uma camisa que provavelmente era dele, talvez obra de sua mãe ou de suas irmãs, naquele momento não tinha muita certeza. Os primeiros botões da camisa estavam abertos, revelando a curva do seio. O sono era tão tranquilo que a boca estava entreaberta mostrando os dentes.

Rodrigo sentiu a boca secar. E mais seca ficou quando ela movimentou as pernas, abrindo-as levemente deixando a sua visão mais perturbadora, e uma de suas mãos pousaram na coxa exatamente como a mão de um amante faria.

Ela suspirou uma expiração suave fechando os lábios, que se contorceram em um sorriso suave. Parecia uma mulher adormecida após a paixão. Rodrigo sentiu o corpo ficar tenso, e a boca latejar de desejo, apesar de tudo era um homem estava vivo. Como gostaria de traçar uma linha de beijos, naquelas pernas bem feitas, e provar o doce sabor que seus

lábios deveriam ter. Os dedos formigaram de vontade de tocá-la, e puxar o seu corpo sedutor para mais perto.

Sexy não?

“*Deslumbrante, magnífico!*” Era com descrevia a mulher que repousava ante seus olhos cobiçosos. Apoiou-se na porta fazendo um pequeno ruído, que foi o suficiente para acordá-la.

Ele ainda não tinha recuperado o juízo perfeito, quando ela se levantou apoiado nos braços e levemente abriu os olhos, que permaneceram por alguns instantes sonolentos, e de repente, arregalaram-se chocados. Com um grito, ela se levantou.

Com uma incrível sensação de perda que o invadia, Rodrigo tentou acalma-la.

—Sou eu Grey!—Ela o olhou ainda descrente.

—Rodrigo! Você me assustou!—disse isso se recompôs.

Fechou os botões até o pescoço, abaixou a barra da camisa que estava enrolada mostrando mais do que as coxas, deixando-o obviamente decepcionado.

—Desculpe não foi a minha intenção.

—Claro que não e por que teria essa intenção.—disse isso sorrindo o que o alegrou.—O que você descobriu sobre mim?

—Vamos comer primeiro estou com muita fome e você?—evitou.

—Também, mas não precisa evitar o assunto só por ele ser complicado de discutir comigo.

—Não estou escondendo nada de você, apenas estou com fome. —*E muita vontade de ficar neste quarto com você.* Pensou, mordendo a língua para não dizer.

—Ok! Eu me rendo! Vamos comer.—ela passou por ele deixando um leve perfume no ar, ao andar na sua frente, Rodrigo pode notar que embora magra ela ainda mantinha certas curvas, principalmente a do quadril que balançava suavemente deixando certa parte do seu corpo tensa.

Devoram a pizza, não dava para saber quem estava com mais fome. Após o jantar sentaram no sofá e Rodrigo se pôs a explicar para ela sobre sua digital.

—Espera ai! Esta me dizendo que eu não tenho nenhum registro! Que eu não existo!—começou a ficar desesperada, se não tinha registro não era ninguém.

—Não é isso! Calma nós vamos achar um jeito de...

—Que jeito!—gritou histérica. – Tem noção do que você está me falando! Eu estava preparada para ir para uma casa de estranhos e agora não tenho nem mesmo esses estranhos. É como se eu construísse castelos de cartas e ao menor movimento tudo viesse ao chão. É assim que me sinto, como se estivesse sem nenhum apoio.

—Calma Grey.—Rodrigo a segurou pelos ombros fazendo com que ela o encarasse.

—Estou calma.—disse com sarcasmo—E como não estaria se não sou ninguém.

—É alguém sim! Só não temos seus registros, é uma questão de tempo certo?

—Não sei—acalmou-se.

—Eu prometo para você, que vamos descobrir que você é. É uma promessa.—disse ele levantando a mão como se faz em um juramento. — Até porque existem outro meios de saber, vamos fazer um teste de DNA, em fim temos outros meios. E enquanto você não achar seu chão, eu estou aqui, pode se apoiar em mim. Comprometi-me com você e não vou te deixa na mão.

Ela olhou para aqueles olhos azuis sofridos e soube que tinha um apoio, tinha alguém mesmo que temporariamente. Ficava imaginando como ficaria sua vida depois, quando não tivesse mais o Rodrigo por perto. Ela estava começando a depender dele não só física ma emocionalmente também. Isso era assombroso, mais do que sua falta de memória.

Como em tão pouco tempo ele se tornou tão essencial na sua vida isso era algo que ela começava a temer. Temer a perda.

Grey sentou-se no sofá, com a cabeça baixa pôs se a analisar a situação, não podia se desesperar tinha que ficar calma e pensar com mais clareza. Tinha ser fria para analisar a situação não podia deixar a emoção dar lugar a razão. Foi pensando com clareza que entrou naquele veículo, ela viu o homem naquele dia. E seu pensamento era de que ele parecia ser um bom homem, mas foram às ações dele que falou mais alto, ele foi bom o dono do posto. Pagou pelo conserto do pneu embora ele mesmo tivesse feito o maior esforço, observou de longe aquele homem naquele dia e tomou a iniciativa correta e era assim que ia reger sua vida dali em diante. Observar e tomar a atitude correta.

—Eu vou estar no escritório se precisar. Vou dar uma olhadinha na internet para ver o que acho.

—Eu reparei que você só tem um quarto aqui, onde eu vou dormir?—Rodrigo não tinha pensado nisso.

—Durma na minha cama, que eu durmo no sofá, afinal não vai ser a primeira vez. —*Não iria conseguir dormir na cama mesmo, bem não depois do que vi.*

Um homem mesmo um que esteja fazendo tudo certo, tem certa dificuldade de controlar seus pensamentos, principalmente depois de uma cena. A visão é um dos sentidos mais poderosos do ser humano, grava na memória tudo de uma única vez. E é exatamente o que está acontecendo com Rodrigo nesse momento

Só de lembrar-se da sua cama ele pensa que é melhor tomar um banho de preferência gelado.

—Se é assim que você quer quem sou eu para me opor não é mesmo —brincou ela, embora não quisesse desalojá-lo, então se lembrou das peças íntimas que usava— Encontrei um conjunto de lingerie na sua gaveta, e estou usando ele tudo bem?— perguntou ansiosa pela resposta, afinal poderia ser poderia ser um presente.

Rodrigo pensou tentando se lembrar de que conjunto ela falava, então o que lhe veio à mente foi à cena que presenciou o que não ajudou muito.

—Ah! O conjunto preto!—lembrou-se com um sorriso. —É de Cris, eu dei uma carona para ela certa vez e ficou no meu carro, mas que bom que você achou ele — raspou a garganta dizendo foi em direção ao escritório. Grey ficou na sala, olhou pela janela, conhecia aquela cidade foi como se já tivesse visto aquela cena antes, não a cena da janela, mas o meio caótico que estava em volta.

Demanda

Para tudo no mundo existe um consumo, pois através desse consumo a economia gira. O capitalismo dominante no mundo faz com que o desejo de coisas materiais seja crescente e constante. A ideia utópica de Karl Marx, não existe e nem teve chances de existir. Talvez fosse boa sua ideia, mas bateria de encontro com o desejo das pessoas. E esse desejo está implícito em muitas coisas, desde um carro novo até a vida eterna. Seja essa vida por meio de atribuição divina, seja por meio de conquista com o dinheiro. O fato é ninguém quer morrer e por causa disso, muito das tecnologias e procedimentos médicos que temos é justamente para manter a vida. Imagine você que no mundo existe uma necessidade enorme de órgãos. Então meu amigo eu te pergunto o que você faria por um órgão que lhe fosse necessário. Bem talvez não exatamente a você em questão, mas à um membro da sua família? O certo é que no mundo devido a inúmeras doenças existe hoje uma demanda muito grande de órgãos o que resulta em um mercado promissor. Mas meu amigo me diga qual é o valor da vida? Observemos mais a frente sobre o que estou divagando.

Em um hospital da zona sul de São Paulo, especializado em doenças renais, um pai caminhava aflito de um lado para o outro no corredor. Estava ali há horas, seu filho de sete anos havia sido internado com insuficiência renal grave. Marcos era um menino saudável, mas de uns tempos para cá tinha ficado abatido, já não era mais o mesmo menino. A urina dele começou a ficar com uma coloração estranha e naquela madrugada Marcos começou a sentir dores muito fortes nas costas, febre altíssima.

Marcos deu entrada em uma emergência, gritando de dor. Depois de colher urina e sangue para exames urgentes, ele foi medicado. Com os resultados nas mãos os médicos encaminharam o menino para esse hospital, alegando que ele teria tratamentos adequados lá. Marcos sempre tinha sofrido com infecções de urina, e sua mãe vivia em médicos com ele por causa disso, mas os médicos diziam que não precisava se preocupar e trocavam o remédio.

Seu pai não estava entendendo nada, os médicos da emergência não revelarão muita coisa, apenas que o menino estava com uma infecção renal grave, resultante da insuficiência. Agora ele estava ali esperando os resultados de exames mais complexos.

—Senhor Mendonça?—ouviu chamarem seu nome — Alberto Mendonça?—um senhor vestido de branco, parecia ser medico o chamava.

—Sou eu.

—Queira me acompanhar até minha sala—assim que entraram na sala ele se apresentou—Sou o doutor Breno Targa, especialista em doenças renais. Sua esposa está com seu filho terminando mais alguns exames, mas já temos um diagnostico. Vou tentar ser o mais claro que eu puder — Alberto olhava ansioso para o homem a sua frente, ele

parecia ser muito confiável. Tinha cabelos brancos e usava óculos que pareciam se equilibrar na ponta do seu nariz. Ele confiava mais em médicos mais velhos, tinham mais experiência. Um pensamento corriqueiro.

—O que meu filho tem?—o médico examinava o pai era sempre muito difícil dar notícias a pais. Alberto era um homem baixo e gordo, tinha o rosto bonachão como se sempre sorrisse, parecia ser difícil para ele ficar triste como estava agora.

—Seu filho tem uma insuficiência renal rara, para a idade dele. Um dos rins parou de funcionar e o outro funciona em situação precária, que foi agravada por varias infecções de urina que ele teve, essas infecções subiram para os rins que não estavam preparados e isso causou lesões grandes deixando os rins nessa situação. Se não fosse essa cólica renal que ele teve provavelmente, nos só saberíamos da doença quando fosse tarde demais.

Aquela notícia abalou Alberto, nunca imaginou que crianças pudessem ter esse tipo de doença. Seu filho era uma criança tão saudável e alegre. Não queria conceber isso!

—Mas como crianças tem esse tipo de doença?—perguntou ele aflito.

—Sua esposa me informou que ele sempre teve infecções de urina, ela tentou controlar, mas ele também tem má formação renal congênita. Pelo que consta na família da sua esposa tem outras pessoas com problemas parecidos. Quando há históricos na família há também mais probabilidade de algum familiar desenvolver essa disfunção.

—E como fica meu filho agora?—ele estava muito preocupado.

—Seu filho terá que fazer um tratamento que se chama hemodiálise. Por hora podemos começar com esse tratamento, mas seus rins estão com a capacidade reduzida e o necessário é o transplante...

—Transplante! É tão grave assim?

—Infelizmente é. – médico viu aquele homem com jeito de bonachão se desfazer por completo na sua frente.

—Mas quando será feito o transplante?

—Se não houver um doador compatível na família, então ele entrará para a lista de espera. Por esse motivo vamos começar a fazer os testes com o Senhor e sua esposa.

— Lista de espera?! Mas a lista de espera demora muito tempo! Eu vejo nos noticiários... – o desespero estava tomando cada célula do corpo daquele homem e era visível.

—Infelizmente sim e seu filho precisa de um rim infantil, acreditamos que se ele receber um rim infantil ele terá maiores chances do corpo não rejeitar o órgão.

—Mas não há doadores na minha família... Não posso pedir isso para um de meus irmãos, não deixariam seus filhos se submeterem a isso.

—Então a única chance dele é a fila... E pode demorar um tempo, infelizmente não só no Brasil, mas no mundo em geral é muito pequeno o número de doação de órgãos,

principalmente os infantis. As famílias não aceitam muito bem isso e muitas crianças que poderiam ser salvas acabam morrendo.

—Eu... Eu...—Alberto começou a chorar, não queria perder seu único filho. Não era justo uma criança sofrer disso. Ele e sua esposa tinham demorado anos para conseguir conceber uma criança e agora isso...

—Compreendo sua dor! Senhor Mendonça, mas para o bem de seu filho eu sugiro que o senhor seja forte. Tem que passar isso a ele.

—Claro — disse Alberto se recuperando do baque—Onde está meu filho.

—Venha comigo eu o levarei até ele...

Seguiram pelos corredores e chegaram até uma sala onde seu filho estava deitado em uma cama fazendo sua primeira hemodiálise. Onde o sangue dele era filtrado em uma espécie de máquina. Sua esposa estava junto dele acariciando os seus cabelos e dizendo que tudo ia ficar bem. O cheiro de hospital enjoava Alberto, ele sentia as mãos tremulas ao olhar para seu filho.

E ele não aguentou ver a cena, seu coração se partiu em mil pedaços. Ana era uma boa esposa parecia forte a tudo, como se aquilo fosse muito natural, ele não entendia como as mulheres conseguiam ser assim, pareciam pilares de sustentação, fortes.

Alberto ficou um pouco com seu filho, e depois foi caminhar no estacionamento do hospital. Acendeu um cigarro e começou a pensar, o sol da tardinha batia na sua face enquanto ele soprava a fumaça, olhando para as árvores e uma revoada de pássaros. Ele era um homem de posses, vendia carros importados e nacionais tinha seis lojas só em São Paulo. Seu filho estava sendo bem tratado porque tinha plano de saúde há muito tempo e podia pagar pelo melhor. Podia pagar por muita coisa, mas um órgão ou um lugar na fila era muito difícil de conseguir... Sua mente girava em torno de muitas possibilidades, mas sempre ficava de frente para um muro intransponível. Nunca se imaginou de mão atadas, nunca pensou que estava fora de controle. Nem mesmo quando não conseguiam ter filhos ele deu um jeito na situação, mas de certa forma isso parecia ser tão diferente.

Alberto pegou seu telefone e começou a navegar na internet, talvez tivesse alguma chance de ter uma informação mais precisa. Algo que o ajudasse afinal na internet tinha tudo.

Do outro lado do pátio um homem observava atentamente Alberto que parecia desesperado. Pelas roupas era um homem de posses. Estar em um hospital para pacientes renais significava que algum parente seu estava doente.

Aproximou-se dele com cuidado, queria conversar tranquilamente.

—Boa tarde, meu amigo!—saudou o homem. Era franzino com o rosto abatido, e parecia meio agitado.

—Não tão boa para mim... — Alberto olhou para o homem que vestia roupas simples e talvez equiparasse em idade com o próprio Alberto.

—Serio! Têm parentes aqui?—Alberto olhou para o homem a sua frente, suspirou

e respondeu.

—Meu filho...

—É difícil... Já passei por isso... — aquele homem era estranho, pensou Alberto. Mas não deu muita atenção, estava mais preocupado com seu filho — Sei como é isso.

—Serio? — Alberto estava surpreso, achou que era só ele que estava naquela situação. — Faria qualquer coisa para meu filho ficar bem — disse ele em um suspiro. — É meu único filho, tem sete anos e precisa de um transplante de rim.

—Rim é?

—Sim, você? Também está aqui por isso? — naquele momento Alberto procurava por empata.

— Não já estive nessa situação estou aqui hoje apenas para cumprir uma tarefa. — Alberto arregalou os olhos, ele tinha um modo estranho de falar e ficava olhando para os lados.

—Achou um doador dentro da família?—Alberto estava curioso.

—Não! Achei algo muito bom!

—E o que seria melhor?

—O que você faria para ver seu filho saudável de novo?—aquela pergunta tocou Alberto, ele não conseguiria responder nada menos do que respondeu.

—Qualquer coisa— os olhos do homem estranho brilharam.

O estranho homem retirou do bolso um cartão branco no centro do cartão tinha um número de telefone. Alberto ficou olhando para o cartão, nesse tempo o homem saiu de perto. Seu trabalho estava completo.

Alberto ficou por mais um tempo olhando para o cartão, então o guardou na carteira e entrou no hospital. Queria ver seu filho de novo.

—Tudo bem com você Marquinho?—perguntou Alberto entrando no quarto de seu filho.

—Mais ou menos papai!—e sorriu com a inocência de uma criança — O Doutor disse que vou ficar aqui hoje! E talvez amanhã!

Alberto olhou para sua esposa que confirmou com a cabeça. Ela parecia triste, Ana era não era uma mulher feia, mas os anos levaram sua graça, era uma guerreira sempre esteve ao seu lado. Era loira baixa e estava acima do peso, assim como o próprio Alberto, fizera muitos tratamentos para engravidar, depois de cinco anos conseguiu e agora ela se via perdendo seu único filho.

—Papai? Acha que vou ficar bem?—lágrimas veio aos olhos de Alberto, Ana olhou para a janela, disfarçando as lágrimas.

— Papai vai fazer tudo para você ficar bem — afirmou ele.

O que você faria?

Augsburg, Alemanha.

Casa beneficente de Augsburg.

Uma menina morena clara de cabelos cacheados caminhava pelos corredores da instituição, fazia duas semanas que estava ali. Um homem muito bom apareceu no orfanato onde ela morava e disse que ali na Alemanha ela teria uma boa família. Ia ganhar um papai e uma mamãe. Clara fugiu de casa, tinha medo do padrasto ele sempre batia nela com um fio preto, doía muito, e fazia coisas que ela não gostava nem um pouco. E a mamãe não a ajudava, bem que ela tinha tentado falar com a mamãe, mas nunca que escutava estava sempre só cuidando daquele homem horrível. Ela fugiu e foi parar na rua, tinha o que comer na rua e os meninos ajudava ela. Só que um policial a encontrou e levou ela para o abrigo. Clara não gostou do abrigo, tinha comida, mas as mulheres que cuidavam dela eram muito bravas. E a Clara apanhava muito. Ficou quase um ano lá até que apareceu o homem bonzinho. Ele tinha um rosto bonito como de um papai, e trouxe-a e mais duas meninas junto para aquela casa bonita.

Clara gostou da casa onde foi morar, era mais bonita do que o abrigo de antes. Tinha uma cama só para ela e tinha muitas crianças lá, todas sem papai e mamãe. A casa era muito grande e os mais velhos ficavam no andar de cima, os mais novos em baixo.

No seu quarto dormia três meninas uma de cada país, ela não entendia o que elas falavam, mas tentava brincar juntas. Tinha brinquedos também. Clara era pequena, mas tinha que ajudar nas tarefas, não ligava com tanto que não apanhasse mais. Da ultima vez quase ficou sem seu bracinho. Ela olhava para suas pequenas mãozinhas e viu as cicatrizes que já eram muitas para sua idade.

Gostou muito do lugar, estava até aprendendo a falar aquelas palavras estranhas. A única coisa que a Clara não gostou foi porque teve que fazer exame de sangue e outros quando chegou ali. Mas o tio bonzinho disse que precisava disso para encontrar um papai e uma mamãe.

“Não é preciso explicar nada à uma criança. É preciso apenas enfeitiçá-la”
(Mariana Tsvetaeva)

Brasil, São Paulo.

Duas semanas depois Alberto estava em seu escritório, tirou o cartão da carteira. Depois de se debater vários dias sobre se ligava ou não, achava que podia ser algum golpe.

Olhou para o número que tinha inscrito lá. Discou-os no telefone esperando para ser atendido.

—Alô?—um vós masculina atendeu.

—Alô meu nome é Alberto Mendonça, uma pessoa me deu esse cartão e...

—E o senhor gostaria de saber do que se trata não é?

—Bem sim eu...

—O senhor tem uma pessoa na sua família que precisa de um transplante. E ligou para mim, querendo saber o que posso fazer por você, já que parece que fiz algo pelo homem que deu o cartão a você.

Era surpreendente o que aquele homem dizia, era como se já soubesse que ele ia ligar. Alberto tentou não ligar, ele e sua esposa fizeram os exames de compatibilidade, mas tinham dado negativo. Marcos piorava a cada dia, ele já não sabia o que fazer a respeito, via a vida de seu filho se esvaindo por entre seus dedos.

—É... – limpou a garganta, de certa forma parecia errado falar com aquele homem – meu filho precisa de um rim, ele está em tratamento de hemodiálise e eu e minha esposa não somos compatíveis... É urgente, mas os médicos temem que o rim que está funcionando também pare e não sabemos o que fazer...

—Posso ter a solução para você, mas vai custar caro...

—Dinheiro não é problema. – Ele daria um jeito no que fosse preciso.

—Certo! Só posso arrumar um rim. Mas sua família vai ter que ir para a Alemanha.

—Alemanha?

—Não faça perguntas — Alberto ficou calado, era um homem vivido e já tinha feito sua cota de trambicagem para saber que algo não estava certo, mas seu filho precisava muito — Vá para Munique, procure pela clínica Sturdell, doutor Rudolph Sturdell.

—Mas não tenho garantias quanto a isso é só sua palavra.

—Se não quer minha ajuda basta falar, eu posso desligar o telefone nesse momento e...

—Não!—desesperou-se Alberto — Eu faço o que for preciso.

—Isso é um acordo entre você e eu, não quero sua esposa, nem ninguém envolvido nisso — instruiu o homem do outro lado da linha – E quando terminarmos, você passa esse telefone para outra pessoa que esteja na mesma situação.

—Qual seu nome senhor?

—Senhor A. Procure Sturdell em Munique, diga a ele que Senhor A o mandou. Você vai fazer um depósito em dólares em uma conta no exterior de uma parte do valor a outra será paga na clínica —ele informou o número da conta e o valor a ser depositado.

Alberto se assustou com o valor, mas lembrou-se que a vida de seu filho não tinha preço, talvez tivesse que se desfazer de algo...

—Certo.

O Acordo estava feito, no dia seguinte Alberto depositou o valor na conta que o senhor A informou e preparou tudo para a viagem que tinha pela frente.

Falou para sua esposa que eles iriam para Alemanha, pois lá tinha um tratamento mais eficaz. Os médicos não se opuseram, conheciam os tratamentos que eram aplicados na Europa e acharam conveniente para o tratamento de Marcos. Também a alta taxa de doadores de alguns países da Europa talvez facilitasse as chances do menino.

Embarcaram para Alemanha, Alberto confiante que seu filho ia ficar bem.

Ao desembarcarem lá, Alberto procurou pelo doutor Sturdell, e sua clínica. Foi informado que era uma ótima clínica em tratamento de transplantados.

Marcos realizou vários exames, disseram que era rotina. A clínica era perfeita ficava em uma área nobre de Munique. Ana e Alberto estavam ansiosos pelos resultados. Marcos ia ficar internado por um tempo na clínica. Precisava estar saudável para o transplante.

Ana estava esperançosa, tinha quase perdido as esperanças quando seus exames deram negativo, mas naquele momento seu peito rugia em esperança.

Para Alberto o doutor Sturdell afirmou que levaria uma semana para encontrar alguém compatível com Marcos.

Alberto não estava entendendo muito bem como as coisas funcionavam, mas estava feliz de ter encontrado aquele homem, talvez não fosse certo o que iriam fazer, mas era a vida do seu filho que estava em jogo e ele não queria apostar. Não se faz dinheiro jogando justo, e ele sabia muito bem disso, não era momento de ter a honestidade como primordial, era momento de fechar os olhos e seguir na direção que traria a vida a seu filho.

Semelhanças

São Paulo, Capital.

—É grave doutor o que eu tenho?—perguntou suplicante Grey, após inúmeros exames aos quais foi submetida naquela manhã.

Um dia antes Rodrigo chegou dizendo que ela teria que fazer alguns exames, para ver se o que tinha era realmente uma amnésia ou algo mais grave. Aquelas duas semanas que estava na casa dele foram as melhores de sua vida ou pelo menos da vida que se lembrava, o que se resumia há muito pouco e aí eis que ele aparece na sua vida e a revolucionava, para melhor lógico disso ela não tinha a menor dúvida, mas agora ali na frente do médico se sentia um pouco insegura. Principalmente depois do diagnóstico que lhe foi dado.

—Veja bem Grey — o médico começou a explicação — O que você está sofrendo no momento, é o que nós chamamos de estresse pós-traumático, que se dá sempre que uma pessoa passa por um momento de trauma, em alguns casos ele se manifesta muito leve, a pessoa fica com medo de sair de casa, medo de caminhar na rua se ela foi assaltada, mas no seu caso foi um pouco mais profundo chegando a ponto de você simplesmente esquecer de sua vida posteriormente ao trauma.

—Ela poderá ficar assim para sempre?—interrompeu Rodrigo já apreensivo com a explicação dada pelo doutor, e por ver os olhos de Grey assustada.

—Essa é uma pergunta difícil de responder, visto que nós não sabemos o que a acometeu, mas eu fico mais tranquilo por saber que não foi nenhuma pancada, de acordo com as radiografias ela não sofreu nenhum dano cerebral. E que ela sofre no momento é mais de ordem emocional, mais psicológico consegue entender isso Grey? — perguntou a ela depois que viu o olhar confuso da moça.

— Sim doutor, mas eu gostaria de saber quanto tempo vou ficar assim? — ela estava começando a ficar ansiosa. O pensamento de nunca mais saber quem ela era, a deixava aterrorizada.

—Bem isso vai depender somente de você, quando você se sentir preparada para voltar a sua vida anterior isso acontecerá de forma muito natural se nenhum esforço da sua parte. Sua mente vai entender que é seguro voltar à vida de antes. O cérebro tem muitos mistérios que a ciência não consegue explicar, mas nós dessa área vemos muitas vezes um paciente se recuperar por completo sem nenhum dano. E você está bem fisicamente, não creio que não vá acontecer.

—Quer dizer que o senhor não tem nenhuma previsão para mim? — gritou batendo a mão na mesa se levantou caminhou até a porta colocou a mão na maçaneta virou-se e disse — Se você não tem mais nada para me dizer eu vou embora—voltou-se

para Rodrigo e disse — Eu te espero lá embaixo — e saiu pisando duro.

Ao ficar sozinho Rodrigo pode conversar com mais calma com o médico, queria saber mais sobre a situação que ele tinha nas mãos, e perguntou.

—O que o senhor acha sobre tudo isso doutor? E desculpe pela grosseria dela, geralmente ela não é assim...

—Não se preocupe com isso, mas eu vou ser bem franco com você. As chances de ela recuperar a memória tão logo são quase remotas. Por que é assim que funciona Rodrigo, vamos ver se eu consigo te explicar melhor, ela sofreu um trauma de ordem emocional e não de ordem física, e esses traumas são mais difíceis de tratar por que depende muito da pessoa, se ela não quiser voltar a sua vida anterior ela não voltará, pois esta escondendo no subconsciente essa vida que tanto a perturba. E às vezes ela já estava sofrendo alguma pressão e só precisou de uma válvula de escape, para que colocasse tudo de lado e recomeçasse do zero entendeu?

—Entendo. Então o senhor acredita que ela já estava perturbada, antes que alguma coisa acontecesse.

—Isso mesmo! E ela estando com você não correrá nenhum risco de acelerar essa recuperação, e talvez causar um trauma maior ainda, com calma e tranquilidade pode ser mais rápida do que ela imagina.

—Claro o senhor tem razão.

—E tem mais essa amnésia que ela esta sofrendo, é na verdade uma forma do cérebro dela descansar da pressão que ela estava sofrendo.

—Entendo e agradeço as suas explicações, e me desculpe pela explosão dela.

—Você não tem o que se desculpar, a reação dela é mais do que natural e por sinal é muito contida. – médico tinha olhos bondosos – Mas se me permite dizer, você está fazendo um grande favor a essa moça, nem imagino o que teria acontecido se você não estivesse por perto para ajuda-la.

—Eu também me preocupo muito – esse pensamento assolou a mente de Rodrigo – Mais uma vez obrigada por tudo doutor—despediu-se apertando as mãos do médico, saiu em procura de sua irritada hospede.

A encontrou na recepção do consultório que se situava na avenida paulista, uma das mais movimentadas da capital paulista. Ela estava sentada no sofá de cabeça baixa com as mãos no rosto, parecia que estava chorando. Aquela cena o deixou com o coração apertado, depois de duas semanas convivendo com ela ainda conhecia muito pouco, mas o pouco que conhecia podia afirmar que ela era uma mulher forte e ele era prova disso. O único problema era que não podia ajudar ainda mais, por que ele tinha duas mulheres muito importantes desaparecidas e estava recebendo muitas cobranças por causa disso. Lembrou-se do dia em que descobrira que Grey não tinha as digitais registradas ela chorou pouco, e reagiu de forma muito seria não ficou se lamentando seguiu com a vida.

—Você está bem Grey?—perguntou se aproximando dela com o intuito de ajudar.

Ela levantou o rosto e ele teve a certeza de que havia chorado, porém em seu olhar não havia pena de si mesma, e sim dor e uma força de vontade que o deixou admirado.

—Eu estou bem Rodrigo, apenas com um pouco de dor de cabeça será que podemos ir embora, temos que pegar o metro ainda.

—Sim vamos.

Estava sentado lado a lado no metro, o que naquela hora podiam se dar ao luxo de fazer, por que não era horário de pico, pois se fosse não conseguiriam nem se mexer direito ali dentro. Ele olhou para ela e viu que estava muito distante em um mundo somente dela, então se virou para ele com se descobrisse algo importante, seu rosto se iluminou e disse:

—Eu já andei de metro antes — como se confirmasse um fato e não com duvida.

—Quer dizer que você não se lembra de ter andado de metro — disse ele com paciência, achando que fosse uma pergunta.

—Não! Eu andei. — havia certeza na voz.

—Quer dizer que se lembrou de algo? — perguntou esperançoso.

—Não... Quer dizer não sei. Só sei que andei de metro por que... Por que... Ah! Que droga! Eu não consigo lembrar, droga de cabeça — disse batendo na mesma. As pessoas à volta olharam com curiosidade para ela.

Rodrigo tentou acalma-la e segurou os braços dela, olhou em seus olhos e disse com paciência.

—Não se force, sua memória voltara naturalmente, não fique nervosa nós já demos um passo, acabou de lembrar que andou de metro que bom isso é muito bom. Com calma você se lembrará de muito mais eu garanto — e com firmeza perguntou — Você confia em mim?

—Sim—não sabia por que, mas confiava muito nele.

Naquelas ultimas semanas esse homem tinha se tornado seu porto seguro, alguém que se podia contar. Ele trabalhava muito e chegava cansado e exausto em casa. No começo ela não sabia se conseguiria ajudar em alguma coisa, mas por incrível que se parece ela sabia cozinhar, e coisa mecânicas do dia a dia, lhe parecia muito fácil como se ela já tivesse executado varias vezes. Todos os dias fazia o jantar, e conversavam pouco, mas estavam sempre juntos. Ela se sentia em um divida eterna com ele por sua generosidade em acolhê-la na sua casa, ceder sua cama e comprar roupas e calçados para ela. Não se lembrava de nada, mas tinha certeza de que não havia muitas pessoas que fizessem isso por outra.

Foram para “casa” em silêncio, nenhum tinha o que falar e mesmo assim era reconfortante.

—O que temos de novo sobre nossos maravilhosos casos!—ironizou Rodrigo ao

entrar em sua sala no dia seguinte.

—Nada de novo que possa ajudar—respondeu Alan e espalhou alguns documentos sobre a mesa de Rodrigo — Os depoimentos não ajudaram muito, estive pensando! E se você interrogasse os parentes novamente, para ver se eles terão algo novo para mostrar.

—O que você acha? Foi você quem tomou os depoimentos da primeira vez — disse levantando uma sobrancelha.

—Eu sei! Mas vou te confessar uma coisa — começou a falar abaixando a cabeça, em sinal de desconforto e com um sorriso amarelo continuou — Márcia e eu tivemos uma briga feio naquele mês, e... E acho que deixei passar algo de importante.

—Cara de novo! Eu não acredito que deixou sua vida pessoal interferir no nosso caso! Meu eu não consigo entender como!

—Pô meu! Aconteceu cara! O dia que você tiver uma mulher reclamando na sua orelha você vai ver com é! — Alan bufou.

— Cara eu não entendo isso! Por que você casou se vive reclamando da sua esposa? Vocês vivem brigando...

— Sei lá... Mas a reconciliação é muito boa. — Rodrigo virou os olhos.

— Me poupe dos detalhes, eu realmente não preciso saber disso.

— Conversa a parte, vamos tomar os depoimentos de novo, vai que alguém entra em contradição? Isso nos ajudaria e muito, não temos nada.

—Claro — bufou Rodrigo. Ele não gostava muito dessa parte da investigação, lidar com pessoas era sempre muito complicado e estressante.

—Então vou mandar chama-los!—rindo saiu da sala.

O primeiro a se apresentar foi Andrés D'Ávila, empresário de Patrícia Sabatini. Andrés era um homem de meia idade corpulento, tinha os cabelos grisalhos e olhos muito escuros e usava uma barba rala, cheirava a cigarro. Provavelmente tinha fumado antes de entrar no prédio quando entrou na sala de interrogatório da polícia federal.

—Obrigado por ter vindo Senhor D'Ávila — cumprimentou Rodrigo — Queira se sentar fique à vontade. Desculpe por chamá-lo, sei que é um homem muito ocupado...

—Sem problemas, policial, eu sei que isso é seu trabalho, e vamos ao que interessa... — a voz dele era profunda e própria de fumantes.

O depoimento transcorreu sem muitas novidades, Andrés contou que Patrícia era muito reservada quanto a sua privacidade, ela tinha perdido os pais quando ainda era criança e por esse motivo não tinha parentes, para quem ele devesse dar notícias de seu sequestro. Era sozinha no mundo e ele não tinha informações de nenhuma pessoa que tivesse interesse em notícias suas, a não ser a mídia que não dava sossego.

Andrés ainda disse que a conheceu já no mundo da moda, disse que ela fazia fotos de pequeno porte no interior do Rio Grande do Sul, ele estava de passagem para conhecer outra garota, mas foi ela que chamou atenção na agencia de modelo. Com isso ela tinha apenas dezoito anos quando a conheceu, cerca de quatro anos antes, e o que com desaparecimento dela, eles estavam perdendo muito dinheiro em contratos. Parecia verdadeiramente preocupado com o paradeiro da menina.

Contou também que quem contratou os seguranças havia sido a própria Patrícia, ela fazia questão de conhecer quem a acompanharia por todos os lados. Apenas um segurança não havia sido contratado nem por ela e nem por ele, dois dias antes do desaparecimento dela outro segurança havia aparecido de nome Willian, ele havia sido enviado em substituição. Ela não se incomodou, pois o rapaz parecia ser muito honesto e trabalhador.

— Menino, eu estou muito preocupado com ela, é uma moça muito boa e me preocupo o que pode ter acontecido com ela. Sabe ela é muito sigilosa com suas coisas, sempre pedi para compartilhar comigo suas dificuldades, mas ela nunca contava nada. Era uma moça de mente fria e não se abatia por qualquer coisa.

—Patrícia tem medo de alguma coisa?—Rodrigo notou que ele pensou antes de responder.

—Não, nada que eu tenha notado! Ela não gosta muito de lugares fechado como elevadores—aquelas palavra fizeram Rodrigo se recordar do ocorrido com Grey — Mas por que a pergunta detetive?

—Por nada apenas para complementar a investigação—após a saída do Sr. D'Ávila, Rodrigo ainda interrogou outras pessoas que tiveram contato com Patrícia naquele dia, mas não conseguiu nada de novo que pudesse acrescentar ao relatório. A característica principal que todos relatavam é que ela era muito fria, e não deixava as pessoas se aproximarem muito. Extremamente profissional.

Ao entrar na sala viu que Alan estava com o rosto contorcido, parecia preocupado com o que estava escrito no relatório, que tinha a sua frente.

—Por que essa cara?

—Lembra o carro da Top — Rodrigo moveu a cabeça em sinal afirmativo—Então você lembra que não tínhamos achado nenhuma digital nele não é mesmo?

—Sim, mas o que isso tem a ver?

—Tem que eu pedi recentemente uma nova perícia e acabou de chegar esse relatório da criminalística e você não vai acreditar! — E continuou o falar — Encontramos uma parcial de digital no volante do carro, e descobrimos que era de um sujeito chamado Willian Khor Rech, que era o bendito segurança que nós não conseguimos encontrar par interrogar.

—Sim e onde está o cara! Temos que ir agora mesmo a traz dele!

—Calma! Nós já o encontramos há umas duas semanas na rodovia dos imigrantes,

com um tiro na cabeça!— Rodrigo ficou pasmo—E no carro também foi encontrado o corpo de uma mulher morta por estrangulamento, alguns dizem que foi crime passionai, mas não há nada de conclusivo. A mulher era nada mais nada menos, do que a socialite Taciane Guimarães, ou seja, a recente namorada do poderoso Artur Haddad.

—Uau! Esse caso está cada vez mais estranho, mas é um escândalo sem precedentes! Não vi notícia na televisão disso nem no meu feed de notícias.

— O dinheiro meu amigo, paga qualquer coisa – Alan falava com deboche – Ficou em segredo de justiça e foi tudo abafado, dessa forma ela não saiu de errada, nem nosso amigo de corno.

—Bem isso é surpreendente. Imagino o que mais Artur Haddad esconde debaixo do seu tapete.

—Que seja. Bom à estória contada para imprensa foi completamente diferente. Disseram que foi assaltada e teve um sequestro relâmpago onde o assaltante morreu em troca de tiros depois de matar ela. Tudo muito bem planejado pelo poderoso Haddad e sua poderosa empresa!—disse em um gesto dramático.

—Bom pelo jeito o homem, não queria que ninguém soubesse que ele era corno! —brincou Rodrigo.

—Com certeza. Foi encontrados marcas no pescoço dela e esperma que correspondia a do nosso homem. E ele não poderia ter se matado, por que o tiro foi à queima roupa próximo à nuca. Além de não ter sido encontrado nenhuma digital dele na arma.

—Bom para um suicido deveria ao menos constar digitais na arma, pólvora nas mãos... Provavelmente um cenário foi armado, mas quem faria isso? Haddad talvez?

—O homem tem um bom álibi. Estava a “negócios” na argentina, pelo menos é o que dizem e o que ele pode alegar.

—Pode até ser, mas está muito estranho isso — comentou pensativo — Bem por enquanto isso não é problema nosso. Pelo menos por enquanto! — enfatizou — Mas isso nos limita, a morte do segurança faz com que voltemos ao ponto de partida. Se o segurança foi a ultima pessoa que a viu e poderia até ser ele o sequestrador, estando morto nos deixa sem rumo a seguir.

—Bom também não conseguimos nenhuma foto da Top ao natural. E eu vou te mostrar uma coisa que vai deixar você de boca aberta.

—O que?

Alan procurou entre as pastas que tinha na mesa e retirou de lá três folhas, foi até o quadro as fixou e fez um gesto para que Rodrigo fosse ver. Ele se aproximou e ficou espantado com o que viu, era Grey em todas as fotografias em preto e branco com algumas diferenças, mas era ela com toda certeza.

—Eu sei o que você esta pensando! Que é a mesma pessoa, observe bem da esquerda para direita, a nossa Top — começou Alan apontando para as fotos — A filha do

Haddad, e a sua hospede, aquela foto que você me mandou.

Rodrigo viu as fotos e notou as diferenças, a Top estava em pose de modelo, Alana se encontrava com o rosto assustado como se a foto fosse tirada de surpresa e a Grey estava calma com o sorriso fácil no que em que estava com suas irmãs no quarto. Virou-se para Alan e disse:

—É Grey! Parece que estou vendo ela em todas as fotografias sem exceção!—E com um sorriso nos lábios Alan completou.

—Eu sei! Eu mandei colocar todas em preto e branco para que pudéssemos ver melhor a semelhança entre elas.

—Boa ideia! Realmente são muito parecidas e até podem ser todas gêmeas, uma coisa da qual eu não duvidaria. Hoje em dia a gente vê cada historia, mas falando serio eu já havia reparado nas semelhanças, mas com a cor diferentes dos olhos e pele. Eu realmente achei que Grey fosse uma das duas no inicio, mas com o tempo foi deixando de lado isso principalmente depois das digitais... - olhou de perto as fotos e a semelhança era muito grande, a despeito de uma se mais magra que a outra, a modelo parecia saudável, mas muito magra. Alana era mais cheia no rosto, um pouco mais de contorno e Grey estava no meio delas — Temos algo muito estranho aqui. O sequestrador pode ser um só, o que você acha?

—Sinceramente não sei. Gêmeas elas não são porque segundo sua irmã Amélia e Artur, Alana é filha legítima. Pelo que consta eles não conhecem a Patrícia, só que ela estava fazendo fotos para uma campanha promocional dos produtos da Empeck , um pouco de coincidência!

—Põe coincidência nisso! Pode até ser que os sequestros estejam interligados, mas pelo quê?—e ficou olhando as fotos tentando achar algo que nem ele sabia o que seria, olhava de uma foto para outra e perguntou — Você mandou fazer uma análise no computador?

—Sim e por uma questão de milímetros que pode até ser erro de cálculos, elas não são a mesma pessoa! Mas pode ser photoshop. Principalmente na foto da Patrícia. Cara ela nunca em quatro anos foi fotografada ao natural, nunca! Parece que ela tem uma rotina que realiza todos os dias. Os empregados disseram que nunca a viram sem maquiagem, ou com roupas informais. É um cuidado espartano.

— E todo esse cuidado espartano, nos deixou sem nem mesmo amostra para DNA, como pode duas pessoas distintas tem os mesmos cuidados. Ambas são neuróticas com limpeza! Você viu as fotos do quarto das duas, nem uma única amostra! Nada! E com isso não consigo nem testar a Grey.

—Os funcionários das duas afirmaram que elas tinham TOC por limpeza, ambas. Sempre tinha que trocar toda a cama e limpar o quarto com álcool e vapor quente. Um exagero.

— Eu pedi teste de DNA da Grey com a Amélia, mas deu negativo. Então não pode ser ela. E de acordo com os exames de sangue que o escritório do Sr. D'Ávila

mandou a tipagem sanguínea de Patrícia não bate com a minha hospede.

— Cara pode ser que elas nem tenham nada a ver uma com a outra.

—Não sei ainda não me convenci – disse Rodrigo olhando para as fotos, mais especificamente a foto de Grey.

Atentado

Ao sair da delegacia Rodrigo entrou na sua caminhonete, viu no relógio do veículo que já passava da meia noite.

Ao chegar viu que tudo estava silencioso o cheiro de casa limpa entrou em suas narinas, provavelmente Grey já estava dormindo. Ela fazia muita limpeza, sempre que ele chegava estava cheirando limpeza. Ela dizia que ajudava a desestressar. Ele tinha sugerido um celular, mas ela negou dizendo que não tinha o porquê ter um se não tinha para quem ligar e que ele já estava fazendo muito por ela.

Ele foi direto para o escritório, ao entrar a encontrou sentada em sua cadeira e tinha um olhar perdido em um papel que segurava. Ao se aproximar ele notou que ela segurava uma foto, tal qual foi seu espanto quando viu de quem era a foto...

—Hum — fez um pequeno barulho para alertar.

Ela levantou a cabeça assustada com a chegada dele, e fez cara de criança pega em flagrante, tentou esconder a foto a traz das costas.

—Eu já vi! – ele gostava de surpreender ela, pois seus olhos ficavam mais prateados.

—Desculpa Rodrigo é que... Bem... Eu não tinha nada... Eu estava limpando de novo encontrei caída no seu guarda roupas – Ela tinha limpado seu guarda roupas? Essa mulher era muito estranha.

— Eu já te disse que pago uma pessoa para fazer isso não?

— Sim, mas eu não tinha a intenção, só estava limpando...

—Tudo bem! Eu não estou bravo — o olhar dela de desconfiança o fez rir.

—Não ria de mim! Quem é a moça da foto? – Ele estava na foto só que mais novo, e olhava com carinho para a moça, algo que deixou Grey incomoda.

Rodrigo suspirou estendeu a mão pegando a foto deu mais um longo suspiro, e Grey pode ver em seus olhos uma dor explicita, os lábios se contorceram as sobrancelhas se fecharam em uma expressão triste.

Uma moça loira de olhos castanhos, rosto oval e um sorriso largo nos lábios parecia feliz e tranquila, como se nada no mundo pudesse interferir na felicidade daquele momento. E era isso que deixava Rodrigo mais triste, nunca se sabe quando o imprevisto e o tempo vão agir. Naquele caso um imprevisto.

—Então não vai me contar que é ela?—perguntou Grey com um sorriso meigo nos lábios.

—Ela...— ele respirou fundo e continuou —Foi... Foi minha namorada, ou melhor, foi a minha noiva—a voz dele sumiu.

—Como assim foi? Ela... Ela te deixou é? — disse com um sorriso tentando amenizar as coisas.

—Vou até a sala eu preciso de um conhaque — disse ele deixando a foto em cima da mesa virada para baixo, denotando que não suportava olhar a imagem.

Ele saiu cabisbaixo e ela o seguiu pelo apartamento. Enquanto ela se sentou no sofá ele foi até o barzinho que tinha na estante, serviu-se conhaque ofereceu a ela que não quis beber nada. Sentou-se ao lado dela respirou fundo mexeu a cabeça e com uma mão massageou a nuca. Ele era um homem muito belo, aos seus olhos, a barba estava por fazer, o rosto cansado, mas ainda estava lá a beleza do rosto bem trabalhado e a boca cheia, olhos azuis belíssimos e cheios de dor naquele momento, ele a olhou nos olhos, pressionou a base no nariz reto e disse.

—Graziela era uma moça alegre olhava o mundo de uma forma muito bonita era condescendente... Tudo para ela tinha um porque de ser e sempre, mais sempre via o lado bom da situação — agora ele falava com muita saudade na voz — Nos conhecemos quando eu estava em uma perseguição naquela época eu não era da divisão antissequestro, estava atrás de um ladrão esbarrei nela, caímos no chão. E uma coisa puxa a outra em menos de seis meses ela era minha noiva então... — Grey o olhava e viu o rosto se entristecer novamente — Então um dia ela estava saindo da faculdade, e foi levada por um homem encapuzado ninguém anotou a placa, ninguém viu nada. Aliais ninguém nunca vê nada — disse com sarcasmo — O pai dela tinha uma joalheria não era nada muito grande, mas falou em dinheiro você já vi não é? — ele abaixou a cabeça e continuou — O pai tinha dinheiro e eu era policial! A sequestraram principalmente para me atingir, sabiam ser minha noiva. Foi um traficante que eu coloquei na cadeia que encomendou o sequestro. Durante uma operação de apreensão de drogas descobrimos mais e acabou que chegamos ao líder da facção. Ele estava lá no momento e eu o persegui e prendi-o, junto com vários outros e acontece que o prejuízo foi bem grande para a facção. Eles não queriam deixar barato assim.

Grey mal podia acreditar no que ouvia e ele continuou.

—No dia em que descobriram o cativo isso quase um mês depois, fizemos uma diligencia para resgatá-la, então alguma coisa não saiu direito e eu me lembro nitidamente, do sequestrador apertando o pescoço dela com a arma apontada para a cabeça dela. Ela me olhou nos olhos e disse “Eu confio em você meu amor” e foi por causa dessa frase que o desgraçado atirou nela — a voz dele ficou embargada pela emoção de reviver aquela cena —Eu a vi desfalecer na minha frente sem que eu pudesse fazer nada, a família dela me culpa até hoje e bem eu não posso tirar a razão deles não é mesmo.

Grey ficou absolvendo a historia, e pensou que o sofrimento dele era muito maior que o dela, ela não se lembrava de muita coisa, o seja não se lembrava de nada, mas pelo menos não tinha aquela culpa nas costas. Levando a mão sobre a dele como que pra dar conforto e disse.

—Não foi você que puxou o gatilho! Comece a pensar por esse ângulo que você começara a se sentir melhor—aquela frase o deixou boquiaberto.

—Bem de certa forma tem razão, mas é difícil. A morte em si é difícil, mas se torna suportável com o tempo o problema maior é saber que você é o agente propiciador daquela morte, isso não tem tempo que cure...

—Quanto tempo faz isso?

—Dois anos. E parece que foi ontem, sabe a dor é a mesma.

Ela apenas lhe lançou um sorriso cúmplice, de certa forma ela entendia o que sentia.

—Depois disso você entrou para a divisão que trabalha hoje?

—Fiquei dois meses afastado e quando voltei resolvi que faria o que estivesse ao meu alcance para com esse tipo de crime. E até hoje estou tentando...

Rodrigo olhou para ela e depois de passar horas examinando as fotos, no escritório tinha ficado com aquele rosto estampado na mente. Ele a julgava mais parecida com a Alana do que com a outra, mas não tinha como afirmar nada ainda mais quando nem o computador podia dar uma resposta precisa sobre as imagens, o que mais impressionava Rodrigo eram os olhos dela de um tom cinza tão claro chegava a ser chamativo, e isso ele pode perceber claramente quando foram até o consultório, varias pessoas virava o pescoço ao passar por ela na rua.

Ele ainda estava admirando a beleza dela quando ela disse:

— Se você continuar a pensar assim, não vai honrar a morte dela. Ela acreditou em você e pelo que me parece o amava muito. Porque ser capaz de enfrentar a morte de frente não é digno de pena, mas de honra.

— Você tem boas palavras, para uma pessoa sem memória.

— Não me lembro de nada, mas tenho certeza que minha essência não mudou, ainda sou quem eu sou. E não acho que deva se culpar por sempre por algo que estava fora do seu alcance e nas mãos controladoras de pessoas indignas.

Ele admirou aquela mulher, no começo ela parecia um gato medroso, mas à medida que os dias iam passando ela se revelava. Uma força e um caráter impar.

Eles se sentiam muito a vontade um com o outro, tanto que Grey começou a cogitar a idéia de nunca mais recuperar a memória. Talvez ela não tivesse coisas boas para se lembrar, ao pensar naquilo um arrepio percorreu seu corpo como uma lembrança física de algo...

Vemos o inicio de um possível amor, mas esse amor será tão trágico de novo?

Na manhã seguinte Rodrigo entrou na delegacia, e foi avisado que tinha uma pessoa a sua espera na sala de interrogatório. Ele estranhou não tinha marcado nada para o dia, mas de qualquer maneira tinha que atender a pessoa em questão. Ele não estava muito a fim de realizar qualquer interrogatório, passou a noite novamente no sofá não que não fosse confortável o sofá, mas sem duvida a cama era melhor e só de imaginar quem estava em sua cama começava a ter pensamentos indecentes, e os banhos gelados estavam se

tornando mais e mais frequentes.

Entrou na sala de interrogatório e viu um homem de costas para a porta, fazendo uma análise rápida, Rodrigo pode notar que ele era alto de porte atlético, vestia um terno preto bem cortado e sapatos italianos, parecia concentrado em um risco que havia na parede da sala e não notou a presença dele. Rodrigo fez um barulho ao colocar umas pastas na mesa alertando o visitante.

O homem se virou e Rodrigo pode ver de quem se tratava.

—Investigador? O senhor é o investigador Rodrigo Corona?—perguntou o homem estendendo a mão para cumprimentá-lo ao gesto afirmativo que Rodrigo fez.

—Sou eu mesmo, acredito que já nos conhecemos antes. — disse retribuindo.

—Sim, bem eu não me lembro muito bem ainda, estava em um estado de nevos muito grande, naquele momento.

—Eu ia mandar chama-lo Sr. Haddad, mas não esperava que quisesse falar comigo? Sente-se — disse apontando para a cadeira, e ele próprio se sentou também para que pudessem conversar melhor.

— Bem... Pode me chamar de Victor desse jeito fica mais fácil a nossa conversa — Rodrigo analisou o rosto do político e notou a tensão.

—Claro se é assim pode chamar de Rodrigo. Mas em que posso ser útil?—disse notando que o rapaz mexia constantemente as mãos.

—Eu vim aqui para verificar o andamento do caso, e trazer uma fita que encontramos no lixo—só então Rodrigo notou que ele trazia consigo uma maleta e ao abri-la retirou uma fita de vídeo.

—A polícia criminalística não encontrou isso?—perguntou desconfiado.

—Quanto a isso não sei lhe informar. Só sei que um dos seguranças encontrou e eu resolvi trazer diretamente em suas mãos — disse passando para ele a fita que se encontrava dentro de um saco plástico.

Rodrigo estranhou o fato de uma fita de vídeo que pode conter informações importantes, não ter sido encontrada na cena do crime. *A menos que tenha sido retirada de propósito!* Pensou. E estranhou mais ainda por se tratar de uma fita de VHS, todos os arquivos que tinha recebido estavam em MP4. Tudo o que era gravado na casa estava armazenado em nuvem, o que tinha em uma fita que pudesse ser mais esclarecedor que as gravações?

—Por gentileza me da licença? – Rodrigo foi até a porta fez um sinal com a mão e outro homem apareceu caminhando em sua direção.

—Alan, veja o que temos aqui, uma antiguidade para os dias de hoje. E veio direto da mansão Haddad.

— E o que uma fita de VHS tem de melhor do que já temos?

— Não sei, pede análise dessa fita para o laboratório, precisamos ver se tem algo que ao menos ajude.

Victor observava a cena silencioso, e reparou que Rodrigo era um homem educado e se vestia com bom gosto, calça jeans e camisa branca com a arma pendurada à tira colo, já o outro detetive estava amassado e a arma se encontrava na cintura no cóis da calça, de uma maneira desleixada.

—Pode deixar!—assentiu Alan saindo e levando consigo a fita e gritou pelo corredor da repartição —Richard! Liga para Antonio e passa a ligação para minha sala já!

—E agora — disse sentando-se novamente—Eu preciso fazer algumas perguntas para você.

—Estou a sua disposição. E vim para isso mesmo, estou desesperado já! – o homem a frente de Rodrigo parecia angustiado, era um rapaz de boa aparência e com certeza tinha angariado muitos votos da população só pela sua beleza, não era muito jovem estava na casa dos trinta já, assim como o próprio Rodrigo.

—Eu preciso saber como você e Alana se conheceram, e preciso de algo que possa nos ajudar, a entender o porquê do sequestro dela.

—Se eu soubesse de algo que pudesse levar-nos ao encontro dela, eu diria imediatamente, mas não tenho muita coisa que possa se de grande valia. Eles entraram em contato comigo apenas uma vez dizendo que queriam o resgate, esperei um novo telefonema, mas até agora nada e já fazem mais de duas semanas que ligaram estamos caminhando para um mês já — Rodrigo notou que embora o homem a sua frente mantivesse a calma, estava com muita raiva ele fervia de puro ódio, sabia como era estar naquela situação, e a conversa que teve com Grey na noite anterior só aumentou a empatia pelo Deputado — Entenda uma coisa policial. Eu fui o primeiro a querer estar aqui , mas não tive apoio da família dela naquele momento e paguei pessoas na casa da família Haddad para me ajudar a procurar por algo que nos ajudasse, foi aí que encontraram a fita de vídeo e eu trouxe de imediato para vocês. É minha esposa e eu a amo, não quero nem pensar no que pode estar acontecendo com ela – a boca do homem já era fina e quanto mais ele a comprimia mais fina ficava.

—Compreendo sua dor, porém tomaremos todas as medidas cabíveis para que os sequestradores paguem pelo ocorrido.

Victor se levantou em um ímpeto de fúria, bateu com a mão da mesa proferindo blasfêmias, estava cansado de se segurar e naquele momento estava cada vez mais percebendo sua incapacidade de ajudar em qualquer coisa.

Embora Victor fosse alto e de porte atlético, parou de falar e de andar quando se deparou com Rodrigo a sua frente com cara de poucos amigos, o que o intimidou, mas claro que ele nunca iria admitir tal sentimento.

—Eu vou deixar uma coisa bem clara para o senhor Deputado. O senhor poder ser Deputado pode ser quem você quiser, mas dentro da minha delegacia dentro da minha sala de interrogatório, e na minha presença. Eu exijo respeito e exijo o mesmo respeito que eu

lhe dispus. Estamos entendidos.

—Claro. Você tem toda a razão eu me excedi, me desculpe!—reconheceu sentando-se — Mas é muito difícil imaginar que o ordinário que fez isso pode amanhã ou depois não ser punido como se deve. – esse sentimento ele conhecia muito bem.

—Não vou tirar sua razão quanto a isso, mas vamos nos ater aos fatos OK!

—Com certeza — assentiu Victor agora visivelmente mais calmo.

O restante do depoimento seguiu tranquilo, sem muitas novidades as quais Rodrigo pudesse agregar ao caso. Pelo que parecia eram um casal normal, ambos se apoiavam e o que deixou Rodrigo mais atento é que Alana era muito ligada a causas sociais, mas nada de radicalismo. E essas causa ajudaram e muito na eleição de Victor como Deputado.

—Só mais um pergunta antes que o senhor se vá — Rodrigo disse interrompendo a saída do mesmo.

—Claro em que mais eu posso ser útil detetive? – o homem estava realmente acabado, era visível o desalinho dele depois da explosão de raiva.

—Sua esposa sofre de alguma fobia? Medo de algo? — Victor olhou com espanto para ele e disse.

—Agora que mencionou detetive, me lembrei de que ela não gosta de lugares fechados como elevadores. — disse mais para si mesmo.

—Elevador!—espantou-se Rodrigo.

—Sim! Mas em que isso pode ajudar?

—Não em muita coisa, mas já é um grande passo.

Victor saiu do prédio anexo a policia federal, com o coração ainda pesado e pensando em quem sequestrou sua esposa. E o que queriam em troca se ate o momento não tinham mais entrado em contato com ele, sentia-se a com aquela situação, ficava imaginado se tinha alguma coisa a ver som o dinheiro de recebeu por facilitar licitações. Era um dinheiro fácil e não ia atrapalhar ninguém, mas tinha recebido uma ameaça de ficar de boca fechada. E o pior não podia nem mesmo dizer isso para a polícia, se fizesse estava fadado à prisão por peculato. Pelo menos o detetive parecia ser muito competente e pelo que ele mandou investigar era um homem honesto e dedicado ao que fazia, mas isso não amenizava sua preocupação. Ele era um homem de política e tinha que manter a posição sua e sua mascara de que estava tudo bem, isso ajudava a fazer a pessoas pensarem bem dele e apoiarem sua candidatura, mas lá no fundo sentia-se destruído, principalmente por que amava muito sua esposa e se seu casamento foi o dia mais feliz de sua vida também foi o pior deles. Pensando assim entrou em seu carro e seguiu para reunião que teria logo mais, tinha que continuar com a vida para que nada chegasse à imprensa.

Em outro local da cidade um homem sentado em frente ao computador, pensava em como tudo estava caminhado em seu plano. Claro que muitos haviam falhado. “Mas

agora contratei alguém especial! O telefone tocou despertando-o de seus pensamentos. Quem sabe aquele idiota que contratei tem alguma coisa a dizer” - Atendeu!

—Alô?

—E ai chefe? Tudo beleza?

—Se tivesse tudo beleza você não estaria trabalhando para mim idiota!—rosnou.

—Calma chefinho! Se me tratar assim não vou dizer o que eu descobri—brincou o outro.

—Se você não me falar. Eu mesmo arranco de você — ameaçou e agora já se encontra de pé e andava de um lado para o outro na sala que começou a ficar pequena.

— Acredito que não consiga cumprir com sua promessa chefe, ou gostaria de conversar comigo mesmo? – a pergunta suave e feita pausadamente levou um arrepio as costas do homem que cessou sua caminhada. – Acho que entendeu não é?

Aquele cara era perigoso e o chefe sabia disso melhor que ninguém, algumas pessoas é melhor manter por perto, principalmente os loucos.

—Nosso assunto está na cidade! E acho que podemos terminar o serviço.

—Sabe onde se encontra?

—Sim claro! Eu sou muito eficiente! E tudo o que faço é com perfeição chefe!

—Siga o plano — desligou.

Grey estava particularmente entediada naquele dia, era três horas da tarde e ela já tinha limpado o apartamento e feito comida para o jantar. Tinha tomado banho e trocado de roupa estava com um short curto azul e uma camiseta do Rodrigo que ficava grande nela, deitada no sofá da sala deu graças por terem comprado algumas peças de roupas para ela. Não tinha mais nada que pudesse se ocupar até mesmo umas tralhas que estavam embaixo da pia da cozinha ela já tinha arrumado deixara tudo limpinho e agora não tinha mais nada lá. *Será que Rodrigo vai gostar?* Pensou.

Tinha a sensação de ser uma pessoa ativa, não se sentia uma inútil. O que era estranho já que não se lembrava de nada. *“Será que eu era uma dona de casa com filhos e marido? Ou era uma profissional muito ocupada? Será que eu estudava?”*

—Droga ficar pensando nisso não vai me ajudar em nada — bufou — E melhor eu...

A campainha soou e ela não tinha recebido nenhum recado de que alguém viria, nem mesmo do porteiro havia avisando que tinha alguém subindo. Levantou-se foi até a porta e olhou pelo olho mágico, viu dois homens estavam com capuz preto parecia máscara de frio. Então em um lapso ela entrou em pânico, saiu correndo pelo apartamento tentando achar um lugar por onde pudesse sair, mas não achou nenhuma saída que não fosse pelas janelas e como estava no ultimo andar não iria arriscar.

Então procurou um lugar para se esconder nada! Seu coração batia a mil por hora

ela sentia dificuldade em respirar. Foi até o quarto pensou em entrar de baixo da cama logo descartou a ideia seria o primeiro lugar onde a procurariam.

A campainha não parava de soar a deixando maluca. Entrou na cozinha olhou para a pia, nesse momento escutou uma batida na porta com se alguém quisesse derrubá-la. Entrou no gabinete que era muito apertado para uma mulher de um metro e setenta, mas se contorceu sem saber o porquê só que tinha que se esconder era uma necessidade física, era necessidade de viver!

Contorceu-se bateu a cabeça os braços e conseguiu fechar as portas, nesse instante ela escutou a porta ser aberta ouviu vozes e passos pelo apartamento. Ficou tão quieta que mal respirava, tinha os joelhos encostado-se ao queixo e começou a rezar para que não a encontrassem.

—Hei!—gritaram do lado de fora — Hei cara! Você disse que mina tava aqui meu? Cadê?

—Sei lá meu! Já procurou no quarto?

—Já — continuavam a falar.

—Nada no banheiro também, e embaixo da cama se procurou?

—Claro seu otário, foi o primeiro lugar que procurei nos armários também só que nada. Você disse para o patrão que ela estava aqui meu — gritava — E ela não está, e o pior meu! Pô meu não esquece que nois ta na casa de cana! A gente tem que sair logo daqui mano!

—Tá bom mano! Eu já sei meu! Caralho! Vê se cala a boca e não dá uma de histérico! Pôrra!

— O chefe queria essa mina morta, nem sei por quê. Mas nois tem que dar fim nela. Ele disse que ela já tinha se safado uma vez...

—E ai! Nada cara?! —Entraram na cozinha e Grey podia ouvir os passos, ficou estática suave frio.

—Nada meu! Caralho essa mina é foda! Será que saiu antes de nois entra?

—Pô cara o patrão vai ficar fudido da vida meu! Se sabe que ele tinha que entregar esse serviço hoje! A gente vai se ferrar também mano! E aquele cara é pirado, mano nois tá fudido.

—Vamos embora cara se nois ficar aqui vai fede mano. Os cana já de deve estar vindo!

—Vamos dar uns tiros para vê se tive alguém aqui vai conhecer o capeta! Eh...

—É isso ai meu ainda bem que nois tem silenciador!

—É!!

Grey escutou os disparos surdos e ficou mais nervosa com a possibilidade de acertarem ela também. Eles estavam usando silenciadores. Mas o barulho era persistente, atiraram para todos os lados na cozinha também. Ela se esmerou para ficar em silêncio

tapo a boca com a mão chorando silenciosamente naquele aperto que se encontrava e rezando para não encontrarem ela ali.

Após isso ela os ouviu andando pelo apartamento até que não ouviu mais nada, ficou em silêncio até ter certeza de que não tinha ninguém lá. Saiu do gabinete tremendo toda dolorida, com muita calma foi até a sala e viu que o apartamento estava todo revirado. Tinha marcas de tiro por todos os lados e principalmente na cama. Pegou o telefone e discou para o número do Rodrigo ele precisava saber disso.

Rodrigo estava analisando algumas fotos que foram extraídas da fita que Victor lhe entregou naquela manhã, quando seu celular tocou distraíndo-o.

—Corona — atendeu.

—Rodrigo?—falou a voz chorosa do outro lado da linha.

—Grey?! O que foi? Por que esta chorando?

—Rodrigo eles entraram aqui e... Você precisa vir aqui eu estou com medo!—ele podia sentir a apreensão na voz dela. – Acho que fui baleada.

—Calma!—ordenou—Fique calma que eu já estou indo para ai!—desligou e gritou — Alan vem comigo tenho uma emergência em casa! Vamos!

Um passado

Cidade de Veneza Itália, vinte três anos antes.

Desse episódio não tenho muitas informações, talvez as mais necessárias para compor um drama. Mas o que temos está aí. Vamos acompanhar um pouco da história, voltar alguns anos e dar um contorno melhor na história.

Samira andava tranquilamente pelas ruas de Veneza, sempre sonhou em conhecer aquele lugar os sonhos. Ela amava as fotos e tudo que tinha a ver com a cidade considerada uma das mais românticas do mundo! Era estonteante ver tudo a sua volta e ouvir um novo idioma daquele ela mesma estava acostumada a falar e ouvir. Estava encantada com tudo, e mesmo não sabendo pronunciar ou entender muito bem no idioma local, se divertia muito com casa aprendizagem. Ela tinha tido o privilégio de ir nesse passeio com uma tia eu embora fosse uma senhora de idade avançada, não criava problemas à cerca de ela passear pela cidade. Estava tão distraída que não viu o homem na sua frente quase se chocando com ele, e só não o fez por que este a cumprimentou.

— *Buon giorno, bella signorina!*

Samira se assustou tanto, que quase caiu não fosse pelo belo moço que segurou seu braço teria se estatelado no chão. Alto, forte, vestia um suéter verde e calça jeans, tinha as linhas do rosto bem traçadas, quase como se fosse esculpido em mármore, e olhos que até então ela nunca vira, cinza.

— *Buon giorno.* — respondeu ela no mesmo idioma.

— Vejo que não é daqui *signorina!* – em inglês perfeito ele se pronunciou.

— Vejo que você acertou. — brincou ela, utilizando o mesmo sotaque dele. E falando em inglês também.

— *Parli bene la nostra lingua!*

— Não tanto quanto o inglês, mas se posso observar você também não é veneziano—Ele se espantou com a perspicácia dela.

— Demétrio Callow, e qual a sua graça *bella ragazza!*—Ele a pegou a mão dela e beijou, em um gesto de cavalheirismo.

Samira estava encantada com aquele homem, não era muito mais velho que ela, perdida em seus pensamentos não percebeu que ele esperava uma resposta.

— Desculpe! Costumo divagar de vez em quando.—disse—Meu nome é Samira Ahmad, é um prazer conhecer você.

—Não mais do que o meu em te conhecer. E como você disse não sou veneziano.

—Eu imaginei, seu sotaque é diferente. – ela sorriu timidamente.

Demétrio estava encantado, *belíssima*, cabelos e olhos negros, morena, não um moreno bronzeado, mas um moreno pálido diferente das moças que conhecia, e tinha uma boca linda carnuda. Era uma moça muito esperta e inteligente, pelo que ele pode analisar.

—De onde você é?—perguntaram juntos, e riram juntos.

—Primeiro as damas.—disse fazendo sinal de com as mãos.

—De que lugar você é?

—Eu sou da Grécia mais precisamente Atenas —Samira ficou espantada, sempre gostou daquele país, tanto quanto gostava da Itália.

—Atenas! Que legal eu adoraria conhecer!—disse com ar sonhador, cativando-o mais ainda.

—É a sua primeira vez em Veneza?

—Sim, cheguei dia primeiro.

—Veio sozinha *bella*? —Segurando uma de suas mãos.

—Vim com uma tia.

Ele continuava segurando sua mão. Samira sorriu.

—Tenho que voltar para o hotel a minha tia está esperando—anunciou de repente sentindo o coração acelerar.

—Permite que eu a leve até lá? – ela estava achando estranha aquela cortesia, nunca tinha sido cortejada daquela forma. Sempre fora em escola feminina e seu pai era muito protetor com ela, logo não tinha muita experiência com nada. Estava tremendamente deslumbrada com aquele homem, lindo e encantador. Seu pai não era assim com a sua mãe e aquilo era muito tentador.

—Eu aceito. – disse timidamente.

Caminharam lado a lado conversando sobre amenidades. Ele descobriu que ela tinha dezessete anos que era brasileira e que estava de férias, na casa de sua tia. Ela descobriu que além de grego era fotógrafo e tinha vinte e dois anos, trabalhava em Veneza havia pouco tempo, mas ele morava na Itália desde seus nove anos.

—Então é brasileira? Mas seu sobrenome é Árabe.

—Já ouviu falar no meu país? Sim, meu pai foi para lá muito jovem assim como você.

—Sim, terra tropical do carnaval e do café—ela torceu o nariz.

—O que foi disse algo errado?

—Não é só isso que tem lá!—defendeu.

—Não, realmente não. *Perdonami!* Também tem *bellas* mulheres como você!— disse isso levando a mão dela ao peito.

Continuaram caminhando então ela pensou alto.

—Estar aqui é como estar em outro mundo.

—Sim, eu sinto o mesmo *signorina*.

Ele se sentia bem ao lado dela, era como se a conhecesse toda a sua vida, nunca imaginou que um dia pudesse sentir algo parecido.

Chegaram a uma um hotel se situava perto de um pequeno canal, não era muito suntuoso mas tinha certo charme que representava a cidade.

—Aceitaria um convite meu *bella*?

—Depende não o conheço direito—disse com certa precaução.

—Gostaria que jantasse comigo?—ele viu um brilho de interesse em seus olhos.

—Talvez outro dia, afinal não nos conhecemos.

—Então, vamos reparar esta falha, que tal eu te levar para uma pequena volta na cidade? – ela pensou nessa oportunidade e seu coração falhou uma batida, estava eufórica com tudo o que estava acontecendo era de certa forma mágico!

—Podemos dizer que sim...—brincou ela.

—E que tal amanhã? – ele estava ansioso e a voz transparecia isso, tanto que até Samira notou.

—Eu aceito.

Theé mou, den pistévo óti déchtike! Estava eufórico por ela ter aceitado que quase não se conteve, seus pensamentos em sua língua materna pulavam em sua mente tamanha sua alegria.

Encontraram-se no dia seguinte, e ele lhe apresentou Veneza pelo ângulo que ela não tinha visto antes. Becos e ruas das quais ela jamais pensou em passar principalmente naquela viagem, onde só conheceria a cidade por cima.

Quando passaram pelo Grand Canal, por causa do calçamento que era irregular ela tropeçou caindo em seus braços, ao levantar o rosto se deparou com o dele e o inevitável aconteceu um doce beijo tão doce que o deixou ambos sem fôlego.

Era o primeiro beijo dela, seus lábios nunca haviam tocado outros e ele percebeu a inocência dela, e se encantou.

—Desculpe—disse ele, nem um pouco arrependido.

—Foi meu primeiro beijo...—confessou ela com ar sonhador, tocando levemente os lábios com as pontas dos dedos deixando Demétrio extasiado.

—Você é tão linda. Tão perfeita, que mais parece um anjo! *O ypérochos ángelos mou!*

—O que você disse? —Ela não entendia aquela língua.

—Segredo!

— Mas falando dessa forma você é muito convincente, desse jeito vou acabar acreditando no que fala—só então, ele percebeu que ela não tinha noção da própria beleza.

Ela era uma pessoa simples, usava uma calça jeans e suéter verde valorizando mais ainda seus lindos cabelos negros.

—Quando você vai embora?—perguntou assim que recomeçaram a andar.

—Daqui dois dias—ele se decepcionou.

—Eu imaginei que ficaria mais tempo.

—Tenho certas responsabilidades no Brasil.

—É você me falou que ajuda seu pai na empresa.

—Podemos ficar juntos nesses dois dias ainda.—aquilo soou como uma promessa.

Algo dentro dela despertou, após o beijo que pareceu uma doce carícia.

—Posso te pedir um favor?—ele perguntou.

—Claro.

—Como você vai embora logo será que eu poderia tirar uma foto sua—ela se encantou com o pedido. *Ele quer uma foto minha, ah, ele quer se lembrar de mim.* Estava eufórica e não podia negar aquele pedido. E talvez não quisesse negar o pedido, ela sempre tinha sido uma boa filha, mas estava se deixando levar pelo seus desejos naquela viagem, principalmente porque a sua tia estava muito cansada e não queria acompanhar ela pela cidade, e estava sendo descuidada com a sobrinha. Mas a tia tinha plena certeza que a sobrinha era uma pessoa de juízo, o que ela não contava era com a paixão que muitas vezes vira o coração de pessoa maduras, quanto mais de jovens inocentes que nunca teve qualquer tipo de liberdade.

—Claro, com toda certeza. — ao aceitar o pedido estava selando seu futuro sem ao menos saber.

—Então vamos até meu apartamento, tenho um estúdio lá.

Ela não estava raciocinando direito, mas de uma coisa ela tinha certeza queria estar perto daquele homem, e queria mais um beijo como aquele que eles trocaram. *Mas será que é prudente, talvez não seja.* Mesmo pensando assim não conseguiu se impedir de viver aquela aventura, a única aventura que teria na vida, pois sabia que seu pai estava procurando por casamento para ela.

Seguiram pelas ruas estreitas cortando caminho, como Demétrio conhecia muito bem a cidade.

Chegaram a um conjunto de casas, e apartamentos, entrando por vielas e portas subiram uma escada chegando a um apartamento pequeno com moveis austeros e vigas de madeira no teto.

Em um canto da sala, ela notou que as paredes eram brancas e tinha como se fosse dois holofotes, deveria servir como estúdio.

—Eu não deveria ter vindo—pensou em voz alta.

—Por que *bella*?—ele estava confuso —Esta com medo de mim? – havia dor nos olhos cor de prata.

—Não! Claro que não!—estava indignada.

—Não tenha medo de mim *bella*—tomou a mão dela e beijou dando confiança a ela beijou suavemente seus lábios em uma promessa doce.

—Jamais faria algo para te magoar.

Os jovens são tão impudentes, eles acreditam que o mundo começa e termina neles, não medem as consequências.

O Sol da tarde no final do dia penetrava pela janela, tocava suavemente seus corpos. “*Como fui fazer isso, mas não me arrependo, foi maravilhoso.*” Ela sentiu o peso sobre sua perna, olhou para o lado e viu o rosto daquele que ela já amava. Tinha ouvido falar em amor à primeira vista, mas nunca imaginou que isso pudesse vir a acontecer. Em seu coração juvenil era como se ela estivesse vendo o próprio sol.

Demétrio ao acordar viu que um par de olhos negros que o observava em adoração total, ela era tão inocente, tão pura e era só dele.

—*Bella!*—elogio, e foi recompensado com um suave e tímido beijo.

Ela se levantou e começou a procurar as peças de roupa, que estavam espalhadas pelo quarto, ele a observava sentindo um aperto no peito e se deu conta de um fato. *Ela vai embora!*

—*Bella?*—ela se virou para encara-lo —Aonde pensa que vai?

—Para o hotel minha tia está me esperando e se eu demorar ela vai surtar—estava sendo difícil, fazia apenas dois dias que se conheciam, mas parecia que toda sua vida tinha sido ao lado dele.

Ele se levantou desesperado, sem se importar com a nudez de seu corpo, afinal ela já o conhecia mesmo.

—Não pode ir! Case-se comigo *bella*?—olhou para ela esperando ansioso pela resposta. —Vamos formar uma família juntos! – os olhos dele brilhavam de esperança e ela sabia que não conseguiria retribuir essa esperança.

—Não... Não posso. —admitiu caindo no chão, chorando muito. Demétrio ficou pesaroso por um momento, mas abaixou-se ao lado dela para tentar entender o que estava acontecendo.

—Por quê?—abaixou-se ao lado dela no chão.

—M...meu pai não permitiria...—caiu novamente em prantos por saber que aquele amor que viveu, não poderia se repetir. Moravam muito longe e, além disso, tinha seu pai que era muito controlador e não permitiria que sua única filha se casasse com um homem que além de estrangeiro não tinha posses e não fazia parte da sua comunidade, da sua religião! Isso atingiu ela com força total! Como ela tinha se deixado levar pela paixão dessa forma.

—*Bella*, você esta me rejeitando... – a voz dele era quebrada.

—Não você entendeu errado!—começou a se explicar—Não sou eu que não o quero, sou menor de idade ainda não posso decidir por mim mesma tente entender, por favor... Meu pai mandaria pessoas atrás de nós e seria muito perigoso para você.

—Eu compreendo, mas não me peça para entender —apertando a mão dela a beijou um beijo com sabor de castigo por ela o estar deixando.

Ambos se vestiram sem nenhum comentário, cada um com sua dor, cada um com seu pensamento. Ele a encarou no instante em que ela colocava a mão na maçaneta da porta e disse.

—Antes que você vá, quero lhe dar um presente—ele foi até a cômoda, abriu a primeira gaveta e de lá ele retirou uma corrente de ouro e nela pendia um medalhão do mesmo material.

—É a única coisa de valor que eu possuo. E agora é sua, assim como meu coração —tomada pela emoção do momento ela recomeçou a chorar, correu até ele e o abraçou beijando aquela boca da qual sentiria muita falta.

—Oh meu amor, vou sentir tanta sua falta... Não posso deixar meu contato com você... Eu queria muito, mas meu pai...

—Não diga nada, *bella* apenas aceite meu presente.—dizendo isso, colocou o medalhão nas mãos dela—Assim eu vou poder te encontrar, sempre use *bella* nunca tire de seu pescoço.

—Nunca vou tirá-la, e quando eu atingir a maior idade eu volto para te encontrar —olhou para o medalhão que era pequeno e redondo, formado por duas partes como um relicário, na frente tinha uma imagem de folhas minúsculas e na parte de traz tinha as inscrições DVC parecia ter sido escrito com algum prego.

— *Elpízo étsi, agápi mou!* Assim espero amor. E esse é o numero onde pode me encontrar. Se precisar de algo... —ela olhou para papel tentando não nutrir esperança.

Saíram e ele a levou até o hotel onde estava hospedada sentiu que seu peito iria explodir de tanta dor, além do nó que estava na sua garganta impedindo que ele falasse. Ao chegarem ele a abraçou sentindo-a tremula, ela também o amava, mas nas atuais circunstâncias ele sabia que se ela ficasse, teriam muitos problemas principalmente com a justiça, ela era menor o pai dela tinha todos os direitos sobre a filha, coisa que no momento ele não tinha como combater. Ela não disse muito a respeito da família, parecia sempre se esquivar dessas conversas como se quisesse esquecer tudo aquilo, e ele não a forçou. Quando se deixa alguém livre é mais certo que essa pessoa retorne ao seu lar e ele

tinha esperança de que ele fosse esse lar.

Ele olhou para seu rosto querendo gravar as feições dela, pois não tivera tempo de tirar uma foto dela como lembrança, e agora ele estava ali medindo cada centímetro do rosto dela para que não pudesse esquecer. E ela apertou seus braços sentindo o perfume da pele daquele que ela tanto amava.

—Nunca se esqueça de mim eu amo muito você. *Agápi tis zoís mou!* Amor da minha vida!

—Jamais esquecerei você também não se esqueça de que eu também te amo. *Habia alwahid!* —ele se espantou com as palavras.—Você vive falando no seu idioma, esse é árabe uma das poucas palavras que eu sei — os olhos dela brilhavam.

—E o que significa? — Perguntou ele com os olhos prateados curiosos. À noite o fazia mais belo seus cabelos cor de trigo estavam agitados ao vento.

—*Habia alwahid* significa meu único amor. Pois é isso que você é para mim.

Foi uma despedida triste, ele ficou horas na frente do hotel tentando ardentemente não entrar lá e leva-la embora. Mas sabia que tudo só pioraria. Ele deixou o contato dele com ela, mas ela não deixou nada com ele. Isso o deixava inseguro, mas tentou não desanimar e ficou escondido na frente do hotel até o dia seguinte, quando a viu saindo do hotel e parecia miserável, assim como ele se sentia. Ficou olhando o taxi as levar embora do país e longe dos seus braços.

Ao chegar à fazenda dias depois estava arrasada, não tinha apetite nem vontade de fazer nada, sua mãe notou, mas por ser muito reservada não disse nada, já seu pai não era da mesma opinião, ao ver o medalhão no seu pescoço perguntou onde ela tinha comprado omitindo a história ela disse que havia achado no chão próximo ao hotel e quis ficar como lembrança da viagem.

Com o passar dos meses ela começou ficar desesperada, sua regra parou de vir e o ventre começou a crescer, ela usava roupas largas, os vestidos e os véus ajudavam a disfarçar o volume da barriga. Ela apertava com faixas, mas uma hora ficaria evidente demais. Tinha perdido muito peso, quase não conseguia comer. E parecia que a barriga só aumentava mais do que o normal! Ela não sabia o que fazer... Samira tentou ligar para o número que Demétrio tinha dado a ela, mas não conseguiu se comunicar. Nunca completava a ligação e ela chegou a pensar que talvez tivesse sido enganada. Lembrava-se das coisas como se tivesse acontecido há muito tempo. E estava ficando com a mente nublada, devido ao medo que rondava sua mente. Sua mãe estava começando a suspeitar de tudo. Os olhos sagazes da sua mãe que embora fosse silenciosa era extremamente inteligente a deixava incomoda. Mas percebia que a mãe tentava esconder a filha na presença do pai, como muita sutileza.

Um dia estava se trocando e esqueceu a porta semi-aberta, Jamil passou e viu pelo vão da porta sua filha, e para seu horror ela tinha o ventre redondo evidenciando uma adiantada gravidez, sem se conter entrou no quarto como um furacão, partiu para cima dela

e deu-lhe uma bofetada, fazendo com que ela perdesse o equilíbrio caindo no chão levou a duas mãos ao ventre para proteger do impacto.

—Sua leviana, cretina eu te dei tudo e não foi o suficiente, tinha que me fazer essa vergonha — gritava com ela ergueu a bota e armou um pontapé.

—Não!—ela gritou, enrolando-se com uma bola, mais desesperada em proteger seu filho do que proteger a si mesma.

—O que esta acontecendo aqui!—gritou Leila sua mãe entrando no quarto, socorrendo sua filha que estava enrolada no chão — O que pensa que esta fazendo Jamil Ahmad?! Quer matar sua filha? Quer cometer esse pecado perante *Alá*!

— Cala a boca mulher se não quiser ter o seu também!

— Marido! Sei que não posso falar muito, mas você pode ir preso. —ele olhou com desprezo para sua esposa, mas no fundo sabia que ela estava certa.

As leis desse país eram diferentes, seu coração estava quebrado sua linda filha tinha arruinado tudo, olhando para ela ele respirou e disse:

—Não!—gritou e apontando o dedo para Samira ameaçou—Não pense você que eu vou criar um bastardo, por que não vou entendeu! *Alá* tenha misericórdia de mim que cai em desgraça por causa de uma filha irresponsável.

—Não é um bastardo é...

—Cala boca cretina! Aqui quem manda é eu e se eu digo que não vou criar um bastardo é por que não vou—saiu do quarto batendo todas as portas da casa.

Samira que deveria estar no sexto mês de gestação sentiu a criança mexer no ventre, e embora estivesse sentindo dor se alegrou por que o fruto de seu amor estava bem. A barriga estava muito grande e era extremamente difícil de esconder Ela tinha feito bem em esconder a barriga porque sabia que teria que abortar se seu pai tivesse sabido antes. Mas os dias dela não seriam tão felizes como ela imaginava.

O Presente

Fazenda São Francisco, interior de São Paulo, dias atuais.

Samira entrou no quarto da mãe, um quarto decorado em estilo rústico de fazenda, a luz entrava pelas janelas abertas, balançado as cortinas brancas e trazendo o aroma da terra na brisa. Ela encostou-se à janela olhando para fora vendo os campos que rodeavam a casa e o jardim de rosas. Na cama estava uma mulher agonizando os médicos disseram era questão de dias, ou horas... Ela quis voltar para casa e Samira atendeu seu pedido, nada era mais triste do que não ter suas vontades respeitadas. Ela não iria viver muito mais e não achou justo prolongar o sofrimento, contratou enfermeiros para manter os remédios sedo medicados de acordo com a orientação dos médicos. Ela não tinha muito apego pela mãe ou pelo pai. Esse amor ou adoração que os filhos nutrem pelos seus genitores, ela já não tinha mais. Viu muita coisa ruim na sua vida, principalmente por parte do seu pai, mas sua mãe... A omissão dela doía mais que os ataques do seu pai.

No ultimo ano sua mãe desenvolvera câncer de mama, que se agravou devido ao fato dela ter escondido a doença até ela estar tão avançada que não se podia fazer muita coisa. Sua mãe estava deitada na cama e no alto dos seus 72 anos não tinha muita força para as sessões de quimioterapia que judiava muito dela.

—Filha... Sami... vem aqui — chamou com uma voz muito fraca.

—Sim mamãe — Samira saiu de onde estava atravessando o quarto fazendo barulho pelo chão de assoalho e ajoelhou-se ao lado da cama.

—Eu...eu tenho...algo...para lhe dizer—ela estava muito cansada e a voz estava muito fraca.

—Estou ouvindo mamãe pode dizer o que você quiser. — o rosto vincado da sua mãe estava pálido e seus olhos quase sem foco.

—Preciso dizer antes... antes... Já não consigo mais manter meus olhos abertos... A criança...a...criança que você teve...

—Mamãe, temos que lembrar isso agora?—ela se incomodava muito com aquele assunto, pois era doloroso lembrar-se do bebê que morreu.

—Eu... preciso falar...o bebê...o bebê... — ela parecia desesperada e aquilo mesmo contrariada Samira não podia negar.

—O que tem o bebê? — disse ríspidamente.

—Não morreram... — a voz débil da sua mãe

Foi com se jogassem um balde de água fria em sua cabeça. Samira ficou chocada afinal seu bebê morreu seu pai lhe disse isso, e sua mãe confirmou. Ela se levantou e

cambaleante sem conseguir ligar os fatos. Ela havia entrado em depressão por quase um ano não comia e às vezes passava dias sem beber nem mesmo água, até hoje se sentia depressiva e revivia aquele dia todas as noites, ano após ano. Ligou varias vezes para o numero sem sucesso de contato com Demétrio. Não teve força nem vontade de voltar à Veneza quando atingiu a maioridade. E quando ela completou 25 anos seu pai morreu de infarto fulminante enquanto caminhava pela fazenda.

Sendo assim assumiu todos os compromissos das empresas, e passou a administrar os bens e cuidar de sua mãe. Sem o pai para pressioná-la, o mundo dos negócios era comandado quase que na sua maioria pelos homens e as empresas parceiras de seu pai, estavam nessa maioria. Não foi levada a serio no meio empresarial e teve que lutar muito para conquistar seu lugar. Concentrou-se no trabalho e rejeitou qualquer proposta de casamento que lhe apresentavam. Continuou a seguir no islamismo por um tempo depois da morte de seu pai, mas inevitavelmente abandonou tudo, não por não concordar com aquilo, mas por desanimo mesmo.

Seu pai morreu sem perdoá-la pelo que ela tinha feito, a tratava com desdém e por vezes fingia que ela não existia, sentiu-se tão profundamente culpada pelo que fizera, viu a morte de seu bebê como um castigo merecido, embora pensasse que nenhuma mãe tinha que passar por aquilo.

—Está querendo-me dizer que sofri todos esses anos, à toa?!—gritou.

—Eu prometi par seu pai que nuca contaria...

— Mas ele já morreu há muito tempo! – era total indignação que ela sentia. — Você sabia!—gritava apontando para a mãe que jazia na cama — O tempo todo?! E me deixou sofrer... E agora no seu leito de morte quer me dizer o que?

— Você ao menos foi respeitada por todos, e teve a ajuda necessária para progredir e não deixar o sonho do seu pai afundar.

Lgrimas de dor, saltavam em seus olhos escorrendo pelo rosto, sem conseguir conter a dor e a esperança que transbordava no peito.

—Eu prometi ao seu pai... E depois de tantos anos... Que diferença faria? — disse aquilo como se fosse à coisa mais normal.

—Mãe! Eu sofri, eu me condenei, não vivi a minha vida por me sentir culpada!

—Me perdoe e perdoe seu pai também...— Samira começou a andar pelo quarto, como um animal preso em um gaiola. Era assim que ela se sentia presa, por todos esses anos, e afastada de seu bem mais precioso, aquele pelo qual chorara tantas noites. Era injusto que agora no fim da vida dela, ela quisesse paz mental e por isso deixava a própria filha sem essa mesma paz.

—Sabe aquele medalhão?

—Sim o que sumiu, achei que papai tivesse jogado fora.

—Eu coloquei junto como algo que você pudesse identificar...

—Para onde papai mandou o bebê?

—Isso eu não sei...querida...Mas não é só isso... tem mais você precisa saber sobre...

—E por que agora mamãe?—sua mãe chorava.

—Eu...vou...morrer e não queria...levar esse...segredo para...o tumulto.

—E o que é mamãe?—o que tinha a mais para ela saber

—Era...Eram...dois... duas...—não conseguia mais falar.

A voz sumiu o braço pendeu ao lado da cama, Samira chamou, gritou pela mãe, balançando seu corpo, nesse momento a enfermeira entrou no quarto afastando-a, tomou o pulso da paciente e constatou o obvio. Samira desabou no chão chorando por tudo, pela morte da mãe e pelos anos que perdera de seu filho e acima de tudo por não saber onde encontrar o bebê, não um, mas dois, não duas! Foi o que sua mãe disse! Levantou a cabeça, pois sua mãe tirou um peso dos seus ombros e agora ela tinha uma esperança muito maior. Iria encontrar com todo o custo que tivesse, nem que tivesse que dizimar as empresas. E se agarrou a esse fio de esperança que agora moveria sua vida.

Dias depois, precisou ir a capital para resolver um problema que estava tendo com a exportação, o qual somente ela poderia resolver seu melhor cliente alemão não estava recebendo o produto há uma semana e aquilo significava prejuízo.

Sua empresa era de grande porte, mas mantinha uma qualidade que poucos conseguiam, assim sua empresa estava em evidencia nos últimos quatro anos, o que aumentou e muito a demanda de tecido, quando aplicou na tecelagem nunca imaginou que o retorno seria tão certo. A fazenda produzia algodão e seda. Seu pai teria rido da sua cara se tivesse sugerido a ele isso, mas com meios certos deu uma forte guinada nos negócios e estava indo muito bem.

Nunca teve vontade de se casar, não queria um marido qualquer, queria seu Demétrio. Certa vez quando ela completou vinte e cinco anos foi até Veneza procurar por ele, mas achou apenas um apartamento vazio e nenhuma pista, procurou por mais alguns dias e tentou novamente quando completou trinta anos, mas nada, então, desistiu resolveu viver sua vida, mas nunca conseguiu se deitar com outro homem.

Ao chegar ao chegar ao saguão do hotel Hope, que se situava na Avenida Consolação, na qual havia vários hotéis. Nem mesmo reparou no lindo lustre de cristal que pendia no teto espelhado dando um ar de requinte e bom gosto. Subiu até sua suíte, e ao entrar nela o seu celular tocou, não reconheceu o numero, mas resolveu atender.

—Sim?

—Boa noite Srta. Ahmad, meu nome é Fernanda Vasconcelos da revista Empresa e Negócios tudo bom?

—Tudo ótimo, mas como você conseguiu meu numero?

—Srta. Ahmad sua secretaria me passou ele, tentei contata-la em seu escritório, mas infelizmente não consegui, e como sua secretaria me informou que você estaria aqui na capital, achei que seria mais cômodo para nosso encontro.

—Olha eu não gosto muito de dar entrevista...

—Espere antes que desligue, é muito importante essa matéria é sobre o que a Srta., está fazendo na sua empresa, com relação a agricultura familiar e a produção de Seda.

— Bem, realmente eu não gosto de dar entrevista, mas considerando o contexto da matéria, pode me encontrar aqui na minha suíte onde estou hospedada, você conhece o hotel Hope às sete horas da noite amanhã.

—Então até amanhã — ao desligar, Fernanda sentiu-se nas nuvens, Samira Ahmad nunca cedeu uma entrevista, e ela seria a primeira a conseguir algo tão raro. Iria com certeza conseguir aquela promoção! Girava e brincava com os pés na sua cadeira, deixando seus colegas de trabalho curiosos. Precisava de um fotografo muito bom o melhor para aquele trabalho, e só havia um que merecia aquele mérito, e não pensou duas vezes discou o numero esperando ansiosa para que ele atendesse.

Sabia que ele não fazia esse tipo de serviço, mas estava devendo uma para Fernanda e essa era a hora de cobrar.

—Callow—sou um voz grave do outro lado da linha.

—Oi Vi, sou eu a Nanda, eu preciso de um favor seu e você não pode me negar.

—E o que seria—ele tinha um sotaque todo especial, que dava muito charme a sua voz.

—Preciso que você faça umas fotos para mim amanhã as sete da noite.

—*Cara sabe* muito bem que não faço mais esse tipo de serviço.

—Eu sei, mas será que não poderia quebrar uma arvore para mim, é muito importante!

—E por que é tão importante?

—Olha trata-se de uma empresaria, que nunca! Escuta bem, nunca deu uma entrevista a revistas! Ela não é excêntrica, apenas não gosta aparecer. Por favor! E não se esqueça de que você ainda tem um contrato com a revista e quem foi que conseguiu! – ele pensou que ela iria cobrar eternamente aquilo.

—*Dio mio!* Já que insiste tanto, mas só vou por que seu pai que *Dio* o tenha me ajudou muito quando cheguei aqui e é claro por você.

—Você é o melhor te amo!

Vinícius nem mesmo sabia por que tinha aceitado, mas em fim não tinha nada melhor para fazer.

Às sete horas em ponto o telefone de sua suíte tocou, era o recepcionista informando que a reporte e o fotografo haviam chegado e se eles poderiam subir. Samira concordou e esperou a chegada dos visitantes.

—Claro que sim, eu os aguado e obrigado pelo aviso.

Cinco minutos depois escutou uma batida em sua porta, ao abri-la deparou-se com um a moça loira que aparentava uns vinte e cinco anos, tinha baixa estatura e usava um vestido discreto e parecia muito profissional.

—Boa noite Srta. Ahmad eu sou Fernanda Vasconcelos e é um prazer conhecê-la — disse estendendo a mão.

—O prazer é todo meu querida, queira entra por gentileza — disse olhando para fora perguntou—E o fotografo?

—Logo estará aqui, ele esqueceu alguma coisa dentro do carro, sabe como são homens.

—Claro, mas podemos começar sem ele, é que eu quero pegar a estrada logo tenho que estar em casa amanhã. Hoje estou sem minha assistente, ela ficou para trás era para ser breve a visita.

—Sem problemas, quando ele chegar nós tiramos as fotos — Fernanda observou que a suíte era decorada em estilo moderno como a maioria dos hotéis da região, Samira a fez sentar-se em uma poltrona.

—Não sei se você costuma entrevistar a pessoas assim, mas eu gosto de muita privacidade e mais uma vez me desculpe o pouco tempo — disse Samira sorrindo, ao que Fernanda a achou muito simpática, apesar da feição um pouco taciturna.

—Fique tranquila quanto a isso, até por que já fiz muitas entrevistas inusitadas. Certa vez eu entrevistei um empresário dentro do carro dele por que o homem não tinha tempo.

Samira olhou para o relógio, dando sinal de pressa, não gostava de ser grossa, mas tinha muitos compromissos.

Especialmente naquela noite Vinicius sentia o peito apertado. Estava no elevador quando uma lembrança dançou diante de seus olhos, algo que era muito difícil de esquecer. Uma linda jovem com um sorriso maravilhoso nos lábios, e um olhar que o deixava sem fôlego. *Que saudades!*

Ele detestava interromper uma entrevista, até por que tirava o foco do entrevistado, mas foi tão descuidado ao esquecer seu celular no carro. Estava esperando uma ligação muito importante.

Quando estavam no meio das perguntas, um toque na porta as avisou que o fotografo havia chegado.

Samira levantou caminhou até a porta, sentiu o ar ficar mais pesado colocou a mão na maçaneta da porta e ao abri-la o sorriso que trazia no rosto se desfez, sentiu o coração

bater descompassado, as mãos começaram a suar e com certeza perdeu a cor, pois sentiu que o sangue descia pelo seu corpo. *Não pode ser! É ele...*

Fernanda ficou preocupada com a cena que estava desenrolava ante seus olhos, nenhum dos dois dizia nada ambos brancos como papel, não entendeu nada até que Samira pronunciou um nome, foi quase um sussurro.

— Demétrio...

— Samira... *I agápi mou!*

Eles apenas se olhavam parados na porta, como se olharam por muito tempo a muitos anos antes. Os anos tinham sido generosos com ambos, a idade apenas aflorou a beleza que tinham quando jovens.

Demétrio colocou a mão no rosto dela como sem acreditar no que via.

— Desculpe... Mas vocês se conhecem – Fernanda perguntou curiosa com a cena.

E como que percebendo todo o desenrolar, ambos se endireitaram. Demétrio assumiu a postura profissional e Samira ficou mais seria como a empresaria que ela era. Ele entrou na suíte com cuidado e sem tirar os olhos da mulher a sua frente como que ela fosse uma aparição.

A entrevista transcorreu sem muita alteração, Samira respondeu as perguntas e Demétrio tirou as fotos necessárias.

—Agradeço muito o seu tempo Srta. Ahmad, e espero que veja a reportagem na próxima edição – Fernanda esperou por Demétrio.

Ele coçou os cabelos olhou para Samira e para Fernanda.

— Fernanda, vai à frente porque eu tenho um assunto para falar com a Sa... Srta. Ahmad. – Fernanda não questionou. Apenas sua curiosidade de repórter aflorou ao ultimo, mas pelo que se via não teria como satisfazer ela, no momento!

Durante toda a entrevista ele não tirava os olhos dela, primeiramente em descrença total e por outro motivo menos louvável. A beleza, uma maturidade no belo rosto, muito da menina se conservava, mas a mulher era mais bela. O que ele não gostou foi da falta de sorriso, seu rosto era austero. E tinha algumas linhas de expressão que demonstrava muito a seriedade com que levava a vida.

Quando eles ficaram sozinhos o clima ficou tenso, não conseguiam se olhar. Os anos não traziam somente emoções boas, mas ruins também. Samira observou que ele ainda era belo com aquele rosto esculpido e os anos tinham acrescentado maturidade no semblante, os cabelos da cor do trigo estavam mais claros fruto dos cabelos brancos, estava mais forte, aparentava fazer exercícios regularmente.

— Por que não me procurou? – começou Demétrio.

— Por que eu não te procurei?! – Samira tinha a voz indignada – Por que você me deu um numero que não existia! – disse apontando o dedo para ele.

— Impossível! Eu esperei você me ligar, por dias eu não tinha sequer seu número, seu nome por incrível que pareça é comum no Brasil. Vim para cá cedo, um ano depois...

— Veio para o Brasil há tanto tempo e nunca nos encontramos...

— Pelo que soube você é excêntrica... Além do mais procurei na empresa do seu pai informações sobre você, mas me disseram que não existia nenhuma Samira na família.

— Isso foi um ano depois? Provavelmente meu pai fez com que essa informação fosse dada a você – Samira sentiu tristeza profunda pelo que seu pai tinha feito a ela.

— Pensando por esse lado é bem provável, eu liguei na empresa e fui até a Sede varias vezes e obtive a mesma a resposta. Acreditei que tinha mentido para mim, que eu não passava de uma aventura para você. E segui com a minha vida.

Samira notou que a mágoa era de ambos os lados e dar vazão a ela só traria mais tristeza, e aquele não era momento para isso. Até porque iria precisar da ajuda dele para encontrar suas filhas.

— Acho que nos desencontramos na vida, fui a sua procura duas vezes, mas não tive sucesso.

— Bem agora estamos nós dois aqui...

— Sim, mas não quer dizer que os anos não passaram... E muita água correu sob a ponte.

— *I ágape mou...* – aquelas palavras carinhosas a deixava feliz como não era há muito tempo.

— Você sabe como me fazer feliz com tão pouco, na verdade sempre tive tão pouco nesse quesito durante tantos anos que as suas palavras me tocam fundo.

— É uma mulher belíssima, por que não encontrou quem a fizesse feliz? – ele não entendia, mas de certo modo seu coração agradecia.

— Sofri muito quando nos separamos, e tive a certeza na minha mente que você tinha me enganado, mas mesmo assim meu coração negava casa um dos meus pensamentos. E agora olhando para seu rosto vejo a certeza de que nunca faria isso. Muitas vezes a vida e as pessoas são cruéis. E comigo tenho provas no meu corpo e no meu coração dessa crueldade.

— *I ágape mou!* O que fizeram a você – nesse momento Demétrio viu uma dor tão profunda naqueles olhos que travou seu coração.

Naquele momento ele queria abraçar e beijar ela, mas sabia que não era apropriado. Ela ainda estava ferida e precisava mais do que um amante antigo, precisava de um amigo e um companheiro.

— Estou ao seu lado agora, pode me contar o que te tortura tanto.

Uma lagrima solitária desceu pela face dela, pela face daquela mulher forte e decidida.

Como ela contaria para ele que fora incapaz de proteger suas filhas. Como contaria que lhes foram arrancadas de seus braços, os deixando vazios e doloridos. Como contaria sobre aquele ano em depressão no qual viver era mais doloroso que qualquer coisa.

Vinicius aproximou-se com cuidado traçando a linha do rosto de Samira, como que querendo gravar cada milímetro na sua mente.

As lágrimas saltavam que saltava de seus olhos, ambos ficaram se olhando como se o outro fosse desaparecer de uma hora para outra, tocaram-se para ter a certeza que aquilo era real.

Samira olhou dentro daqueles olhos cinza que nunca havia esquecido disse.

— Ainda não acredito nos meus olhos, te esperei tanto... Te procurei tanto — aquelas palavras eram repletas de dor.

— *Bella! Dio mio, amore.*

Abraçaram-se e permaneceram juntos por um longo tempo. Aquele quarto, aquele hotel eram testemunhas de uma reunião única.

—Você continua tão *bella*, quanto quando a conheci mais madura sem duvidas, mas ainda sim linda—Vinicius não cabia em si de tanta felicidade, tinha agradecer eternamente a Fernanda por tê-lo convidado a participar daquela entrevista.

—Você também, a não ser pelo cabelo que tem alguns fios brancos, mas tão lindo como eu me lembrava de você. Tenho tanto para lhe contar, que eu não sei nem por onde eu começo—lágrimas vieram aos olhos, ao lembrar-se de seus bebês.

—Por que esta chorando *bella*?

—Ah! Demétrio...eu...nós...

—Nós o que *bella*?

—Tivemos um bebê — A voz dela sumiu na última palavra... Demétrio perdeu a cor, ante as palavras dela. — Na verdade dois...

—C...co...como!— Ele procurou por uma cadeira, suas pernas não estavam sustentando seu peso.

Olhou para a mulher na sua frente e realmente a viu! O rosto estava contorcido em dor. As rugas de amargura nos cantos dos lábios. Ali estava um sofrimento que ele não fazia ideia.

— Onde estão? — tinha medo de perguntar, com medo da resposta.

— Eu não sei...

Alguém podia ir do céu ao inferno com algumas palavras ele sempre havia escutado, mas nesse momento ele experimentava cada sensação. Era pai, de duas crianças e não poderia vê-las.

— Como não sabe? Você entregou para adoção?

— Eu não, mas meus pais... — aquela simples afirmação levou o mundo de Demétrio para o fundo.

E naquele quarto de hotel, Samira contou tudo o que tinha acontecido com ela a Vinicius, lhe contou também que as crianças que tiveram, estavam vivas e a única forma de encontrá-la era através do medalhão isso se elas ainda o tivessem.

— Encontraremos nossas filhas, *bella* ou eu não me chamo Demétrio Vinicius Callow.

Altercações

Rodrigo ligou a sirene e saiu com pressa pelas ruas da capital paulista forçando o trânsito para que todos dessem passagem a ele. A direção ofensiva que aprendeu ajudava e muito, tinha de burlar trânsito caótico se quisesse chegar rápido. Aquela cidade de contornos cinza sabia ser cruel com quem tinha pressa.

—Vamos saiam da frente!—gritava da janela do carro.

—Calma cara! Desse jeito você vai bater! E assim vai ser pior ainda!—gritava Alan que estava começando a ficar com medo de sofrer um acidente. Sabia que Rodrigo pilotava muito bem, mas ele estava nervoso e desesperado. Nunca vira o parceiro perder a calma. Era um dos homens mais centrados que Alan conhecia, estava sempre pensando antes de agir, pesquisava nunca cometia erros comuns a outros.

Ao saírem da delegacia Rodrigo avisou sobre o que estava ocorrendo ao delegado, já tinha mantido segredo sobre a moça por muito tempo, tinha que ter contado logo que chegara com ela em São Paulo.

—Como pode omitir esse fato nos seus relatórios?!—gritou Gustavo Ferreira da Silva chefe de investigação da divisão de antissequestro da polícia civil.

—Chefe agora não dá para discutir sobre esse assunto — contra argumentou Rodrigo.

—Não me interessa! A sua obrigação era se reportar a mim primeiramente, antes de tomar qualquer atitude!—gritava no momento em que Rodrigo saía da sala — Volte aqui! Volte aqui Rodrigo! Vou suspender você! Droga!

Saiu do prédio entrando na caminhonete sem nem se dar ao trabalho de responder seu superior. E agora seguia pelas ruas como um doido, com o coração apertado imaginando se algo mais grave tivesse ocorrido com ela. Não queria pensar nisso, ela estava sob sua proteção! Nunca imaginou que algo ruim pudesse acontecer na sua própria casa.

Entrou no condomínio não se dando ao trabalho de estacionar corretamente, entrou em seu prédio com Alan o seguindo de perto, entraram no elevador. Havia várias viaturas de polícia paradas e uma quantidade enorme de policiais. Afinal a casa de um policial tinha sido alvejada. Ele entrou mal cumprimentado seus colegas, mas seu desespero maior era chegar a sua casa e ver Grey.

No apartamento quase não reconheceu seu lar. Estava todo revirado com marcas de tiros na sala pelo sofá, estante e paredes. Sua televisão tinha sido alvejada o cenário era de guerra. Segundo relataram não se ouviu barulho porque muito provavelmente tinham usado silenciadores. Ele tinha passado pela porta que estava arrombada. Não fosse pelo telefonema de Grey, ele demoraria muito para saber o que tinha acontecido, seu apartamento ficava próximo a região central e tinha muitos vizinhos que trabalhavam o dia

todo, era um prédio praticamente deserto. Pelo que ele foi informado entraram no seu prédio sem nenhuma resistência, podia ser que alguém facilitou a entrada. O que mais intrigava sua mente era o porquê de tudo aquilo! Alguém com rancor dele? Talvez... Mas o que ele não se conformava era que outra mulher podia ter morrido por culpa dele.

Dói e a dor que estou falando não é física, mas pode até se... O que se passa na sua mente muitas vezes dói mais que qualquer ferimento. E por vezes se sente no corpo esse efeito. E reviver um trauma é muitas vezes pior que viver uma única vez, pelo simples fato de que você já sabe o quanto aquilo dói e que será incapaz de mudar algo.

A cozinha também estava toda destruída, bem como todo o resto da casa. Era uma cena de filme, a porta tinha sido estourada.

— Grey!—gritou— Grey! Cadê você?—gritava procurando pelo apartamento entrou no quanto e não encontrou ninguém, foi até o banheiro e nada.

— Não tem ninguém Senhor! Entramos na casa e não havia ninguém... – Onde ela tinha se metido, pelo que conhecia Grey ela não tinha saído da casa. Ligou para ele.

— Grey!

Ao entrar na cozinha mal pode acreditar no que via. A porta do gabinete da pia da cozinha começou a se abrir ele empunhou a arma esperando pelo o pior, mas para sua surpresa de lá de dentro saiu ela que parecia a ponto da histeria. Os cabelos muito curtos estavam desgrehados o rosto banhado em lágrimas além de branco como papel. Rodrigo largou a arma se abaixou e a puxou para perto de si.

— Ro... —soluçava e chorava como criança—R... Rodrigo que b...bom ver você eu ta..tava com medo!—sentia-se tão bem nos braços dele que até se esquecia do ocorrido, era como se ele tivesse o poder de aliviar seu coração—Eu achei que fosse morrer dessa vez... E achei que não iria escapar... Tive tanto medo—e chorava.

—Calma eu já estou aqui e nada de mal vai acontecer com você — garantiu.

—Rodrigo achou ela?—perguntou Alan entrando na cozinha.

—Sim, ela estava dentro do gabinete — disse apontando para a pia da cozinha, sem deixar de segurar Grey nos braços.

—Caramba!—exclamou ao notar o tamanho do armário e o tamanho da moça — Como ela coube aí dentro? Bom... Acho bom você tirar ela daqui.

—Também acho—concordou Rodrigo — E já sei para aonde eu vou levá-la.

—É, mas não vai se esquecer de que precisa tomar o depoimento dela, e você sabe o porquê não é?—lembrou Alan.

—Claro. Você está certo — concordou e olhando para Grey que estava visivelmente mais calma perguntou — Você está melhor?

—Sim. Mas acho que levei um tiro... – nesse momento ele olhou para a camisa cheia de sangue.

— Por que demorou a dizer, temos que ir ao hospital imediatamente. — levantou ela no colo e começou a levar ela porta a fora.

— Acho que foi só de raspão...

— Vamos ver quando chegarmos lá — o maxilar dele estava tenso enquanto a carregava, ela tinha ganhado peso nos últimos dias, mas ainda era leve.

Os policiais se espantaram de ver a moça, mas o terror que ela sentiu só se desfez quando escutou a voz de Rodrigo. Naquele momento ela sentiu um alívio gigantesco, só que foi como se já tivesse passado por aquilo antes... Mas dessa vez tinha alguém para ajudar...

Ela foi levada de ambulância para o hospital mais próximo, Rodrigo seguiu com ela e Alan ficou para trás coordenando as investigações. Seguiram em silêncio na ambulância, ela apertava a mão dele com força, os nós de seus dedos estavam brancos. Ela não falava nada e os paramédicos estacaram a hemorragia. Parecia que tinha sido apenas superficial, mas mesmo esse mero ferimento já o deixou em pânico.

Ao chegaram ao hospital ela foi encaminhada para maiores exames, e depois quando estava em uma das camas da enfermaria, Rodrigo pode se aproximar. Tinha que tomar seu depoimento para poder acrescentar na investigação. Ele já estava com muitos problemas por ter escondido ela, e provavelmente teria mais problemas. Mas sentia uma necessidade de esconder ela, de cuidar dela.

Ele se aproximou e a viu deitada na maca, com o soro ligado. Parecia apenas soro para hidratar, mas ele não gostou da cena. Puxou uma cadeira de plástico que estava próxima e sentou ao lado da maca.

— Você está se sentindo melhor? — perguntou segurando-se para não passar a mão na tez dela.

— Na medida no possível...

— Você viu quantos eram?

—Eu só vi dois pelo olho mágico, mas parecia que tinha mais com eles... Eles estavam de máscaras, não vi o rosto.

— Você conseguiu escutar a conversa deles, sabe dizer o que queriam? — os olhos dela brilharam de pânico.

— A mim... — em um sussurro de voz. Rodrigo estranhou.

— Tem certeza...

— Sim, eles me queriam—disse pondo a mão no peito — Disseram que eles tinham que entregar o serviço hoje — e completou chocada — E o serviço sou eu morta!

—Calma não precisa se preocupar... — disse Rodrigo a vendo ficar nervosa.

— Como não! Eu fiquei paralisada de medo um cubículo! Rodrigo eu odeio lugares apertados, não suporto, mas naquele momento era tudo o que eu tinha — lágrimas

escorreram pela bela face e ela olhou para outro lado.

— Eu entendo, mas se você não me ajudar nós jamais descobriremos o que se passou por aqui. Preciso saber o que aconteceu e porque aconteceu para podermos estar preparados. Pelo visto sabiam que estava na minha casa. O que eu preciso saber é se foram por você ou por mim.

A dor nos olhos dele evidenciavam o que estava pensando, mas Grey tinha certeza de que não tinham ido lá por causa dele.

— Não foi por você disso tenho certeza, era mais como se estivessem atrás de mim em específico.

— Por que tem tanta certeza?

— Escutei eles falando que eu já tinha me livrado de uma antes... Será que foi assim que perdi a memória?

— Talvez, mas vamos nos concentrar em manter você viva e vou levar você para outro lugar.

— Para onde vamos?

— Você vai ver, não posso falar nada qualquer pessoa pode ser suspeita. – uma enfermeira passava por perto naquele instante.

Rodrigo se levantou e saiu deixando outro policial perto para proteger Grey.

Do lado de fora do hospital ele ligou do seu celular para Alan.

— O que temos? – perguntou assim que Alan atendeu.

— Não muita coisa, munição deflagrada e algumas pegadas. Não temos nenhuma digital.

— Certo, temos que manter a imprensa longe disso. Tanto você quanto eu sabemos que se ligarem essa moça ao fato em questão logo teremos uma grande dor de cabeça.

— Claro eu vou me encarregar de que tudo seja mantido sob segredo. O chefe ligou... – outro problema que Rodrigo tinha lhe dar.

— Certo eu falo com ele depois. – Delegado Silva era difícil às vezes.

— Assim espero ou vou rodar com você...

Desligou e ligou para o delegado.

— Silva.

— Senhor...

— Corona, eu soube o que aconteceu! Que merda é tudo isso! – gritou.

— Nem eu sei. Mas a moça que seu estava ajudando se parece muito fisicamente com as moças dos nossos casos, aqueles que estão sob segredo. – escutou seu chefe bufar na linha, ele não gostava de ser pressionado por ninguém e vinha sendo pelos parentes de

Alana e pelo empresário de Patrícia.

— E o que esse circo tem a ver.

— Talvez tenham se confundido com uma delas, o que indica que uma delas fugiu ou talvez as duas. No momento está tudo muito confuso, o que eu preciso é da colaboração de todos para manter isso dessa forma. Porque a partir do momento que a imprensa souber vão fazer um inferno nas investigações e só vão atrapalhar mais ainda.

— Não gosto disso, mas você tem razão. – Silva só de pensar na bronca que tomaria de seus superiores se isso vazasse já era motivo para concordar com qualquer coisa que Corona estivesse fazendo.

— Tenho o caminho livre?

— Sim. – aquele sim resultou ser muito significativo para Rodrigo.

Ele logo pegou seu telefone e ligou para outra pessoa que iria ajudar muito. Porque se sabiam que ela estava no seu apartamento, então sabiam de mais coisas e ele tinha que se precaver.

— Antonio?

— Corona? O que quer? – parecia que o chefe da investigação científica não parecia de bom humor.

— Eu tenho um favor para lhe pedir.

— Eu queria saber quando vocês não tem que pedir nada para nós. Dependendo do que for eu atenderei.

— Na verdade só preciso que mantenha segredo das amostras que coletar no meu apartamento. Você está livre para colher, mas tenho no momento dois casos em andamento que estão ligados a essas amostras.

—Sim. E?

—E, que estou mantendo uma moça no apartamento sob proteção. E essa moça ela pode estar envolvida até o pescoço na investigação que está em andamento.

—Sim.

—E por ser um caso o qual se exige absoluto sigilo, peço que estas evidencias não sejam citadas em seu relatório, mas lembrando que você pode ficar a vontade para colhê-las.

—Vou ver o que posso fazer...

—Valeu!—desligou com uma imensa satisfação.

Uma hora depois com a ajuda de Alan que trouxe seu carro Rodrigo estava com Grey no carro seguindo para outro lugar. Ele tinha feito os arranjos necessários. Ela estava silenciosa, mas um pouco impaciente.

Grey olhou e viu o quanto significava para ele, manter o controle da situação,

então perguntou.

—Será que você pode me dizer para onde estamos indo?—Ele a olhou como se tivesse dado conta da existência dela naquele momento.

— Para um lugar seguro. – ele disse isso cerrando a boca e Grey não insistiu. Seu queixo ficava mais marcado quando ele tomava aquele tipo de expressão.

Rodrigo viu a entrada do edifício luxuoso que ficava na Avenida Paulista centro de São Paulo, ao entrar com o carro acenou para o porteiro e abriu o portão com o controle remoto que possuía.

Entrou estacionou o carro na garagem numerada que ficava no subsolo do edifício, saiu do mesmo e verificou se não havia ninguém a vista. Fez um sinal para que Grey descesse e ela pode notar que só havia carros de luxo estacionados.

Ambos seguiram em direção ao elevador de carga. Mas ao chegarem à porta do mesmo Grey estacou.

—Eu não vou entrar ai!—falou com a voz estrangulada de medo—Não vou!—gritou.

—Fala baixo Grey nós temos que entrar vamos... — agora ele estava ficando nervoso com o histerismo dela que não ajudava em nada naquele momento.

—Por favor, Rodrigo!—implorou.

— Grey esse edifício tem 15 andares e uma cobertura nós vamos ao décimo quinto andar, por isso não dá para irmos pela escada. O lá em casa são apenas oito andares quase a metade — ela estava lívida de medo tremia como vara verde, mas tinha que superar o medo ele pensou consigo.

— Eu não consigo!—continuou gritando.

— Consegue sim! Conseguiu o impensável hoje! — disse no momento em que as portas do elevador se abriram e ele a empurrou para dentro dele. – Confia em mim não vai acontecer nada.

Rodrigo se compadeceu da figura tremula que ela era. Greya estava apenas de short e um camiseta e descalça ele a abraçou esperando que aquilo contivesse o tremor, podia ser frio.

O perfume de Rodrigo invadia as narinas de Grey, deixando ela mais tranquila, o calor do corpo dele confortava todo seu corpo.

—Vai ficar tudo bem não está acontecendo nada olha nós já chegamos!—disse abaixando o rosto olhando profundamente naqueles olhos prateados tão magníficos, e que ficavam mais lindos quando molhados pelas lágrimas. Uma das lágrimas escorreu pela face morena e morreu em seus lábios inchados provocados pelo pranto e pelo habito dela de morde-los

Rodrigo aproximou seus lábios dos dela, sentindo todo o perfume feminino, emanarem daquele corpo maravilhoso que mantinha junto ao seu peito. Ele pode sentir a

rigidez e o arfar do peito dela quando se aproximava.

Rodrigo a via passar a ponta da língua nos lábios em um movimento sexy e desprovido de má intenção. E Grey podia sentir o hálito quente dele próximo aos seus lábios. Quando os lábios quase estavam se tocando, que cada um estava perdido em seus pensamentos ouviram o sinal do elevador avisar que estavam no andar de desejado.

Rodrigo foi o primeiro a recuperar o bom senso e endireitou o corpo saindo do elevador como se nada tivesse ocorrido no interior do mesmo.

Já Grey não conseguia sequer raciocinar direito ainda podia sentir o formigamento nos lábios ansiando pelo beijo.

“Como eu sou burro! Idiota! Como pude sequer imaginar beijar uma mulher desconhecida, e pior que pode ser casada! Só mesmo um idiota feito eu, para pensar em uma coisa dessas! Isso porque já to mais que metido em problemas por protegê-la! Rodrigo seu besta! Já não tem problemas o suficiente e ainda quer arrumar mais para sua cabeça. Deve ser a falta de sexo! É só pode ser falta de sexo não tem outra explicação!” Pensou notando que ainda a segurava junto ao corpo, mesmo já tendo saído do elevador.

“Por que foi que você ainda não a soltou seu cretino?!” – e com esse pensamento a soltou de súbito. Fazendo com que ela cambaleasse um pouco.

— Desculpe.

—Onde estamos?—perguntou.

—Estamos na casa de Cris.

—Esse apartamento é bem maior que o seu!—disse admiranda a estrutura do imóvel, que tinha uma sala de estar enorme, com um bar no canto dando um ar todo sofisticado ao local.

Ela se aprofundou no apartamento e descobriu uma cozinha grande, branca e com todos os eletrodomésticos que uma dona de casa poderia sonhar. E também tinha quatro suítes todas decoradas com muito bom gosto. Grey entrou em uma suíte decorada com tons pastel na qual a cor predominante era o salmão.

—Você vai ficar nesse quarto. Gostou?—disse Rodrigo entrando logo atrás dela – Os outros quartos são da Cris e da sua filhinha.

—Ah,mas onde esta Cris?

—Está na Espanha voou para lá ontem com a filha e o pai da menina. Acho de desta vez ela se acerta com ele o que já não é sem tempo — disse dando de ombros.

—O que Cris faz mesmo da vida?

— Ela é modelo e empresaria. Ela não fez muito sucesso nas passarelas, mas conseguiu alguma coisa e ela tem um grife própria e com lojas exclusivas da marca.

—Nossa! Acho que não conseguiria fazer nem a metade disso — disse rindo.

—Nunca se sabe não é mesmo? Afinal não sabemos nem quem é você?!—aquilo a

deixou em alerta.

— Claro — confirmou com a cabeça baixa.

—No guarda roupa de Cris você vai encontrar roupas que servem para você, pode pegar o que quiser. O quarto dela é o que fica no final do corredor, naquela porta dupla — disse apontado para a porta.

—Você vem sempre aqui?—quis saber.

—Sim. Durante a gravidez Cris teve pressão alta. Ela estava brigada com o pai da criança, e bem como sou o único mais próximo dormi muitas vezes aqui. E só existia eu por perto, por que Ricardo voa direto, Cristy mora no Morumbi e não dirige. Mamãe e papai e os outros não puderam vir para cá.

—Ah sim, então é mais próximo a ela também?

—Digamos que sim!

—Como é o nome do pai do bebe de Cris?

—Roberto Junior! — disse ele com desdém e sarcasmo na voz — Um jogador famoso de futebol do Brasil, pelo menos no momento.

—Não gosta dele?—perguntou percebendo o sarcasmo na voz dele.

—Não é isso, é que ele não queria assumir a Linda. Só depois de quase dois meses ele se diz pai — ele parecia muito zangado — Eu não acho que um pai deva ser assim, e bem não gostei do modo como ele falou com minha irmã. E por outro lado entendo a maneira dele pensar, esse mundo por onde Cris circula não é muito confiável. Tem muita gente errada e vários homens que podem assediá-la...

—Mas isso é machismo!Ridículo! —falou irritada com algo — Sua irmã me pareceu honesta.

—Não estou dizendo que ela não seja honesta, mas está sujeita. Eu nunca namoraria uma atriz ou modelo, sou muito ciumento para isso.

—E isso é preconceito!—estava estarecida com o modo dele pensar.

—Pode até ser, mas tenho asco dessas mulheres me parecem muito vulgares. E não estou tirando minha irmã desse time. Cris aprontou muito, usou drogas e bebia muito, fez muita coisa. Eu mesmo liberei a cara dela diversas vezes. Mas de uns tempos para cá ela está mais centrada e depois que virou mãe mudou muito.

—Resumindo você acha que esse tipo de mulher não presta!—ela estava querendo discutir sobre o assunto. Mas aquele rosto lindo e olhos azuis ficaram bondosos.

— Não é isso. Apenas acho que eu não me adaptaria, é muita coisa para digerir, além dos paparazzi! Esse são os piores, eles estão sempre a espreita, talvez não conseguisse seguir uma vida dessa forma. Eu tive uma mulher muito importante na minha vida e ela era uma mulher relativamente normal sem muita complicação — disse ele com os olhos perdidos em alguma memória — Mas afinal sou irmão da Cris! E ela é muito

importante para mim, não gostei do que Roberto fez. Além do mais a criança é a cara dele. Bem, mas vamos mudar de assunto, tome um banho e não de a cara nem na janela eu preciso sair, tenho que dar uns telefonemas e verificar algumas pendências.

Ela só ouviu a porta da frente ser fechada estava sozinha novamente, mas quem sabe mais segura.

Lobo

Quando Rodrigo entrou na sede no DAS no DHPP no dia seguinte, já passava das sete horas da noite, recebeu um telefonema de Alan notificando a ele, que tinham prendido os dois homens que haviam arrombado seu apartamento e tentado matar Grey.

—Onde estão?—perguntou quando encontrou seu parceiro na sala do delegado.

—Na sala de interrogatório esperando por você amigo!—disse Alan.

Rodrigo saiu da sala pisando duro ia descobrir que tinha mandado matar Grey! Entrou na sala de interrogatórios e viu os dois sentados como se não tivessem feito nada de errado. Com muita calma ele entrou fechou a porta e sentou-se na cadeira, olhou para os rapazes e notou que eles não tinham mais do que dezoito anos cada um, e era muito triste que já estivessem nas garras da criminalidade.

—Tudo bom rapazes? — perguntou com falso som de alegria na voz, eles o olhavam com que desafiando-o —Eu perguntei se está tudo bem?!—gritou. Grito que deixou ambos os moleques de olhos arregalados e com muito medo.

—Sim...—responderam uníssono.

—Bom se está tudo bem eu vou perguntar apenas uma vez e eu quero a verdade — disse bem baixo em tom de ameaça — E se eu não tiver a verdade na camaradagem vai ter que ser de outra forma menos convencional ok!

—Não tem o direito de fazer isso! Nós somos...

—Dentro dessa delegacia eu tenho o direito de fazer o que bem quiser! — gritou — Principalmente quando vocês invadiram minha casa!

— S...Sua c...casa — um deles disse.

— É — nesse momento entrou na sala Fernando Correa que é investigador geral da polícia civil.

Ele cumprimentou-o com um olhar severo em direção aos meliantes.

—Tudo bom Corona?

—Mais ou menos Correa — olhou para o colega que entrou na sala, ele tinha uns quarenta anos e muitos deles na policia civil.

Fernando Correa era um homem alto cerca de um metro e noventa, forte, negro e usava-os cabelos raspados, de excelente índole.

— Bom vai melhorar agora, por que tenho o nome desses dois ai — disse apontando a cabeça para o lado deles.

— Bom se é assim me fala quem são.

— O moreno é Francisco das Chagas Silva vulgo Buiú tem vinte anos uma

passagem na polícia por furto. O outro loirinho é Roberto Melo vulgo Larica dezoito anos quatro passagens na FEBEM por furto. E bem, isso é que temos registrado.

— Claro — disse Rodrigo voltando à cabeça e encarando-os nos olhos—E agora eles acrescentaram invasão a domicilio seguido de tentativa de assassinato o que acham.

—A gente não tentou matar ninguém...

—Quem disse a vocês que tem voz aqui dentro!—gritou Fernando — nós temos voz aqui dentro eu e o investigador Corona.

—Como eu disse vou perguntar amigavelmente —Eles assentiram — Que bom que estou tendo colaboração — e perguntou — Quem mandou vocês lá? Quem é a moça que vocês tinham que levar? E por quê?

Eles se olharam resolvendo de quem tinham mais medo se dos policiais ou do chefe. Como já estavam presos resolveram que não tinham muito a perder.

— Bateram um fio pra noi e o homem disse que noi tinha que i até o ap que tava tudo no esquema pra noi entra e leva a mina — disse Buiu.

— Quem ligou para vocês?—insistiu Fernando.

— Sei não Doutor! Foi uma ordem capital lá do topo — disse com desdém Larica.

— Eu não estou perguntando se é do topo que veio a ordem e sim quem ligou? Sacou?!—pressionou Rodrigo.

— Ele só disse que seu nome era Lobo — entregou Buiu com um brilho de triunfo nos olhos.

Rodrigo e Fernando ficaram quietos, pois sabiam muito bem quem era Lobo. Um dos assassinos e mais frio e conhecido pela polícia e bandidos.

Rodrigo percebeu o olhar do bandido e disse.

—Não pense que eu tenho medo dele. Por que não tenho! Conheço muito bem o Lobo e creio eu que vocês nem ao menos o viram — Buiu ficou pálido confirmando a suspeita de Rodrigo — Eu imaginei. Mas eu o conheço tão bem que sei que se ele está envolvido o negocio é mais grave do que tinha imaginado.

—E para onde vocês tinham que leva-la?—perguntou Fernando.

—A gente não tem que falar mais nada... —começou a protestar Larica, e nem teve tempo de pronunciar outra palavra, por que Rodrigo já se encontrava em cima do rapaz segurando-o pela gola da camisa sacudindo-o, Buiu pulou para o lado tentando ficar fora do alvo de Rodrigo.

— Conheço muito bem o modo como Lobo age e sei que vocês fizeram merda! – o rapaz ficou mole nas mãos de Rodrigo – E sabe do que mais. – os olhos do bandido estava atentos – Ele sempre se vinga, não importa onde você esteja.

Fernando foi ao auxilio do infrator que não tinha como se defender, já que tinha as mãos algemadas. Ele soltou o rapaz e levou Rodrigo para fora da sala fechou a porta e

disse.

— Meu cara! Você está muito revoltado! Não é assim que as coisas funcionam você tem que ter calma!—Rodrigo passava as mãos nos cabelos, estava impaciente e sabia que isso não ajudava em nada.

—Eu sei. Vou tentar me acalmar, eu só precisava saber para onde eles tinham que leva-la. E tem mais. Você ouviu quem está envolvido nisso cara! Justamente o Lobo na parada meu!

— Qual é cara ta com medo do Lobo?

— A questão não é essa e você sabe disso! Acontece que eu conheço o sujeito de longa data, e se ele está envolvido eu tenho quase certeza que tem muita coisa por de traz dessa historia.

— Nós dois sabemos disso. Mas como vamos descobrir tudo isso é que me interessa.

— A mim também. Vamos voltar e arrancar mais alguma coisa daqueles dois.

Entraram na sala novamente os meliantes os olhavam com certo medo, mas em principal para Rodrigo que logo que entrou se encostou à parede, com cara de poucos amigos. Eles sabiam reconhecer o perigo e aquele homem no momento era perigoso, eles podiam sentir.

—É o seguinte — começou a falar Fernando — Eu vou fazer algumas perguntas e vocês vão me responder. Por que se não eu saio da sala, e vocês vão conversar só com o meu amigo ali. E eu garanto que ele vai ser menos amigável — os dois apenas balançaram a cabeça em sinal afirmativo e olhando de avesso para Rodrigo.

— Bom! Então se todos concordam vamos começar — continuou Fernando — Bem eu quero saber para onde vocês tinham que levar a garota e por quê?

— Noi já disse tudo o que noi sabia—disse Larica.

— Bom já que não vou ter colaboração, vou me retirar da sala — levantou Fernando indo na direção da porta.

—Espera!—gritou Buiú. Fernando se virou e sentou-se novamente.

—Então...

— Bem noi tinha que leva a mina pra Anchieta e larga ela no carro amarada e amordaçada, dali em diante era com o Lobo — soltou Larica.

— E tinha algum telefone para ligar pro Lobo?

— Não ele não deixou nenhum numero, ele sempre ligava com numero desconhecido — continuou Buiú — Para passar as ordens...

— Sem rastros — falou Rodrigo.

—Típico dele.—completou Fernando.

Para um policial o meliante principalmente aquele que se investiga muito e nada consegue se torna como um membro da família. O que realmente se torna interessante com o passar do tempo, um jogo de gato e rato divertido.

Naquele momento em outro lado da cidade o telefone tocou, ao atender já imaginava quem seria. Ele estava entediado e até Games of War estava chato.

—E ai chefinho?!

—Lobo como andam as coisas?

— Está tudo sob controle, deixa eu desenvolver meu trabalho que tudo vai dar certo. Aqueles dois que você me arrumou deram furo e pelo que entendi a sua fonte estava errada.

—Como assim?

—A moça não estava lá. E o pior é que prenderam os palhaços. Já sabem com quem estão lidando

—Isso é problema seu! E se pegarem você não me envolva!

— Nunca me pegaram, não vai ser agora. Conheço os investigadores muito bem, somos quase uma família.

— Certo.

— Preciso de mais informações e de mais dinheiro. Deposita na conta que te mandei.

—Ok.

Na manhã seguinte em sua sala na delegacia, Rodrigo começou a ponderar o fato de que se o Lobo estava envolvido na historia, era provável que quem estava por de traz era alguém muito rico e poderoso. *Mas quem?* Conhecia muito bem o Lobo já tivera outros encontros com ele, e um em especial nunca sairia de sua memória.

—Solta ela!—gritava Rodrigo.

Após vários dias em busca do cativo e de negociação, eles finalmente encontraram o local onde Graziela era mantida refém. Na tentativa de invasão do cativo algo sairá errado, e agora ela se encontrava nas mãos do sequestrador e com o revolver encostado na cabeça.

—Se você continuar a gritar, eu vou ter que abrir um pequeno buraco na cabeça dela. – a voz era macia e doce.

—Tudo bem Lobo! Tudo bem, gente só esta conversando.

— É assim que eu gosto! Fica na miúda que a gente pode até chegar a um acordo
—Lobo estava com o rosto coberto, com alguma máscara de látex, era como ver uma

pessoa sem rosto.

—Você sabe muito bem que não tem como escapar! O local está todo cercado!

—Eu sei disso! Acha que sou burro Corona! E eu não quero ninguém aqui!

—Ninguém vai entrar aqui. Sou só eu, você e ela.

—To sabendo! Sabe de uma coisa Corona?—enquanto falava pressionava o pescoço de Graziela —Você não podia ter mexido com quem não devia. Sabe como é que é! Na verdade eu não me importo muito. Meu alvo é você e não ela, mas está tudo tão complicada agora.

—Que história é essa?

—Você prendeu um cara e bem, isso não foi bom?

—De quem você está falando?

—Isso não interessa agora! Têm pessoas influentes por trás de tudo isso, e você cometeu um erro. Já podia ter te matado, mas gosto de você. É uma espécie interessante. Eu vou sair daqui — enquanto falava mexia nos cabelos dela com a arma. Graziela estava com o rosto banhado em lágrimas, magra e parecia muito frágil.

Eles estavam encostados na parede da casa que servia como esconderijo, havia uma porta que estava fechada, do outro lado do cômodo encontrava-se Rodrigo sem armas, pois era exigência do sequestrador. A polícia tentou enviar um negociador, mas Lobo queria falar com Rodrigo. Do lado de fora da casa estavam os policiais, que faziam o cerco, Rodrigo chegou à conclusão de que Lobo não sairia dali livre.

—Sei muito bem no que está pensando policial — surpreendeu Lobo — que não vou conseguir sair daqui. Pode até ser que eu vá preso, mas ficar preso será outros quinhentos.

— Amor!—falou baixinho Graziela

— Linda moçinha eu não deixei você falar, porque está falando. Não combinamos que eu mando e você obedece, foi assim por tantos dias... Por que agora está me desacatando?— a voz dele fez Graziela tremer se acuou chorando, com o rosto contorcido pelo pânico—Só quem fala aqui é eu!

—Solta ela que eu garanto sua integridade física.

—Hahahahaha!—gargalhou Lobo — Quem disse que eu estou preocupado com a minha integridade física — ironizou.

—Solta ela, por favor!—implorou Rodrigo.

—É assim que eu gosto! Gosto de ver as pessoas implorando.

—Vamos fazer uma troca Lobo? Eu fico no lugar dela!

—Nossa policial! Eu sabia que você gostava da mocinha, mas não sabia que era tanto assim — disse sarcástico — Mas...

—Mas?—Enquanto ele falava ia se afastando com Graziela presa, sob a mira do revólver quando chegou bem próximo a porta que se abriu facilmente.

—Não! Eu não vou solta-la! Sabe qual foi uma das ordens que recebi?—o homem tinha um brilho de maldade nos olhos. Não se via nem os olhos naquela máscara horrenda, mas o brilho deles escapava pelos buracos

—Qual?—Rodrigo sabia que iria se arrepender, mas tinha que perguntar.

—Fazer você sofrer.

—O que quer dizer com isso?— Rodrigo começou a ficar nervoso, a situação era tensa e ele teve a certeza naquele momento que o bandido não iria solta-la.

— Sabe recebi uma boa quantia, para fazer você sofrer e muito... Não posso te matar, são as ordens do meu contratante. Você tem que viver e sentir na pele a dor! Eu sei meu surreal, mas ordens são ordens... — naquele momento Graziela abriu os olhos que até o momento permaneceram fechados, em sinal de medo.

Ela olhou Rodrigo nos olhos, naquele momento ele pode perceber que não havia medo em seus olhos, algo nela tinha mudado seus olhos tinham um brilho de coragem que ele jamais vira. E ela disse em plenos pulmões.

—Eu confio em você meu amor!—após essa frase um barulho ecoou pelo cômodo e Rodrigo viu Graziela desfalecer na sua frente com um tiro na cabeça. A parede ficou manchada de sangue e ele não viu mais nada correu na direção dela, tentou apara-la na queda, mas em seus braços um corpo inerte jazia.

—Nãoooooooooooo!—gritou e começou a chorar abraçado ao corpo — Por que meu amor? Por que você disse aquilo?! Eu te amo tanto! Perdoe-me, por favor, me perdoe!!!— chorava copiosamente — POR QUÊ?!—gritava.

A polícia invadiu o cômodo e Rodrigo pode perceber que a porta que estava atrás deles, estava aberta. O desgraçado havia fugido, a polícia perseguiu o bandido pelas ruas, mas infelizmente ele conseguiu fugir.

—NÃO É JUSTO... NÃO É JUSTO!—gritava.

Ele teve que ser retirado da cena do crime pelos colegas, ficou em estado de choque por uma semana. Não conseguiu sequer ir ao enterro dela, foi afastado da polícia civil por dois meses e durante aquele tempo, só tinha uma coisa em sua mente vingança!

Quando retornou passou a fazer parte da divisão antissequestro, mas nada foi como antigamente a família de Graziela o culpava por causa da morte dela, que de certa forma tinham razão.

Durante os dois anos que estava na divisão, tinha se deparado com alguns casos que envolviam o Lobo, mas sempre que ele estava envolvido, nunca as coisas terminavam bem ele era muito frio e como era bem pago, os mandantes quase sempre queriam a morte o cativo.

Lobo havia aprimorado muito a maneira que trabalhava agora primeiro ele

enviava um coringa, no caso de falha do coringa. Ele mesmo ia atrás da presa o problema maior que a polícia encontrava era que, ninguém conhecia o rosto dele não havia sequer um retrato falado. Isso dificultava o trabalho da polícia e facilitava o trabalho do Lobo. Um homem sem rosto, pago para fazer um trabalho bem feito. Além claro que todas as conexões com ele eram nulas, nunca conseguia encontrar nenhum rastro dele, era raro conseguir encontrar o mandante do crime, e quando conseguiam não era por erro desse homem. Ele era extremamente metódico. Agia no mundo inteiro, havia registro da passagem dele por diversos países. Suas transações eram feitas na Deep Web, sem ter como rastrear... Telefones descartáveis... Era tão difícil ter qualquer pista que tornava tudo obscuro e um beco sem saída. A Interpol tinha o nome dele na lista de captura, um serial Killer sem rosto, com um padrão e uma assinatura. E ele estava de novo no seu caminho e agora por algum motivo Grey era a vítima.

Não podia deixar isso acontecer.

Investigando

—Ai meu vai continuar ai com essa cara de bobo?—perguntou Alan entrando na sala.

—Eu só estava pensando...

—No Lobo não é.

—Sim... É que ter esse cara na parada significa morte. E você sabe que tenho razão.

—É, mas o que está me deixando doido é o fato dele estar atrás da moça que você está abrigando.

—Isso também não me agrada em nada. Mas hoje tenho mais duas testemunhas para interrogar, com relação aos sequestros. A primeira é Amélia Haddad, e mais tarde vou dar um pulo no estúdio Callow, e ver se eu consigo falar com o fotografo sobre a modelo.

—Certo, mas onde foi que você escondeu a moça?

—Em um local onde ela não será incomodada de novo — Alan notou pelo tom de voz de seu amigo que ele não revelaria o local, pelo jeito se preocupava muito com o bem estar da moça — Enquanto eu colho esses testemunhos, será que você poderia analisar aquelas fotos ali e ver se encontra algo de novo?

— Claro...

Escutaram uma batida na porta seguida pela entrada de Fernando.

—E ai galera!—cumprimentou os dois— Rodrigo tem uma moça na sala de interrogatório querendo falar com você, acho que o nome dela é Amélia.

—Já sei do que se trata. Mas e você a que veio? Com certeza não foi só para me trazer recados —brincou.

—Não! Claro que não, eu vim para avisar você que não vai mais da para interrogar os invasores —disse referindo-se aos rapazes que invadiram a casa de Rodrigo.

—Por que Fernando?—perguntou Alan.

—Parece que foram “apagados”.

—Eu já imaginava isso...—disse Rodrigo—É só uma pena que ambos fossem tão novos.

—Claro — continuou Fernando — Parece que ontem à noite eles foram agredidos por um preso, e bem você já sabe o restante.

—Claro. Eu sabia que o Lobo não ia deixar barato eles terem soltado a língua, só não sei como ele ficou sabendo disso. Mas deixa-me ir ver o que a moça tem a me dizer a mais nessa historia toda. Falou!

Entrou na sala de interrogatório e viu Amélia sentada na cadeira com as mãos em cima da mesa. Ela era uma moça muito bonita loira, pele bronzeada e traços perfeitos. Estava vestida de forma austera com um terninho cinza bem cortado, e tinha na cabeça óculos de sol, e nem um fio fora do lugar. Tinha um homem em pé na sala ao fundo, ele usava um terno preto, tinha o perfil franzino, mas era alto e não muito magro. O homem tinha cabelos e olhos escuros e óculos de aro fino que se pendurava no seu nariz, os cabelos pareciam ter sido penteados com gel para trás. Ele tinha um ar de segurança e parecia uma sombra.

—Bom dia senhorita —saudou Rodrigo.

—Como vai detetive? Espero que não se incomode, trouxe o secretário do meu pai junto. É Carlos o nome dele. – Carlos deu um aceno com a cabeça.

— Tudo bem. Espero que tenha algo a mais para acrescentar no seu depoimento.

—Espero que possa ajudar.

— Bem você disse que eles entraram de máscara no banheiro e atacaram você, mas tem alguma ideia do porque levarem Alana.

— Não consigo pensar em nada, mas naquele dia minha irmã estava muito diferente como se estivesse com medo de algo e muito pensativa. Sabe eu sempre tento ajudar ela a se enturmar, porque ela é tímida, e nosso pai requer de nós um presença em eventos sociais.

— Sim, compreendo. Mas você diz que ela estava estranha... Não deixou nada para trás um bilhete um email?

— Nós entregamos tudo para a polícia, e disseram que não havia nada... O celular dela é impossível de abrir, como o Senhor deve saber.

— Sim, você não sabia a senha?

— Não ela nunca me disse e só dá para desbloquear com a digital ou a senha, o que não ajuda muito. E aquela mania idiota de limpeza...

— Você conhece a modelo Patrícia Sabatini? – Amélia olhou com interesse para o investigador —Agora eu quero saber se você já havia reparado na semelhança entre sua irmã e a Srta Sabatini?

—Sim já havia reparado na semelhança delas, mas como posso colocar para o senhor — pensou e continuou — Alana tem um outro perfil, mais tímida, menos extravagante e elas não são tão parecidas.

—Certo, mas mesmo assim nunca se questionou sobre a semelhança delas?

— Na verdade não, deixei isso ao acaso – Rodrigo notou que ela era uma mulher de mente simples e com foco em outras coisas. No momento estava olhado para a mesa e revirando os anéis dos dedos.

—Até ai tudo bem, mas e quando conheceu Patrícia.

—Bem o senhor deve saber que faço parte da equipe de marketing e publicidade, das empresas de papai não é— Rodrigo assentiu—Bem conheci Patrícia duas semanas! Nós nos encontramos em um restaurante A Figueira Rubaiyat, ela estava acompanhada do Andrés que é o empresário dela. Eu a achei parecida com Alana, mas ela tem os olhos verdes e uma pinta sobre os lábios, além do que ela é mais morena que as duas.

—E o que vocês trataram nesse dia? – ela olhou para Carlos, que parecia não se mover.

—Carlos estava conosco nesse dia e ele também pode confirmar que só fechamos um contrato, em que ela era a modelo principal de uma campanha publicitária. Eu estava contente com a presença dela, mas ela não era do tipo de pessoa que gosta de conversar. Seu empresário fez todo o serviço e era muito amável. Diferente dela que parecia estar irritada. Mas por que estamos falando dela? Afinal ela quebrou o contrato conosco. Não apareceu nos trabalhos agendados.

— Sim sei...

— Acha que ela tem algo a ver com isso? – aquele fechamento rápido na linha de raciocínio o deixou espantado. Tinha pensado que ela era lenta, mas percebeu que isso era só aparência.

— E quanto ao sequestro da sua irmã? Por que demoraram para relatar?

— Isso foi uma decisão de papai. O que me lembro daquele dia é o soco que recebi e quando me recuperei ela não estava mais lá. Avisei meu pai em meu cunhado, mas nada posso acrescentar.

—Tinha alguém na festa que não foi convidado ou algo de diferente?

—Bem não que me lembre...

— Tente puxar pela memória... Qualquer coisa pode nos ajudar...

Amélia olhava para a parede a sua frente sem na verdade enxergar ela. De repente ela se lembrou de uma coisa muito importante. Algo que nem fazia ideia do que era, mas talvez pudesse ajudar.

Rodrigo percebeu o brilho nos seus olhos.

—Investigador...

—Lembrou-se de algo Amélia?

—Sim! – Carlos se moveu ligeiramente no canto em que estava – Agora que mencionou. Eu me lembrei de um dia em que Alana estava em casa ao telefone, ela parecia muito irritada o que não é habitual dela... E ela conversava com alguém sobre umas...—ela fazia esforço para se lembrar da conversa que sua irmã teve — Ah! Ela estava preocupada com o sumiço de umas crianças de rua e também de uma instituição...

—Sumiço?

—E agora se me lembro bem ela falava com um homem por que ela dizia “O

senhor sabia que isso é um crime!” Daí eu não me lembro de mais nada, porque ela estava em um telefone móvel e entrou no banheiro do seu quarto!

—Sim, mas você sabe de qual instituição era essa que ela estava falando?— perguntou Rodrigo curioso com o caminho que as coisas estavam tomando.

—Olha Senhor Corona, que eu saiba ela cuidava das crianças da instituição Lar Central... Fica próximo a Itaquera...

—Sei qual é!—Rodrigo se lembrava do orfanato.

—O senhor acha que pode ter alguma ligação com a morte dela...

—Ainda não vamos tirar conclusões precipitadas. – mas tinha algo que não se encaixava.

—Alana também cuidava dessas crianças...— Amélia completou e Rodrigo ficou inquieto.

—Como assim?

—Bem Alana faz parte de uma ONG que cuida de crianças carentes, incentivo a leitura. Acolhimento em casas de famílias. Ela mesma pensou em fazer adoção assim que se casasse... — ela comentou pensativa.

De repente o rosto de Amélia se iluminou, parecia que tinha de lembrado de algo mais.

—Alana comentou comigo que quatro crianças sumiram da instituição! As funcionárias não comunicaram a delegacia por que acharam que se tratava de uma fuga, mas ela me disse não acreditava nisso. Por que tinha sumido uma menininha que ela mesma pensou em adotar. E era nova a criança... Acredito que ela me disse que a menina tinha uns cinco anos.

—Isso pode ter haver com tráfico de crianças!—Rodrigo se lembrou, que uma de suas colegas que estava investigando o desaparecimento de muitas crianças ao longo dos anos.

Rodrigo lembrou-se de uma conversa que tivera com Gabriela Duarte, ela investigava desaparecimentos infantis, e principalmente sobre desaparecimento de crianças carentes.

Pelo que ele sabia a respeito, as crianças que atendiam as exigências eram adotadas ilegalmente no exterior e as que não atendiam eram vendidas para o mercado negro de órgãos infantis. Era terrível imaginar que uma criança poderia ser vendida como se fosse carne em um açougue, mas era exatamente isso que acontecia. Em cada país e até mesmo no Brasil havia quem tivesse dinheiro suficiente para comprar órgãos infantis, se o seu filho precisa não interessa que para isso uma criança saudável tenha que morrer.

—Tráfico de crianças? Mas para que? Quero dizer, porque raptariam crianças desfavorecidas em troca do quê? – os olhos de Amélia eram inocentes naquele momento e isso não iria durar para sempre.

—Em troca da venda delas ou de seus órgãos, o que é muito lucrativo!

—Meu Deus! – ela colocou as mãos sobre os lábios bem pintados – Eu sempre achei que isso não existia.

—Bem vou investigar a respeito e lhe darei notícias. — disse despedindo-se dela.

—Por favor, detetive...

—Rodrigo.

—Claro! Rodrigo muito obriga! E vou querer notícias sim, até porque ela foi sequestrada e se esse é o motivo, estou muito preocupada pela segurança dela. Espero ter ajudado vocês. E espero que achem minha irmã— Rodrigo viu lágrimas nos olhos dela — Eu sinto falta de Alana e papai sente muita falta também. Ele não fala, mas sente.

— Você é mais velha que Alana, por acaso se lembra da sua mãe grávida ou de Alana pequena. – Rodrigo analisou bem a feição de Amélia, mas não encontrou nada comprometedor.

— Sim me lembro. Mas Alana não nasceu aqui em São Paulo, foi em uma cidade do interior. Eu não sei muito sobre isso. Mamãe e Papai viajaram e ela estava grávida ainda, mas essas memórias são muito distantes.

—Compreendo. Vamos encerrar por aqui.

Amélia e seu fiel escudeiro saíram pela porta da delegacia deixando Rodrigo pensativo.

Uma hora depois do depoimento de Amélia, Rodrigo estava chegando ao estúdio Callow para ver se conseguia mais alguma coisa lá. O estúdio fica no Morumbi área nobre da capital, ele estacionou o carro, entrou no hall onde ficava a recepção.

—Com licença senhorita?—se dirigiu a recepcionista negra de óculos — Tenho hora marcada com Vinicius Callow —informou.

— Claro qual seu nome?

— Diga a ele que é o investigador Corona.

— Só um momento — ela ligou para o escritório — Senhor Callow o investigador Corona está aqui —aguardou —Tudo bem — desligou e se voltou a Rodrigo— Ele o aguarda, basta subir as escadas.

—Obrigada! — Rodrigo subiu e notou que arquitetura do prédio era moderna com pé direito alto e as janelas amplas, o segundo andar funcionava como um mezanino e se tinha um excelente visão. Uma escada em caracol bem aberta levava ao segundo andar, Rodrigo notou que havia muitos quadros de modelos nas paredes, fotografias perfeitas, mas uma chamou sua atenção uma em preto e branco, de um rosto conhecido tinha um olhar fixo e estava muito seria.

—Patrícia Sabatini!— Rodrigo se virou e deparou com um homem de cabelos da

cor do trigo, mas com muitos fios brancos no meio e olhos prateados.

— O quê?

— É Patrícia Sabatini, em seus primeiros trabalhos — disse aproximando-se do quadro e de Rodrigo, estendeu a mão em cumprimento—Muito prazer! Eu sou Demétrio Vinicius Callow. Creio que você seja Rodrigo Corona correto?—Rodrigo notou o sotaque diferente na voz, não sabia se era italiano ou outro.

—O prazer é todo meu! E sim sou eu mesmo, mas pode me chamar de Rodrigo.

—Claro detetive. Queira me acompanhar até minha sala, para que possamos conversar melhor.

Rodrigo o seguiu entraram em uma sala coberta de fotografias também, uma sala decorada em estilo moderno com uma janela muito ampla.

—Mas em que posso ser útil investigador?—disse o homem sentando-se no sofá que tinha na sala, e fez um gesto para que Rodrigo fizesse o mesmo.

— Bem o senhor foi uma das ultimas pessoa que viu Patrícia e gostaria de saber detalhes daquele dia. Sei que já prestou depoimento, mas eu preciso de mais detalhes.

—Claro... —Vinicius se concentrou — Não tenho muita coisa para declarar, por que eu apenas tirei umas fotos dela para a campanha da Empeck .

—Mas notou algo de estranho nela?

—Agora que você disse. Sim notei sim! Ela estava um pouco distante, não estava focada como sempre está, cheguei a comentar com ela que precisava de férias — disse Vinicius lembrando-se da conversa com a modelo.

—Férias?!

—Sim. Tem quase dois anos que ela emenda um trabalho no outro, isso e algo que esgota com o tempo — Rodrigo parecia espantado—Sabe investigador pode parecer fácil essa vida de glamour, mas não é principalmente se a modelo trabalha demais.

—Tenho uma irmã que é modelo, mas nunca a vi reclamando.

—Elas nunca reclamam, é muito difícil alcançar o patamar desejado, mas quando se consegue fica mais difícil manter. E muitas acabam descarregando o estresse de outras formas, drogas, álcool... Enfim uma infinidade de formas... — Rodrigo se lembrou de imediato de sua irmã.

—E ela estava dando sinais de cansaço?

—Não posso falar muito disso, só fiz alguns trabalhos com ela... Mas diria que seu rendimento na ultima sessão de fotos foi bem baixo. A moça é muito forte, um tumulto em relação à família. A imprensa nunca conseguiu arrancar nada dela, nenhum escândalo... E ela é muito esperta.

—Eu trouxe fotos para que o senhor me ajude. E gostaria que o senhor me dissesse quem é Patrícia nelas — Então Rodrigo abriu uma pasta que trazia consigo, e

espalhou as fotos em preto e branco sobre a mesa. Alinhou-as e pediu que Vinicius as olhasse.

—Essa aqui é Patrícia — disse apontando para a foto certa.

—Como sabe?

—Bem as outras moças são idênticas, mas os olhos denunciam quem é ela. Bem eu tenho uma vantagem, por trabalhar com isso lógico. Consigo ver as diferenças...— justificou ainda abismado com a semelhança entre as moças.

—Como assim?

—Patrícia usa lentes de contato — aquela afirmação confundiu mais ainda Rodrigo.

—Ela usa lentes! Como você sabe?

—Lentes de contato de ultima geração! Dão à sensação de serem verdadeiros!

—Mesmo assim você sabe que são lentes?

—Uma das maiores qualidades dela é sempre ter o olhar frio, seja qual for a situação. Além de um controle muito forte que ela tem nos músculos faciais tem outro fator que evidencia essa frieza — ele foi até o armário e trouxe consigo um álbum — Vê a retina não se altera independente da quantidade luz. Certa vez, perguntei o porquê de ela usar lentes? Ela afirmou que tinha um defeito nos olhos.

—E o senhor sabe qual é a cor dos olhos dela?

—Isso eu não sei. Só sei que ela me disse que eram verdes mesmo, só que não esclareceu muito a respeito disso, mas parece que um dos olhos tem cores misturadas.

—Existe isso?

—Pode parecer estranho, mas descobri que existe. Uma modelo com a beleza dela, traços do rosto perfeitos seria uma lastima ter um dos olhos de cor diferente. Ou algo bom, nos dias de hoje se valoriza a diferença. Mas o fato é que ela própria não gosta.

—E Andrés sabe disso?

—Ela disse que não, mas não se pode dizer com certeza... Afinal esse empresários são quase como a família de uma modelo, talvez ele próprio tenha instruído isso.

—Certo então ela tem vergonha dos olhos?

—Acho que sim — disse ele vagamente.

—E isso não foi problema para ser aceita no mundo da moda?—perguntou Rodrigo desconfiado.

—Bem nós fotógrafos e os estilistas vemos com certa aversão as lentes, mas no caso dela há outras qualidades se sobressaem, ela é uma excelente profissional. E não podemos esquecer quem é o empresário dela. Mas quem são as outras moças? Estou curioso!

—Bem vou confiar no senhor, até por que já está sabendo do sumiço da modelo...

—Nada sai daqui investigador. — Rodrigo notou o sotaque na voz dele.

—Essa aqui é Alana Haddad — disse mostrando a foto em que ela aparecia assustada — E essa é uma hospede minha

—São muito parecida mesmo estou abismado, e preocupado elas podem ser vitima de alguém em particular.

—É nisso que estamos pensando, mas por hora é só isso que temos.

—Espero ter sido de alguma valia.

—Foi de grande ajuda essa conversa — quando se levantou para sair notou que a foto de uma mulher ocupava a parede a suas costa — Quem é ela?

Vinicius olhou para o quadro com carinho e muito amor, a foto de Samira estava linda embora já não estivessem em seus anos de gloria ela continuava linda.

Rodrigo notou a boca carnuda da mulher na foto as maçãs do rosto saltadas, mas os olhos eram negros. Ela sorria de um modo encantador, que lembrou alguém.

—Ela é minha futura esposa — disse Vinicius com um suspiro de satisfação na voz — Esperamos muito por isso.

—Espero que sejam muito felizes — cumprimentou e saiu da sala com uma estranha sensação.

Assim que Rodrigo saiu Vinicius pegou o telefone, ligou para uma pessoa em especial.

—Samira?

—Demétrio? Estava esperando sua ligação.

—Tenho algo para conversar com você é serio.

—O que é amor?

—Só pessoalmente. Será que tem como você vir para São Paulo?

—Claro.

—Então eu te espero.

—Em beijo.

Rodrigo estava guiando o veiculo de volta a delegacia. Tinha que analisar novamente algumas coisas que não estavam se encaixando.

Qual seria o motivo real que levou Patrícia a sumir, e por quê? Por que não recebiam mais ligações dos sequestradores de Alana? E qual a relação delas, porque ele tinha certeza de que tinham uma relação.

Família

A instituição mais antiga do planeta, seja ela humana, seja animal. O certo é que a família se defende e se mantém unida. Essa é a teoria. Na prática muitas vezes não é assim, existem famílias que servem apenas para a destruição do ser humano. Mas mesmo deturpadas e com várias características essa instituição traça o caráter, tanto para o bem quanto para o mal.

Amélia se debatia se entrava ou não no escritório do pai, ela olhou no espelho que tinha próximo e constatou sua aparência estava razoável. Nenhum fio fora do lugar, à maquiagem perfeita assim como seu pai exigia. A roupa de grife impecável, ela não gostava de desapontar seu pai. Tentou se livrar dessa culpa a vida inteira e não conseguiu, sempre estava em alerta com o pai ele era um homem intimidante.

Carlos estava sentado na sua mesa, observando a Srta. Haddad. Ela se debatia entre entrar e não entrar na sala. Conhecia Amélia há alguns anos, admirava sua beleza e seus olhos azuis. Mas admirava mais ainda seu autocontrole. Era digno de uma rainha, no dia do sequestro de sua irmã ele a viu pela primeira vez descontrolada, sem a máscara de indiferença ela era doce e frágil. Depois daquele dia ela mostrava cada vez mais esse lado, entretanto muito tênue. Ele a observou tomar fôlego entrar na sala.

—Papai posso entrar?—perguntou Amélia. Fazia dias que não o via direito, e depois daquela manhã sentiu que tinha que conversar com ele. Afinal seu pai estava passando por momentos difíceis, primeiro o sumiço de Alana e depois a morte de Taciane —Papai?!

— Entre Amélia!—Ela entrou e encontrou o pai sentado na poltrona atrás da mesa, parecia mais cansado e tinha olheiras profundas.

Seu pai era um homem muito forte, tanto de caráter quanto de físico. Alto cerca de um metro e noventa, cinquenta e cinco anos, cabelos grisalhos com traços aristocráticos, olhos verdes e frios temidos por muitos, assim era Artur Haddad um dos maiores nomes no mundo dos negócios. Ele conseguia sempre o que queria, sua primeira esposa morreria havia dez anos. Ela foi vítima de câncer no fígado, nem todo dinheiro de Artur pudera salvar a vida daquela que fora seu grande amor.

Nunca mais se casou, mas isso não impediu o desfile de lindas mulheres na sua vida, a última, porém foi quase um escândalo. Uma quantia enorme de dinheiro teve que ser paga a muitas pessoas para o caso não vazar. Amélia se sentia irritada com o acontecido, ela não gostava dessa namorada de seu pai, porém não interferia já que ele era adulto. Além do mais seu pai jamais permitiria que suas filhas comandassem a vida dele.

—O que quer Amélia?—ele perguntou tirando-a de seus devaneios, o que a fez sobre saltar-se e notar que seu pai estava bebendo.

—Hã... Nada pai só queria ver como o senhor está!—ela ficou tensa, sabia que seu pai não estava no melhor dos humores. Não era violento, nem quando bebia, ele sabia exercer sua autoridade e Amélia tinha conhecimento disso.

—Sei muito bem que não veio aqui para isso Amélia. Esqueceu-se que com quem você está falando? Quando estava de fraldas eu já colocava muitas pessoas experientes na sola do meu sapato.

—Eu sei pai... É que faz dias que não o vejo estava preocupada.

—Todos estamos...—disse tomando um pouco da bebida que tinha no copo, uísque.

—Pai será que Alana vai aparecer? E se for um sequestro, por que não entraram em contato conosco?—Artur levantou o sobrolho.

Ela ficou quieta observando seu pai, o escritório era decorado em motivo colonial, cadeiras e poltronas em couro, as paredes do escritório eram em tons marrom e vermelho. Tudo no gosto da sua mãe. Aliais nada mudou muito desde que sua mãe morrera, nem na empresa, nem na sua casa.

— Não tenho ideia disso. Se fosse um sequestro normal eu já teria pagado o resgate. No entanto, não é um sequestro normal. Não ligam nenhum contato até agora. E isso está corroendo minha mente. Só posso supor que é algum inimigo político. Só que não posso ficar com minha vida e empresa paradas nisso. Tudo precisa continuar seguindo o fluxo.

— Mas pai nós estamos falando de Alana! Ela é sua filha minha irmã!—ela não acreditava no que ouvia de seu pai.

— Sei muito bem quem ela é Amélia, você não precisa me lembrar!—os olhos dele eram frios e sem piedade, olhos que estavam acostumados a lidar com qualquer tipo de situação.

Ele virou-se olhando o jardim pela janela, parecia perdido em seus pensamentos, quando o celular dele tocou quebrando o silêncio.

—Pronto! — atendeu — Claro só um minuto — ele virou-se para ela — Eu preciso atender esse telefonema Amélia, queira se retirar, por favor —ordenou.

—Claro papai. — Amélia levantou-se e saiu do escritório, mas escutou seu pai no telefone, ele parecia aborrecido.

Ela nunca fora muito chegada em sua irmã, no entanto, se davam muito bem. Não concordava muito com o jeito tímido de Alana e sempre tinha de arrasta-la para qualquer diversão. Desde a conversa com o detetive de manhã, ela ficou perturbada, afinal ele tinha razão elas eram muito parecidas, era interessante como Amélia não tinha notado antes, e parando para pensar agora, ela via as similaridades das duas. Era como se fossem gêmeas. Se não soubesse que Alana era sua irmã natural estaria sujeita a pensar que ela ou Alana fossem adotadas.

Seu celular tocou e ela viu que se tratava do seu suposto cunhado, Amélia bufou

antes de atender. Ela gostava do cunhado, só que ultimamente ele estava irritante. Amélia deu por conta que estava pensando como o pai dela. Ela estava muito incomodada com a preocupação de Victor .

— Alô!

— Amélia! Que bom que atendeu! – a voz dele era de alívio o que deixou o coração de Amélia mais apertado.

— Oi! Tudo bom?!

— Soube que você esteve na delegacia prestando depoimento, lhe falaram algo? Estou realmente preocupado e a minha família está falando em anular o casamento.

— Não tenho nenhuma notícia Victor desculpe. – era realmente triste a situação dele.

— Não por isso, não se preocupe. É só que não tenho ninguém para conversar e acabo ligando para você.

Embora não gostasse de admitir, ela apreciava as ligações dele. Ele era uma pessoa muito amável, era muito fácil conversar com ele, passavam horas no telefone e sempre tinham o que falar.

—Eu não estou nada bem Amélia —ela sentiu a voz dele tensa.

—Por quê?

—Bem a minha família está me pressionando, para anular o casamento.

—De novo!—eles faziam isso desde que Alana fora sequestrada. – minha irmã não pediu por isso você sabe.

— Sim, só que é difícil manter as coisas andando. A imprensa está me rodeando, fazendo perguntas sobre minha esposa. Não sei mais o que dizer.

— Tem que manter a calma Victor , não pode expor Alana, nem nossa família. Seria horrível para os negócios e Papai não iria gostar nada disso. Ele colocou muito dinheiro para as verbas do seu partido e seria catastrófico se ele retirasse.

Amélia deu por conta que esta pressionando seu cunhado assim como seu pai fazia. Ela tinha visto muito disso no seu pai. E sabia que se não pressionasse Victor tudo podia se perder. Ela já podia ver o circo armado na frente da mansão e da empresa. O momento não era oportuno e sabia que tinha que ter calma e ajudar, em principal ajudar a conduzir seu cunhado, mesmo que não gostasse daquele jogo.

—Eu sei de tudo isso!—disse Victor — Meu pai já me ligou cinco vezes essa semana, espero não ter que falar mais com ele.

— Somos uma família agora Victor . Tudo que acontecer conosco também influencia você e sua família de certa forma.

— Sei bem disso. – a voz dele estava um pouco irritada – Acha que não conheço a extensão do poder de seu pai? Não posso nem mesmo procurar pela minha esposa direito.

Não poso pedir ajuda da mídia e isso só protela e transforma esse desaparecimento agonizante.

Amélia entendia o que ele estava falando, ela também se sentia da mesma forma. Só que seu pai lhe disse de assim seria melhor, que o silêncio mais ajudava que atrapalhava e como ela era leal, seguiria seu pai até o fim.

Grey estava sentada na sala bonita de Cris, tentando respirar. Seu peito se fechava a cada instante que se lembrava do que tinha passado. Estavam atrás dela e ela nem ao menos tinha uma pista do porquê? Ela deu uma pancada na cabeça com a mão que não resultou em nada mais que dor. Os dias passavam e a única certeza de Grey era que nunca se recuperaria.

Era tarde da noite e Rodrigo ainda se encontrava na delegacia, tentando juntar pistas que pudessem levar ao encontro de pelo menos uma das desaparecidas. Não era uma tarefa muito fácil.

— Rodrigo?—ele levantou os olhos e viu seu amigo a frente.

— Fala Alan?!

— Você não vai embora hoje?

— Eu estava pensando nisso, mas ainda tem tanta coisa que fazer...

— Eu entendo, só que cansado você não vai conseguir prestar a atenção em nada.

— Você tem razão é melhor eu ir, mas...

— Sim?

— Sabe se conseguiram algum DNA das moças?

— Não por quê?

— Acho muito estranho isso, difícil imaginar que ambas não tenham deixado nenhum rastro.

— Se tivesse isso já tinha comparado com a sua hospede?

— Obviou!—disse ao amigo.

— E por acaso já pensou por um momento que ela talvez não seja nenhuma delas? Afinal a digital dela não confere com nenhuma das vítimas, e o DNA não bate com os parentes de Alana... —Rodrigo ponderou por alguns momentos.

— Eu já pensei nisso Alan, só que é uma chance. Já vi mais de uma vez pessoas com digitais diferentes em seus documentos, nesse nosso ramo vemos de tudo! Em outros casos já me deparei com falsificações de documentos que beiram a realidade — tentou esclarecer.

— Tudo bem até aí tudo bem, mas e se os DNA não conferir com o de Grey, o que

você pensa em fazer?

— Eu estou procurando por pessoas que registraram queixa de desaparecimento de mulheres nos últimos cinco meses, mas até agora nenhuma descrição ou foto confere com Grey — Rodrigo aproximou da mesa dele e remexeu em alguns papéis para mostrar a Alan as suas pesquisa — Está vendo as relações que estão aí? — Alan afirmou com a cabeça — Então nada que conste o perfil de Grey, nem descrições semelhantes. Fucei em tudo, desde delegacias do interior até arquivos internacionais.

— Foi tão longe assim?!—perguntou Alan espantado com a preocupação do amigo.

— Sim. Entrei em contato com a Interpol, mostrei as digitais dela e eles também não a reconhecerão em seus bancos de dados.

— Bom desse jeito não temos muitas opções. — disse Alan desconsolado — Só se ela recuperar a memória...

— E isso é algo que não depende de nenhuma cirurgia. Ela sofreu um trauma emocional e não físico. O médico falou que somente quando ela estiver preparada para digerir o trauma ela recuperará a memória.

— Acha que ela é uma das vítimas?

— Não tenho certeza de qual delas, mas se as informações que eu obtive estiverem certas é bem provável que ela seja Alana.

— Como pode ter chegado a essa conclusão?

— Não se trata de um conclusão, é só uma suposição.

—Sabe como me sinto—disse Alan olhando para o amigo—Como se tivesse andando em círculos.

—Eu também.

Chegou à casa de sua irmã já passava da uma da manhã, tinha se excedido! E estava morrendo de sono, abriu a porta do apartamento entrou, sentou-se no sofá. Reparou no silêncio que fazia, era provável que Grey já estivesse dormindo. Levantou-se e foi verificar.

Abriu lentamente a porta do quarto, entrou com passos de felino para não acordá-la. Ela parecia muito tranquila dormindo, não estava tendo um sono muito tranquilo no cenho uma risca podia ser vista. Os lábios estavam entreabertos, mostrando uma parte dos dentes brancos, conseguiu ver seus traços graças à luminosidade que entrava pela janela do quarto.

Ela estava coberta por um lençol os braços delicadamente jogados na cama, se tivesse cabelos cumpridos estariam espalhados pelo travesseiro.

Ele começou a sentir a boca seca e o sangue correr mais rápido, seu desejo por ela estava aumentando, sentiu seu corpo reagindo ao dela. Não era certo o que estava acontecendo ela podia se casada! Na verdade erra era uma das hipóteses mais fortes que

ele tinha.

Nesse momento ela se mexeu na cama virando o corpo, ficando em uma posição lateral e quando se moveu levou consigo o lençol, deixando se corpo nu exposto. As curvas da cintura e dos quadris levemente arredondados estavam deixando Rodrigo louco de desejo. *“Ah nem mesmo uma ducha fria vai resolver meu problema!”*. Aproximou-se mais da cama e com a ponta dos dedos deslizou a mão suavemente pelo quadril dela... Ficou com medo de acordá-la. Desceu a ponta do dedo pela pena bem feita, chegando ao joelho. Ele queria mais e queria ver mais... De repente se pôs de pé afastando da cama como se tivesse um monte de aranhas.

“Droga! O que estou fazendo! Sou um homem da lei! Não posso... Mas ela é tão linda!”

Uma parte da sua anatomia estava dolorida, sabia que não poderia continuar com aquela carícia, não era certo ela era uma moça que precisava de sua ajuda, e ele devia todo respeito a ela. Então reunindo toda sua força de vontade se retirou do quarto com a mesma agilidade.

“Vou ter que tomar dez banhos frios para me aclama, o pior vai ser amanhã só de lembrar daquele bumbum. Ah! Eu fico louco!”

Um Beijo

Beijar é bom? Talvez eu não tenha tanta sorte nisso, mas os mais românticos dizem que é mágico e muda a vida, principalmente se for um beijo de amor. L'amour! Como dizem os franceses. Não gosto da França. Não tenho boas lembranças. Mas só estive lá a trabalho, quem aproveita um viagem quando se vai a trabalho?

E como era de se esperar na manhã seguinte foi muito difícil de encarar ela, principalmente por que ela se movia na cozinha com muita graça. Balançava os quadris e ao som da musica que vinha do radio.

—Bom dia!—cumprimentou ele sorrindo.

—Bom dia como vai?

—Na medida do possível bem por quê?

—Ahã nada, só que pensei que você estivesse com medo ainda!

—Só tenho medo quando você não está por perto. —aquilo o deixou desconcertado e a fez ruborizar — É que você me protege e agora que sei que estão a traz de mim, não sei, penso que poderia ser bom conhecer quem quer me pegar...

— Nem diga uma coisa dessas!—gritou ele a assustando—Desculpe! É que você não sabe quem é que está a traz de você – disse apertando a base do nariz.

— E quem seria essa pessoa...

— Um dos homens mais cruéis que já conheci, ele não tem piedade de ninguém.

—Como assim? Você conhece a pessoa que está a traz de mim?

— Não exatamente! Conhecemos o executor, falta saber quem é o mandante. Entende?

—Mais ou menos — disse confusa.

Naquela manhã ela estava linda, tinha mudado muito desde o dia que a encontrou. Ganhou peso, não muito, aquilo evidenciava mais suas curvas suaves. Ela estava usando uma das roupas de Cris, parecia ter preferência por jeans e camisetas simples. Tudo muito pra estava usando um dos vestidos de Cris florido e curto, deixando suas coxas à mostra.

— Seu caso Grey é muito complexo, não envolve somente o DAS, mas toda a polícia civil. Até a Interpol. Esse cara na parada não é boa coisa. Ele não te pegou antes, mas é questão de tempo.

Aquilo a assustou muito, não tinha ideia que podia ser tão complexo. Era como estar um beco sem saída. Sua mão começou a tremer, e um suor frio se espalhava pela têmpora.

— Não vou deixar isso acontecer com você. Entendeu? – ela olhou para ele assentindo.

Ela não o vira no dia anterior, ele tinha saído cedo e provavelmente chegou bem tarde. Notou olheiras nele de cansaço, realmente ele estava abatido, mas continuava muito lindo, principalmente vestido de calça jeans e camiseta branca. Naquele momento seus sentimentos estavam confusos, estavam mudando aos poucos e o tempo de convivência com ele estava mudando seu coração. Não sabia se tinha marido ou se tinha filhos, mas se estava sentindo aquilo por ele talvez não tivesse ninguém. Ou talvez não estivesse realizada com a pessoa que estava. Ou estivesse passando por algo pior, talvez sofresse maus tratos. Não queria ser adúltera... Os pensamentos rodeavam sua mente tirando a pouca paz que ela era capaz de ter.

Rodrigo segurou sua mão que estava descansando no balcão da cozinha. Ela sentiu os dedos quentes sobre os dela. Era tão reconfortante e cálido. Um calor subia pela sua mão e o seu rosto estava esquentando, de repente começou a sentir muito calor.

“Deus! Não sei o que pensar! Isso me deixa tão... tão... Ah! Ele tem olhos tão lindos! Ele é tão sexy!”

—Grey?! Grey?—fazia alguns minutos que ela estava parada olhando para o vazio — Grey!

—Oi!—assustou-se.

—Você estava parada aí...

—Desculpe eu acho que “viajei”!

—É! Mas de volta ao assunto...

—Sou mesmo tão importante?—perguntou com os olhos arregalados de curiosidade.

—Você é muito importante—disse com um tom de voz sonhador, mas logo se recompôs—Quer dizer seu caso é muito importante e eu estou assumindo um grande risco tendo você comigo! Risco para você em principal!

—Por quê?

—Porque uma vez te acharam e podem achar de novo, isso me tira o sono!

—Sei...—disse ela ao sentar na cadeira passou geleia em uma torrada com que pensando — E se eu sumisse daqui... Não sei talvez fosse para a casa de seus pais...

—Não! Quero você sob minha vista! Além do que não posso envolver mais pessoas nessa investigação.

— Claro... Foi só uma sugestão...

— Eu sei Grey, mas entenda não estou nervoso, só um pouco cansado e estressado com tudo o que está acontecendo. – ele levantou e começou a andar na cozinha passando as mãos nos cabelos escuros. Parou e apertou a base do nariz – Estou com casos muito

complicados, coisas que nunca aconteceram antes!

—Entendo...

—Sei que não entende, mas agradeço por tentar...

—Como ousa dizer que não entendo!—começou a falar irritada por ele estar agindo como se ela fosse burra — É você que não entende nada! Eu sou seu caso! Eu não tenho memória nem para ajudar nas investigações!

— Sei...—começou ele mas foi cortado pela irritação dela.

— Não sabe não! E nem tente entender o que está acontecendo comigo, por que não vai conseguir! — agora ela falava compulsivamente estava vermelha de raiva e tinha lágrimas nos olhos — Eu não tenho nenhuma lembrança do que me define como ser humano, eu não sei da onde vim e nem quem era! Só me lembro de estar em uma estrada com fome, seminua e ter indo parar em um posto de gasolina imundo! Só para ter o que comer! Fugindo Deus sabe do que! É assim que sinto todos os dias. Quando você sai por aquela porta eu penso o que vai acontecer de novo! Passou pela sua mente nem que seja por um milésimo de segundo o que foi ficar enfiada naquele gabinete, enquanto um bando de doido estava lá fora descarregando suas armas! – nesse ponto ela já gritava.

— Grey! —ele segurou os braços dela, e nos olhos brilhava a raiva e frustração.

—Você nunca vai saber o que é isso, nunca vai saber o que é acordar e dormir pensando se tem filhos. Sem saber se tem alguém a sua procura!

—Eu vou conseguir encontrar seu passado prometo—ela riu histérica.

— Prometa o que está ao seu alcance. Não tenho sequer digitais reconhecidas! Como você! Você vai conseguir isso, só mesmo um milagre e dos bons!—continuou rindo.

— Não ria!—gritou Rodrigo agora muito nervoso.

Ela olhou para ele nos olhos, ficaram por alguns instantes se encarando. Então ela se livrou das mãos dele e saiu da cozinha derrubando a cadeira.

— Grey!—gritou—Volta aqui Grey nós estamos conversando! Não pode simplesmente virar as costas para mim! Volta aqui!—ele escutou uma batida de porta. *“Ela com certeza se trancou no quarto, mas se ela pensa que vai ficar assim ta muito enganada! Droga!”* Ele bateu na porta do quarto.

— Grey abre a porta!—esperou a resposta que não veio—Abre a porta! Não faz assim Grey não precisa disso! Até parece criança.

—Agora além de burra sou criança!—ela gritou de lá de dentro.

Ela olhava para a porta pensando se devia abrir, sabia que ele não tinha falado por mal, mas não gostou do olhar de piedade que ele lançou para ela na mesa da cozinha. Gostava de Rodrigo, mas às vezes ele a irritava com a maneira de super proteger ela. Pensou de novo se devia abrir a porta, foi até a mesma colocou a mão na maçaneta e assustou-se com o grito de dele.

— ABRE A PORTA GREY!

— NÃO!—decidiu. — algum tempo passou e ela continuava olhando para a porta. Nem sabia o porquê tinham brigado.

— Olha eu não quero ir trabalhar brigado com você... — disse em voz mansa, que ele sabia por experiência que funcionava — Por favor!—esperou alguns instantes quando ouviu o barulho de chave, e a porta sendo aberta.

Ela estava parada na porta com os olhos vermelhos, por causa do choro e disse.

— Não quer mesmo sair brigado comigo! — seus lábios se converteram em um biquinho infantil.

—Não mesmo!—disse ele puxando-a pelo braço, e fez com que ela se aconchegasse em seu peito —Vem cá!—sentiu o perfume dos cabelos dela, que já estavam crescendo.

Ela sentiu o peito firme dele e o cheiro que exalava a fizeram sentir-se tensa e quente, levantou levemente a cabeça sentindo o queixo dele, escorregar pela sua tez.

Ambos estavam tensos e respiravam com dificuldade, de rosto colado Rodrigo procurou a boca dela e quando encontrou, sentiu os lábios dela trêmulos e quentes, cobriu sua boca com um beijo cheio de volúpia.

Grey sentiu o sangue correr mais rápido nas veias, e uma eletricidade no ar, algo que não sabia existir, um sentimento tão intenso que suas pernas ficaram bambas. Enquanto que Rodrigo sentia puro desejo arder dentro de si suas mãos passeavam pelo belo corpo, fazendo seu desejo aumentar.

Sem interromper o beijo, ele encostou-a na parede do corredor. Rodrigo sentiu o corpo macio estremecer de encontro ao seu e agora se perdia em desejo. Seu corpo doía. Rodrigo soltou um gemido de puro prazer e deslizou as mãos pelas curvas insinuantes da cintura, enquanto que a língua explorava o contorno suave dos lábios e a umidade macia daquela boca sensual.

Com um gemido, Grey envolveu-o pelo pescoço e colou o corpo ao peito másculo, queimando de desejo.

“Oh deus e se eu sou casada!” Ela pensou.

E ela só percebeu agora que tinha essa possibilidade?

Ele percebeu a rigidez no corpo dela e com muito custo se afastou, e notou que ela estava com rosto corado pelos afagos e olhos assustados, mas não pode deixar de continuar a desejá-la. Ela estava muito desejável naquele momento.

“Ótimo! Agora ela vai ter medo de você seu grande idiota! Tinha eu ataca-la dessa forma como se não visse mulher há um século!” Pensou ele virando de costa para

não vê-la naquele estado, pois isso o deixava mais desejoso. Grey por sua vez se recompôs com a dignidade que lhe restava na atual situação.

—Desculpe eu...—ela levantou a mão.

—Não há necessidade de se desculpar! Eu sou tão culpada quanto você...

—Não! Eu sou culpado!

—Eu já disse para você não se culpar! E nós só não continuamos por que não sei quem sou e não quero me arrepender depois!—ele ficou espantado com o autocontrole dela.

—Claro você tem razão!—ele ficou sem graça—Bom melhor eu ir... Tenho muito que fazer hoje.

—Não fica assim...

—Ficar como?!—ele deu dois passos e a alcançou, segurou seus braços — O que fiz não foi certo Grey! Eu tenho por obrigação proteger você e de repente, sou eu o perigo!

—Gosto de você Rodrigo!—disse ela deslizando os dedos pela face dele — E gosto muito!—aquela confissão deixou-o abalado — Sei que posso ser casada, ou sei lá ter um namorado e filhos, mas o que estou sentindo por você...

—Não fala isso!—interrompeu ele — Não pode sentir nada por mim... Isso é só agradecimento! É isso só gratidão... E não é certo...—disse ele com rudez.

O modo como ele falou a deixou sem graça e ao mesmo tempo irritada. Irritada pelo fato dele não levar em consideração seus sentimentos, mas e se realmente fosse casada então não era certo ela agir daquela forma tão leviana.

—Claro, mas se pudermos esquecer o incidente eu agradeceria!—decidida a esquecer.

—Claro! Bom eu tenho que ir andando e... E se tiver qualquer problema me liga ta?

—Certo...

Nesse momento o celular de Rodrigo tocou de forma insistente. Era Alan que estava tentando falar com ele.

—Meu cara! Faz um tempão que to ti ligando! Você não ouviu o telefone!—perguntou irritado.

—Não! Não ouvi! Mas por que você está tão estressado!—disse olhando para Grey.

—Eu estressado! E não é para menos! Você ainda não viu o que está passando na TV?!

—Como assim... — Grey apenas observava a cena, ele estava muito agitado e falando sem parar — Quem deixou isso... Como assim.

Ele olhou para ela e disse:

—Liga a TV!— Alan dizia no telefone, Rodrigo foi até a sala e fez dessa forma.

—O que tem na TV? – ele ainda falava no telefone e Grey observava.

—Põe no canal de notícia— Alan instruía no telefone Rodrigo —Está vendo o que eu estou?

—Droga! Acho que sim.

“...e Alana Haddad, mas nada foi confirmado pela polícia, de acordo com informações de fontes seguras, no momento esses dois desaparecimentos que está deixando a polícia de prontidão. Voltamos ao vivo com o repórter Luiz Rocha que está em frente à delegacia de polícia cível e pode nos dar maiores explicações”.

— Luiz como estão às coisas por ai?

— Bem Ana como você mesmo havia dito, nada foi confirmado pela polícia, mas as nossas informações procedem, e nesse momento estamos aguardando a chegada do investigador Rodrigo Corona que está conduzindo os casos. Foi nos passado que haverá uma coletiva para dar maiores explicações! E como você pode ver Ana nem o investigador e nem o chefe de investigações Gustavo Ferreira da Silva chegaram! Voltamos aos estúdios com Ana Paula Vilela. Ana?

— Ao que parece que teremos que esperar... Mais um carregamento de cocaína que era levado de São Paulo ao Rio de Janeiro foi...”“.

Rodrigo desligou a televisão não acreditando no que estava acontecendo, agora com a imprensa em cima as coisas iriam se complicar, mais do que já estavam. Teria que dar muitas explicações, entre elas à semelhança das vítimas.

— Mas que droga!—gritou fazendo Grey se espantar— Alan você está ai ainda?

— E ai meu! O que vamos fazer?

— Não sei. Vou ligar para o chefe sei lá! Só sei que agora as coisas complicaram...

— Então te vejo no DP, Ok?

— Ok!

Grey notou a tensão que a notícia provocou em Rodrigo.

—Por que a notícia é tão ruim?

—Não é que seja ruim, mas com o vazamento das informações nossa investigação pode ser comprometida.

—Mas por quê?

—É um pouco complicado para você entender. Bem vamos ver se eu consigo...É melhor eu explicar para você agora do que você ver a explicação na TV.

—Explicar o quê?

—Você Grey é muito parecida, não somente parecida você é idêntica às moças que estão desaparecidas. Não fosse pela falta de digitais...

—Como isso é possível?!—exclamou confusa.

—Eu não sei... Nunca tive um caso sequer parecido com esse.

—Ainda não entendi! Como assim idênticas?

— Espere um pouco aqui—Rodrigo pegou o celular e mostrou a ela as fotos—Vê!

Ela olhava abismada para as fotos! Mas não se lembrava de ter tirado aquelas fotos, assim como não lembrava de nada. Olhou para Rodrigo continuava mudo apenas observando as suas reações. Não era ela, ela nunca tinha tirado aquelas fotos. Uma das moças ela tinha certeza que não era, por causa do sinal no rosto.

— Parecem comigo! Sou eu nessas fotos?

—Não é você.

—Como não sou eu! Olha ai! Como estou nessas fotos. Veja!

—Não é você Grey. Essas são Patrícia Sabatini e Alana Haddad. Elas estão desaparecidas, uma foi um sequestro explícito a outra não temos muitas informações.

Ela olhava as fotos sem acreditar, tinha se mantido um pouco alheia a tudo na tentativa de refazer suas mente. Ela via e não acreditava que existia pessoas tão parecidas no mundo.

— São gêmea? – ela estava curiosa.

— Não, na verdade nem se conhecem.

— Certo e... Quando você pretendia me falar disso. – os olhos acusadores estavam mirando nele.

— Não estava escondendo de propósito – ela olhou com mais intensidade – Bem se você soubesse iria tentar contato com eles e acabaria atrapalhando as investigações. E eu comparei as digitais de vocês e elas não batem.

Grey continuou olhando as fotos e se inteirou que Alana Haddad era recém-casada e Patrícia Sabatini era uma modelo muito famosa. Não conseguiu se imaginar na vida de nenhuma delas. Mas se ela fosse uma das duas era bem provável que fosse a moça casada. Ficou chocada.

— Tem fotos dos parentes delas? Gostaria de ver... – ela estava ansiosa para ver se reconheceria o rosto de alguém.

— Tenho... – ele colocou as fotos em sequencia no celular.

Grey viu as fotos de varias pessoas.

— Essa é Amélia, irmã de Alana. – Grey olhava para tela e via uma mulher linda loira, com um sorriso plástico e olhos azuis. Não a reconheceu.

— Não reconheço essa pessoa...

— Certo... Bem esse é o pai de Alana – Ela viu um homem aparentando meia idade de olhos verdes rosto aristocrático, cabelos grisalhos e olhar frio, a boca firme fechada. Não o reconheceu.

— Também não sei quem é essa pessoa, mas ele é intimidador...

— Sim... É um homem de negócios... Tem que ser assim... – deslizou o dedo – Patrícia não tem parentes, mas tenho o foto do empresário dela.

Um homem muito parecido em porte com o outro, só que era mais corpulento, tinha os cabelos grisalhos e olhos muito escuros e usava uma barba rala que já estava meio branca. Os olhos escuros eram peculiares pequenos e escuros, ela olhou mais de perto... Sua memória não ajudava...

— Também não estou reconhecendo ele... Estranho... – uma dor na sua cabeça estava dando indícios de que evoluiria para uma dor maior. Podia ser devido ao fato de estar se esforçando?

Rodrigo olhou para ela e viu que estava com uma das mãos apertando a têmpora e seus olhos prata estavam mostrando indícios de dor.

— Bem não se esforce...

— Tudo bem... Qual a próxima foto. – Rodrigo não queria mostrar, mas não achou justo ela não ver.

Um homem atraente apareceu na tela do celular, ele tinha os cabelos castanhos encaracolados a boca fina e um nariz adunco diferente com a ponta meio fina, não ficava feio no seu rosto um tanto fino.

— Esse é o esposo de Alana. – Grey olhou espantada para Rodrigo, observando a contrariedade no seu rosto.

Ela olhou para a tela do celular tentando imaginar aquele homem como seu esposo, tocou com a ponta do dedo a tela, esforçando sua memória. Se esse fosse seu esposo tinha que sentir algo por ele. Era um homem bonito, atraente. Então porque não sentia nada?

Rodrigo estava naquele exato momento sentindo uma gutural tortura. Ele observava como Grey olhava para a foto, como tocou a tela... Ela não tinha feito isso com nenhuma foto, mas aquela ela estava fazendo. Por fim ela virou e olhou nos seus olhos e disse:

— Não reconheço... – a voz dela falhou nesse ponto.

Se houvesse amado uma pessoa, essa pessoa tinha que estar no seu coração. Porque nunca nem por um segundo sentia que esqueceria Rodrigo. E essa constatação afetou mais ainda sua frágil emoção.

Tão lindo esse pensamento, chega a ser comovente não acha? Bem nem sempre as pessoas são assim. O amor vem e vai... Se fosse dessa forma acredito que ficaríamos amarrados a vida toda ao nosso amor de infância. Você se lembra dos seus amores?

Imprensa

A sala de imprensa estava lotada, muitos repórteres buscando informações, sobre o que de fato ocorreu com as moças que foram sequestradas. Rodrigo entrou na delegacia pelos fundos para não ser visto, subiu até sua sala onde se encontrou como o seu chefe e Alan.

A mídia em si não é ruim, só que com o passar dos anos se transformou de um meio de comunicação para o meio de espetáculo! São como urubus a procura de carniça, na primeira oportunidade se juntam e formam um circo de proporções épicas. Não vou tirar o mérito de muitos profissionais desse meio. Mas uma grande maioria utiliza dessa suposta libertada propagando e explorando o sofrimento.

—Que bom que você chegou Rodrigo!—disse Gustavo visivelmente transtornado —Não sei quem deixou vazar essa notícia, mas juro que vou matar quem fez isso!— gritava o chefe.

—Bom! Não é hora de procurarmos o culpado, mas de darmos alguma coisa para imprensa falar—disse Rodrigo tentando acalmar o chefe.

—Claro você tem razão!—Gustavo passava as mãos nos cabelos já grisalhos pelas preocupações.

Eles saíram em direção à sala de imprensa, Rodrigo só tinha dado duas ou três entrevistas na vida e não estava à vontade com o batalhão de repórteres que se formou na sala. Nem bem entraram na sala e já começaram as perguntas.

— Por favor senhores! – a voz do seu chefe ressoou e fizeram silêncio – O investigador Corona e o investigador Ramos vão esclarecer as coisas na medida do possível.

As perguntas recomeçaram, Rodrigo ficou irritado porque todos falavam ao mesmo tempo.

— Investigado Corona como andam as investigações sobre os sequestros?— perguntou uma repórter loira e novinha, parecia não ter muita experiência.

A pergunta dela desencadeou varias outras perguntas, e não deu tempo dele assimilar nenhuma, então se levantou e disse no microfone.

—Silêncio! Por favor? Silêncio!—todos olharam para ele o que o deixou mais nervoso—Eu vou responder as perguntas sim, mas uma de cada vez! Primeiro porque eu não entendo todos falando juntos, e assim não vou conseguir responder da melhor forma.

E segundo, eu não tenho um pinga de paciência para encarar um monte de tagarelas — todos continuavam em silêncio olhando-os estarrecidos — E se não houver colaboração eu dou por encerrado a coletiva, OK? Então como quem cala consente vamos a primeira pergunta—disse sentando-se novamente.

—Detetive? Ana Marques do jornal Frente. Como andam as investigações?

—No pé que vocês encontraram. Não temos muitas pistas e não podemos ligar os sequestros ainda.

—Como assim?—perguntou a loira — Será que o detetive poderia nos dar maiores informações?

—É seu nome é Ana não é?—a loira assentiu—Bem Ana, toda a investigação sobre esse caso, corre sob segredo de justiça. Creio eu que você saiba o que isso significa.

—Claro detetive! Mas a população tem o direito à boa informação e é isso que todos viemos fazer aqui.

—Não tem muita coisa que eu possa passar para vocês, mas vou fazer o possível para que tudo fique mais claro certo.

— Investigador! Paulo Roberto do Estadista! – um moço novo de aparência culta – Desde quando a modelo Patrícia está desaparecida? Ela deixou alguma informação, sabe dizer se tem imagens dela no dia do desaparecimento?

— Bem quanto a isso, não podemos afirmar nada, até o ponto em questão o caso da modelo Patrícia Sabatini está sendo tratado como desaparecimento.

— Então no caso de Alana Haddad vocês tem certeza de ser sequestro? – insistiu Paulo.

— Até o presente momento sim – respondeu Alan – Estamos colhendo mais provas para nos ajudar.

— Fernanda Lima rádio JNN! Vocês podem afirmar se o sequestro aconteceu no dia do casamento de Alana com o Deputado Victor Guimarães Rosa?

— Não podemos afirmar e em discordar de nada nesse momento, como eu disse anteriormente esses casos estão correndo sob segredo e não temos permissão de trazer detalhes à tona. – respondeu Rodrigo.

— Certo, mas segundo nossas fontes isso pode ter ocorrido, visto que a esposa do deputado não é vista desde o dia de seu casamento...

As perguntas continuaram por uma hora. Rodrigo saiu da sala, exausto como nunca tinha ficado.

—Detetive?—sou uma voz a traz dele.

—Senhorita Ana!—disse irônico — Porque será que não estou surpreso.

—Detetive poderíamos falar mais tranquilamente sobre o caso.—sugeriu ela com a voz provocativa — Extra oficialmente?

—Ana!—ele respirou fundo apertando a base do nariz, estava impaciente e vendo ela se jogar daquela forma, só por causa de uma notícia o deixou mais irritado — Senhorita Ana Marques não tenho nada a declarar além do que foi dito dentro daquela sala, nem oficialmente muito menos “extra” oficialmente—ele fez questão que fixar a palavra.

Rodrigo saiu pelo corredor deixando a loira furiosa, ele estava farto de tudo aquilo e tinha muito trabalho pela frente.

—Maldita hora que peguei esses casos! Só me compliquei e agora tinha que lidar com a imprensa.

Eles já estavam acampados na frente da sede do DHPP, agora ficaria mais complicado manter Grey invisível, ele sabia por experiência que eles viriam atrás do carro dele tentando colher mais informações. Só queria saber quem foi que vazou tudo isso. Quem teria interesse que tudo viesse à tona.

Em outro lugar da cidade, mais precisamente em um escritório uma televisão foi desligada com raiva e o controle atirado no chão parando aos pés de quem entrava no exato momento.

—Por que tanta raiva? – perguntou um homem sem rosto.

—Eu disse para você que queria o problema resolvido o mais rápido o possível!— gritou.

—Estamos a caminho disso...

— Você está brincando, e eu sei bem disso! Se quisesse já teria resolvido isso!

— Sim e prefiro que ninguém atrapalhe minha brincadeira – o homem sem rosto sentou na cadeira giratória apreciando a vista.

— E o que está fazendo aqui? Alguém viu você entrar? – falou o homem ansioso.

— Sou profissional...

— Não estou vendo muito profissionalismo... – falou e se arrependeu quando viu o olhar assassino do homem sem rosto.

— Estou me divertindo muito e não quero interferências... Vou terminar isso antes que você tenha problemas...

— Assim espero...

O homem sem rosto levantou e caminhou tranquilo pela sala até a saída, não tinha ninguém do lado de fora.

Grey acompanhou a entrevista pela televisão, não deram muitas informações, mas mostraram fotos de todos aquelas pessoas que Rodrigo tinha lhe mostrado mais cedo. Mesmo olhando na televisão não conseguia formar uma conexão. E ainda estava pensando

como sua mente ficaria se ela fosse a moça casada agora que tinha aquele sentimento estranho no peito. Grey não se conformava com o fato de não se lembrar de nada, não entendia como teria perdido a memória.

Estava sentada no sofá olhando para a televisão, que acabara de exibir a coletiva de Rodrigo deixando ainda mais confusa e tensa. Não somente pelo fato dela não se lembrar, mas também como podia ser tão idêntica às moças desaparecidas.

Levantou-se foi até o quarto entrou no banheiro e começou a olhar no espelho, seus traços tão delicados e fortes, tinha o nariz levemente arrebitado o a deixava com um ar de atrevida, olhos cor de prata. Não gostava muito da cor deles, e nada naqueles traços lhe era familiar.

—Talvez se eu me maquiar um pouco... Mas onde vou conseguir maquiagem — pensou —Talvez no quarto de Cris eu ache alguma coisa...

Caminhou pelo apartamento até o quarto de Cris, entrou seguiu direto para o banheiro que era maior que os outros da casa, e como o resto do apartamento muito bem decorado, logo que entrava no banheiro um enorme espelho refletia a sua imagem, próximo a ele estava um gabinete lá encontrou uma variedade de maquiagens. Já tinha visto varias vezes aquele lugar, mas nunca tinha imaginado usar nada. Não tinha noção se conhecia alguma técnica para fazer uso.

O mais interessante de incrível no ser humano é como o cérebro se comporta, e como memórias praticas sobrevivem às memórias emocionais.

Ela continuou olhando para tudo aquilo e com uma pericia inata começou a passar no rosto, vários produtos. Como se sempre tivesse feito aquilo na vida... Como uma rotina...

Estava no acabamento dos olhos traçando uma linha preta no contorno dele quando sua mão vacilou e manchando seu rosto.

Com o olhar fixo na mancha preta que o lápis formou ela se aproximou mais e mais do espelho conferindo a maquiagem e tudo o contexto que ela havia criado. Saiu como que uma sonâmbula no banheiro seguindo cada passo como se as pernas estivessem mais e mais pesadas.

—Grey! Grey!—Rodrigo entrou no apartamento chamando por ela, foi até o seu quarto em nada —Grey! — continuou gritando, mas nada dela responder.

Algo não estava bem! Ela nunca tinha deixado o apartamento desde o dia que chegaram. Parecia ter medo de andar nas ruas. E não tinha curiosidade com nada. Depois do ataque ficou mais alerta e não se aproximava muito nem das janelas. Onde será que ela tinha se enfiado onde estaria, começou a ficar desesperado por pensar que alguém tentou levá-la novamente. Era como se tivessem tirado algo muito precioso dele...

—Grey!

Entrou nos quartos, procurou nos banheiros, salas, cozinha e nada. Resolveu perguntar na portaria se ela havia saído. O medo tomou conta dele. E se o Lobo tivesse conseguido acesso ao apartamento? Não tinha como ele saber, precisava de mais informações!

Com um rompante chegou à portaria perguntou aos dois porteiros se eles estavam de serviço durante o dia todo.

—Não senhor nosso turno começou há meia hora.

—Certo então eu vou precisar das fitas de gravação do dia de hoje, com quem eu consigo isso?

—Com a segurança e com o síndico senhor!

—Certo vou falar com eles...

Rodrigo procurou o síndico do prédio e a segurança, onde conseguiu as fitas de gravação do dia inteiro para analisar com calma.

Procurou imagens que pudesse lhe dizer algo sobre o que aconteceu, mas infelizmente eles tinham apenas as imagens do elevador e corredor social, nada que pudesse revelar algo sobre o desaparecimento de Grey.

Procurou pelo apartamento vestígios do que poderia ter ocorrido, mas nada encontrou. Apenas o quarto de Cris estava desarrumado, havia roupas espalhadas na cama e no banheiro onde ele encontrou uma infinidade de maquiagens espalhadas sobre a pia.

Sentado no sofá ele começou a pensar nela, em como ela era, suas manias, tanta coisa para guardar na memória. Ficou desesperado pensando que se Lobo a encontrou, com certeza ela estaria morta, e havia o fato dela ser uma das moças desaparecidas, que o deixou mais inquieto.

Lembrou-se da pele macia que ela tinha e como a havia conhecido, e sem querer percebeu que ela era muito importante para ele, mais do que tinha imaginado. Seu jeito alegre deixou seu coração aquecido, fazia tanto tempo que não tinha ninguém na sua vida, nenhuma mulher que cobrisse o vazio que ficou no seu peito após a morte de Graziela.

Tinha encontrado em Grey o brilho da vida novamente e tendo tão perto de si, não percebeu até que a perdeu. Mas se ela fosse uma das moças, seria muito difícil de terem algo junto, em principal se ela fosse Alana tinha visto nos olhos de Victor, o amor que ele sentia por sua esposa, em principal o desespero que tinha no olhar o mesmo que via agora em seu próprio olhar.

Mesmo pensando nisso, não pode deixar de desejá-la tinha sentido o sabor de seus lábios, de seu corpo e só não houve maiores tormentos por que recobrou a consciência, viu desejo em seu rosto, mas viu também a preocupação com relação ao que poderia acontecer.

—Só se ela recuperou a memória!—pensou alto — Isso sim poderia explicar o fato dela ter desaparecido.

Pegou o telefone e discou o número do seu parceiro.

— Ramos.

— Alan? Sou eu!

— Fala?

— Ela sumiu! Grey sumiu... – Alan respirou fundo.

— Cara que bosta! Parece que tudo fica cada vez mais complicado! Ela não deixou nenhuma informação? O apartamento está revirado ou algo assim?

— Cheguei e tudo estava normal, sóo quarto de Cris que estava com as roupas e maquiagens reviradas. Ela nunca mexeu no quarto da minha irmã.

— Estranho o que você acha que pode ser?

— Não sei, mas acho que vamos ter notícias em breve.

— Acha que ela recuperou a memória? – Alan arfou.

Rodrigo olhou pela janela obsevando a cidade iluminada pelas luzes noturnas.

— Não sei, mas estou preocupado.

— Você não deixou um pessoal nosso aí de olho na segurança?

— Eu tinha até esquecido disso, mas acho que não viram nada... Olhei as gravações de segurança, não encontrei nada.

— Foda!

— Sim.

Desligou o telefone olhando para o apartamento vazio sentindo uma falta maior do que sentiu de Graziela... Se Grey era uma das moças ele logo saberia, seria uma questão de horas para que alguém comunicasse a volta dela para a polícia e ele seria avisado em seguida. Não sabia se isso o deixava triste ou feliz

A noite se arrastou infinita. Sua preocupação o deixou plantado no sofá da sala olhando a notícias na televisão. Com a cobertura da mídia era a todo instante as imagens das duas moças aparecendo na tela. Seu celular no feed de notícias também estava repleto de imagens delas.

E assim foi por dias e noites.

Reencontro

Rodrigo estava com os olhos vermelhos naquela manhã. Estava olhando sua face tentando manter-se acordado. Tinha passado a maior parte da noite insone e agora precisava manter a lucidez. Fazia alguns dias que não tinha uma boa noite de sono, desde o desaparecimento de Grey. Olhou cada canto da cidade e nos arredores do prédio procurando por câmeras de segurança que pudessem pegar qualquer imagem dela. Ela tinha evaporado, existiam muitas formas de sair do prédio, pelas imagens que conseguiu só a viu saído sozinha do apartamento em direção as escadas. Ninguém entrou e ela não tinha recebido nenhuma ligação como viu no celular que estava esquecido no sofá. Isso só trouxe a hipótese de ela tinha recuperado a memória, mas não explicava porque ela não tinha deixado nenhuma mensagem. E outra coisa que o deixava preocupado era que nenhuma das moças tinha aparecido.

Seu telefone tocava na sala. Ele caminhou com muito pouco entusiasmo, sentando no sofá da sua irmã como quem se joga. Viu quem era e atendeu.

—Fala Alan!

—Tenho uma coisa para te contar, que você não vai acreditar!

—E o que seria?—perguntou irônico.

—Elas voltaram...

—Elas?—endireitou-se no sofá.

—É cara isso mesmo...

—Como assim...

—Você não ouviu o que eu disse?—perguntou Alan.

—Eu ouvi, mas...

—Mas nada Rodrigo, vem já para cá que temos muito para relatar.

—Eu não estou entendendo nada.

—Cara é o seguinte, presta a atenção.

—Fala...

—As duas moças voltaram...

—O quê? – Duas!

—É isso mesmo que você está pensando, Alana e Patrícia reapareceram.

Rodrigo desligou o celular estático como a notícia.

—E agora...

Na sede do DHPP, a imprensa estava em peso. Alguém tinha vazado a informação que as moças tinham reaparecido. O Deputado entrou com muito custo se desviando de toda a imprensa que se acumula ao seu redor fazendo perguntas inoportunas.

—Onde ela está! Onde está a minha mulher!—entrou Victor gritando desesperado pelos corredores da delegacia—Onde está ela!—gritou com uma policial que tentava impedir a passagem dele.

—Calma Senhor Rosa!—disse Alan.

Victor foi até ele olhando frente a frente nos olhos do investigador e disse:

—Quero ver minha mulher! Entendeu!—Alan levantou as mãos.

—Não precisa ser tão enfático Deputado!—disse Rodrigo entrando naquele momento.

Victor se desculpou e virou-se para Rodrigo que disse.

—Logo o Senhor poderá vê-la, mas primeiro temos que fazer algumas perguntas para ela.

—Não podem fazer isso depois...—começou Victor irritado.

—Eu entendo sua irritação, mas infelizmente a moça não pode sofrer abalo emocional. Precisamos de detalhes. Mas você pode acompanhar Alan e ver o depoimento pelo vidro especial.

—Eu não admito que isso seja feito... Nunca vi algo parecido acontecer e...

—Infelizmente aqui senhor Deputado o Senhor não tem o poder de admitir nada — Victor fulminou Rodrigo com os olhos — Pode acompanhá-lo Alan?—perguntou e vendo-o assentir seguiu caminho para a sala, precisava ver a moça.

Ao entrar viu uma moça de cabeça baixa, parecia contorcer as mãos de nervoso. Caminhou até ela e nesse meio tempo foi analisando-a com o coração aos pulos. Ela vestia calça jeans surrada, camiseta preta, tinha cabelos curtos como os de Grey, mas estavam penteados e com gel. Quando ela o encarou sentiu o peito apertar, pois viu os mesmos olhos prateados.

—Meu nome é Rodrigo Corona sou investigador desta divisão. — um outro homem entrou e sentou em uma mesa que tinha um computador — Esse é o escrivão Anderson, ele vai anotar seu depoimento para podermos dar continuidade no caso — E era eu quem estava investigando seu desaparecimento.

—Sei muito bem quem você é...—aquelas palavras o deixaram tenso—Eu vi você na televisão. — se ela estivesse mentindo como ele saberia?

—Claro...—disse visivelmente decepcionado—E... Vou começar a tomar seu depoimento Ok?

—Sim.

—Onde se encontrava até hoje senhora Alana?

—Eu...

—Sim.

—Eu estava escondida—ela não o encarava era como se não o visse estava com o olhar perdido, olhava para o espelho na sala.

—Como assim? Não estava em um cativeiro?

—Não. Eu consegui fugir deles no dia do sequestro. Eles bateram em mim quando entrei no carro, aí quando acordei estávamos chegando a um posto de gasolina, então houve um descuido deles e aproveitei para fugir. Escondi-me das pessoas que estão atrás de mim.

—Mas eu não entendo! A senhora é uma mulher casada e se não me engano... Recém-casada! Foi sequestrada no dia do casamento e nem mesmo teve a oportunidade de ter a sua lua de mel.

—Sim — a frieza dela não era compatível com a situação.

—Por que se manteve escondida, se é casada e conta com a proteção de seu esposo? Um deputado.

—Eu sei disso, mas precisava protegê-lo.— tinha amor naquelas palavras.

—E de quem a Senhora tinha que protegê-lo?

—Eu não sei bem de quem, mas não quero envolver ele e ninguém mai nisso... No dia em que me levaram eles disseram que se não colaborasse matariam ele.

—Reconheceria os seus sequestradores se pudesse vê-los?

—Não.

—Por quê?—perguntou curioso, e ainda admirando a beleza dela, tinha os mesmos traços de Grey.

—Eles estavam com o rosto coberto com um capuz, quando me atacaram e depois mantive a cabeça baixa. Eles usavam óculos escuros grandes.

—Sei e aonde eles a deixaram? Quer dizem aonde a senhora fugiu?

—Não sei bem... Eu vim pegando carona até São Paulo, mas acho que foi num posto de gasolina bem perto de São Paulo — aquele depoimento o estava deixando tenso.

—E onde ficou até agora? E por que decidiu vim até aqui?

Ele a olhava, mas ela não o via tinha os olhos rasos de lagrimas como se tivesse fazendo um enorme esforço para falar.

—Eu... Eu estava na casa de um amigo. — Rodrigo sentiu o chão abrir sobre seus pés—Ele é uma pessoa muito boa e me ajudou muito.

Rodrigo não tinha palavras, pois ela era tão igual à Grey os cabelos os olhos, a voz bonita. Exatamente tudo o que fisicamente Grey tinha, mas não parecia à mesma, tinha uma outra energia ao seu redor, como se fosse outra pessoa.

—E como é o nome desse amigo — perguntou ele num fio de voz.

—Prefiro deixar ele fora disso.

—Certo... E não faz ideia do porque a sequestraram?

—Não posso falar disso.— disse ela cínica.

— A questão não é essa, tem que contar o que sabe... Nós vamos proteger a senhora e seu esposo...

—Ainda não é hora para dizer! E se eu falar qualquer coisa podem matar Victor e a mim...

—Se é tão perigoso para ele porque não procurou sua irmã Amélia?—os olhos dela se tornaram carinhosos a menção do nome.

—Ah. Eu não queria que ela apanhasse de novo. Não podia envolver minha irmã. Ela é muito forte por fora, mas extremamente frágil por dentro...

— Seu pai?

— Papai não gostaria de ser envolvido nisso, ele está sempre tão atento ao sua empresa... Quando não me procurou de imediato eu soube que deveria ficar quieta... – ela estava escondendo algo.

— Alana... – começou ele com cuidado – Isso tem alguma coisa à ver com as crianças...

Ela estacou de imediato olhou apreensiva para ele. E ele soube de imediato que ela estava com sérios problemas.

— Pode confiar em nós...

— Não posso confiar em ninguém... Passei o inferno para estar viva aqui hoje.

— Preciso de suas informações sobre o que você sabe sobre as crianças...

— Não vou falar nada – ela olhou com desafio para ele. Tão igual a sua Grey.

— Certo, estou vendo que não vou conseguir nada... Me responda por que agora? Quero dizer por que a senhora retornou agora?

—Porque todo o país sabe do meu sequestro, e isso traria complicações para meu amigo. Não quero que mais ninguém saia machucado — nesse momento ela o olhou nos olhos, e ele viu muita sinceridade naquele olhar.

—Entendo. Bem acho que a Senhora queira ver seu esposo...

—Não!—

—Mas...

—Eu disse não!—disse ela com veemência.

—Ele já está aqui, e...

—Eu disse que não queira vê-lo! Quem foi que o chamou?—ele via raiva e

desespero nos olhos dela — Onde ele está?

—Ali — disse Rodrigo apontando para o espelho. E entregou a ela um cartão onde tinha seus números — Se precisar de ajuda me chame!— Ela olhou para o espelho mal acreditando.

Victor sentiu o olhar dela no seu rosto, mesmo sabendo que ela não o via, assim como sentiu seu olhar durante o depoimento inteiro. Ele escutou cada palavra dela na sala secreta tinha um escrivão, e o detive que o levou até ali.

Olhava para sua esposa e não acreditava no que via, ela estava magra e seus lindos cabelos que antes longos estavam curtos. Ela usava roupas simples, e sentia nela um terror que o assustou. Sua timidez estava um tanto ausente.

Por que ela não queria vê-lo?Ele era seu esposo, amava ela e tinha sofrido sua falta todos os dias, não suportava a ideia de ela ter estado com outro homem durante aquele tempo todo.

Alana foi se aproximando do espelho colocou a palma da mão como se pudesse tocá-lo, então Victor repetiu o gesto dela e por um momento ele pode sentir que não havia aquela parede entre eles.

Victor saiu da sala e foi em direção à sala ao lado, ao entrar ela ainda estava com a mão no espelho.

Pelo reflexo do espelho ela pode vê-lo, sentiu a mesma emoção que da primeira vez, só que desta vez ela tinha um reserva quanto ao que estava sentindo.

—Por quê?—Ela não tinha palavras — Por que não quer me ver?—aquilo não era uma pergunta e sim uma acusação ela pode sentir.

—Bom se vocês me derem licença eu ainda tenho outro depoimento para tomar— anunciou Rodrigo saindo da sala, com o escrivão.

A porta foi fechada então só os dois estavam dentro da sala, não tinha para onde fugir. Ela não sentia bem quando isso acontecia, ele sabia ser persuasivo quando queria, e seu rosto estava mostrando toda uma indignação que ela se surpreendeu.

—Eu ia avisar...

—Quando!—gritou Victor , Alana sentiu arrepiar os pelos do braço—Quando ia me avisar? Quando ia me procurar?—continuava a gritar.

—Eu... Eu ia ligar para você Victor ... Para... Para...

—Para? Vamos estou esperando — ela não conseguia falar.

—Eu não sei... Eu tinha que proteger você!

—Não vou deixar você fazer isso Lana! Eu tenho meus contatos posso me proteger e proteger você! O que pensa que eu sou? Como acha que me senti todos esses dias! Sabe o quanto eu orei e pedi para que você fosse encontrada com vida! – o rosto atraente de seu marido estava triste e os olhos rasos de água.

Victor tinha imaginado que o ganho maior dele com aquele casamento eram as conexões políticas e empresariais, mas o medo de perder ela foi tão grande que não tinha imaginado que estava tão ligado aquela mulher.

— Não podemos mais continuar casados. – aquela declaração deixou Victor espantado.

— Por quê?

— Victor eles vão matar você se continuarmos juntos. Eles têm você na mira deles.

Victor avançou até ela segurou seu queixo e beijou com fúria, para que fosse apagado tudo de sua mente. Sentiu que ela estava cedendo então soltou seu braço passando a mão nas costas, gesto o qual sempre a agradava.

Porém desta vez não funcionou, ao invés de acalmá-la deixou-a mais irritada, Alana empurrou Victor com tanta força que ele caiu sobre a mesa. Ela se assustou pensando que ele poderia ter se ferido, mas logo se recuperou assumindo então uma aparência fria.

—Eu disse a você que não quero mais continuar casada!—gritou.

—O que aconteceu com você?—perguntou Victor se recompondo e assumindo a atitude arrogante — Por acaso teve horas agradáveis, das quais não queira abrir mão? Talvez, seu “amigo” tenha alguma coisa a ver essa sua atitude...

Ele nem conseguiu terminar a frase, pois sentiu o rosto arder pela bofetada que Alana deferiu. Ela o olhava assustada com a própria atitude e magoada com o que ele pensava dela.

Victor levou a mão no rosto, que ainda ardia. Olhou para sua esposa e não a viu, viu apenas uma mulher diferente mais madura e determinada a algo que ele não compreendia.

—Eu vou para minha casa...—disse ele — Como você não vai junto comigo, espero... Espero que entre em contato se precisar.

—Eu vou precisar da...

—Isso eu não vou dar—disse ele determinado—Nunca! Casei com você para ser minha esposa! Amo você como não imaginei que amaria alguém. Sofri e passei por muita coisa nesses tempos para continuar casado com você!

Dito isso ele saiu da sala fez questão de fechar a porta com cautela, demonstrando sua fúria contida.

Alana olhava para a porta fixamente sem vê-la, pois as lágrimas a impediam.

—Um dia Victor você vai me agradecer.

Pelo vidro Rodrigo acompanhou o desenrolar da cena entre o casal, e sentiu desconfortável com o beijo deles. Pelo jeito eles tinham problemas maiores para resolver a

moça estava muito assustada ela estava escondendo algo grande.

Logo depois que o marido saiu à irmã dela chegou, sempre com um sorriso característico passou suavemente pela imprensa. Era impressionante como ela conseguia dobrar todos aqueles repórteres. Carlos estava com ela acompanhando de perto, se orgulhando da sua eloquência.

— Onde está minha irmã? - perguntou para Alan assim que o avistou.

— Ela está naquela sala. – apontou Alan para a sala onde Alana estava.

— Obrigada. – com seu sorriso plástico. Alan estranhava aquela mulher, era bonita, mas parecia que estava moldada de alguma forma.

Carlos observava a cena e sabia que Amélia estava no seu limite, embora esse limite fosse muito grande ele sabia que ela estava pronta para romper em lágrimas. Viu isso no momento que ela recebeu a ligação informando que Alana tinha sido encontrada. Precisou se amparada por ele, e se recompôs de imediato.

Amélia entrou com uma graça desnecessária na sala de interrogatório, parou na porta e olhou para Carlos e disse com a voz rouca e embargada:

— Pode tomar conta da porta por favor Carlos? Não deixe ninguém entrar.

— Claro Srta.

Alana estava sentada na cadeira olhando para a sua linda irmã parecia extremamente fria, mas assim que a porta se fechou ela correu para os braços de Alana chorando copiosamente. Alana não resistiu e chorou junto como não fazia há muitos anos. Ficaram abraçadas no chão chorando, até que foram se acalmando aos poucos. Amélia olhou para Alana e enfurecida deu um tapa no ombro dela.

— Por que fez isso comigo! Imagina o quanto sofri! Olha o que aconteceu com minha maquiagem.

Elas se levantaram e se abraçaram novamente.

— Não podia entrar em contato com você Mel! Eles já tinham batido em você, eu não suportaria se fizessem algo mais.

— Lana eu não sou um bebê, sou sua irmã mais velha. – disse ela segurando a irmã pelos ombros – Só que não parece obviu. Precisa me contar o que aconteceu com você!

— Não posso dizer muita coisa...

— Vou aceitar o que você me disser, agora preciso de um óculos escuro e você também. – disse ela pegando dois óculos na bolsa que ficou jazida no chão. Colocou no rosto de Alana e no seu próprio escondendo o rosto arruinado pelas lágrimas. – Vamos sair desse espelunca! E Lana! Nunca mais faça isso comigo...

Alan estava estarelecido com a cena, ele acompanhou tudo pelo vidro escuro. Nunca imaginou que aquela mulher de plástico era capaz de uma cena tão emocionada.

Patrícia

Patrícia Sabatini colocou a xícara de chá, na mesa que ficava no terraço de sua cobertura, lá ela tinha um vista esplendida de São Paulo. Gostava daquele lugar trazia paz, pois tinha um jardim lindo e cheio de rosas. A cobertura ficava em um edifício luxuoso da Avenida Paulista, quase ninguém sabia que ela tinha aquela cobertura, até porque não queria a imprensa na porta do prédio todos os dias.

Naquele momento ela tomava chá com seu mais precioso amigo. Guilherme Soliani Filippini era moreno, cabelos bem curtos olhos castanhos risonhos e sobrancelhas fartas. Ele tinha uma pinta preta na esquerda, o que acrescentava um charme todo especial a ele, de baixa estatura e corpo atlético. Era piloto de formula um, corria por uma famosa equipe. Mas o que mais Patrícia gostava era do humor dele, sempre contente e sempre com um sorriso enorme no rosto todas as vezes que a via.

O conhecia desde quando ela entrou para o mundo da fama, a imprensa especulou um romance entre os dois por muito tempo, mas Patrícia nunca se envolveu com Guilherme, sentia por ele um carinho enorme de irmão.

Foi difícil no começo, pois Guilherme flertava com ela sempre que a via chegava a ser irritante, até que um dia em um evento que acontecia antes do treino oficial em Imola, ele conseguiu leva-la até uma sala que estava vazia e tentou de todas as formas beijá-la, ela tentava fugir até que ficou encurralada, ela tirou a sandália que estava usando jogou na cabeça dele! Ele era menor que ela vários centímetros, mas sentiu medo assim mesmo.

—Por que você está me batendo?—perguntou ele na época.

—Eu não quero ser perseguida por você!— disse ela enfurecida, os olhos frios, mas no rosto a indignação aparecia por toda a face.

Aquela atitude encantou Guilherme. Ele achou que teria chances com ela, mas percebeu que não poderia forçar nada. E ele nunca tinha forçado uma mulher não precisava era muito bonito, pelo menos aos seus olhos...

—Eu não sabia que estava sendo chato! Desculpa! Eu não imaginei... —se sensibilizou — Quantos anos você tem Patrícia?

— Homens nunca imaginam nada – ela parecia uma gata furiosa —Tenho 18 anos.

—E sente-se acuada quando um homem te acha bonita e tenta algo com você?!— ela apenas balançava a cabeça como uma criança — Nossa eu não sabia que existia mulher tão inocente assim!

—Eu gosto que me respeite!—disse ela com firmeza.

—Certo!—ria ele da cara que ela fazia o queixo ligeiramente levantado em sinal

de desafio, sem falar no nariz arrebitado—Vem comigo vamos voltar para festa, que eu ainda tenho um treino pela frente e quero ser o primeiro amanhã!

Tocou suavemente nos seus braços conduzindo ela de volta a recepção. E desde aquele dia ele se tornou seu grande amigo, embora imprensa tenha noticiado muita coisa sobre essa amizade, nada foi confirmado então eles pararam de se preocupar com a amizade deles. Ainda sai uma notícia ou outra, mas nada que de fruto.

—Por que você ficou tão quieta de repente?—perguntou Guilherme.

—Estava me lembrando de quando nos conhecemos — disse ela com um sorriso nostálgico.

—Ah! — ele riu — Você me bateu!

—É—e ambos caíram na gargalhada.

A campainha tocou interrompendo o momento de alegria, e como ela não tinha empregados naquela casa ela mesma se levantou para atender, mas já sabia que era.

Guilherme se despediu dela com um beijo carinhoso na face, e disse que sairia pela entrada de serviço, ele não queria que ninguém soubesse da sua ida até lá.

Patrícia ao abrir a porta viu um rosto muito familiar e querido.

—Andrés!— cumprimentou —Que bom ver você!—disse com entusiasmo e o fez entrar, parecia que ele não estava de bom humor.

—Que diabos aconteceu com você!—rosnou ele—E que cabelo é esse! Meu Deus quer me matar com um infarto?!—rosnava Andrés pelo apartamento.

—Sei que o que fiz não foi certo, mas...

—Mas nada! Eu tive que dar queixa na polícia, tive que prestar depoimento e aturar a imprensa! E para que! Para saber que você estava com seu amiguinho brincando de esconde-esconde!—continuava irritado

—Não precisa ficar assim Andrés eu estava precisando de férias!—Andrés olhava desconfiado com aqueles olhos escuros, dos quais ela nunca conseguiu esconder nada — Sei...—disse irônico.

—Serio!—insistiu Patrícia.

—E por que seu cabelo está nessas condições?—disse olhando para o cabelo dela que estava desgrenhado—Vai ter que acertar esse corte você sabe—disse como uma ordem.

—Bem acho que vou ao salão para ver o que pode ser feito —falou pegando nos cabelos desconsolada.

— Você engordou também... – ela devia estar uns cinco quilos acima do peso.

— Não exagera... – disse ríspida, Andrés sabia que ela não gostava dessas regras de peso, a deixava incomoda.

—Bom isso não importa agora uma dieta resolve rápido. — disse sentando-se no sofá da sala que era de couro branco, assim como toda a cobertura a sala era decorada em motivos brancos e marfim, com muitos espelhos, tapetes grossos — Eu tive que avisar a polícia que você tinha retornado, e bem... Você vai ter que prestar depoimento hoje ainda.

Patrícia ficou banca com a notícia, não queria prestar depoimento não tinha a menor paciência para isso, e além do mais não tinha muito tempo para aquilo, tinha ficado fora por muito tempo e agora tinha que recuperar sua carreira e seguir com a vida. Afinal tinha ficado fora e isso atrasara toda a sua agenda.

Patrícia sentia na pele o olhar de Andrés, ele parecia desconfiado, mas não queria encher ele com mais problemas que já tinha.

—E como anda a minha agenda Andrés?—perguntou inocente.

—Ah!—bufou exasperado—Até parece que você não sabe!—ele se mexeu no sofá virando para encará-la — Patrícia! Você tinha um trabalho enorme para fazer, muitos comerciais e fotos! Isso levaria um mês no nosso cronograma, mas daí você sumiu! Patrícia era um trabalho para a Empeck !

—Será que eles vão me perdoar?—perguntou ela com uma cara inocente.

—Para você talvez querida! Talvez se você conversar com Amélia pessoalmente, talvez eles reconsiderem — disse ele pensativo — Mas primeiro vá se arrumar! Temos que estar na delegacia dentro de duas horas, para que possa prestar depoimento.

—Mas Andrés!—disse ele com um beicinho—Eu não quero!

—Agora não tem querer! Você vai ter que dar esse depoimento e não se esqueça que a imprensa inteira vai estar lá! Em peso!—ele fez questão de enfatizar as ultima palavras.

—Ainda bem que você vai estar comigo — disse ela levantando-se e abraçando ele com muito carinho.

—A minha linda! Senti tanta falta de você!—disse ele com a voz embargada.

—Eu também Andrés! Você é como um pai para mim — disse ela fazendo carinho no rosto dele.

—Bem querida! Estou emocionado, mas vamos agilizar seu lado! Quero você divina!

Eles saíram rindo da sala em direção ao quarto, ao entrarem Andrés notou mais uma vez o bom gosto de Patrícia. Nunca tinha ido até lá, Patrícia nunca disse a ninguém que tinha aquela cobertura. Parecia querer privacidade ao extremo e ele sabia como ela conseguia fazer isso.

—Por que nunca me trouxe aqui?—especulou Andrés.

—Ah! Sei lá!—disse fazendo um gesto com as mãos—Eu só queria um pouco de...

—De?—pressionou ele.

—Paz!—esclareceu.

—Eu a compreendo querida — disse ele apertando sua mão em sinal de apoio.

—Bem, eu tenho que arrumar para enfrentar o detetive Rodrigo Corona!—brincou ela

—Como sabe o nome dele?—perguntou intrigado.

—Eu ouvi na televisão. — desconversou.

A porta da delegacia fervia de repórteres, todos sabiam que Patrícia Sabatini ia prestar depoimento, a fim de esclarecer questões sobre seu desaparecimento. Quando uma Mercedes preta se aproximou todos ficaram apostos, o carro parou em frente à delegacia logo se formou um alvoroço de repórteres querendo uma palavra dela antes da polícia.

Quatro seguranças se postaram impedindo que os repórteres se aproximassem, e liberando a passagem. O primeiro a sair do carro foi Andrés ele vestia um terno preto e óculos escuros dando a impressão de seriedade total ao assunto. Andrés era conhecido por ser um homem alegre e fácil de lidar, mas no momento não parecia estar para conversa.

Quando Patrícia saiu do carro amparada por Andrés muitos fleches foram disparados, ela estava linda com sempre vestia um vestido preto discreto assim como seu sapato escarpam preto, estava de óculos escuros grandes e os cabelos desciam pelos ombros e um chapéu completava seu estilo. Foi guiada para dentro da delegacia por Andrés e protegida pelos seguranças.

—Patrícia por ficou desaparecida por tanto tempo?

—Senhorita Sabatini por que só apareceu agora?

—Qual foi o motivo do desaparecimento?—perguntavam os repórteres.

Sem dar atenção aos apelos eles entram na delegacia, e os repórteres foram barrados pelos policiais.

Patrícia olhava a seu redor como que procurando por algo ou alguém, enquanto eram conduzidos para a sala de interrogatório.

—Eu imaginei que tinha chegado senhorita Sabatini! Pelo alvoroço lá fora!—disse Rodrigo com ironia interrompendo o caminho naquele momento — Vim aqui para recepcioná-la pessoalmente!—abriu um sorriso cínico.

Patrícia sentiu o peito apertar não gostava daquele lugar e muito menos da expressão de menosprezo que via no rosto do investigador. Ele a olhava de cima como se não gostasse dela, era um homem muito bonito fisionomia marcante e aqueles olhos azuis a fez estremecer.

—Quem bom saber disso detetive — disse ela retirando os óculos e revelando olhos verdes e frios.

Rodrigo a achou muito sexy naquele vestido preto que chegava os joelhos dando

um ar de sofisticado, e a pinta sobre os lábios faziam com que todos olhassem para sua boca carnuda. Morena dona de um olhar frio devido às lentes, nem mesmo seu rosto demonstrava qualquer emoção. Apenas as mãos tremiam um pouco.

—Que bom revê-lo detetive!—cumprimentou Andrés.

—Também e bom revê-lo senhor D'Ávila — apertou a mão dele olhou em seguida para Patrícia —Principalmente nessas condições.

—Concordo com o senhor!

—Senhorita Sabatini me acompanhe até a sala onde vou tomar seu depoimento.

—Eu a acompanharei e...

—Infelizmente não será possível senhor D'Ávila!—cortou Rodrigo.

—Mas por que! Isso não é um interrogatório criminal!—bufou Andrés.

—Queira entender senhor! A depoente não pode sofrer influência nenhuma.

—Mas não vou influenciar em nada. Apenas dar apoio a ela, Patrícia é como uma filha para mim.—disse olhando com carinho para ela que até o momento não dissera uma só palavra.

—Andrés, querido!— eles olharam para ela — Não vamos tornar isso um problema, é só um esclarecimento! Não é mesmo?—perguntou olhando para ele com aqueles olhos sem emoções e um doce sorriso.

E sem saber por que Rodrigo sentia algo conhecido nela, talvez à voz que era parecida com a de Grey só que a de Grey era mais suave parecia mais com a de Alana. Mas Patrícia tinha algo estranho intrigante.

Ela o seguiu pelos corredores até uma sala discreta cinza que tinha um enorme espelho na parede, uma mesa grande no meio. Ela sentou-se delicadamente na cadeira e voltou a encará-lo com olhos frios...

—Vamos começar Srta. Sabatini, como eu disse sou o investigador Corona e esse é o escrivão Anderson que vai tomar nota do seu depoimento.— disse ele sentando-se em uma cadeira a sua frente. Enquanto observava o escrivão embasbacado com a presença da moça.

Ela o encarava sem responder, não tinha nenhuma emoção no olhar e o rosto mantinha-se firme sem demonstra nada. Ele continuava sentindo-se inquieto perto dela deveria ser pelo fato de estar perto de uma das maiores celebridades do momento. *“Pareço um adolescente perto de seu ídolo! Que ridículo na minha idade!”*.

— Primeiro, onde esteve até hoje?

—Eu estava com um amigo!—aquela resposta o fez ter um *déjà vu* então se lembrou de que foi a mesma resposta que Alana tinha dado.

—Amigo!—disse com sarcasmo.

—Sim creio que conheça Guilherme Filippini.—ele assentiu lembrando-se que se

tratava o piloto de formula um— Então, eu estava estafada pela vida corrida, liguei para ele que me disse que poderia ficar na sua fazenda no interior.

—Sei—continuou irônico.

—Não seja irônico!—disse ela notando a entonação da voz dele—Se não crê em mim basta entrar em contato com ele!—afirmou com segurança.

—Claro. E porque ficou tanto tempo reclusa? E principalmente por que não avisou seu empresário?—perguntou ele não acreditando muito na versão.

—Detetive eu fiquei muito estressada e não adiantava falar com Andrés, ele sempre dizia que se eu estivesse trabalhando não ficaria pensando em nada.

—Mas você não tinha folga?

— Senhor tem mais de dois anos que não sei o que é parar—ela falava com firmeza que estava longe de sentir—Entrei nessa vida com quase dezoito anos e de lá para cá não sei o que é ter férias. Sempre um trabalho emendado no outro, às vezes fico dois dias sem dormir! Ou por acaso o senhor pensou que a vida de modelo é fácil—diante do olhar dele ela se calou.

—Confesso que pensei que era mais tranquilo —ela torceu a boca em sinal de desprezo —Mas ouvindo você falar assim começo a pensar melhor no assunto. Ainda não respondeu minha pergunta. Por que não disse nada a Andrés?

Ela se mexeu desconfortável na cadeira olhava para o espelho com curiosidade, apertava as mãos em sinal de desconforto.

—Eu não queria que ele me forçasse a trabalhar—aquela confissão o deixou desconcertado.

—Como assim?

—Tenho contrato com Andrés que me obriga a cumprir os contratos fechados com os clientes.

—E não queria trabalhar é isso — ela mordeu o lábio inferior. Aquele movimento chamou atenção de Rodrigo.

Ele se lembrava de Grey fazendo exatamente o mesmo movimento. Mas essa moça tinha diferenças físicas com Grey.

—É. E por isso não avisei nada, fiquei na Fazenda de Guilherme me recuperando da estafa.

—Certo e como foi que você conseguiu ir para lá sem ele saber?

—Eu paguei para Willian me levar até lá, e dei um dinheiro a mais para que ele não dissesse nada a Andrés—Rodrigo olhava para ela descrente ele parecia não acreditar em nada do que ela dizia, mas era obrigado a aceitar o depoimento já que ela tinha reaparecido e estava prestando depoimento.

Por que ela mente?

—Certo Patrícia eu creio que isso é tudo, fico muito feliz quando uma pessoa volta, são e salva!—disse ele levantando-se.

—Eu sei—desabafou ela.

—Como?—ele a olhava com curiosidade.

—Quero dizer que entendo a sua felicidade quando tudo sai da forma que planejamos!— afirmou ela ela.

—Claro.

— Sendo assim acredito que não tenho mais o que fazer aqui... – ela se levantou com graça da cadeira – Obrigada por tudo Senhor Corona e me desculpe.

O modo como ela disse essas palavras o deixaram confuso, mas parecia sincero em todas as palavras. Ela saiu pela porta e Rodrigo a viu andar pelo corredor como uma celebridade que era. Vários de seus colegas de trabalho paravam o que estava fazendo para olhar para ela. Fotos estavam proibidas dentro da delegacia. Os mais atrevidos pediam autografo, e ela muito paciente concedia a todos que podia. Mas Andrés tratou de tira-la de lá o mais rápido possível.

No final do dia Rodrigo estava cansado e sentou com tudo na sua cadeira, demonstrando exaustão. E a sua preocupação por Grey só aumentava agora que tinha confrontado as duas moças. Não era nenhuma delas e mesmo assim parecia com ela...

_E ai meu! O que você achou sobre os esclarecimentos delas? – Perguntou Alan assim que entrou na sala.

— Não sei o que dizer... O certo é que talvez a modelo tenha sido apenas como ela disse. Mas Alana está envolvida em algo muito mais complicado.

— Sim...

Rodrigo olhou para seu amigo e companheiro, mas não o viu ele estava atinando sobre os depoimentos de Alana e Patrícia. Ambas deram a versão de estar na casa de um amigo, uma para se esconder e outra para descansar.

—Hei! To falando com você!—Alan chamou sua atenção.

—Eu não havia escutado—desculpou-se.

—Eu perguntei como foi o depoimento de Patrícia?

—Ah!—bufou, passou as mãos pelo rosto e cabelos revelando o nervosismo—Ela disse que estava com Guilherme Filippini! Quer dizer estava na casa dele, que fica no interior de São Paulo—Alan fez cara de descrença—Eu sei o que você está pensando! Eu também pensei assim, acho que ela está mentindo, mas não tenho como afirmar isso...

—Mas já passou pela sua cabeça que ela pode estar falando a verdade!—Rodrigo olhou para seu amigo confirmando — Então! Por que não procura a assessoria de Filippini para confirmar a historia?

—Já fiz isso! Eles disseram a mesma coisa e sendo assim vou encerrar o inquérito!
—É bom pensar que ela voltou são e salva né?

—Claro você tem razão amigo. Agora temos que nos preocupar com outros casos...

—Você acha que Grey é uma delas?

—Sinceramente —olhou com desalento—Não... E nem ao menos tenho como procurá-la...—Rodrigo olhou pela janela e notou que já estava de noite e teria que voltar para a casa de Cris porque seu apartamento ainda estava em reforma, não encontraria mais Grey lá e isso o entristecia. Não sabia o porquê, mas sentia-se mais vivo perto dela, algo que não sentia há muito tempo. Seu olhar se perdeu na janela e no tempo.

Um coração quebrado... Como diz Wood Allen “ Amar é sofrer” enfim é o que temos nesse caso. Pode imaginar o semblante preocupado dele... Eu consigo... Imagine ver duas pessoas tão iguais a quem você procura e não ser nenhuma delas? Nesse momento nós temos um homem apaixonado por um fantasma...

Um susto

Quando vamos a uma casa de carnes escolhemos o que queremos conforme nossa necessidade, nossa fome, nossa vontade. Não nos preocupamos com o animal que está pendurado ou cortado nas bandejas e prateleiras. E porque nos preocuparíamos? Não são nada nossos, eles estão na terra para nos servir.

A visão das janelas era privilegiada, o homem sem rosto estava aproveitando a visão que tinha a frente estava de costa para porta, sentado em sua poltrona confortável de couro, que custara muito caro assim como tudo naquela sala. A porta se abriu e outro homem entrou na sala.

— O que está fazendo aqui? — perguntou indignado.

— Você me chamou...Chefe!—disse irônico.

—Sim eu sei, mas não quer dizer que tem que estar no meu escritório assim!

—E o que deseja de seu servo — disse o homem sem rosto cínico.

—Não seja cínico! Você não é meu servo eu te pago para você fazer o que eu quero! E por sinal pago muito bem — nesse momento ele se virou olhando pra o homem que todos chamavam de Lobo.

Não tinha nada de especial nele, era um homem mediano, franzino, cabelos negros compridos que estavam sempre trançados não conhecia seu rosto assim como todos que tratavam com ele. Talvez não fosse um homem bonito, pelo buraco na máscara se via uma cicatriz no lábio inferior. Era técnico em computadores, um excelente técnico por sinal, mas nada que pudesse chamar a atenção para seus outros atributos. Já tinha encomendado outros trabalhos para ele e sempre tinha conseguido o êxito neles. Uma pessoa fria, cinismo e ironia reinavam ao seu redor.

Ele conseguia matar pessoas somente pelo prazer de ver o sofrimento alheio.

—Claro chefe! Mas você sabe muito bem que tenho outros trabalhos para fazer, e não posso ficar perdendo tempo aqui...

—Tenho outro trabalho para você—Lobo olhou para ele com interesse.

—E o que temos agora.

—Bem como você deve saber, Patrícia e Alana voltaram — Lobo assentiu. — Não consigo entender como você as perdeu...

— Eu não perdi ninguém... Apenas uma delas teve mais sorte em se esconder que a outra...

— Sei... Essa brincadeira sua está custando caro para nós. — um brilho cínico

passou nos olhos de Lobo.

— Vou fazer o que eu quiser... E vou terminar isso... Estou me divertindo.

— No final é triste que tudo isso esteja para acontecer com essas moças, mas fazer o quê!

—Não chefe — disse com sarcasmo — isso é normal! Triste é matar crianças e vendê-las aos pedaços—e riu com gosto.

—Moralismo agora Lobo — rosnou.

—Eu!—disse com falsa indignação—Longe de mim! Eu perdi isso há muito tempo.

—Hum! Voltando ao assunto. Patrícia retornou e prestou esclarecimentos a polícia, mas tenho certeza que ela mente. Parece que não saber de nada, mas não posso ter certeza—Lobo continuava a escutar — Já Alana, essa sabe de alguma coisa, acho que era ela que estava com Rodrigo.

—Corona, velho amigo... — disse com ar debochado.

—Isso! Ela não quis voltar para casa de seu esposo, acho que podemos pegá-la dessa vez! .

—Eu soube pelo meu informante, que ela pediu divorcio para o deputado!

—É, mas isso não resolve meu problema. Ela sabe! E tem mais ela tem informações preciosas com ela.

—Acha mesmo?

—Sim e é por isso que te chamei. Quero que sequestre Alana, retire dela tudo o que ela sabe e de um fim nela também.

—Se é isso o que quer, é isso que terá!—disse se levantando, pegou a maleta de equipamentos técnicos que sempre estava com ele e saiu da sala colocando o óculo falso de aro redondo, dando a impressão de um homem e honesto.

Alana andava de um lado para outro dentro de seu antigo quarto, já estava de noite. Tinha voltado para casa e não tinha encontrado seu pai ainda ele estava fora a negócios pelo menos era o que tinham lhe informado. Estava preocupada que tivesse colocado mais pessoas em perigo, provavelmente teria morrido se não tivesse fugido. O pensamento de que poderia estar morta naquele momento fez seus ossos gelarem.

—Por que fui me meter nessa investigação! Por que não deixei tudo como estava, que droga! Perdi tudo! Meu marido! Minha vida!

Lembrou-se do dia em que conversou com as funcionárias da instituição pela primeira vez a respeito do sumiço das crianças, foi logo depois da festa em que conhecera Victor .

—O que foi feito dessas crianças? – tinha perguntado a elas. Mas todas

desconversaram o ocorrido tratando como se fosse uma fuga que segundo elas era normal.

Ela tinha ficado inconformada e estava saindo para o carro quando uma das funcionárias veio ao seu encontro. Ela era apenas a cozinheira de lá parecia ser uma boa mulher, já tinha ultrapassado a casa dos cinquenta anos. As crianças gostavam dela, chamava-se Ivone.

— Menina, não fique fuçando muito, porque isso é coisa mandada! – era uma mulher simples.

— O que quer dizer com isso? – tinha perguntado na época.

— Menina não é de hoje que crianças somem daqui...

— Já aconteceu antes... – o olhar da senhora era cansado.

— Menina tem muitas pessoas ruins nesse mundo... Eu escutei que essas crianças serão usadas, partes do corpo delas... – a mulher parecia aterrorizada.

— E porque continua aqui mesmo sabendo disso? – ela estava indignada.

Os olhos da senhora se tornaram amáveis e calorosos.

— Menina quem cuidaria com amor dessas crianças? A maioria delas não tem interesse ou estomago para aturar isso.

Alana teve a conclusão de que o que estava acontecendo não era de nenhum modo correto. E uma monstruosidade. Ela tinha se apavorado com aquela notícia. E procurou mais informações a respeito. Chegou a imaginar, mas nunca teve a certeza de que poderia ser perigoso investigar sobre isso!

Mas o pensamento daqueles pequenos rostinhos sumirem causa da ambição alheia a deixava enojada. Graças aos conhecimentos de seu pai ela tinha muitos contatos nos meios empresariais e políticos.

Quase um ano depois dessa conversa e muita investigação, ela finalmente juntou provas muitas provas para dismantelar uma quadrilha inteira. Ela plantou vírus e programas espiões em diversos computadores, fazendo um rastreamento de vários arquivos e salvando os dados. Quanto mais pesquisava e mais informações juntava mais ela ficava horrorizada com a maldade do ser humano.

Chegou até entrar em contato com a polícia, mas suas suspeitas estavam corretas, muitos casos de desaparecimento de crianças e adolescente no Brasil não eram investigados, usava-se a desculpa de fuga na maioria deles para abafar o verdadeiro motivo. Tráfico de ser humanos.

Quando estava para acusar publicamente a quadrilha recebeu uma ameaça de morte. Tentou se manter neutra na situação e deu continuidade à vida e na programação do seu casamento. As ameaças continuavam exigindo as provas! E quando foi sequestrada soube que estava perdida. Mas antes mandou um dossiê para uma pessoa que segundo ela poderia ajudar e muito, era o que ela esperava. Patrícia Sabatini. Ela tinha muito interesse naqueles documentos e Alana sabia muito bem disso. Ela é uma pessoa famosa, quando

ela fala muitos ouvem e se ela abrir a boca em uma coletiva, muitas pessoas ouviram e não terá como o governo fechar os olhos para isso.

Pensou em falar para Victor , mas não tinha certeza de como ele se comportaria com relação a isso. Era um bom homem, só que era imperfeito como qualquer outro. Ela percebeu que o interesse nela ia muito além de sua pessoa, ele tinha interesse nas suas conexões e as do seu pai e por esse motivo não tinha como ter certeza de que ele tomaria o partido certo nessa questão. E isso deixava seu coração pesado esse conhecimento dos defeitos alheios principalmente da pessoa com quem se queria construir a vida.

Sentou-se na cama olhava para o espelho na parede que refletia o quarto decorado em tons de salmão e moveis clássicos, era uma casa muito bonita e o gosto da sua falecida mãe era muito bom. Ela nunca tinha pensado em mudar nada. Sentia falta da mãe, ela era uma boa pessoa, no entanto, sua maior lembrança dela era do dia antes dela ir para o hospital e ficar lá até a morte.

O telefone tocou deixando Alana curiosa, ela olhou na tela de seu celular sabendo quem estava ligando.

—Alô?—perguntou.

—Alana—soou uma voz conhecida do outro lado da linha.

—O que você quer Victor !—ela tremia.

—Nós precisamos conversar Alana — ela ficou em silêncio — Estou indo para ai!
Ele desligou.

De repente a porta começou a ser forçada com violência, Alana se assustou dando passos para traz como se estivesse em câmera lenta. Quem entraria na mansão sem autorização e depois do seu casamento seu pai havia reforçado a segurança.

Com um baque a porta foi arrombada! E um de pele escura que estava no batente da porta com horror, constatou que era mais um capanga que tinha sido enviado para pega-la. Sua irmã e seu pai estavam na empresa ainda, ela sabia que eles demorariam ainda.

—Q...Qu...Quem é... V... Você?—perguntou num fio de voz, agora ela estava encostada na parede de frente para a porta onde se encontrava o homem.

—Não interessa quem sou eu!—sorriu cínico o homem.

—E o que você quer?—perguntou petulante, já que ia morrer ou ser sequestrada queria saber quem estava por traz de tudo.

—Quero as informações que você tem!— disse o homem em tom assustadoramente paciente, deixando Alana confusa sobre o que exatamente ele queria.

—Eu não sei do que você está falando!—ela continuava encurralada sem ter para onde ir.

Ele se movimentou com agilidade em sua direção, Alana tentou escapar, porém o capanga a segurou pelo braço puxando-a deu uma “chave de braço” segurando-a firme

pelo pescoço. Alana se debatia, mas não conseguia se soltar, ele a estava sufocando sentia as penas moles de medo, e só tinha consciência da pressão ao redor de seu pescoço. Olhava para os lados procurando por ajuda, mas não encontrou nada e nem ninguém estava sozinha com aquele canalha, lembrou-se do dia em que foi sequestrada e da sorte que deu ao conseguir fugir.

—Escuta uma coisa—ele começou a falar afrouxando o braço e Alana pode sentir o hálito de álcool quando ele movimentou a cabeça quando falou — Você sabe sim! E vai abrir o bico agora. Por que eu quero saber quem está por trás de tudo. Vou tirar o pé da lama com essa informação.

“Então ele pensa que eu sei de alguma coisa, está tentando tirar proveito disso! Mas quem será que está por trás! Meu Deus! Como vou sair dessa situação agora!”

—Eu... eu não sei do que você está falando!—gritava ela desesperada.

—Estou perdendo a paciência, mocinha! Quero essa informação e vou tê-la! De um jeito ou de outro — disse com calma levando a mão livre até o bolso de onde tirou uma faca.

Colocou a uma faca na garganta dela, Alana não conseguia se mexer. Estava aterrorizada, sentia o metal frio e tinha certeza que ele usaria a faca sem pensar duas vezes. Tentava puxar o braço dela, mas nada surtia efeito.

—Sabe mocinha. O que você saber deve ser perigoso, já que a querem morta — Alana pensou do porque quererem ela morta — É uma pena que não seja eu quem vá fazer isso, mas o Lobo.

—Lobo?

—Nunca ouviu falar dele? É muito cruel sabe tirar informações de qualquer um, mas se eu souber de algo antes vou ter tudo o que eu quiser, já que vou saber quem é o mandante!—ria—Vamos diga quem é! Quem é o homem que a quer morta!—gritava no ouvido dela.

—Eu já disse que não sei do que você está falando!—manteve a posição.

—É mesmo quem sabe se eu fizer um pequeno corte você não se lembre!—e começou a forçar a faca no pescoço.

Alana sentia a dor que a faca provocava enquanto cortava seu pescoço sentia o sangue escorrer, de seus olhos caíam lágrimas de dor e desespero, não conseguia gritar estava paralisada. Tinha medo de começar a gritar e ele cortasse sua garganta, podia sentir a ponta da faca. Ela estava hiperventilando.

—Então vai abrir a boca ou quer mais?—perguntou com sarcasmo.

Não conseguia pensar em salvação enquanto estava naquela situação. Tinha voltado para morrer.

Victor achou estranho entrar na mansão sem ver empregados circulando. Subiu as

escadas indo direto para o quarto de Alana. Ao chegar à porta ouvia o que estava sendo dito dentro do, não entendia nada até ver que um homem de pele escura e alto estava segurando Alana e parecia armado com alguma coisa. Ele perguntava sobre quem estava por traz de tudo, mas não sabia do que ele estava falando. Victor escondeu-se no corredor ao lado da porta arrombada.

Percebeu que alguma coisa não estava certa quando chegou lá, não viu o mordomo. Nem qualquer outro empregado. Passou pela portaria que estava normal, como já o conheciam deixaram entrar sem mais perguntas.

— Senhor Deputado, eu liguei lá na casa, mas ninguém atendeu. Acho que o Senhor Luiz não está perto para atender ou está desligado. — Victor estranhou.

— Tudo bem vou até lá... — e entrou para se deparar com aquela cena.

Ia anunciar sua chegada, mas parou quando ouviu o homem ameaçá-la e tirar algo do bolso, ele achava que sabia tudo sobre Alana, mas ao que parecia ela escondera algo muito importante dele.

Ao espiar pela porta viu que o homem falava com ela e estava de costas para a porta, com uma mão ele a mantinha cativa e na outra Victor viu que ele segurava uma faca e que estava suja de sangue que pingava no chão. E para seu ódio viu que o sangue só podia ser de Alana.

Ficou cego de ódio, só que não podia por a vida de Alana em risco. Observou que no corredor tinha vários vasos obra de arte. Victor pegou um de madeira que estava no aparador mais próximo. O homem era mais alto que ele em vários centímetros teria que ter uma mira precisa. Entrou de forma silenciosa se segurando para não fazer algo mais drástico e com toda a força que tinha bateu com aquele vaso na cabeça do homem que desabou no chão. Ele soltou Alana no processo que se esgueirou perto da cama fugindo do alcance do como se fosse um boneco de pano. Tinha acertado sua cabeça.

Olhou para sua esposa e viu o rosto banhado em lágrimas e de seu pescoço escorria sangue. Sua esposa que parecia em choque porque não parava de gritar e chorar.

Alana começou a gritar desesperada achando que iria matá-la naquele momento, nem mesmo lembrou-se do corte que tinha. Quando olhou para a porta viu uma imagem que ela nunca imaginou ver. Seu marido parado na porta com os braços estendidos ao lado do corpo, e ela notou que em uma das mãos encontrava-se uma vaso quebrado de madeira maciça.

Não pensou duas vezes, correu em sua direção, chorando e soluçando sentiu o abraço apertado dele e desatou a chorar com uma criança.

Sentia muita segurança com ele, posicionou a cabeça no peito e podia ouvir o coração dele que estava disparado. Victor dizia palavras doces.

—Ninguém vai fazer mais nada a você minha linda!—e então levantou o rosto dela e viu o corte nela — Está doendo muito!—ela apenas afirmava com um movimento

de cabeça parecia não querer sair dos braços dele o que agradava e muito a ele.

—Precisamos chamar a polícia Victor —ela falava, mas no fundo não queria que nada disso tivesse acontecido.

— Sim – ele a soltou com delicadeza e foi até sua cama pegando um lençol.

Com uma destreza que Alana nunca tinha visto Victor amarrrou o homem, os braços e pernas. Era difícil porque o homem era maior que seu esposo. – Ainda temos que ir a um hospital—ele olhava o ferimento que parecia profundo—Aquele maldito! Teve pouco pelo que fez com você! Infeliz—foi até o corpo inerte no chão e começou a chutar, blasfemando.

—Pare Victor !—ela o segurou pelo braço com uma mão, pois a outra estava no rosto segurando um pano contra o ferimento para estacar o sangue que corria—Ele pode estar morto.

Victor olhou para sua esposa e seu peito doeu em ver o estado em que ela se encontrava. Cansada, ferida e acima de tudo ela parecia estar com muito medo, ele via medo nos olhos dela. Parou de chutar o corpo e procurou o telefone para ligar para a polícia, ao pegar no telefone se tocou que não sabia o número da polícia!

—Droga! Não sei o número da polícia! Aliais, no momento não consigo me lembrar de número nenhum!—ele estava irritado e desesperado por ver sua esposa sangrando.

—Liga para o investigador Corona!—ele a olhou com espanto—Ele me deu os números quando estava na delegacia.

—Certo. Cadê o cartão?

—Está na minha bolsa — disse ela apontando para a cama, Victor foi até lá procurou, mas não conseguiu encontrar.

—Onde?—perguntou irritado.

—Traz aqui que eu acho!

—Só você mesma para achar alguma coisa nessa bolsa enorme e cheia de coisas! —bufava.

—Aqui! Liga!—disse ela estendendo o cartão e o deixando pasmo com a velocidade com que ela encontrou.

Pegou o cartão olhou os números que estavam nele e decidiu ligar para o celular, tirou seu próprio celular do bolso e fez a ligação.

—Corona!—soou a voz do outro lado da linha.

—Corona? É Victor preciso de sua ajuda, ou melhor, da ajuda da polícia em geral!—disse olhando para o apartamento, que tinha sangue por todo lado.

—Eu não estou entendendo? Do que você está falando Victor ?—Rodrigo ficou preocupado pela urgência que detectou na voz dele.

—Eu estou falando Rodrigo que acho que matei um homem que estava esfaqueando minha esposa!—falou perdendo a calma.

Victor olhou pra Alana que estava sentada na cama, pressionado o ferimento no rosto.

—Diga a ele que o homem veio a mando de um tal de Lobo!

—Lobo?—Victor olhava com curiosidade, esquecendo-se que estava no telefone.

—Você disse Lobo?—Rodrigo ficou em alerta.

—Sim! Foi um tal de Lobo que mandou o homem sequestra-la.

—Não saia daí! Estarei ai em 10 minutos!—avisou aflito—Vou ligar para o pessoal da ambulância e é muito importante que não mexam em nada no local.

—Claro. Nós sabemos disso—disse Victor zangado.

—Estou apenas avisando!—disse desligando o celular.

—Ele já está a caminho. Disse para não mexermos em nada — Victor sentou-se ao lado de sua esposa, a puxou para si abraçando-a.

Alana relaxou em seus braços esquecendo-se de tudo o que tinha acontecido, sentindo apenas o cheiro suave do perfume dele misturado ao cheiro natural que ele exalava.

—Será que você poderia me dizer do porque de tudo isso?—perguntou severo.

—Não quero que se envolva nisso. — desconversou ela.

—Como posso não me envolver com esta cena que acabei de presenciar?—perguntou indignado—Além do mais quase matei um homem! E tenho o direito de saber! —agora ele a encarava com um olhar severo e cheio de perguntas veladas.

Alana abaixou a cabeça, pois não queria encarar aquele olhar inquisidor. Sabia que deveria ter contado a ele há muito tempo, mas não sentia confiança nem apoio da parte dele. Ela continuava com a cabeça baixa, pressionando o ferimento que agora latejava, doía muito tanto que não conseguia raciocinar direito. No momento em que estava sendo cortada não sentia tanta dor, seu desespero era maior tinha a nítida impressão de que o homem ia matá-la a qualquer momento, isso se não fizesse coisa pior. Foi um milagre Victor chegar naquele momento. E pensando bem ele tinha o direito de saber a verdade, então ela olhou nos olhos dele e começou a falar.

—Eu estava investigando o sumiço de crianças—ele olhava sem entender—Bem existe uma quadrilha especializada que trafica órgãos de crianças...

—Eu já ouvi falar nisso, mas sempre pensei que fosse mais lenda do que verdade.

—É o que todos pensam! Bem eu descobri que nos últimos dois anos cerca de cento vinte entre crianças e adolescente sumiram do território brasileiro. Ninguém sabe para onde foram levadas! E isso só no estado de São Paulo! Bem eu estou falando de

crianças de estavam em instituições de acolhimento e de correção, fora as que são levadas das ruas e de suas casas.

—Como assim?

—Parece que quem está por trás disso “molha” a mão dos administradores dessas entidades, e com isso consegue que os arquivos referentes a essas crianças desapareçam! Colocam muito desses desaparecimento como fuga.

—Mas isso é ilegal!—Victor olhava com outros olhos para sua esposa, nunca sequer imaginou que ela pudesse ter tanto conhecimento, e força de vontade para investigar isso.

—Com certeza!—afirmou com convicção —Mas a “máfia” tem gente na polícia também e isso dificulta tudo. São crianças carentes o governo parece não enxergá-las, é mais fácil pensar que elas nunca existiram! Eles têm “ajudantes” em todos os lugares, polícia militar, civil, federal, no governo, na alfândega e ninguém sabe quem é o chefe. Eles estão bem divididos.

—Como assim?

— O que eu descobri é algo gigantesco com ramificações em diversos países do globo! Funciona da seguinte forma. Um pai rico ou qualquer outra pessoa, que tenha dinheiro suficiente sofre de algum mal que necessite de um transplante. O que acontece?

—Vai para a fila de espera!—disse ele acompanhando o raciocínio dela.

—É, mas tem uma forma de cortar a fila. Certo?—ele afirmou—Bem, mas isso demora também. E o que acontece, essa pessoa rica entra em contato com um médico corrupto, esse contata o “fornecedor” que procura no seu “banco de dados” uma criança ou adolescente que se enquadre nos padrões. Essa criança já foi levada para outro país onde eles têm todo o aparato para realizar o transplante na pessoa.

— Mas por que se dar ao trabalho de fazer dessa forma?

— Por garantir a “qualidade” – a voz dela tinha nojo – É sujo... Eles oferecem um ótima “qualidade “ do seu material. Essas crianças são limpas de doenças e qualquer coisa. Então no mercado de órgãos de um rim de um homem da Índia vale cerca de uns vinte mil dólares, o dessa organização chega na casa dos quarenta... E assim por diante... É extremamente lucrativo e os clientes são pessoas com poder aquisitivo alto. —Victor ficava abismado com o relato.

— É o que um açougue? Por Deus!

—Bem algumas crianças são levadas antes para um abrigo em outro país, eles o chamam de “casa”. Dizem a elas que lá vão encontrar para elas uma família. E o resto é muito triste, isso acontece no Brasil, em vários países da América latina e África. Zonas de conflito como Afeganistão, Faixa de Gaza, Síria... Entre outros... Eles agem em países em desenvolvimento, em que o governo não enxerga ou não quer enxergar o que acontece ao seu redor. Não sei quem é o chefe no Brasil, só sei que isso rende muito dinheiro a ele.

—E quem está por trás de tudo isso quer você morta? Por quê? Se mesmo com

toda essa investigação você não sabe que ele é!—Alana ficou tensa e Victor percebeu a alteração— Você sabe quem é?

— Quanto menos você souber Victor melhor. Eu não posso te falar o nome Até porque essa parte da informação não está comigo. E tem muitas coisas que eu não sei. Minha investigação estava estagnada quando me levaram.

—Isso é cruel!—pensou alto Victor com asco.

—Se não existisse pessoas que comprassem não existira quem vende.

—Concordo. Se ao menos existisse mais doador...

—A muito preconceito a respeito de doação. Ai!—Ao levantar a mão Victor tocou sem querer no machucado.

—Desculpa! Eu não vi—desculpou-se Victor e viu que o corte voltou a sangrar.

—Não foi nada.

—Deixa-me ver com está isso—disse Victor aproximando-se do rosto dela, inclinou a cabeça levemente sentindo o hálito quente dela. Fazia tanto tempo que não recebia um beijo carinhoso dela que chegou a desejar isso mais que a própria vida.

Ao fundo escutaram a sirene de carros era bem provável que estivessem chegando ali. O homem estava se mexendo de leve. Victor ficou aliviado, como explicaria aos seus eleitores o fato de ser um assassino?

Morte

“Acreditamos ficar tristes pela morte de uma pessoa, quando na verdade é apenas a morte que nos impressiona.”

Gabriel Meilhan

—Sei que demorei, mas finalmente consegui chegar—disse Rodrigo adentrando no quarto de Alana. Eles estavam de mãos dadas e aquilo não deveria, mas incomodava ele muito.

Rodrigo notou o sangue no pescoço de Alana e se aproximou dela para olhar mais de perto.

— Você se machucou? – a voz dele tinha uma preocupação em excesso.

Victor barrou a mão dele antes de tocar em Alana.

— Não é profundo investigador – Victor estava enciumado. Afinal aquele cara era um homem bonito e parecia interessado na sua esposa de alguma forma.

Rodrigo limpou a garganta olhando ao redor estavam em um quarto muito amplo, bem feminino e viu um homem se contorcendo no chão, abaixou-se para ver melhor.

— Tudo limpo Rodrigo. – disse Alan entrando no quarto. – O pessoal está cobrindo o resto da casa. Parece que está tudo limpo, acho que ele veio sozinho.

— Sim. – Olhou a fisionomia do homem e o reconheceu com sendo um dos “contratados” do Lobo.

—É!—respirou fundo e continuou – Robertão – o homem olhou para o rosto de Rodrigo, estava com a boca fechada e ele sabia que esse não iria falar nada – Ele é um dos caras que trabalham para o Lobo. Ele está aumentando o seu arsenal.

— Acha que ele vai vir pessoalmente da próxima vez – perguntou Alan.

— Espero que não... – aquele homem era o próprio mal.

—O investigador disse que o homem trabalhava para o Lobo?— perguntou Victor

.

—Isso mesmo — confirmou Rodrigo olhando para Victor — Ele é um dos capangas que mais prestam “serviços” para o Lobo, já foi preso mais de uma vez e quando não saía por fiança, saía por falta de provas. Sei que nunca consegui manter esse cara ai mais de um mês na cadeia! E ele não fala nada, dificilmente vamos arrancar algo dele. Pelo menos dessa vez a vítima está viva e nós temos o senhor como testemunha. Acredito que podemos indiciá-lo por tentativa de homicídio.

Ele olhou para Alana que estava quieta, enquanto Alan levava o homen zarrão porta a fora com a ajuda de outro policial.

—E o que deu em você, ficar sozinha sabendo que está correndo perigo? – a repreensão saiu mais dura que Rodrigo queria.

—Eu não pensei...

—Olha Alana sei muito bem que você o que você estava investigando. – Alana ficou em silêncio.

—Como sabe? Só contei isso a Victor — disse ela olhando para seu marido de encontrava-se de pé ao seu lado – E acabei de contar a ele.

—Sou um investigador Alana, sou pago para descobrir as coisas. Amélia me contou que Alana que você estava nervosa com o desaparecimento de umas crianças, e que você também cuidava dessas crianças como voluntária. Certo?—ela assentiu—Então procurei minha amiga Gabriela Duarte que investiga esses desaparecimentos. Bom aí eu juntei dois mais dois para chegar ao resultado.

—Por acaso vocês sabem quem está por trás disso tudo?—perguntou Victor preocupado.

—Não. Só sei que são pessoas muito perigosas e com muito dinheiro. Alana a pessoa que mandou esse homem aqui é muito perigoso e extremamente cruel... – salientou Rodrigo.

—É esse cara que está atrás da minha esposa?—perguntou irritado.

—Mais ou menos. Bem como vou explicar, Lobo é um assassino de aluguel!

—Como assim?!—perguntaram Alana e Victor em uníssono.

—Ele é pago para sequestrar e matar! Ele não manda. Só executa ordens! Lobo gosta de publicidade, quanto mais gente falando que ele é competente melhor para seu “negocio”. Mas a pessoa que quer morta Alana é mais poderosa e mais influente! Tanto que têm alguém pago dentro da sua casa!—aquele comentário fez com que Victor se sobressaltasse.

—O que quer dizer com isso? – perguntou Victor .

— Você disse que chegou aqui e não tinha ninguém na casa, e no dia do sequestro dela nas bodas de vocês, é possível ver varias pessoas virando o rosto quando você passava. Em principal na área de serviço. Quando interrogamos esse pessoal eles disseram que eram ordens. E falaram que a noiva queria fazer uma surpresa para o noivo.

— Quer dizer que alguém pagou para essas pessoas me ignorarem... – Alana estava aterrorizada.

— E não apenas isso, deixaram os sequestradores entrarem na casa não uma, mas duas vezes com esse cara de hoje.

— O que eu vou fazer! – se desesperou Alana.

—Eu estou afirmando que o mandante tem uma pessoa aqui na sua casa, próximo à você o mais correto era você não ficar sozinha.

Nesse momento a equipe de perícia chegou, para fazer a análise do local e junto com ela um para-medico, que prestou socorro a Alana.

Rodrigo observava o casal, eles pareciam gostar um do outro, aquilo o deixava enciumado, já que era como ver Grey olhando para outro homem com amor, e podia até ser mesmo, os cabelos curtos desalinhados e com um corte um pouco diferente, olhos prateados, era uma copia dela, mas não sentia por Alana o que sentia por Grey, o que era muito estranho.

—Alana!—chamou Rodrigo.

—Sim!—ela olhou pra ele com seus olhos prateados que o deixavam sem fôlego cada vez que ele a via.

—Bem eu... Queria falar para você — ele olhava para ela e sentiu olhar de Victor — Gostaria muito que você ficasse na casa de seu esposo ou de alguma pessoa de confiança.

—Não creio que seja necessário...

—É muito necessário sim! Você quase morreu hoje — interferiu Victor .

Alana ficou pálida ao imaginar que poderia ter morrido naquela noite. Victor se amaldiçoou por de dito aquilo.

—Eu não sei se vai ajudar muito Rodrigo...—disse ela pegando na mão do detetive deixando Victor enciumado.

—Sabe que pode me falar o que quiser, tenha confiança em mim — pediu Rodrigo.

— Eu não tenho mais as informações sobre que consegui. Sofri um ataque no meu computador de um hacker muito bom . Ele conseguiu eliminar a maioria das informações. Minha conta na nuvem foi deletada! Ele é muito bom... Eu tenho talento para isso, mas esse hacker é sublime. – os olhos dela estava cheios de uma estranha admiração. – Eu não sei como ele conseguiu, derrubou todos meus fire wall! Acabou com uma grande parte informações, que não tinha nada a ver com isso. Ele simplesmente limpou meu disco rígido. Mas tinha feito um backup em um HD externo e enviei para Patrícia Sabatini.

O nome deixou Rodrigo espantado. Não imaginava que ela estivesse envolvida nisso.

— Por que ela? – Alana desviou o olhar. – Você conhece a modelo? – quanto mais entrava nesse caso mais complicado ficava.

— Nunca me disse isso Alana! – Victor estava espantado, ele era fã da moça e quem não era?

— Nós nos conhecemos por acaso nas redes sociais, ela começou a conversar comigo e acabamos por desenvolver uma amizade à longa distância. Eu só seguia ela no

Instagram, nem imaginava que um dia ela fosse me contatar por mensagem.

— E por que decidiu confiar em uma pessoa que está longe de você a confiar na sua irmã ou seu marido? – questionou Rodrigo.

— Ela ajudou... Ela também tem um bom conhecimento em tecnologia da informação. – Alana sentia que estava traindo Patrícia, não tinha como voltar atrás agora – Ela consegue rastrear dinheiro, não sei como consegue e essa parte ela estava fazendo. Algumas informações estava com ela e com a ajuda da voz dela o mundo inteiro vai saber o que está acontecendo com essas crianças.

— Isso é muito altruístico e ousado da parte de vocês e por isso está acontecendo isso tudo com você. – Rodrigo estava irritado – Não podem achar que vão conseguir brigar com pessoas tão poderosas e perigosas. Isso não é uma brincadeira! Eles vão achar você e matar você. Esse cara o Lobo é profissional no pior sentido da palavra. Ele não tem ressentimentos nem piedade. Não sei por que você está viva ainda, mas se continuar assim não será por muito tempo. A brincadeira de vocês atingiu pessoas poderosas e elas não vão perdoar facilmente.

— Não é uma brincadeira! – argumentou Alana indignada.

— Alana eu sei, não foi o que eu quis dizer... É só que isso é muito perigoso! E nenhuma de vocês duas sabe qual a proporção disso!

Alana ficou estática, ela tinha conseguido sobreviver à dois atentados não sabia se sobreviveria à um terceiro.

— Não pode ficar sozinha, sugiro que fique com seu esposo o quanto necessário for. Vou destacar alguns policiais para fazer a segurança de vocês e tenham em mente que não podem confiar plenamente em ninguém.

Depois disso ambos foram escoltados para fora da residência. Eles seguiram juntos para a casa do Deputado.

Ao ver a moça saindo da casa deixou o homem sem rosto irritado, por causa do deputado não pôde se aproximar da moça, já que o idiota que ele mandou falhou! Lobo não gostava de falhas principalmente de seus subordinados. Ele viu de longe o investigador Rodrigo ele parecia nervoso, uma cena que ele gostava de ver... Daria algo para aquele cara pensar já tinha programado ele iria surtar. O pensamento o fez rir. Saiu tranquilamente da cena sem que fosse notado.

Na manhã seguinte ao ocorrido Rodrigo recebeu uma ligação do seu colega Fernando, ele tinha sido chamado para investigar um homicídio. Mas achou melhor Rodrigo ver o cadáver. Rodrigo se dirigiu para o instituto médico legal para analisar. Quando chegou lá encontrou além de Fernando, Alan que tinha sido chamado também.

— E aí! – cumprimentou Rodrigo.

— Cara lembra-se daquela foto que você me mandou? – aquilo pôs Rodrigo em alerta e seu coração tombou uma batida.

— Sim... –disse com cautela a Fernando.

Alan parecia desconfortável, e era difícil ele ficar dessa forma. Geralmente estava sempre confortável com tudo

— Bem encontramos uma moça com as características dela.

Aquela frase teve o poder de desestabilizar ele, não podia estar acontecendo de novo. Olhou a fachada do prédio onde ficava o necrotério, branca e manchada pelo tempo. Olhando a sua volta viu uma pequena mureta e sentou tentando respirar.

— Rodrigo, pode não ser ela... – tentava animar Alan.

Não tinha como saber só se fosse até lá. Suas pernas não estavam obedecendo ao comando do seu cérebro. O céu nublado daquele dia condizia com a paz do seu espírito. Tudo estava tão complicado, não vinha dormindo desde de que Grey desapareceu e com todo o reboiço com a Alana na noite passado o deixou com poucas horas de sono. Na feição dele era visível o cansaço e agora a desolação por sequer imaginar que era Grey que estava naquela mesa fria de autópsia. Alan deu a mão para ele e com isso levantou e caminhou, não tinha outro meio.

Ao chegarem à sala de autopsia, Rodrigo entendeu o porquê de Alan estava daquele jeito. Rodrigo se aproximou da mesa onde o corpo estava sendo analisado. O corpo da moça ela estava nu e tinha varias incisões que foram feitas pelo legista, cabelos curtos como os de Grey, os olhos estavam fechados, mas o rosto era o muito parecido e uma palidez fúnebre que sempre o deixava incomodo. Tinha hematomas pelos braços e em volta do pescoço. Sentiu o peito apertar-se novamente só que daquela vez era de dor, sentiu a dor da perda. Aquele caso o estava deixando doido! Principalmente porque elas eram tão iguais, que ele via Grey em todas. E essa moça era muito parecida, mas não igual. E para confessar sua mortalidade e vergonha ele sentiu alívio por não ser ela.

—O que causou a morte?—perguntou com muito custo ao legista.

—A causa da morte foi violenta, hemorragia por perfuração da aorta. — explicou o legista – Como você pode observar aqui no pescoço um corte limpo, quase com precisão cirúrgica. A moça sangrou até a morte.

Rodrigo aproximou olhando o ferimento, e já tinha visto aquilo outras vezes. No entanto, duvidava que aquele cara tivesse se enganado. Ele era muito preciso para isso... O que aquela moça tinha a ver com tudo o que estava acontecendo.

—Então ela sofreu para morrer?—Rodrigo se comoveu com o fato.

—Não sei te precisar. O que eu achei na nuca vai interessar a você. – ele virou o corpo e levantou o cabelo.

Naquele ponto do corpo estava a marca característica do Lobo. Um “L” bem elaborado feito com caneta permanente. Rodrigo estalou os olhos...

—Peça a o Antonio que mande um relatório sobre o corpo e tudo o que ele puder averiguar!

—Certo.

Rodrigo saiu da sala de autópsia com mal estar e abalado por ver uma mulher tão parecida com Grey morta. Sentiu um pesar igual a quando Graziela morreu na sua frente. E foi nesse estado que Alan o encontrou.

—Cara você está bem?—perguntou preocupado.

—Eu...

—Já sei você se lembrou da Graziela né? Era e Grey?—perguntou Alan.

— Não, mas parecia muito com ela... Tinha um “L” na sua nuca... – Fernando apareceu nessa hora.

— Ele agiu de novo não é? Eu nem tive tempo de ver o corpo...

Rodrigo se lembrou da sua falecida noiva, ninguém conseguia tirá-lo da cena do crime. Ele estava fora de si chorava copiosamente agarrado ao corpo inerte de Grazi. Essa imagem vai continuar na sua mente por muitos e muitos anos. Ainda sentia falta dela ele sabia, nunca mais esteve com outra mulher nem mesmo por diversão. Quando estavam para sair do prédio uma mulher de meia idade e um homem jovem estavam pálidos e entrando no prédio. Ele sabia que eram parentes da moça... Viu Fernando se dirigindo para eles e ao mesmo tempo a mulher desfalecendo nos braços no homem jovem. Fernando estava acostumado a dar notícias dessa natureza, entretanto não queria dizer que ele não sentia nada. Rodrigo viu o seu colega se endireitar e apertar as mãos em bola.

Estavam do lado de fora do prédio e seu celular tocou. Um número desconhecido, acho estranho e ao mesmo tempo ficou esperançoso imaginando que podia ser Grey.

— Corona... – atendeu apreensivo.

— Como anda as coisas meu querido amigo – Rodrigo ficou pálido e Alan parou ao lado dele.

— Lobo... – falou em um sussurro.

As mãos de Rodrigo tremiam e Alan ficou estático. Rodrigo comelou a olhar em volta. Mas o lugar onde estavam tinha muitas pessoas passantes e movimento de carros nada suspeito. Mas essa era a marca dele. Sempre agia onde não havia condições de ser pego, não deixava rastros.

— Imaginei que fosse me reconhecer afinal somos companheiros de trabalhos de longa data... – o sangue de Rodrigo gelava nas veias.

— O que quer comigo?

— Um amigo não pode ligar para ver como você está passando?

— Não é meu amigo... – falou por entre os dentes em estado de fúria total.

Uma respiração na linha bem funda seguida pelo silêncio. E Lobo continuou.

— Que triste que pense assim, justo hoje que eu de dei um presente. Ela não é parecida? – o cinismo era latente e a voz bem humorada como só ele conseguia ter – O que você achou? Foi o melhor que eu encontrei! Não tinha o mesmo corte de cabelo, mas eu dei um jeito. Ficou muito parecida... Eu fico imaginando sua cara ao ver o corpo... Porque pude aproveitar o espetáculo que você proporcionou quando soube a notícia... Tocante! Imagine quando for sua Grey...

— SEU MALDITO!!! – a ligação caiu.

Rodrigo segurava o telefone e olhava para ele com descrença. Reuniu todo seu autocontrole e entrou no prédio de novo. Alan estava em seu encalço, Rodrigo entrou no banheiro masculino. Encostou-se à parede e escorregou por ela até o chão olhando para a pequena janela por onde entrava a luz da manhã. Ficou por vários minutos assim e Alan olhava seu companheiro com apreensão tomou coragem e perguntou:

— O que ele disse... – os olhos de Rodrigo estavam sem foco – Rodrigo!

— Ele me ligou para dizer que vai matar Grey... A moça morta naquela sala é só um recado. Ele matou uma moça inocente para mandar um recado...

Alan ainda estava chocado, ele não conhecia Rodrigo há muito tempo, mas sabia da tragédia que ele tinha vivido. A maioria sabia que ele sofreu na mão desse assassino e agora ele estava de volta e parecia sentir um prazer anormal em torturar a mente de Rodrigo. Isso era assustador.

Considerações

Rodrigo sentiu o corpo todo pesado ao final daquele dia quando chegou ao apartamento da sua irmã. Seu apartamento ainda estava em reforma. Realmente não precisava ter passado por aquilo e nem aquela moça ter morrido daquela forma. Ele acompanhou o restante dos procedimentos, sentia uma responsabilidade pela morte da moça que talvez não tivesse. Sabia que o Lobo tinha feito aquilo para atingi-lo e o pior foi que conseguiu. Ele tinha caído na armadilha dele. O que mais aquele cara queria? Conhecendo suas técnicas ele sabia que o Lobo já teria matado qualquer uma das duas seja, Patrícia ou Alana, ele não era de brincar em serviço.

Outra coisa que atormentava sua mente era o sumiço de Grey, ele tinha quase certeza de que era Alana, não somente pelo comportamento, mas também pelo fato dela ter sido alvo de uma tentativa de sequestro naquela noite de novo, e a garota que foi morta se parecia em muito com Alana, assim como Grey. Patrícia não podia ser ela afirmara que tinha estado com Guilherme Filippini, que confirmou sua versão dos fatos e se fosse verdade sobre seus olhos isso o deixava com a certeza de Grey era Alana.

Mas essa certeza o deixava mais incomodado, pelo fato de Alana não dizer em momento algum que tinha estado com ele, e nem dado a entender isso. E Rodrigo vira como ela olhava para Victor, tinha nos olhos o amor conforme dirigia o olhar para seu esposo.

As imagens que Grey deixou foram seu sorriso doce e o olhar diversas vezes perdido com que procurando na mente alguma imagem que pudesse fazê-la recobrar sua identidade. E ele tinha tirado apenas uma foto dela e estava agora olhando para aquela foto. Rodrigo nunca pensou que pudesse sentir o peito doendo novamente, mas a dor agora era diferente. No caso de Graziela ele sentia a dor da perda de um grande amor, mas nesse caso sentia a falta de algo que jamais teve algo que parecia ser muito importante, mas não sabia ao certo o que era.

Podia ser preocupação pelo fato dela poder estar perdida novamente, ou pelo fato de que ela podia ser alvo de uma perseguição e acabar morrendo nas mãos do Lobo. E com certeza esse a torturaria ao limite só pelo prazer de prejudicar o Rodrigo. Aquele cara tinha algo com ele que não conseguia entender sua fixação, foram varias as ocasiões que se encontrou com o Lobo, não de forma física essa foi apenas uma vez que servia para a vida toda. Porém trabalhou em diversos casos envolvendo o Lobo e sempre tinha algo que era direcionado a Rodrigo na cena do crime. Aquela ligação foi a primeira vez que falou com ele desde a morte de Graziela, era ridículo, mas sentira medo. Não estava tratando com um ser humano normal, mas um ser humano que tinha sérios problemas. Se é que podia ser considerado humano. O estranho era que o Lobo estava envolvido com esse pessoal de tráfico de órgãos, de todos os casos que Rodrigo trabalhou envolvendo o Lobo, nunca presenciou mortes de crianças. Ele não matava crianças, e para Rodrigo era uma novidade que ele estivesse envolvido justamente com pessoas que matavam crianças.

Tinha conversado com Gabriela Duarte sobre o caso das crianças desaparecidas, algumas horas antes de receber o telefonema de Victor informando sobre a tentativa de sequestro que sua esposa sofreu. Gabriela contou como andavam as investigações.

—E em que pé está às investigações?—perguntou a ela.

Gabriela era uma mulher muito inteligente, acima do peso ideal, tinha o rosto redondo olhos castanhos e usava óculos de armação preta, cabelos vermelhos e um olhar bondoso. Vestia-se sempre com roupas alegres, como naquele dia ela estava com uma blusa cor de rosa, ela falava que não precisava ficar relaxada só por que era policial. Sempre tinha doces em sua mesa, era viciada em doces e por causa disso não conseguia emagrecer, mas parecia não ligar muito para isso, ela já estava na casa dos quarenta anos solteira costumava dizer que tinha ficado para tia. Era uma pessoa justa e compreensível, tinha entrado para a polícia com trinta e dois anos e até hoje se dedicava às causas perdidas, sempre com investigações que ninguém queria.

—Não tem pé Rodrigo! Simplesmente não consigo prosseguir com as investigações!

—Mas por quê?—perguntou espantado.

—Todas as vezes que peço uma escuta em telefones não consigo, nem mesmo um mandado para abrir arquivos de instituições infantis!

—Acha que pode estar sendo barrada por alguém?—Gabriela pegou uma jujuba e colocou na boca dando de ombros.

—Rodrigo! Tráfico de crianças e de seus órgãos rende muito dinheiro! E por esse motivo envolve pessoas muito poderosas...

—Bem devem ser pessoas muito influente mesmo, já que consegue barrar mandatos.

—É! E isso me preocupa muito, todas as vezes que abro um pedido de investigação quando chega ao juiz é negado. Na maioria das vezes por falta de provas!—ela levantava as mãos para o ar em sinal de rendição.

—Pelo que posso ver essa máfia envolve muita gente, desde simples policiais até juízes e sabe se lá quem mais—ele estava estarecido com os fatos que Gabriela lhe revelou.

—E não é só isso!—continuou relatando os fatos que ela tinha em mãos até o momento — Eles usam muitas vezes o dinheiro dessas “atividades” para financiar o tráfico de drogas no país e fora também—ela se mexeu na cadeira, abriu uma gaveta que continha mais documentos relacionados e mostrou a ele, Rodrigo leu os relatórios e concluiu que tinha muita gente envolvida com esse negócio.

— Isso é algo grande...

— Sim isso serve para nós vermos ver até onde vão as ligações de crianças que desaparecem de uma hora para outra. Em países de baixo desenvolvimento econômico isso acontece com uma frequência alarmante. Muitas vezes esses desaparecimentos não

são sequer relatados às autoridades. Eu pesquisei muitos arquivos de desaparecimentos de crianças em instituições de acolhimento e constatei um padrão. As crianças são na maioria com idade entre cinco e doze anos, são crianças que já estão fora da faixa de adoção. A maioria são meninas, existem meninos também, mas acredito que eles fazem uso das meninas para prostituição e escravidão sexual.

— Quanto mais se mexe na humanidade mais fede. Eu nunca tinha parado para pensar que tudo podia estar ligado dessa forma.

— Assim como você Rodrigo, ninguém para, para pensar no sofrimento alheio!— cutucou Gabriela — Nós muitas vezes não enxergamos os invisíveis... Mendigos... Crianças que ficam pedindo dinheiro em faróis... Refugiados de guerras. Essa pessoas movem uma indústria bilionária no que diz respeito a compra e venda de pessoas. Seja ela inteira ou em pedaços...

— Infelizmente você tem razão!—dizendo isso se afastou seguindo para sua sala.

Certamente que ninguém se preocupa com o próximo, a maioria das pessoas estão mais preocupada com o que vai jantar do que se aquela pessoa pobre na rua vai ter um jantar. Não é maldade é algo do ser humano. Se houvesse mais preocupações o mundo seria um bom lugar. Não adianta assinar documentos sobre paz mundial se você não faz nem o mínimo à pessoa que está a sua volta. Claro que você está indignado com isso, essa cena, essa conversa. Mas quantas vezes você passou por uma pessoa em situação similar e desviou o caminho? Ou quantas vezes você mudou de canal quando viu notícias de guerras e fome? E quantas vezes subiu seu feed de notícias ao passar por uma informação desse gênero. Não sejamos hipócritas, esse tipo de maldade acontece todos os dias, o problema é que nós fechamos nossos olhos.

Rodrigo ficou pensando sobre caso de Alana e Patrícia, que lhe parecia simples, mas estava se revelando um verdadeiro quebra-cabeça, onde havia peças que não se encaixavam. Rodrigo ficou refletindo nessa conversa e tentava entender o que Patrícia iria fazer com as informações que ela estava em mãos.

Uma coisa era certa, tinha que falar com Patrícia Sabatini, e o mais rápido possível antes que a pessoa por trás de tudo consiga entrar em contato com ela primeiro.

Pensando assim levantou-se do sofá seguiu para o banheiro, a fim de tomar um banho para renovar as energias, que tinha perdido durante aquele dia precisava de uma boa noite de sono para colocar tudo em ordem.

Patrícia saia de seu banho quando ouviu a campainha do celular tocar, estava como hospede no apartamento de Andrés que ficava na zona Sul de São Paulo, tinha ido apara lá mais por insistência de Andrés do que por vontade própria. Fosse por ela continuaria em sua cobertura, afinal adorava aquele lugar, mas como nem tudo era com ela queria. Andrés lhe dissera que se permanecesse lá logo muitas pessoas saberiam e ela não teria mais sossego, e sugerira que ela vendesse a cobertura.

Mas não era isso que ela tinha em mente, gostava do lugar e já se afeiçoara a casa, embora não ficasse no Brasil por tanto tempo, na verdade estava mais em Nova Iorque do que em qualquer lugar. Mas tinha aquele apartamento no Brasil como um refúgio.

O telefone voltou a tocar com insistência, o que a deixou irritada. Enrolou-se na toalha, pegou o celular que estava em cima da pia do banheiro e o atendeu, sem olhar quem estava ligando.

—Alô?

—Patrícia?—ela escutou a voz de Andrés — Sou eu Andrés?

—Sim Andrés!—respondeu desanimada.

—Temos um problema — disse ele em tom preocupado, ela sentou-se na cama para ouvir o que ele tinha para dizer.

—Qual?—Andrés respirou fundo.

—O investigador Rodrigo Corona acabou de ligar para mim, e disse que quer falar como você pessoalmente sobre o caso de seu desaparecimento!—aquela notícia a deixou sem fôlego, não queria ver o detetive de novo, quando a olhava parecia querer ver o que tinha no fundo da sua alma e não gostou daquela sensação.

Com o silêncio dela Andrés prosseguiu.

—Eu disse que não tinha horário para agendar como você, tentei contornar as objeções, mas não consegui.

—Como não conseguiu!—gritou ela irritada, nunca falara assim com Andrés, mas aquela notícia a deixara com os nervos bambos.

Embora não entendesse o porquê da raiva dela em relação ao caso, ele não ia dar a resposta que ela merecia por falar naquele tom como ele.

—Não vou discutir como você Patrícia, o problema é o seguinte se você não se encontrar com ele para falar sobre esse assunto, ele ameaçou pedir uma intimação publica. E como você deve saber isso levaria a um novo escândalo e não estamos dispostos a enfrentar mais um — disse ele em tom severo e recriminado—Já basta o que você provocou com a sua brincadeira! Ainda estou limpando a bagunça.

—Tudo bem! Mas onde vai ser o encontro? Alguém vai comigo? Você?—suplicou em pânico.

—Não ele pediu um encontro a sós!— “mais essa”. Pensou ela.

—E onde vai ser?

—Eu providenciei um quarto no Fontana — Patrícia conhecia o hotel tinha ficado lá mais de uma vez — Está marcado para as 16:00 seu encontro com ele, já conversei com o gerente do Hotel e tudo será em absoluto sigilo, para que não haja paparazzi.

—Claro e devo ir discreta correto!—já sabia como funcionava.

—Sim e vai entrar pela entrada de serviço, como sempre vai ter uma pessoa a sua

espera.

—Certo! Fazer o que não é? Não tem como escapar!—brincou ela mais conformada com o encontro.

—Escuta bem Patrícia!—ela ficou tensa, pois parecia muito importante o que Andrés ia dizer — Você pode enganar qualquer um com essa estória, de que ficou na casa de Filippini, mas a mim não engana.

—Eu estou falando a verd...

—Pode até ser, mas não acredito muito nisso e para seu bem sugiro que não diga nada que possa te comprometer entendido?—Falou em tom de alerta, quase uma ameaça.

—Claro. Como o senhor quiser.

—Afirmo a estória e não diga nada além disso, pois se o detetive estiver buscando fama vai querer usar o que você disse contra você.

—Não vou falar nada.

—Só estou preocupado com seu bem estar. Sabe que para mim você é como uma filha que nunca tive—disse com carinho na voz.

—E você como a um pai — retribuiu Patrícia.

Patrícia olhava para o celular que jazia na cama, e pensou se poderia faltar a esse compromisso. Não queria ir lá tinha visto nos olhos do detetive o quanto esse a menosprezava, chegou a sentir na pele seu menosprezo. E aqueles olhos azuis maravilhosos, feliz da mulher que um dia puder acordar pela manhã e ter aquele par de olhos a admirando.

Não muito longe dali, pela janela de seu escritório Vinicius via a luz do dia sumindo aos poucos, escutou uma batida na porta e ouviu-a sendo aberta.

—Você demorou a vim. Por quê?—perguntou ao mesmo tempo em que virava para ver mais uma vez o rosto magnífico de sua linda noiva.

—Tive problemas com a produção — explicou ela — Houve um início de greve e daí você pode imaginar o que aconteceu—ele notou que ela parecia cansada.

—Eu compreendo, mas você parece que não dorme há dias—ele notou as olheiras sobre os olhos dela, Samira parecia muito abatida.

—É—confirmou ela com um suspiro, e sentou-se não só que tinha no escritório — Você teve notícias dos detetives?—perguntou curiosa.

— Ainda não muita coisa, só que no mesmo hospital onde você deu a luz outra mulher também estava lá. Ela já tinha dado a luz algumas horas mais cedo, uma menina. Mas segundo as informações ela saiu com o bebê no colo.

— Sabe o nome do bebê? – seu peito doía de pensar em tantos anos separadas.

— Sim é Alana, é filha do empresário Artur Haddad.

— Dono da Empeck ?

— Ao que parece... Ele e a esposa estavam em viagem quando a bolsa dela rompeu e tiveram que ser atendidos naquele hospital.

— O mundo é tão pequeno não acha? – Samira olhava pela janela imaginando a felicidade que essa mulher teve naquele dia e a dor que ela própria sentiu.

—Sim—ele viu dor nos olhos dela — Alguma vez durante a gravidez você desconfiou do sexo da criança?

Samira respirou fundo, e começou a recordar os meses que antecederam o parto. Bem no dia em que estava de frente com o espelho em seu quarto.

Naquele dia ela olhava para sua barriga, que estava com certa elevação. Ela tinha começado a trocar de roupa e esquecera a porta entreaberta. Fizera de tudo para esconder a gravidez, usou roupas largas e até mesmo apertou a barriga com faixas de pano. Mas naquele dia tivera o azar de seu pai passar pela porta do quarto e vê-la naquele estado.

O modo com seu pai lhe bateu a deixou com medo de perder a criança, mas sua mãe apareceu e a socorreu. Sentira o bebê mexer enquanto estava no chão, tentando desesperadamente manter aquele bebê vivo.

Demétrio viu que Samira tinha o olhar perdido como se lembrasse de algo tortuoso. Ela levantou a cabeça e o encarou, levou as mãos até o ventre em sinal de carinho, tinha os olhos rasos de lágrimas.

—Sabe Demétrio — ela respirou fundo e com a voz embargada disse—Eu ainda posso sentir elas aqui — apontou para o ventre.

—*Oh! Bella non è così!*

—Eu sei que não posso ficar triste, mas...

—*Li capisco cara mia!* Mas não deve se abater!

— Você já viu fotos dessa moça que nasceu no mesmo dia que nossos bebês?

— Sim fiquei curioso para saber e olhe é essa mulher... – mostrou uma foto do casamento de Alana. Ele tinha conseguido com o fotografo que cobriu o evento.

Samira aproximou-se da mesa e sobre ela havia fotos de jornal e revista, além de algumas fotos profissionais. Mas o que chamou a atenção foi que eram fotos de uma única mulher.

— Veja que interessante... – Vinicius colocou outra foto próxima a foto de Alana. – Você vê o que eu vejo.

—Quem é ela?—perguntou apontando para as fotos.

—A pergunta certa é quem são elas?

Novo encontro

Passava das três horas da tarde, quando Rodrigo Corona adentrou no Hotel Fontana em que Andrés tinha marcado o encontro com Patrícia. O hall do hotel era magnífico, uma decoração requintada painéis de madeira revestia as paredes com poltronas de aparência confortável em couro marrom. Lugar muito aconchegante e intimidante. Rodrigo não se sentiu muito confortável naquele ambiente. Já tinha estado em locais elegantes como aquele, mas era a primeira vez que entrava no Fontana.

Ele seguiu até a recepção onde uma moça loira muito atraente, vestia um uniforme preto e sustentava um sorriso amável.

—Por gentileza eu tenho uma reserva em uma suíte Premium, meu nome é Rodrigo Corona.

—Só um momento senhor—disse ela solícita, admirando o homem a sua frente.

—E gostaria de saber se a pessoa que espero já chegou?—perguntou ansioso.

—Claro senhor.

Após alguns momentos a moça forneceu a resposta.

—A suíte reservada é a 404 que fica no quinto andar, e a pessoa que o senhor espera ainda não se encontra no local — respondeu ele olhando para ele com interesse.

—E poderia me dizer que se tem alguma suíte próxima a essa que eu possa estar solicitando?

—Senhor a suíte 408 está disponível no momento o senhor deseja as chaves dela?

—Por favor — disse ele entregando o cartão de crédito para o pagamento do quarto um valor astronômico para suas economias, mas teria que valer a pena — e, por favor, a chave dos dois quartos.

A recepcionista entregou dois cartões que abriam as portas das suítes, Rodrigo ainda preencheu dois formulários para identificação e subiu para a suíte 404 onde aguardaria com ansiedade a chegada de sua companheira de quarto.

Patrícia chegou ao local faltando quinze minutos para as quatro da tarde, um motorista de Andrés a levou até a entrada de serviço do hotel. Saiu do carro escoltada por um de seus seguranças.

Ao entrar pela porta de serviço um homem baixo, calvo e de meia idade vestindo um terno elegante preto a aguardava, era o gerente do hotel.

Patrícia vestia roupas simples para que passasse despercebida, mas isso não era algo que acontecia, por ser uma figura popular chamava a atenção. Pelos inúmeros

corredores que eles passavam, via vários pescoços virando em sua direção. Ela já estava habituada com aquele tipo de entrada em hotéis.

Segundo Andrés, era melhor assim, pois assim não teria que lidar com paparazzi, e nem com a imprensa local.

Pessoas curiosas queriam saber quem era a mulher que desfilava pelos corredores internos do hotel, alguns queriam saber o que Patrícia Sabatini estava fazendo ali. Ouvia cochichos entre os funcionários, quando chegou ao elevador de carga, o gerente se virou e olhando firme para os funcionários que estavam nos corredores disse.

—Que fique bem claro que ninguém entrou aqui, e não há nenhuma modelo neste hotel — os funcionários assentiram — Porque se houver qualquer notícia relacionada a isto, tanto na Internet quanto nos jornais haverá um enorme corte de pessoal por aqui — terminou ameaçando e virou-se encaminhado-se para o elevador junto com Patrícia e seu segurança que até o momento aguardavam com paciência.

Ao chegarem à porta do quarto 404, Patrícia tremia ligeiramente sabia que logo veria aquele homem de novo. Olhava para a porta branca do quarto esperando o momento em que será aberta.

O gerente muito prestativo tocou a porta quarto para que a pessoa abrisse a porta

Patrícia ouviu uma voz pedindo para que aguardasse então como em câmera lenta viu a porta se abrindo e atrás dela estavam àqueles maravilhosos olhos azuis e um sorriso sincero nos lábios a fez estremecer, mas logo o sorriso se desfez quando ele viu que ela não estava só.

—Como vai Srta. Sabatini?—perguntou agora como um sorriso cínico — Pensei que o nosso encontro fosse a sós!—disse deixando um traço de desgosto na voz.

—Esse é meu segurança — disse ela como uma firmeza que estava longe de sentir — Algum problema quando a ele permanecer aqui?—perguntou astuta.

—Sim—aquela palavra a desconcertou—Eu deixei bem claro para seu empresário, que esse encontro era em particular. E isso que dizer que é somente você e ninguém mais.

—Mas é meu segurança não fico sem ele!—continuou desafiando.

—Isso não me interessa — Rodrigo encostou-se ao batente da porta esperando por uma reação dela, ou que sabe uma reação do segurança. A essa altura o gerente já havia partido—Então? Você fica aqui para conversarmos com tranquilidade ou prefere um mandado para depor na delegacia?

—Eu...

—Imagine que coisa linda modelo!—disse ele fazendo gesto com as mãos como se estivesse mostrando uma manchete—Seu nome estampado no jornal, na primeira pagina “A modelo Patrícia Sabatini na delegacia de novo!”.

—Tudo bem! Vai ser do jeito que você quer—cedeu ela ao imaginar um punhado de repórteres querendo sua pele, só por uma matéria olhou para seu segurança e disse—

Jorge, por favor, me espere no carro, minha conversa como esse senhor não vai demorar muito.

—Mas Srta? A senhorita não acha melhor eu ficar aqui do lado de fora do quarto — sugeriu.

—Não Jorge, pode chamar a atenção de muita gente, é melhor você me aguardar no carro.

—Como quiser. Mas se precisar de alguma coisa basta me ligar — dizendo isso ele começou a se afastar.

Quando ficou sozinho Rodrigo saiu da suíte fechando a porta do quarto.

—Eu pensei que íamos conversar — ele fez um gesto de afirmação com a cabeça —Então para onde estamos indo?

—Quero conversar como você, mas não pode ser nesse quarto. Venha comigo.

—Não! Nem sei sobre o que quer falar comigo...—Rodrigo perdeu a paciência segurou firme no braço dela e praticamente a arrastou para outro quarto que ficava mais a frete.

Chegou ao quarto 408 ele abriu a porta e praticamente a empurrou para dentro. Eles entraram na suíte que tinha uma ampla sala de estar decorada com moveis escuros, a parede clara contrastava os quadros com moldura Veneziana a elegância em si. Da sala de onde se via a cama king saze coberta com edredom branco e um Recamier marrom aos pés da cama, além claro dos vasos de Murano que compunham o estilo italiano aquele lugar que era luxuoso e elegante.

—Aqui poderemos falar mais tranquilamente — disse ele retirando a jaqueta preta e jogou na poltrona próxima, ficando somente com uma camiseta branca que revelava os contornos do seu tórax.

—Por que está tirando a roupa — perguntou Patrícia assustada — Não sei sobre o que Andrés combinou como você, mas sexo não faz parte!— começou ela.

—De onde tirou essa ideia?!—perguntou ele abismado.

—Você começou a tirar a roupa ai...

—Ai nada! Tirei a jaqueta porque está quente aqui—ele viu que ela se assustou de verdade o que o deixou confuso, já que ela era uma mulher vivida deveria estar acostumada a homens.

—Desculpe estou um pouco nervosa— disse ela sentando no sofá.

Rodrigo percebeu que ela estava distante parecia perdida em pensamentos, notou mais uma vez a beleza dela os cabelos presos em um rabo de cavalo alto, o rosto oval com as maçãs saltadas, nariz ligeiramente arrebitado. Olhando ela de lado era como se visse Grey, mas quando ela se virava e o encarava ele via olhos verdes e uma pinta sobre os lábios que não fazia parte de Grey. Mas não desmerecia sua beleza e estava eufórico de novo só por estar perto dela.

—O que queria falar comigo de tão importante assim?—aquela pergunta o tirou de seus devaneios. — O que era tão importante que foi preciso ameaça!?—Patrícia agora sentada na cama admirava a beleza do homem que estava a sua frente, cabelos curtos batidos, nariz reto e traços másculos, não era um homem alto, mas também não era baixo. Ele tinha sei tamanho para ser mais exata.

Rodrigo notou que ela o examinava e sentiu o ego inflar, Patrícia estava sentada tinha as pernas cruzadas, estava inclinada para traz e se apoiava nas mãos, parecia muito tranquila. Roupas simples um jeans e uma camiseta rosa, sandálias rasteiras e uma bolsa grande preta compunha seu visual moderno e casual.

—Eu não ameacei! Pedi com cortesia — e deu um sorriso lindo mostrando os dentes alvos.

—Se isso é cortesia não quero ver uma ameaça—desdenhou ela com o olhar frio rosto impassível, mas por dentro o sangue corria rápido.

—Eu preciso de algo que está em seu poder—disparou ele sentando na em uma cadeira que havia no quarto.

—Não sei do que está falando—desconversou ela.

—Escuta uma coisa Patrícia, você pode enganar quem você quiser, mas a mim não engana!—rosnou ele. — ela estranhou o modo como ele estava falando e se encolheu um pouco.

—Eu realmente não sei do que você está falando—insistiu ela, endireitando a postura.

—Ok! Você tem algo que pertence a uma investigação minha.

—Realmente eu não sei o que seria isso! Será que você poderia ser mais específico e me dizer também por que me trouxe até este quarto?

—Eu te trouxe para esse quarto porque ele está limpo de escuta—ela ficou mais confusa.

—E por que alguém poria escuta naquele quarto? Com certeza Andrés não faria algo assim!—defendeu seu amigo.

—Não estou acusando ninguém em específico, qualquer pessoa poderia colocar escutas lá. Até mesmo o gerente do hotel pra usar isso como arma de chantagem depois.

—Nossa nunca pensei nisso!—e pensar que poderiam ter feito isso com ela antes.

—E checando o quarto notei que tem três escutas que eu pude achar, mas com certeza deve haver mais. Tinha uma câmera também que estava gravando em tempo real. Não quis me arriscar com isso

—E esse não tem nenhuma?—perguntou desconfiada.

—Acho que não, eles não tiveram tempo para implantar uma.

—Ah! E o que você quer afinal?

—Quero o HD que Alana Haddad lhe enviou!—o olhar dela era de espanto genuíno.

—Eu não recebi nada dessa tal Alana Haddad!

—Não brinque comigo Patrícia! Você sabe sobre o que estou falando!— Rodrigo elevou a voz.

—Eu não sei!—gritou ela — E não grite comigo!

—Certo! Antes de ser sequestrada, Alana mandou para você um HD contendo informações importantes, sobre um caso que ela estava investigando com a sua ajuda.

Ela ficou alerta, seus olhos não demonstrava nada, e Rodrigo viu o rosto e a mudança nele. O reconhecimento do que ele estava falando.

— Ela falou para você? – ele viu a admissão no rosto dela.

— Sim, Alana quase foi sequestrada no outro dia. Ela sofreu um atentado e seu esposo ajudou a sair ilesa. Ainda bem...

— Nós nos conhecemos há algum tempo, não vem ao caso do por que. Durante uma conversa ela revelou que algumas crianças estavam sumindo nas instituições que ela prestava atendimento. Algumas delas eu mesma contribuo financeiramente. E acabamos que descobrindo que nós duas temos talento para invasão de computadores.

— Você sabe que é crime. – mesmo sem parecer ele sentiu o olhar fulminante dela.

— Sei sim – a voz pingava sarcasmo – Mas não vem ao caso... Ela começou a fuçar e encontrou muita coisa escondida e me enviou mensagens para que eu mesmo rastreasse outra parte. Enfim... Meu computador foi hakeado... E perdi uma boa parte de informações financeiras dessa organização. Só não perdi informações pessoais porque eu estava usando outro usuário, o erro de Alana foi manter o endereço de IP dela. Eu avisei a ela.

Nos pensamento de Patrícia começava a ser formar a ideia do porque ela tinha sido sequestrada. Rodrigo continuou serio.

—Segundo Alana somente você tem poder de divulgar o nome do mandante de crimes bárbaros.

— Era o plano... Mas eu nunca deveria ter concordado com isso...

— Agora será que poderia ser verdadeira e contar onde você estava durante esse tempo porque esse lance que você contou de ter passado um tempo com o piloto não está colando. Investiguei todas as propriedades dele e sabe o que eu obtive? – ela sabia. – Isso mesmo... Não tem pista de você por nenhuma delas. – Patrícia estava pálida, sentia as mãos frias — Pelo que vejo acertei em cheio!

—Eu... Eu... Posso explicar, eu estava...

—Não precisa explicar! Entendo o seu desejo de manter tudo em segredo, você é

uma pessoa famosa e tudo o que faz vira notícia—ele sorriu em cumplicidade — Com minha irmã também é assim — Patrícia queria contar a verdade, mas achou que seria melhor ele não saber.

—Como conseguiu essas informações?!—Guilherme lhe prometera que ninguém falaria nada ao contrário.

—Eu sou policial. E tenho meus informantes e posso fazer as pessoas falarem.

Patrícia analisou e sabia que podia confiar nele. Mas não queria envolver mais pessoas nesse lama.

— Eu recebi esse HD e está em meu poder no momento, mas..

—Mas?

—Eu não sei o que tem dentro do HD e também não quero saber!—ela o olhou com desafio nos olhos — Minha vida estava ótima sem esse tipo de contratempo, eu ia fazer um excelente trabalho para a Empeck . E justo por causa desta investigação desvairada meu mundo está mudando!—ela falava e Rodrigo não acreditava na frieza dela.

—Como pode falar assim!—gritou ele.

—Falo do jeito que eu quiser! Trabalhei por quase três anos sem intervalo! Conquistei um patamar que é para poucas, meu cachê é altíssimo...

—Pare! Por acaso não tem ideia do que tem em suas mãos!—ela o olhou como se olhasse de cima, a arrogância era palpável.

—Não me interessa! Não quero saber! Não quero a minha vida na berlinda por causa dos outros!—Rodrigo avançou mais uma vez para cima dela, olhando a em seus olhos. Aquele jeito de olhar a frieza nas palavras não combinava com a aura ao seu redor. Parecia que existiam duas pessoas ao invés de uma, ali na sua frente.

— Estamos falando de crianças! E preciso dessas informações. —ele estava consternado pelo modo com que ela agia em relação a algo tão importante!

Nesse ponto ele estava com as mãos em seus ombros querendo que ela entendesse o que se tratava.

—Solte-me está me machucando!—Rodrigo a soltou fazendo com que ela caísse na cama descomposta — Seu bruto!

—Sua egoísta!—disparou ele — Não estamos falando de brincadeira de criança aqui, ou de um trabalho frívolo seu! Estamos falando de “Vidas”! Vidas de crianças, vidas de pessoas envolvidas nesse esquema. Estou falando da sua vida! Ou acha que eles vão deixar barato o que você e Alana fizeram? Eles já sabem de você... —ela olhava para ele com o rosto pálido e assombrado— E quando eles tiverem a localização do HD vão matar você, mas a está altura você estará implorando para que a matem! E agora acha que isso é uma brincadeira!

—Eu não... Não tinha ideia...—sentiu lágrimas de medo nos olhos, mas se

impediu de chorar para que as lentes não saíssem.

—Ninguém tem ideia!

—Não precisa me assustar...

—Não estou te assustando estou falando a verdade!

—E como sabe de tudo isso?—perguntou em desafio.

—Conheço o homem que foi contratado para executar o serviço.

—E quem é esse homem tão perigoso!—ironizou ela.

—Pode até não acreditar no que falei, mas é a mais pura verdade. Lobo! Um dos sequestradores e assassinos mais cruéis que eu já conheci!

—Já ouvi falar sobre ele...

—Você e milhões de pessoas. Ele conseguiu a fama, mas ninguém o conhece...

—Nem você?—a pergunta foi feita de modo íntimo, e com a voz doce. O que o deixou sem ação. Olhou para ela que continuava sentada na cama com os braços envolta do corpo, tinha as bochechas rubras.

—Por que pergunta?

—Eu... Eu... Achei que você...

—Já estive cara a cara com ele, mas nunca consegui ver seu rosto. A situação não me permitiu... — dor brilhou nos olhos dele e Patrícia sentiu na própria pele aquele sentimento.

—Acha que eles vêm atrás de mim mesmo?—disse preocupada com a possibilidade de estar novamente na mira dos bandidos.

—Eu tenho certeza — falou sério. Patrícia sentiu o sangue gelar — Já tentaram levar Alana, mas graças ao marido dela não conseguiram. No momento eles querem Alana... Mas eles vão vir atrás de você, nós não estamos um passo atrás do Lobo é ele que sempre está a dois passos à frente e isso nos deixa na mira dele.

—Mas não tem como ele saber sobre isso...

— Ele sabe Patrícia e vai vir buscar, e eu quero te proteger. — ele estava à frente dela olhando para seus olhos fixamente.

Patrícia ficou olhando para ele por alguns segundos que pareceram uma eternidade, sentia algo forte por Rodrigo algo que não sabia como explicar. Nunca sentira tal sentimento por ninguém, nem mesmo por Guilherme e aquele sentimento estava sobrepujando todos os demais.

— Precisa me ajudar... Precisa ajudar essas crianças.

Aquelas palavras tocavam seu coração, mas sabia que tinha que manter aqueles documentos sob segredo. E naquele momento não tinha acesso ao cofre onde estava o HD. Quando ele a tocava era como se uma corrente elétrica passasse pelo seu corpo, estar perto

de Rodrigo era ter o coração batendo descompassado.

— Não...

“Por que ela me olha desse modo, por que tem olhos frios e o corpo caloroso! Será que estou atraído por essa celebridade como a maioria?! Ou é esse rosto que me atraí? Droga! Agora não é hora disso Rodrigo tenha a cabeça no lugar e lembre-se ela não é Grey embora pareça e muito!”

Relações de sangue

Dizem que o sangue fala mais alto, mas e os laços que se cria durante a vida? Vale mais qual?

Aquele quarto era estranho ainda para ela, assim como tudo nele. Tinham comprado aquele apartamento para se a residência deles há três meses. Seu pai havia dado como presente de casamento. Era um apartamento duplex amplo e moderno, ficava nos Jardins região nobre da capital. Ela havia escolhido os moveis os quadros tudo o que tinha naquela casa, mas não se sentia em casa... Do seu quarto de casal decorado em tons claros... Havia uma moldura no aparador com uma foto de Alana e Victor no começo no namoro... Ela tinha colocado aquela foto lá.

Sua vida tinha dado uma reviravolta imensa, estava tudo de cabeça para baixo. Nunca imaginou que uma simples conversa com uma dose de empolgação a levaria a isso. Temia pela sua vida, mas temia mais ainda pela vida de Victor e de sua família. Ela já tinha tido sua vida ameaçada mais de uma vez, tinham incomodado pessoas muito poderosas. Estava com medo do futuro ou da falta dele.

E agora estava ali olhando para a Alana de onde via a os prédios e as ruas movimentadas da capital lembrou-se do dia em que conhecera Victor.

Seu peito se apertou ante a imagem que se formou em sua mente, não entendia o porquê dele negar os próprios sentimentos. Ou talvez não sentisse nada por ela que fosse especial, e ela, será que o que sentia por ele era real. Esse tempo que ficaram afastados a fez refletir sobre o rumo que estava dando a sua vida, e se valia à pena correr o risco.

—Alana?—Amélia bateu a porta — Posso entrar?

— Não sabia que estava aqui... — disse cumprimentando sua linda irmã.

Amélia estava como sempre impecável era difícil vê-la na situação que ela estava na delegacia quando se reencontraram.

— Cheguei há pouco...

—Claro! Eu não ouvi...—disse com um pouco de entusiasmo, gostava da irmã e não queria passar para ela o que estava sentindo naquele momento.

—Que bom ver você melhor hoje — o sorriso sincero no rosto dela a confortou — Papai ainda está com problemas no escritório e não pôde vir e...

— Não precisa se explicar, Mel se poupe disso. Eu sei que ele não vem tão cedo.

— Lana não fale isso ele gosta de você é só que ele é daquele jeito e depois da mamãe ele ficou pior.

— Mel antes de a mamãe morrer ele já era desse jeito comigo. Ele nunca teve uma

boa palavra para mim... Fiquei desaparecida por meses e ele não se preocupou nem em me ver... O que você acha que eu vou pensar? – a amargura estava presente na voz dela como Amélia nunca tinha visto.

— Imagina isso é algo da sua mente, ele também me trata dessa forma também... – Alana via o sorriso de sua irmã ficar cada vez mais plástico. Esse era o modo de Amélia encarar a vida ela negava.

Amélia negava tudo e seguia levando a vida como se nada afetasse sua bolha. Ela era treinada para não aparentar fraqueza. Uma vez presenciou uma cena assustadora! Amélia havia chorado por tropeçar e cair em um evento social que seus pais estavam. O poderoso Artur não disse uma palavra no evento nem no carro. Mas ao chegar a casa colocou Amélia na sua frente na biblioteca, Alana estava de pé encostada na porta, era mais nova e não entendia muito bem o que estava acontecendo, mas entendeu com perfeição o tapa que Artur deu na deu na sua filha, ele a golpeou varias vezes. Ela chorava e apanhava mais, não tinha permissão para sair do lugar. Sua mãe estava no recinto e não dizia nada. Depois de vários minutos de agressão ela já não chorava mais, seu rosto estava vermelho. Seu pai repetia a todo instante que ela representava a família e tinha que estar impecável, e mostrava a pequena sujeira na barra da sua saia. Alana ficou com tanto medo que limpava tudo constantemente, isso se tornou uma obseção para ela com o passar dos anos.

Alana viu sua irmã se transformar no decorrer dos anos e ocultar todos os sentimentos naquela casca que se tornou. O sorriso plástico e rosto treinado para não vacilar eram sua marca. Artur se gabava da filha mais velha, ela era como ele dizia. No entanto para Alana não sobrava isso, ela era relegada as cantos da casa dos eventos. Aprendeu a se comportar, de tanto ver sua irmã sofrer não queria passar por aquilo.

— Mel você tem que parar de negar as coisas na sua vida. Você sofre com isso e nem percebe mais, já está anestesiada.

— Eu não faço isso...

— Faz, mas já não percebe, eu gostaria que você fosse mais feliz. - Amélia sentou em uma poltrona florida que tinha no quarto.

Naquele instante Amélia deixou a máscara cair do seu rosto. Ela sabia que sustentava aquilo por muito tempo e teria que continuar a sustentar para o resto da vida. Estava cansada... Olhou para o rosto abatido de Alana e declarou.

— E eu que você fosse minha irmã de sangue... – aquela declaração pegou Alana desprevenida.

— O quê?

Porque as revelações sempre acontecem dessa forma?

Nos Studio Callow Samira e Vinicius continuavam analisando as fotos das jovens.

—Acha que uma dessas moças podem ser nossas filhas?—Samira ainda olhava para as fotos que estavam na mesa.

—É uma possibilidade...—Vinicius colocou a mão no queixo esfregou o rosto tentando raciocinar melhor—Quem me fez perceber isso foi um policial.

—Policial? Entrou em contato com a polícia?—perguntou apreensiva Samira.

—Não! Eu recebi a visita de um investigador, ele estava trabalhando no caso do desaparecimento de dessas duas mulheres — Samira ouvia atentamente — Uma delas é a modelo Patrícia Sabatini, essa das fotos profissionais — Samira olhou para a foto em preto e branco — A outra do recorte de revista é mulher de Victor Guimarães Rosa um deputado estadual.

Samira observa as fotos com atenção.

—Mas por que acha que elas podem ser nossas ?

—Por causa da aparência...

—Aparência? Como assim?

—Elas são muito parecidas com você quando mais jovem!—Samira não entendia —Olhe para as fotos e olhe para a sua foto na parede!

Ele o fez e notou uma semelhança, mas os olhos não combinavam com os dela, então reparou em algo familiar nos olhos. A cor!

—Os olhos delas parecem com os seus!— Vinicius assentiu — Mas somente Alana tem olhos cinzas os de Patrícia são verdes e...

—E ela usa lentes de contato verdes!

—Lentes! Por quê?

—Segundo ela, seus olhos são de cores diferente. Ela tem um olho meio verde, meio castanho e usa as lentes para corrigir esse defeito. Mas isso não altera muito pode ser que ela nasceu com a cor diferente.

—Ah! Nossa! E como vamos descobrir se são elas mesmas? Além disso Alana tem pai e mãe...

— Já imaginou que pode ser que trocaram os bebês na maternidade. Alana não se parece com a família dela. Olhe sua irmã – Vinicius mostrou uma foto de Amélia Haddad. Loira olhos azuis e um rosto mais agressivo que o de Alana. – A estrutura óssea é diferente... Existe diferença entre irmão, mas nunca tão discrepantes algumas linhas se preservam e no caso delas não há.

— E se não for elas... – havia desesperança na voz de Samira.

—Continuaremos procurando! E se elas tiverem o medalhão podemos colocar um anuncio de procura... Não sei, mas não vamos desistir! Vamos encontra-las custe o que custar!

—Claro. Agora que estamos juntos faremos acontecer — Samira o abraçou, e o

fez sentir todo seu carinho.

—Sabe *bella* nuca devia ter deixado você ir aquele dia...Deveria ter prendido você comigo e hoje nos seríamos uma família...

—Não pense nisso agora. Não podemos mudar nosso passado, mas vamos concertar o futuro. Demétrio eu te amo e isso nunca vai mudar!

Victor estava inquieto, vazia algum tempo que Amélia estava no quarto com Alana. Ele não sabia o que estavam conversando. Alana estava mais afastada dele do que ele era capaz de aceitar, eles tinham um bom relacionamento. O namoro foi curto de certo modo, Victor viu em Alana uma ótima esposa e seu pai fez com que ele enxergasse que se caso se casasse com ela as portas do mundo iram se abrir. Afinal ela tinha boas relações e era uma herdeira de uma fortuna considerável. Victor também tinha um bom patrimônio, nada que se comparasse com o de Alana, mas era bom. Os pais de Victor sempre estiveram envolvidos com a política, e depois de alguns anos de muito entra e sai desse tipo de pessoas na casa de Victor ele começou a perceber que era um caminho bom para percorrer. Seu pai o apadrinhou no partido foi eleito o vereador mais jovem de São Paulo e agora contava com o cargo de Deputado. Tinha uma esposa rica e a vida abria-se para ele.

O que ele não contava era com esses ideais de Alana, claro que ele também achava horrível o que estava acontecendo com as crianças, no entanto, não sentia que ela não deveria ter arriscado a vida por isso. O mais estranho para ele era o amor que tinha desenvolvido por sua esposa. Tinha necessidades físicas e emocionais por ela e isso era novo para ele, as mulheres sempre estiveram na sua vida, elas tinham o lugar específico funcionavam como adereço ou uma boa mídia. No caso de Alana começou dessa forma e evoluiu para o que estava sentindo agora. Será que se sentiria assim por muito tempo? Será que foi o medo de perder as conexões? Victor se questionava.

Ele tentou se aproximar de Alana, só que ela o impedia. Ela estava diferente da Alana que ele conheceu. Ele estava tentando uma reaproximação, depois do incidente na casa dela ela havia se aconchegado e procurado auxilio nele. Uma vez em casa, na casa deles ela se distanciou novamente e ele resolveu dar espaço para ela. Estavam dormindo em quartos separados, ele sentia que ela precisava de espaço.

Enquanto se questionava Amélia saiu do quarto, ela estava com óculos escuro no rosto. Parecia um pouco descomposta.

— Ah! Victor querido – disse ela entrando na sala de estar – Eu vou indo já conversei com Alana depois nos vemos.

Victor observou Amélia sair com uma pressa que não lhe era característica. Um sinal de alerta tocou em seu cérebro e ele soube que alguma coisa ruim tinha acontecido.

Quando ele entrou no quarto do casal encontrou uma Alana abalada, ela estava chorando deitada na cama. O sol entrava pela janela do quarto e a cena comoveu seu coração. Ela vinha passando por tantos problemas e parecia que mais um tinha sido acrescentado.

— O que houve querida? – os olhos prata olharam para ele e estavam cheios de dor.

— Eu não sou filha dos meus pais... – aquilo o deixou sem conseguir formar uma frase coerente sequer.

— O que quer dizer com isso – perguntou sorrindo tentando relaxar a situação.

— Mel acabou de me contar...

Ela se lembrava do que tinha conversado com Amélia a alguns minutos. Sua irmã estava olhando para a janela quando declarou aquela bomba. Ela sempre imaginou que tivesse algo errado. Seu pai não demonstrava qualquer sentimento por ela. E sua mãe era uma mulher apática em relação às filhas, tinha desenvolvido depressão depois da última gestação e se tornou uma mulher fria e distante. Até o seu último dia na casa quando Alana estava passando pelo quarto dela. Sua mãe tinha a chamado até a cama e deu um bracelete de ouro para ela. Alana nunca tinha visto algo tão bonito. Achou que sua mãe finalmente estava se aproximando dela de alguma forma, mas ela apenas virou o rosto e disse:

— Um dia pode ser útil para você...

Não disse mais nada apenas suspirou e olhou a televisão que estava ligada passando em programa estranho que ela não se lembrava direito. Alana ficou olhando para o bracelete e saiu na sua inocência infantil feliz com o presente.

— Querida? – Victor chamava ela para o presente porque parecia que ela estava perdida em seu próprio mundo. – O que Amélia lhe disse.

— O que de certo modo eu já sabia... – a dor estava na voz dela – Eu sempre imaginei que tinha algo diferente. O certo é que meu pai não é bom pai nem para Amélia, mas no meu caso beira ao esquecimento. Eu sempre fiquei feliz por ele não olhar muito para mim, na verdade eu ficava fora na mira dele. Eu vi minha irmã apanhar muito e ser castigada por nada que realmente fosse necessário.

— O que ela disse. – insistiu Victor.

— Não sou filha natural dos meus pais...

— Mas você foi adotada?

— Não fui trocada... – ela sentiu desprezo pelo que tinha acontecido.

— Como assim trocada, foi erro da maternidade onde você nasceu?

Victor viu Alan respirar fundo, ela deitou de costas na cama admirando o lustre do teto, ele tinham escolhido juntos. Era bonito e tinha pequenos cristais.

— Mel disse que um dia quando nossa mãe ainda estava viva ouviu nossos pais conversando sobre o assunto. Ela não deu muita atenção na época, era criança ainda. Com o passar dos anos ela foi observando a nossa diferença física e aquele assunto voltou à mente dela. Ela colocou detetives atrás do caso, pagou muitas pessoas e graças a Carlos ela descobriu nosso pai pagou um valor grande para uma enfermeira trocar o bebê morto

que era uma menina por mim.

— Mas o que o Carlos tem a ver com isso, ele trabalha para seu pai. — Alana sorriu.

— Sim, mas ama Amélia ou você nunca reparou? — Victor puxou pela memória todas as vezes que tinha se encontrado com o assistente ele era sempre sucinto e fiel ao seu sogro. Nunca tinha pegado qualquer olhar entre Amélia e ele.

— E o que você vai fazer com essa informação? Ela sabe quem é seus pais?

— Ela vai me enviar uns arquivos... — Alana estava muito abatida, Victor deitou na cama ao lado dela olhando os cabelos curtos e os olhos prateados. Era uma mulher muito bela. - Sabe às vezes parece que minha vida é uma grande mentira, tudo o que eu vivi parece uma mentira.

— Eu não. — ele afirmou olhando com ternura para os olhos mais lindos que já vira. — Eu sou real, e o amor que eu sinto por você também é real. — o coração de Alana transbordou.

Victor pegou a mão dela e colocou no seu peito, aproximou e enlaçou a cintura da sua esposa. Estavam ambos próximos a respiração curta, já tinham feito isso varias vezes. Beijos são normais em relacionamentos, porém dessa vez parecia que tinha mais sentido, era certo.

Se beijaram e se acariciaram demoradamente. Não tinham tido uma lua de mel descente e a necessidade do contato físico era maior. Victor queria que aquele momento fosse especial. Inesquecível.

Eles se despiram com tranquilidade que cabe à um casal. Victor admirou e contornou toda a extensão do corpo de Alana. Beijos e caricias se alternavam trazendo um conforto ao seu coração abatido. Eles se conheciam mas naquele momento sob o sol fraco da tarde que entrava pela janela iluminando suavemente a suíte eles se permitiram explorar seus corpos com suavidade e desejo. Na dança ancestral satisfizeram seus corpos e estavam agora unidos pelo desejo, pelo carinho e pelo companheirismo regado de amor. Alana nunca imaginou que a felicidade pudesse ser tão plena. Ficaram deitados por um longo tempo se acariciando e sentindo todo o esplendor daquele momento.

Desejo

Dizem que o desejo pertence a seres finitos, um dos desejos mais latentes na humanidade é o prazer da carne, lutar contra esse desejo é quase que simplesmente impossível para alguns. Trabalhar essa vontade requer um esforço sobre-humano. Ter perto de seus dedos algo que se deseja e não poder tocar é um interessante conflito a ser observado...

Carlos notou através de seus óculos de aro fino o semblante de Amélia. Ela estava impecável como sempre. Estava sentada no banco da Mercedes preta encostada a porta olhando pelo vidro blindado as ruas e o trânsito caótico da capital paulista. Carlos estava dirigindo e ela estava no banco de trás, parecia incomoda. Amélia tinha visitado sua irmã e Carlos ficou no carro esperando, ao entrar ela não deu nenhuma ordem, mas Carlos sabia que ela queria voltar para casa. Ultimamente estava a serviço de Amélia, não era uma ordem de Artur Haddad e sim uma recomendação que Carlos aceitou com ânimo.

— Me permite perguntar o que houve... — Ela moveu os dedos ajustando os óculos.

— Ela já sabe...

— Acha que foi um bom momento?

— Não existe bom momento para uma notícia dessas. — Amélia olhou para o retrovisor onde podia ver o rosto de Carlos. Ele não era um homem atraente, tinha o rosto fino, cabelos escuros sempre penteados para trás com gel. Os óculos de aro fino não favorecia seu rosto. Ainda assim era muito fiel a ela e Amélia gostava disso. — Aquele assunto que eu pedi para você ver já tem notícias?

— Já está tudo encaminhado... A Srta vai fazer isso mesmo? — Era exatamente disso que gostava em Carlos, sua prontidão e eficácia.

— É necessário...

Enquanto Amélia circulava pela cidade no hotel Fontana, Rodrigo estava cada vez mais próximo de Patrícia no sentido físico. Ele já não atinava mais sua mente estava fechada e só o que importava era a pessoa a sua frente, o cheiro dela e o calor do corpo estavam cegando seus sentidos.

Rodrigo traçou uma linha pela face dela começando na base dos olhos descendo pela lateral através da bochecha e traçando a linha dos lábios que estavam entreabertos revelando dentes alvos.

Patrícia sentiu cada movimento com um prazer inesperado ela sentiu uma das mãos dele descer pelas suas costas o sangue começou a correr mais rápido. Seu coração

pulsava mais forte, era uma sensação tão agradável e reconfortante, que ao invés de se afastar ela se achegou mais sentindo sob a mão o peito musculoso.

Rodrigo não entendia por que, mas parecia tão certo estar perto dela, era como se o ar fosse mais doce e tudo o que queria era estar ali.

Ela tremia em seus braços como de forma inocente, pura, e aquilo fez seu sangue ferver. Sentiu um perfume cálido que emanava dela. Seus olhos estavam fechados e ele pode vislumbrar toda sua pureza e beleza.

Seus lábios se tocaram em um doce beijo, o que deu início a um beijo mais apaixonado e envolvente. Ele sentiu uma familiaridade no beijo que o deixou em êxtase.

Rodrigo deslizava as mãos pelo corpo dela sentindo cada centímetro daquele corpo escultural. Patrícia não conseguia raciocinar direito com ele lhe acariciando de forma tão íntima, quando percebeu estava deitada no sofá com Rodrigo por cima. Ele deslizou a mão pelo corpo dela, tal gesto deixou Patrícia sem fôlego.

Rodrigo não conseguia parar de beijá-la, sentia o gosto de sua pele enquanto beijava seu pescoço, aquele perfume que ela usava o estava deixando louco. Sua mão subiu pela perna acariciando por cima do jeans cada parte por onde passava. Sem cessar os beijos foi deixando um rastro de fogo pelo corpo de Patrícia. Neste momento não importava mais nada, nem sequestro ou qualquer caso, a única coisa que eles tinham ciência era da atração mútua que sentiam. Estavam perdidos em um desejo único e lacerante.

— Você podia tirar as lentes para eu ver como você é de verdade... – disse ele beijando ela não permitindo que ela sequer respirasse.

Aquela frase que ele disse foi o suficiente para fazer Patrícia raciocinar direito. Ele era tão envolvente que se ela continuasse não terminaria de uma boa forma e talvez se arrependesse. Não era o momento certo. Ela gentilmente tocou no peito de Rodrigo afastando gentilmente ele.

Preservara-se muito após ver muitas coisas absurdas nos bastidores dos desfiles. Andrés tinha preservado ela de muitos. Tinham criado uma imagem sem nenhuma sombra e por esse motivo sempre estava à parte das pessoas como se ela fosse algo inatingível. Sofria com a rejeição das pessoas do seu meio e com a curiosidade da imprensa se deixasse se levar naquele momento talvez sofresse uma rejeição que não estava disposta.

Rodrigo sentiu a mão afastando ele e começou a recobrar a sanidade, percebeu que estava em cima dela no estreito sofá da sala. Em um pulo se levantou envergonhado e sem saber para onde olhar.

— Desculpe... – falou em um sussurro olhando de leve para Patrícia que continuava no mesmo lugar.

Ela estava com os cabelos desgrehados os olhos bem abertos demonstrando espanto, e os lábios inchados pelo beijo o que estava tornando a vontade dele se manter longe um tanto difícil.

“O que há comigo! Primeiro a Grey agora ela! O que estou me tornando! Era para Patrícia estar totalmente segura comigo! Depois de tanto tempo sem sentir nada por nenhuma mulher de repente sinto por duas!” – esse era o pensamento dele.

— Eu acho que preciso ir ao banheiro... – Rodrigo percebeu a vergonha dela, o rosto estava ficando cada vez mais vermelho.

Ele raspou a garganta para falar estava sendo complicado aquilo, certa parte da sua anatomia não estavam colaborando com a força de vontade dele.

— Claro... Err... Precisa de ajuda... – recebeu um olhar tão frio que sentou a temperatura baixar de imediato.

Ela passou por ele com uma classe invejável para quem tinha acabado de perder essa mesma classe há poucos minutos. Ele acompanhou com o olhar ela entrar no banheiro e a porta se fechar.

“Que loucura eu fui fazer, mas não pude resistir! Ela é tão perfeita! Um corpo tão lindo e é tão quente! AH! Estou parecendo um adolescente na puberdade!!”

O mais estranho era que tinha sentido algo tão familiar nela, talvez tenha arruinado tudo com aquele beijo e que beijo!

Ele observou que ele mesmo estava em condições precárias, os cabelos o rosto que tinha marca de batom. Tratou de se arrumar na medida do possível. Pensou em todo o tempo que estava sozinho e até antes disso porque ele nunca se deitou com Graziela, pois queria se casar com ela queria viver a ansiedade da lua de mel e respeitava o desejo dela acima de tudo. Graziela não era virgem, tão pouco leviana ela lhe contou que tivera uma experiência não muito boa com seu primo e nunca mais tocou no assunto, então sugeriu que esperassem até o casamento para que fosse especial com se fosse sua primeira vez. E no fim nunca esse dia nunca aconteceu.

Patrícia olhava para o espelho e não acreditava no que via. Seus cabelos estavam desgrehados, maquiagem borrada e uma das lentes estavam alguns milímetros fora do lugar, mas ainda assim o brilho que viu no seu rosto não era algo a que estava acostumada. Parecia que tinha morrido e renascido mais bela mais mulher.

Procurou pela bolsa que tinha levado junto como a roupa quando se trancara no banheiro. Ainda bem que estava com uma bolsa grande, sua maquiagem e seus utensílios para as lentes estavam ali. Logo estaria tão decente como quando entrou naquela suíte. O pensamento que há apenas alguns minutos estava nos braços de Rodrigo à vez estremecer por inteiro, fechou os olhos e reviveu os momentos de prazer. Já tinha beijado outros homens, só que com ele era diferente... Era mágico. Pressionou as mãos e começou a dar pulinhos e gritinhos silenciosos no banheiro.

Quando a porta do banheiro se abriu Rodrigo a viu sair com o rosto calmo, a maquiagem perfeita os cabelos penteados e bem presos no rabo de cavalo. Os olhos frios

pousaram nele com altivez, como se nunca estivesse estado com ele.

—Vejo que se recompôs!—provocou ele. Ela não moveu um músculo de seu rosto estava impassível.

—Não sei do que está falando—disse calma. E aquela calma o estava irritando, mas não se deixaria levar. Ela estava com certeza preocupada com o que ouve ali.

—Não vou falar para ninguém o que ouve aqui hoje.

—Não há nada do que falar. Porque não ouve nada!—aquela frase teve o poder de abalá-lo, não entendia o porquê de ela negar o fato.

—Certo. Se você não quer falar disso tudo bem para mim... — ele a viu caminhar pela suíte e de repente cambaleou como se estivesse passando mal.

Patrícia sentiu uma vertigem, e um mal estar no estômago. Talvez se devesse ao fato de não ter comido nada naquele dia. Rodrigo precipitou em ampará-la, levou-a até a cama para que se sentasse.

—Você está bem?—perguntou Rodrigo preocupado com a palidez dela.

—Eu... Não estou... —ela sentiu a vista escurecer e começou a suar frio.

—Você comeu hoje?—ela não o escutava direito só maneou a cabeça em negativa - Vou pedir alguma coisa para o serviço de quarto.

Enquanto Rodrigo fazia o pedido Patrícia foi melhorando da tontura.

—Por que ficou sem comer hoje?—perguntou ele preocupado com ela e notando que sua cor retornara.

—Eu estou de dieta e acho que não comi ontem também... Por isso que passei mal...

—Dieta!—ele a olhou e embora Patrícia possuísse curvas e músculos firmes, ele podia afirmar que ela estava abaixo do peso — Mas você está tão magra!

—Engordei nos dias que estive fora, e de acordo com meu contrato não posso estar acima do peso.

—Não sei o porquê disso! Mas agora você vai comer um pouco eu já fiz o pedido — ela não se opôs, já que não estava em condições. Além de estar morrendo de fome.

Rodrigo recebeu o café que tinha solicitado sem permitir que o rapaz entrasse no quarto. Colocou o carrinho para dentro, viu que tinha providenciado tudo, café, chá, biscoitos, pão francês, pão de forma etc...

Olhou para Patrícia e viu que ela já tinha recuperado a cor, mas mesmo assim ele não permitiria que ela saísse dali sem comer.

—Venha coma alguma coisa, vai fazer bem para você — ela apenas o olhou, se levantou e sentou-se na mesa para que pudesse comer.

Ela pegou duas fatias de pão de forma colocou presunto e queijo no meio, serviu-

se de um pouco de leite com café. Rodrigo a observava e notou que ela retirou a casquinha do pão de forma, mordendo em seguida. Aquele gesto fez sua mente vagar e sentiu como um fleche.

—Por que não come a casquinha?—ria ele. Ele tinha visto essa cena por vezes e resolveu perguntar.

—Eu não gosto!—Ela respondeu fazendo uma careta.

—Mas é tudo pão!

— Não é pão é casca! – ele achou graça.

Ela notou que ele a observava com um olhar estranho e se perguntou se era muito estranho ver uma vê-la comer...

—O que foi? Por está me olhando assim? Nunca viu uma mulher comer?—ela não entendia porque ela a olhava daquele jeito.

—Não é nada só que...

—Que?—perguntou ela com a boca cheia.

—Nada. Coma, vai se sentir melhor.

Depois do café Patrícia ligou para seu segurança avisando-o que a esperasse no elevador de serviço.

—Você está bem agora?

—Sim!—ela lembrou-se do que ocorrera a pouco e ficou vermelha e acalorada.

—Tem certeza que está bem! De repente sua cor ficou mais forte!—ele estava preocupado, mas a preocupação dele só fez aumentar seu rubor.

— Podemos voltar ao assunto que estávamos discutindo antes de... – o rosto dela parecia estar pegando fogo.

— Claro – falou ela com a voz mais suave e desconcertada.

— Precisamos do HD e das informações que você tem. – agora ele era todo investigador, seus olhos azuis apaixonados tinham dado lugar para um olhar firme e direto. A linha do maxilar estava mais rígida assim como o resto do seu corpo... Ele parecia tenso.

— Preciso de tempo... Está em um banco... Um cofre e eu não consigo recordar a senha...

— Como não se lembra da senha de um cofre! – ele estava atônito.

— Eu esqueci... – ela foi evasiva – Mas vou procurar onde eu guardei a cópia. Eu sempre guardo esse tipo de coisa...

— É importante... Para você e para Alana.

— Eu sei disso, mas Alana sabe o nome de um dos chefes desse negocio na América.

— Está me dizendo que tem mais pessoas que comandam esse esquema?

— Sim existe. – agora Patrícia tinha assumido uma atitude profissional – Eu tentei rastrear o dinheiro que era pago em contas na Suíça e cheguei a varias empresas. Muita gente lava o dinheiro que é recebido por esse esquema não consigo recordar os nomes, existem muitas. Eu tinha conseguido uma considerável quantidade de informações, mas como eu te disse foram apagadas. Com a correria da minha agenda nem pensei em salvar uma cópia de segurança como Alana fez... Se tivesse feito teríamos como dismantelar um esquema gigantesco.

— Alana foi bem inteligente... Mas como o que conseguirmos dessa cópia e podemos pelo menos investigar mais a fundo.

— Bem vou fazer o possível para ter acesso a esse HD o mais breve – ela disse isso se levantando da cadeira. Parecia que tinha se recuperado, aquilo deixou o coração de Rodrigo mais leve— Eu... Eu acho melhor ir...

—Espere!—Rodrigo pegou-a pelo braço puxando-a de encontro com seu peito.

A respiração de ambos ficou mais tensa, Rodrigo a estreitou mais nos braços. Ele fez o mesmo movimento que havia feito antes com o dedo em seu rosto.

— Ainda vou vê-la sem essa máscara que você usa e você será minha.

Ela não sabia se ficava feliz ou triste com aquela declaração. Ao se separarem Patrícia ainda conservava os lábios abertos o rosto estava rubro e ela sentia um calor correndo pelo seu corpo.

Ela foi andando de costas até sentir a maçaneta da porta entre seus dedos, abriu sem tirar os olhos dele. Enquanto ela estava ofegante, ele parecia calmo e satisfeito como se fosse muito normal o que acontecera ali.

Ela abriu a porta e correu para o elevador de serviço onde seu segurança a esperava.

—Tudo bem com a senhorita?—perguntou preocupado com o estado dela.

—Eu estou bem vamos agora—ela se recompôs rapidamente e logo os dois estavam dentro do elevador. Saíram pelo mesmo local por onde entraram, os funcionários do hotel continuaram suas funções, mas um ou outro parava o que estava fazendo para vê-la passar, curiosos com a visita secreta. Patrícia sentiu-se aliviada por estar no carro indo para a casa de Andrés, mas seu corpo ainda sentia as caricias de Rodrigo e conseguia sentir o sabor de seus lábios. A única coisa que conseguia pensar era que talvez tudo pudesse ser diferente se ela tivesse contado a verdade.

Rodrigo olhava para a porta, não tinha mexido nenhum músculo desde a saída dela. Ele estava confuso de mais para digerir seus pensamentos. Tinha certeza de que amava Grey, sua Grey que tinha estado com ele por um curto período de tempo, mas que havia trago de volta a vida seu coração que estava morto. Tinha sentido desejo por Grey e

a tinha beijado. Mas a fome que estava sentido por Patrícia era maior, e não sabia onde estava Grey. Se ela fosse Alana como ele tinha suposto, era melhor desviar seus pensamentos para outra mulher. E tinha encontrado.

—E ai! Como foi o encontro com o detetive?—perguntou Andrés assim que Patrícia pisou no apartamento.

—Foi bom — respondeu ela vagamente, e ao lembrar-se do ocorrido sentiu-se corar.

—Ele é um homem muito bonito. —disse Andrés perspicaz.

—Eu não sei do que está falando...

—Sabe sim Patrícia. Eu nunca a vi tão na defensiva quando a questão é homens — disse ele sarcástico—Além do mais, parece que você tem interesse nele...

—Não há nada entre Rodrigo Corona e eu!— disse ela tranquila tentando não se abalar como o próprio Andrés lhe ensinou. – Você sabe que o único homem na minha vida é você.

Patrícia saiu da sala com calma e foi pra seu quarto trancou a porta e jogou-se na cama chorando, sem saber o por que. Talvez nunca pudesse ter nada com ele, mas aquela tarde foi inesquecível.

Andrés estava sentado no sofá, tomando tranquilamente seu uísque, olhou pela janela ampla da sala de estar, ao longe via muitas luzes São Paulo era uma cidade que não dormia assim como Nova Iorque gostava de ambas, mas em São Paulo ele não tinha que se preocupar com a neve.

—Hum! Não há nada. Sei!—disse cínico.

Eficiência

Não se senta solitário eu estou aqui, vamos acompanhando esse desenrolar da história. Lembre-se que o que eu tenho o privilégio das informações e preencho o resto com a veia dramática que existe em mim. Até aqui você está gostando? Acho que gostei de hobby talvez escreva outras histórias afinal tenho condições para isso...

O dia amanheceu ensolarado, Rodrigo entrou na sua caminhonete saiu do prédio notou que o trânsito estava lento como de costume, calculou que ficaria preso no trânsito uma meia hora, até chegar à delegacia. Fazia dois dias que não ia para lá, tinha que resolver muita coisa. Quarenta minutos depois chegou à delegacia, ao entrar encontrou com Xavier que era técnico em computadores, um dos melhores ele que ele já viu.

—Bom dia amigo!—cumprimentou com um aperto de mão.

—Oi! Como vai! E as investigações muito trabalho?—perguntou rindo.

—O mesmo de sempre... — Fazia uns dois anos que Xavier fazia trabalhos esporádicos para a delegacia.

Ele foi chamado da primeira vez porque os técnicos não conseguiram resolver uma invasão de sistema. Ele passou por uma série de exames para trabalhar com a polícia, tinha muitos arquivos importantes e secretos que não poderiam vazarem, já fazia dois anos que trabalhava ali e até o momento não tiveram nenhum problema.

—E o que veio fazer hoje aqui?—entraram conversando pela delegacia.

—Sabe como é tem sempre um ou outro engraçadinho tentando entrar no sistema! Eu vim aumentar as barreiras de proteção—embora ele sorrisse Rodrigo notou certa hesitação da parte dele.

Xavier era um homem franzino de feições angulosas e usava óculos de aro redondo parecia ser honesto, Rodrigo gostava dele.

—Isso é um problema! Será que você poderia passar na minha sala antes de sair? Quero que de uma olhada no meu PC.

—Claro será um prazer. —Rodrigo entrou na sua sala—Até mais!

—Até!

Alan estava sentado analisando alguns relatórios.

—Como vai Alan!

—Bem! Salazar deixou um relatório para você!

Rodrigo viu sobre sua mesa uma pasta, contendo uns relatórios e algumas fotos extraídas de algum vídeo. Ele sentou-se na sua cadeira e começou a analisar. Tratava-se do

vídeo de segurança que Victor lhe trouxera, Salazar conseguiu extrair a imagem de um homem ao fundo escondido nas sombras. Rodrigo verificou os traços da pessoa, no relatório não informava de que se tratava, mas ele viu algo familiar no homem.

—Então? Sabe de quem se trata?—perguntou Alan se posicionado atrás dele.

—É difícil dizer... – ele olhou mais e viu outros dois homens que pareciam estar conversando com o homem. E na outra foto se via esse mesmo homem que parecia de costas deixar esses dois homens entrarem na casa.

— O que acha que é Alan ... – perguntou mostrando as fotos para ele.

— Esses parecem ser os mesmo homens que levaram Alana. O porte físico confere e as roupas também. É uma pena não conseguirmos ver melhor o rosto do terceiro.

— Sim parece que ele está facilitando a entrada.

— Então foi alguém de dentro que! Mas não dá para ver quem é...

— Pode ser qualquer pessoa, ele está mais na sombra do que os outros. Mas já prova que alguém facilitou a entrada e daria para continuarmos a investigar se não fosse pelos esforços de Artur Haddad em abafar o caso...

— Eu não estou sabendo disso...

— Ele falou com o alto escalão para deixar por isso mesmo, sua filha já estava salva e era o que interessava para ele.

— Você só pode estar de brincadeira com isso! – Rodrigo estava perplexo.

Muitas pessoas se satisfaziam com o retorno no ente querido, porém esse caso era maior que um sequestro. Lobo estava envolvido! E não tinha acabado ainda. Alana corria risco de vida, será que Artur não ligava para isso?

“E se ele for o mandante do crime! Não ia querer ninguém xeretando sobre o caso, ou podem descobrir tudo! Mas ela era filha dele, isso não tem nexo. Se bem que já vi muitos casos parecidos de pai mandando sequestrar filho, ou o verso...” – Não ia deixar isso barato. Era pessoal.

— Mudando de assunto como foi à conversa com a Top? – Alan estava animado, era normal todos queriam um autografo de Patrícia. Queriam estar relacionado com ela isso era normal para esse mundo das celebridades, viu isso acontecer com Cris e ficando pior depois que se relacionou com aquele traste do Roberto Junior! Aí sua vida tinha virado um verdadeiro circo.

—Foi... —Rodrigo lembrou-se do que aconteceu e uma sensação estranha tomou conta do seu corpo.

—Foi?—Alan parecia curioso — Foi o que cara? Aquela deusa sozinha como você! Meu! Isso é de mais!

— Cala a boa cara! Você é casado! Já imaginou se a Márcia ouve você falando assim de outra mulher. – Alan ficou branco.— Digamos que foi bem esclarecedor—e saiu,

deixando Alan de boca aberta.

—Esclarecedor! Sei—Alan levantou e olhou pela janela. Um barulho na porta chamou sua atenção —Quem é?

—Oi sou eu!—disse Xavier entrando na sala.

—E ai! Amigo como vai aquela força?—cumprimentou com entusiasmo, Alan gostava de Xavier.

—Bem e você? E o São Paulo? Firme e forte — brincou.

—É e você duvida! Vamos ser campeões este ano. Mas o que você está fazendo aqui?

—Vim dar uma olhada no PC do Corona! Ele não falou nada para você?

—Não... Acho que ele se esqueceu! Mas tudo bem entra ai! E como vão as coisas?

—Bem na medida do possível — Xavier mexia com habilidade no computador. — E sua esposa?

—Vamos deixar a Márcia fora disso... Hoje eu já tive a minha cota de mulher! E por falar em mulher fiquei sabendo que uma mulher aqui dentro arrasta um bonde por causa de você!—brincou Alan.

—É! E quem é ela.

—Ah! Não diga que você nunca percebeu!

—Não!—Xavier estava curioso.

—Gabriela Duarte!—Alan falou em tom de brincadeira.

—Serio!

—Ô!—só que Alan não entendia o por que dela gostar dele, afinal Xavier não era atraente e era mais magro que Gabi.

—Isso é muito interessante — disse Xavier pensativo —Bem! Acho que acabei aqui!

—Serio! Você é rápido!

—Só sou eficiente — disse saindo da sala—Até mais!

—Até!

Rodrigo e Alan estavam na Mansão Haddad depois do almoço eles tinham decidido ir até lá para comparar a foto com o local e ver se tinha alguma câmera de apoio por perto. Passaram pelo portão principal que era como uma portaria. Seguiram pelo calçamento até a alameda principal que dava na entrada da casa. Eles já tinham estado

naquele local mais de uma vez, e agora estavam sendo recebidos por um mordomo pomposo que os levou até uma saleta de espera, decorada com maestria. Rodrigo pode observar que havia um forte esquema de segurança, entre câmeras e detectores de metal. Isso fez Rodrigo ter certeza de que o sequestro de Alana fora facilitado, mas quem e por que?

— A que devo a honra da visita desses queridos investigadores? – perguntou Amélia entrando na saleta com seu sorriso característico. Alan estranhava muito essa mulher, mas tinha visto um lado tocante dela naquele dia na delegacia quando se reencontrou com sua irmã.

— Boa tarde, Srta. Haddad, estamos aqui para pedir permissão e sua colaboração para vermos um local específico da sua propriedade. Acredito que não precisaremos de um mandato para isso. – disse Rodrigo.

— De onde tirou isso Senhor Corona! Estamos a disposição para que a investigação ocorra. Entretanto eu poderia saber o porque disso.

— Claro Srta. Nós obtivemos provas de que alguém de dentro deixou os sequestradores da sua irmã entrar. E se for esse o caso também explica o porquê dos empregados não falarem nada e não impediram os homens de levar Alana daqui. – Colocou Alan.

— Que horror! – ela parecia muito abalada – Não consigo imaginar quem poderia fazer isso! Fiquem a vontade para olhar! Precisamos saber quem foi o traidor!

— Bem... De uma olhada nessa foto. – disse Rodrigo mostrando a foto extraída do vídeo.

Amélia olhou com muita atenção, mas Rodrigo não percebeu no seu semblante qualquer reação de reconhecimento.

— Não sei quem possa ser... – Ela sentou-se em uma poltrona parecia pensativa.

— Imaginávamos que não saberia. A imagem não ficou clara o suficiente.

Ela tocou um sino e no mesmo instante apareceu o mordomo pomposo.

— Charles leve os cavalheiros aonde eles quiserem ir. Eles tem passe livre para olhar a casa toda.

— Claro madame. – Charles mostrou o caminho.

Rodrigo e Alan pediram para ir direto para a entrada de serviço que ficava nos fundos da mansão. Eles olharam cada centímetro, mas não tiveram muito sucesso. Todas as câmeras instaladas ao redor do local deixavam um ponto cego, justo o ponto onde era coberto por uma câmera antiga que estava escondida, ou era excesso ou falta de eficiência em quem instalou ou alterou as câmeras.

Saíram de lá e seguiram para o apartamento do Deputado. Ao entrarem no local observou que era mais luxuoso que o da sua irmã. Uma decoração em tons claros que faziam lembrar a dona do local.

—O investigador Corona, investigar Ramos, a que devo essa visita?— perguntou Victor com um bom sorriso no rosto. — Nayara queira se retirar.

—Sim!—e dizendo isso ela saiu apressada.

—Que bom revê-lo!—saudou Victor . E como sempre muito elegante, mas os olhos castanhos revelavam apreensão.

—É um prazer também, mas o nos trouxe aqui não é muito prazeroso!—brincou Rodrigo.

—Venha sentem-se aqui e me contem — disse Victor mostrando um sofá no canto da sala — Tomam alguma coisa.

—Não estamos em serviço, mas fique a vontade.

Victor serviu-se de uma dose de uísque 12anos e sentou-se no sofá tirando o terno e a gravata, ele pressentiu que o que Rodrigo tinha a dizer não era boa coisa.

—E indo direto ao assunto o que o trouxe aqui?—Rodrigo pegou a pasta que tinha nas mãos e a abriu na mesa de centro mostrando o conteúdo a Victor .

—Precisamos saber se você reconhece a pessoa na foto esse de costas se lembra de ter visto alguma vez? – Perguntou Alan.

Victor colocou suavemente o copo na mesa e segurou nas mãos uma foto.

— Não reconheço... Talvez um pouco, só que não dá para ver direito.

— Como conseguiu a fita de VHS? – perguntou Rodrigo.

— Eu consegui com um segurança... Na verdade eu paguei uma quantia considerável de dinheiro para ele vasculhar a casa. Ele disse que essa câmera ninguém sabia que estava gravando era para ter sido desativada quando refizeram o sistema de segurança.

— Certo... Alana está? – questionou Rodrigo.

— Claro vou chama-la.

Ambos os investigadores ficaram na sala aguardando a moça descer.

—Olá — disse Alana tímida ao entrar na sala, mas quando viu Rodrigo sorriu um sorriso amistoso—Que bom revê-lo investigador!—Rodrigo se levantou para cumprimentá-la, e deu um aperto de mão suave.

—É um prazer para mim também. — Victor acompanhava a cena um pouco desconfortável.

Todos estavam sentados na sala e Alana estava contente por rever o detetive, ele parecia ser um bom homem.

— Reconhece esse homem na foto – perguntou Alan apontando para o homem em questão – Ele facilitou a entrada dos capangas na festa.

Ele observou a foto, mas nada vinha na sua mente.

— Infelizmente não. – disse ela cabisbaixa. – Fico imaginando quem gostaria que eu passasse pelo que passei.

— Cruel... – Rodrigo se compadecia do sofrimento dela, embora não soubesse o que ela passou – Mas não viemos aqui apenas para isso. Conversei com Patrícia e ela concordou em colaborar. Pediu um tempo para encontrar o que precisa.

— Que bom eu sabia que ela era uma boa pessoa! – Alan parecia animada com a notícia.

— Mas vocês mexeram com quem não devia. Vamos torcer para que saiam ilesas disso. Você pode me dizer o nome de um dos chefes que você descobriu? – inquiriu Rodrigo.

— Não posso revelar nada, não falei nem para o Victor que é meu esposo. Já basta a minha vida em risco, não vou por a de mais ninguém. O que precisa ser feito é a revelação ao vivo em uma entrevista como Patrícia e eu idealizamos.

Todos os três homens na sala não foram capazes de convencer Alana à dizer quem está por trás de tudo. Ela corria risco de vida e continuava a correr por um ideal. Pela vida de crianças que tinham o direito a vida roubada por canalhas açougueiros.

Rodrigo abriu a porta e acenou com a mão em despedida, Alana ficou olhando para a porta fechada por alguns instantes. Ela gostava do investigador, ele era uma boa pessoa, tinha nos olhos a honestidade, coisa que poucos tinham.

—Vai ficar olhando para a porta por quanto tempo?—perguntou Victor enciumado.

—Desculpe não ouvi o que disse!—Alana virou para encará-lo, ele bufou.

—Eu vi que você estava de olho no policial!

—Eu?—Victor tinha os nervos à flor da pele, o ciúme que sentia dela estava acabando com ele.

Ela estava muito bonita, usava uma calça jeans, sandálias de salto alto uma blusa que mostrava um dos ombros. Os lábios carnudos convidativos, pescoço esguio que estava mais visível agora que ela estava com os cabelos.

Victor se ajoelhou na frente dela, segurou com ambas as mãos seu rosto. Alana respirava com dificuldade. Olhou para o corte que estava quase cicatrizado no pescoço dela, com polegar ele tocou de leve a marca e aproximando os lábios beijou em cima dela.

Alana tinha a respiração ofegante e o coração estava disparado.

—Es... Está... Q... Quase cicatrizado.

—É...—Alana não conseguia desviar o olhar dele — Aquele monstro que fez isso com você merecia mais que a morrer...

—Não pense nisso, já aconteceu mesmo. Não há como mudar esse fato.

Victor olhou nos olhos dela querendo saber o que a mente dela guardava só para si. Sua mente estava corroendo por tentar ajudar sem ter como. Entendia a preocupação de Alana, se ele soubesse de algo viraria um alvo ambulante. E não queria isso.

Invasão de Privacidade

Não tem nada mais interessante que olhar os pertences alheios. Claro que você já fez isso... Dá um frio na barriga, um medo da pessoa pegar você no flagra. É bem empolgante olhar o quarto do seu namorado ou namorada. Na casa do seu amigo se deixado sozinho você se sente o próprio detetive olhando tudo e gravando cada detalhe. Descobrir segredos é algo que traz poder.

Rodrigo estava no seu carro seguindo para a delegacia quando seu celular tocou, era uma chamada restrita. Não gostava de atender chamadas desse tipo, e depois da chamada do Lobo ele sempre atendia com cautela esse tipo de chamada.

—Corona!—Rodrigo ouviu uma respiração suave do outro lado da linha.

—Rodrigo!—ele conhecia aquela voz suave, o tom dela e o modo como se dirigiu a ele — Sou eu Grey!

Ele não conseguia responder, seu coração estava descompassado e quase perdeu a direção do carro quando escutou o nome.

—Grey...

—Sou eu.

—Onde você está? Falo-me eu vou te buscar! Diz-me onde você está?—ele ouviu ela respirar fundo.

—Não posso dizer onde estou. — ele ficou desesperado, não ia perdê-la de novo.

—Eu recuperei a memória—aquela afirmação fez com suas esperanças se dissipassem.

—Mas mesmo assim! Eu não ligo pra quem você era. Só interessa a pessoa que eu conheci — ela parecia chorar do outro lado da linha—Não chora! Por que está chorando?

—Por que não posso ficar com você! Não posso...—Agora ele estava de fato desesperado, tanto que encostou o carro no meio fio para conversar com ela.

—Olha Grey! Não importo com quem você é. Eu sei que é errado falar isso para você, mas eu sinto algo muito profundo por você!

—Não sou a pessoa certa para você! Eu liguei para dizer que estou bem! E estou de volta a minha vida normal — aquelas palavras o deixaram sem esperança.

—Sei...

—Eu quero pedir desculpas por sair da sua vida sem avisar naquele dia, mas não tive opção. Tinha que voltar o mais rápido possível para minha vida atual...

—E como você se chama? Seu nome verdadeiro?

—Para você eu vou ser sempre Grey...—e ele escutou a ligação ser encerrada.

Ela não o queria na sua vida, provavelmente era casada tinha filhos e nunca os deixaria para viver ao seu lado. E seria egoísmo dele querer isso.

Rodrigo encostou a cabeça no volante do carro, ouvia os carros passando da rua, buzinas soando ao longe e uma viatura do corpo de bombeiros passando em alta velocidade para socorrer mais um motociclista com certeza, muitos se acidentavam todos os dias no trânsito violento de São Paulo. A vida seguia seu curso e ninguém notaria que ele estava sofrendo, mais do que sofrera quando perdeu Graziela, por que quando a perdeu ele sabia que ela tinha morrido e que não dava para ressuscitá-la... Mas com Grey era diferente, talvez ele conseguisse seguir com a vida, já que ela estava viva em algum lugar...

—Com quem estava falando?—perguntou Victor assim que retornou a sala, após ter saído para resolver uma emergência.

—Eu?—Alana estava com o celular na mão que pendia ao lado de seu corpo. Victor notou que tinha algumas lágrimas em seus olhos.

—É você! Estava falando com quem? Parece que estava chorando?—Ele olhava com curiosidade.

—Ah! Não estava chorando de tristeza! Estava falando com Amélia — Ela forçou um sorriso.

—E como você está com isso?

— Ela é e sempre será minha irmã, nada muda. —Alana guardou o celular na bolsa, sorriu para ele.

—Aceita jantar comigo hoje? Naquele restaurante italiano que você adora?

—Claro! Como você sabe. Eu tenho uma veia Italiana — e riu com gosto.

—É! Eu sei — ele riu também — Você ainda não me falou o que te aconteceu quando estava longe de mim...

—Eu não gostaria de reviver aquilo.

Ela deu um beijo casto em seu rosto e subiu as escadas, Victor ficou olhando pensando por que ela mentiu sobre o telefonema que deu...

Vinicius e Samira continuavam atrás de pistas para descobrirem quem era sua filha, tinha apenas duas moças que estavam na lista. Vinicius conseguiu uma hora para conversar com Artur Haddad, ele era pai de Alana.

Samira achou melhor conversar com ele primeiro.

Ao chegarem ao prédio que ficava na Avenida Paulista um dos endereços mais nobres em termos comerciais de São Paulo. Sede da Empeck S.A. Passaram pela recepção

e foram informados que Artur os aguardava em sua sala.

Subiram pelo elevador que levava ao ultimo andar, onde ficava a presidência da empresa. Eles foram recebidos por uma senhora diligente que os encaminhou até a sala de Artur.

—Com licença, senhor Haddad? O senhor Callow e a senhorita Ahmad aguardam aqui fora.

—Faça os entrar, por favor, Mercedes — ele estava de costas observando pela Alana o movimento de São Paulo.

—Claro senhor — ela saiu e logo após Samira e Vinicius entraram na sala— Senhor? Aqui estão eles — Artur se virou para cumprimentar os recém-chegados.

—Boa Tarde! Sentem-se— disse solícito.

Vinicius puxou a cadeira para Samira e sentou-se também. Ele observou que a sala era espaçosa, mas a mesa fica no centro dela. Tudo muito moderno e de bom gosto, um quadro de Picasso chamou sua atenção, estava muito bem posicionado na parede esquerda da sala onde se notava uma pequena sala de estar. Artur sentou-se na sua cadeira para que pudessem conversar melhor.

—É sempre um prazer revê-lo Vinicius! As fotos para a última campanha ficaram ótimas!

—O prazer é meu em revê-lo! E agradeço por achar um tempo em sua agenda para nos receber.

—Para uma pessoa tão importante como você, eu sempre tenho tempo. Porque sei que não viria aqui à toa...

—Claro que não! Deixe-me apresentar minha noiva Samira Ahmad. Samira esse e meu cliente Artur Haddad — Samira estendeu a mão em cumprimento.

—É um prazer conhecê-la!—disse beijando o dorso da mão dela, e olhou para Vinicius — Sua noiva é muito bela. E se não me engano é dona do Tecelagem Ahmad! Já ouvi falar muito em você, uma dama com mãos de ferro!—Samira ficou encabulada — Transformou a empresa da família em uma das maiores produtoras de seda do país. Eu cheguei a fazer negócios com seu pai no início da minha empresa.

—Obrigada — ele sorria, mas seu rosto não apresentava alegria. Ele olhou para Vinicius.

—Você me disse ao telefone que queria saber sobre Alana?—um risco de dor passou pelos olhos verdes dele, mas o rosto de traços aristocráticos não sofreu nenhuma alteração, notou Samira.

—Sim—afirmou Vinicius.

—Então o querem saber?—perguntou Artur olhando para Samira com curiosidade, já que os traços dela eram iguais aos de Alana.

—Nós precisamos saber se Alana é sua filha de sangue?—perguntou Samira sendo direta com sempre.

—É por que procuramos por nossa filha que desapareceu no dia do nascimento, e como Alana tem traços semelhantes ao de Samira...—explicou Vinicius.

—Ela é minha filha sim — afirmou Artur como semblante um tanto carregado — E quanto aos traços aos qual você se refere, são os mesmo da minha esposa...— falou saudoso — Alana nasceu em quinze de agosto de oitenta e cinco, o parto foi feito em uma clinica particular aqui em São Paulo. Minha esposa sofreu muito para dar a luz... Amélia, minha primogênita veio ao mundo fácil, mas Alana... Ela demorou a vir, foi feito uma cesariana de emergência... Foi um dia muito difícil. Minhas filhas não tem nada a ver com vocês.

— Desculpe insistir, mas eu dei a luz a duas meninas que foram tiradas de mim — Samira manteve o tom de voz forte como uma negociadora que reconhecia o adversário.

— Entendo, mas Alana é minha filha e nossa família não tem escândalos desse gênero. Sempre mantenho a imagem dessa empresa acima de tudo. Nunca deixaria isso acontecer. Estava com minha esposa durante o parto e sei qual foi o bebê que trouxe para minha casa. E nada nem ninguém dirão algo ao contrario disso.

Vinicius tocou a mão de Samira ao ver nos olhos verdes de Artur um ameaça velada. Ele não era um homem que se desafiava dessa forma. Era melhor eles irem.

— Obrigado pelo seu tempo. — Vinicius se levantou e tomou Samira pelo cotovelo levando porta a fora.

Eles se retiraram da sala agradecendo pelo que Artur, e saíram do prédio com uma sensação de alívio. Entraram no carro de Vinicius em silêncio cada um com seus pensamentos.

— Ele mente... — afirmou Samira.

— Sim, mas não podemos força-lo. Só que eu já me adiantei e consegui conversar com Alana por telefone.

— Serio! Estou emocionada!

—Marquei um encontro com ela, para podermos conversar a esse respeito.

—Como conseguiu o telefone dela?—perguntou Samira.

—Tenho meus contatos!—ele sorriu. E teve a sorte dela usar o mesmo telefone ainda.

—E onde nos encontraremos com ela?

—Ela ficou de nos encontrar amanhã no meu estúdio. Ela ficou emocionada em falar comigo, principalmente quando mencionei paternidade.

—Quem sabe não é ela — disse Samira esperançosa.

—É uma possibilidade tem Patrícia também... — e se lembrou de que não sabia

nada sobre ela, nem mesmo se tinha pais — Sabe é estranho, eu conheço Patrícia Sabatini a mais de dois anos e não sei nada sobre ela.

—Como assim?—perguntou Samira observando o trânsito pela janela do carro.

—Bem. Ela nunca falou se têm pais ou irmãos. É quase como se ela não tivesse ninguém. A não ser pelo fato dela ter Andrés D'Ávila.

—Andrés D'Ávila? Esse não é aquele famoso empresário da moda? Um que ganhou prêmio de empresário do ano, uma coisa assim?

—É ele mesmo — sorriu Vinicius — Ele é uma pessoa muito famosa e reconhecida internacionalmente, não só na indústria da moda, mas em outros aspectos também. Ele é dono da maior agência de modelos do Brasil compete em pé de igualdade com agências americanas. Tanto é que ele tem a modelo mais famosa do mundo ao seu lado. Patrícia Sabatini.

—Eu já a vi na televisão algumas vezes... Tem um olhar frio e nenhum traço de emoção no rosto. — Samira se lembrou da reportagem que tinha visto, a repórter tentava fazer perguntas a todo custo para ela, mas Patrícia não respondia a perguntas pessoais.

—Ela foi muito bem treinada—afirmou Vinicius. Ele notou a cara de interrogação dela, e riu—É isso mesmo que você está pensando. Patrícia é a obra prima de Andrés, uma modelo perfeita em todos os sentidos. Não existe escândalo envolvendo o nome dela, não existe namorado nem ex-namorado, família desconhecida pela mídia. Tudo como Andrés queria, ela é ótima na passarela, perfeita para fotos não reclama de nada, não faz exigências. Eu diria que ela é quase um robô, não fosse pelo fato de ser viva.

—Isso é tão estranho...

—Põe estranho nisso, ele controla até as finanças dela tudo.

— Como será viver dessa forma...

Patrícia foi até o cofre que ficava em seu quarto. Foi muito difícil ludibriar Andrés, depois do seu desaparecimento ele estava mais controlador. O segurança não saía de perto dela nem um minuto sequer. Conseguiu ir até sua cobertura naquele dia, graças a uma viagem de Andrés digitou o código de segurança para que ele se abrisse. Ela teve muita dificuldade para se lembrar daquele código. Havia dito para Rodrigo que o HD estava no banco para desviar a atenção dele, mas não confiaria nem mesmo em um banco para guardar aquilo. Ela havia escondido aquele cofre em um lugar bem diferente, estava na lavanderia em um fundo de armário falso onde guardava vassouras. E ainda bem que tinha pensado naquilo, porque sua casa estava mexida. Era sutil um móvel, um porta-retratos e até um quadro fora do lugar. Alguém tinha estado ali e ela podia sentir isso. Ela era uma pessoa muito metódica e a mania de limpeza que tinha adquirido anos antes fazia com que ela observasse cada milímetro do local onde estava. E ela podia ver nos detalhes que sua casa havia sido invadida. Ela sentiu a invasão mais do que iria admitir, essa casa

era o único local em que ela tinha liberdade para estar, e ver que não estava mais segura ali a deixou sem chão.

Ela segurou o HD entre as mãos e era sua decisão levar adiante isso, ainda não tinha certeza se queria continuar com aquilo.

Em um lapso de memória pode ver Rodrigo falando com tanta determinação sobre aquelas informações, que suas dúvidas se foram. Ela estava sofrendo por dentro, não podia conversar com ninguém sobre aquilo nem mesmo com Andrés, ou principalmente com ele. Ela então se lembrou de que Guilherme ainda estava no Brasil, quem sabe lhe entenderia afinal sabia de quase tudo o que aconteceu. Talvez se ligasse para ele pudesse desabafar com alguém.

Olhou novamente para dentro do cofre, lá ela guardava tudo o que tinha importância na sua vida. Ela abriu uma pequena caixa preta, olhou o conteúdo, mas resolveu guardar na bolsa junto dela para o caso de a pessoa que tinha entrado ali voltasse.

Olhou para o telefone pensou em Guilherme, discou os números e esperou até que ele atendesse.

—Oi minha linda! A que devo a honra da sua ligação?—perguntou ele com a voz macia e brincalhona de sempre.

—Será... Será que eu posso ir ai hoje?—lágrimas lhe vieram aos olhos — To precisando desabafar...

—Minha deusa! O que aconteceu com você?—perguntou carinhoso, notando a voz embargada dela.

—Eu conto mais tarde — Patrícia limpou um lagrima — A que horas vai estar no seu apartamento?

—Umas sete horas da noite. Acho!

—Eu vou estar lá. Se você não estiver será que eu posso usar a chave extra para entrar?—ele sempre guardava deixava uma chave extra na portaria, para o caso de alguma amiga chegar mais cedo.

—Isso não vai te comprometer?—perguntou brincando — Afinal você nunca fez isso...

—Vou estar invisível.

—Se é assim tudo bem! Até mais tarde.

Rodrigo entrou na delegacia, mais arrasado ainda, não podia ter a mulher que amava. E a mulher com tinha química era inatingível. Até porque não era somente ele que tinha uma química com aquela mulher! Provavelmente metade do globo terrestre tinha essa mesma química! Estava se sentindo um colegial há alguns meses atrás se alguém lhe dissesse que ele ia ficar de quatro por Patrícia Sabatini, com certeza ele ia rir muito, e se alguém dissesse que teria seu coração roubado por uma completa estranha ele diria “Só

amei uma mulher na minha vida e ela morreu”. Mas agora começava a pensar diferente.

—Rodrigo o chefe tá na sala dele e quer falar com você — disse Alan assim que ele colocou os pés dentro da sala. *“Mais essa agora! Vou ter que aguentar sermão de superior! Isso só para melhorar o dia! Saco!”*

Ele deixou a jaqueta na sala e seguiu para a sala de seu chefe. Bateu na porta escutou um curto e grosso “Entre”.

—Quería falar comigo chefe?— Gustavo se endireitou na cadeira.

—Sim. Acho que sabe o porquê disso.

—Faço ideia...

—Não quero que continue a investigar sobre o sequestro das moças.

—Mas...

—Sei muito bem como se sente, mas agora isso não é mais um caso do DAS.

—Eu sei, mas Alana Haddad sofreu outro atentado e não achamos o sequestrador...

—Não interessa! Isso é uma ordem superior! Recebi hoje pela manhã, quando você saiu. E não posso fazer nada a esse respeito.

—Sei... Tudo bem — não adiantava discutir, ele ia continuar a investigar, mas com cautela—Então vou ajudar Duarte em um caso dela tudo bem?

—Duarte? Mas os casos dela...

—Eu sei são casos sem solução. Mas ela me pediu e eu não pude negar você sabe como ela é...

—Tudo bem então — Rodrigo sabia que se investigasse o caso das crianças também conseguiria chegar ao mandante dos sequestros.

Rodrigo saiu da delegacia já passava das sete da noite, ele estava precisando descansar. Sentiu o aroma da noite, estava quente aquele dia, a terra da garoa estava fervendo igual ao Rio. Ouviu seu celular tocar. Olhou no visor e viu que se tratava de uma ligação internacional, só podia ser Cris.

—Corona.

—Rodrigo sou eu a Cris—a ligação estava ruim e sendo cortada.

—Cris por que está me ligando?

—Eu estou ligando porque me lembrei de uma coisa muito importante para você.

—E o que é tão importante assim para você me ligar do exterior?—ele estava curioso.

—Você se lembra daquele dia em que você levou aquela moça para a casa da mamãe?

—A Grey?

—É essa mesmo! Não sei se você se lembra, mas eu afirmei que conhecia aquele rosto de algum lugar?

— Sim Cris, você e metade do mundo! Ela parece a modelo Patrícia Sabatine. E também se parece com Alana Haddad.

— Fica quieto e escuta! – a voz dela era irritante – Eu disse que lembro daquele rosto e do jeito dela também. Já tive o desprazer de desfilar com Patrícia, mulherzinha arrogante, acha que eu não reconheceria?

— Mas você não conhece Alana.

— Não... Mas o jeito da pessoa e a fisionomia.

—Ta! Até que você disse que não se lembrava de onde. O que tem isso?

—Eu a vi no meu prédio!

—Seu prédio?

—É! Um dia eu estava descendo pelas escadas por que o elevador estava com problemas, e esbarrei nela...

Rodrigo estava cada vez mais confuso, então existiam mesmo quatro mulheres iguais?

—Esbarrou...

—Sim! Ela foi muito gentil comigo, eu estava grávida ainda e o modo como falou é exatamente igual à daquela mulher que estava com amnésia. Você já descobriu quem era ela?

—Não... Mas você sabe se ela mora lá mesmo?

—Claro que mora! Ela me falou que mora no ultimo andar! Agora tenho que desligar muitos beijos!—e como sempre ela desligou na sua cara. Cris tinha muita energia tanta que parecia não ser capaz de controlá-la.

—Acho que você me ajudou muito Cris! Quem sabe se eu ficar de tocaia lá — pensado assim ele entrou no carro e seguiu em direção à casa de Cris.

Amor e Amizade

O que rege uma amizade? No momento estou desprovido disso e não saberia responder. Mas a canção da América diz que é algo para se guardar. E é isso que acontece com muitas amizades, elas ficam guardadas sem uso acumulando poeira. Com as redes sociais a proximidade ficou mais fácil e a distância maior por mais incrível que possa parecer... Mas alguns amigos são bem próximos e perder essa amizade às vezes é algo doloroso.

Alana e Victor estavam jantando no melhor e restaurante Italiano da cidade. Victor olhava para sua esposa que parecia muito feliz por estar com ele ali. Do namoro ao casamento foi muito pouco tempo para eles se conhecerem, principalmente porque Victor viajava muito por causa da campanha eleitoral.

Embora estivessem se divertindo Victor ainda não tinha entendido o porquê de ela mentir para ele sobre o telefonema.

Alana notou que ele estava um pouco tenso, mas achou que fosse pelo fato de estarem juntos em local público. Não tinha sofrido mais ameaças, Victor não saía do lado dela para nada. Estavam em uma espécie de lua de mel no apartamento deles.

—Alana por que mentiu para mim hoje?—perguntou olhando profundamente nos olhos dela.

Ela não respondeu de imediato, passou a mão pelo corte do pescoço que graças a muita maquiagem parecia menor. Victor sugerirá que ela fizesse uma cirurgia reparadora e ela concordou em procurar um profissional. Ela, no entanto não achava que a necessidade fosse tão grande assim.

—Alana?—ela piscou e notou que esperava uma resposta.

—Bem... Eu...—Victor parecia impaciente—Eu estava falando com um homem —ela viu pura fúria nos olhos dele — Não é o que você está pensando...

—Não? Eu não sei mais quem você é — Victor tinha o poder de ferir as pessoas quando queria—Eu noto como aquele detetive a olha e como você retribui o olhar dele — ele estava com muito ciúme.

—Não é o que você está pensando...—Alana pensou se ia começar a brigar com ele.

—Então por que não me falou com quem estava ao telefone—ele alterou a voz e todos os presentes olharam para a mesa do casal.

—Fale baixo — sussurrou Alana —Eu estava falando com Vinicius Callow. Ele me telefonou disse que precisava conversar comigo a respeito de paternidade!

—Paternidade? Mas você... Como ele soube...

— Não sei, disse para nos encontrarmos e conversarmos a respeito. Achei a voz dele muito calorosa! É uma oportunidade única não posso perder.

—E por que não me contou?

—Eu não queria que você se preocupasse com isso e fiquei com medo de você impedir meu encontro — confessou.

— O que você acha que eu sou? – Victor estava indignado, mas suavizou o olhar quando viu ela se encolher ligeiramente – Acho que nós nunca conversamos muito não é...

—Faltou tempo... E sobrou confusão — completou brincando.

—Não precisa ter medo de mim, ou esconder algo de mim... Eu amo você e vou estar sempre ao seu lado e não faria nada para impedir sua felicidade, mesmo que isso custasse a minha — Alana começou a vê-lo com outros olhos.

— Obrigada – ela estava realmente grata, sabia o que significava para a Victor dizer isso.

— Mas eu ainda quero saber por onde você andou nesse tempo que estava fora.

—Ah! Por onde começo—ela pensou.

—Que tal como ficou com os cabelos curtos?—perguntou ele sorrindo. Alana levou as mãos nos cabelos e uma imagem se formou na sua mente.

—Isso... Bem no dia do sequestro... Eles pararam um posto de gasolina para comer e ir ao banheiro, eles acharam que eu estava desmaiada ainda por causa da pancada que deram na minha cabeça, mas eu já tinha recobrado a consciência e fiquei fingindo — Victor apertou as mãos querendo que o calhorda que bateu em sua esposa estivesse ali naquele momento.

—Deu certo? – disse respirando fundo.

—Sim, eles saíram, mas deixaram um vigia. Quando esse cara saiu do carro para fumar...—ela começou a se lembrar com nitidez daquele dia.

Alana contou a Victor que levantou a cabeça sentindo a dor da pancada, meio atordoada viu que as portas não estavam trancadas, olhou pela janela e notou que o sujeito ainda fumava, com muito silêncio abriu a porta oposta a qual se encontrava o tal Pequeno e como se fosse um felino saiu sorrateira. Andando abaixada para que não fosse vista, quando chegou a certa distancia pôs se a correr sem parar, rasgando o vestido na sua corrida para ganhar mais velocidade. E quanto mais ela contava mais viva ficava a cena para ela. Victor sentia suas mãos suando e tremendo.

Arriscou uma ultima olhada e viu que o homem continuava tranquilo fumando seu cigarro. Mas para seu azar o homem virou a cabeça para jogar fora o cigarro, e a viu

correndo. Ele saiu em disparada em sua direção.

Alana sentia o coração batendo descompassado, ela já não sentia as pernas mais, respirava com dificuldade nunca correria tanto assim. Ao olhar para trás viu que seu algoz estava em seu encalço, na sua frente tinha um matagal ela não pensou duas vezes se enfiou nele sentindo os galhos batendo em seu rosto.

Mas homem não desistia, continuava atrás dela. Alana olhou de novo para ele e não notou que a sua frente tinha um barranco. Escorregou rolando pelo barranco, sua roupa branca estava marrom de sujeira, quando parou de cair sentia todos os ossos de seu corpo doendo, se levantou mancando e viu um ferimento em seu braço esquerdo. Rasgou um pedaço da roupa e usou para fechar o ferimento.

Quando ela olhou para o barranco viu que o homem estava descendo atrás dela, na tentativa de correr ela tropeçou e caiu, nesse momento ele teve a oportunidade de pegá-la e o fez. Pulou em cima dela, Alana gritou se agitou, mas não conseguiu sair.

—Noivinha idiota acha mesmo que ia consegui fugir?—disse ele cuspendo em seu rosto, e lhe deu uma bofetada fazendo com que sangue escorresse pela sua boca—Agora você vai ver.

Ele a segurou pelos cabelos arrastando-a barranco acima. Alana gritava e sentiu sob a palma da mão um vidro pontiagudo agarrou com tudo. Sentindo que estava presa pelos cabelos ela começou a passar o vidro neles de forma que se livrasse. Ele fazia uma força imensa para subir e Alana esperneava para dificultar mais ainda. Seu algoz se virou para dar um soco nela e nesse momento ela enfiou com tudo o vidro ma não dele fazendo com que ele soltasse seus cabelos por causa da dor. Rolou barranco abaixo de novo, só que dessa vez ela sabia que ia cair e se protegeu como pode. Pequeno estava no topo do barranco se preparando para descer de novo, quando ela parou de cair, se levantou e recomeçou a correr.

Enfiou-se no meio do matagal, olhou para trás e não viu o homem, mas sabia que ele estava logo atrás. Avistou uma árvore e subindo nela como não fazia desde criança se escondeu no meio dos galhos. Nunca imaginou que tivesse tanto vigor físico para se manter viva.

O homem passou em baixo da árvore, mas não a viu ele ficou por mais meia hora procurando enquanto Alana mantinha silêncio absoluto, agradecendo a escuridão que a ocultava. Passou algumas horas para que ela se sentisse segura, mas sabia que ele voltaria. Tinha que continuar se quisesse sobreviver desceu da árvore e recomeçou a correr.

Já quase manhã do dia seguinte quando avistou um posto de gasolina pequeno ainda não estava aberto e entrou no banheiro para tentar colocar um pouco de dignidade na sua aparência. Suas roupas estavam sujas e rasgadas, os cabelos em petição de miséria.

Muito similar essa história, acho que eu a vi antes!

—Mas como conseguiu sair dessa situação! Por que não me ligou!

— Eles apareceram no posto, eu tive que ficar escondida por alguns dias. Consegui me esconder na oficina sem que percebessem minha presença... Depois disso eu consegui uma carona e voltei para São Paulo.

— E onde estava durante o tempo que ficou escondida na cidade?

—Fiquei com uma pessoa muito importante para mim... Até que vi na televisão sobre o sequestro e resolvi voltar para não dar problema para essa pessoa.

— E quem é essa pessoa Alana? – Victor estava muito interessado porque ela disse que estava com um amigo.

Patrícia olhava para o relógio na parede da sala e via que já passava das oito horas da noite. Estava sentada naquele sofá há uma hora, talvez não tivesse sido boa ideia ter ido lá.

Quando se levantou para ir embora a porta se abriu e Guilherme entrou por ela.

Assim que a viu, ele a abraçou forte estreitando-a em seus braços. Ela era mais alta que ele e isso era um pouco estranho.

—Por que está chorando?—perguntou ele limpando uma lágrima que escorria pela face dela.

—Eu acho que preciso de um copo de água...

—Claro!—Guilherme a conduziu até a cozinha, onde preparou um copo com água gelada pra ela —Agora me conta o que está acontecendo com você.

—É um pouco complicado...

—Gosto de histórias complicadas!—disse sorrindo com afeição—E tenho muito tempo para te ouvir...—ele tinha cancelado uma reunião com antigos amigos, só para conversar com ela. Não perderia a oportunidade, principalmente porque ela parecia carente e talvez ele tivesse uma chance com ela.

Patrícia contou a ele tudo o que estava acontecendo nos últimos tempos, falou sobre o sequestro que sofreu e sobre o HD. Quanto mais escutava mais Guilherme percebia que sua amiga estava com problemas muito maiores dos que ele poderia ajudar. E por último contou sobre Rodrigo, ela tinha em Guilherme um amigo e não percebia que a recíproca não era a mesma. Guilherme queria mais, ele sempre quis estar do lado dela desde que a conheceu. E quando passou a conhecer seu caráter e sua personalidade a admiração deu lugar a outro sentimento do qual ele achava que ela não compartilhava. Só que a certeza disso era desconcertante.

Ela estava sentada na sua sala, Guilherme trazia muitas mulheres naquele apartamento e Patrícia nunca gostava de estar ali. Só vinha quando estava ao seu natural ele achava os olhos dela lindos por que das lentes. Quando questionou sobre isso ela foi evasiva e disse que foram ordens de Andrés.

Andrés comandava a vida de Patrícia com mãos de ferro, tentou varias vezes afastar Guilherme. Usou de varias formas de chantagem. Guilherme não cedeu. Ele sempre via Patrícia sozinha, era como um robô sendo conduzido pela coleira que estava nas mãos de Andrés. Não conseguia entender porque ela não se rebelava, ou saia da linha de alguma forma. Ela seguia cegamente a direção na qual Andrés apontava. Guilherme sabia que ela sentia um amor parental por Andrés, era quase como se ele fosse seu pai verdadeiro e Guilherme sabia que isso não era verdade.

— Acha que precisa do meu nome para divulgar essas informações. – se ofereceu sabendo que poderia ser perigoso.

— Guilherme seria ótimo, mas não posso fazer isso com você... Não vou arrastar você para essa sujeira. O risco de você sair ferido é muito grande. Rodrigo falou que o Lobo está atrás de mim.

— Lobo? Aquele... – então Guilherme entendeu à proporção que tudo tinha. – Você mexerem alto amiga.

— Eu sei, era só uma brincadeira no começo.

— Eu me lembro, você encontrou aquela moça nas redes sociais e decidiu conversar com ela. E imaginar que vocês tinham tanto em comum. As pessoas olham para você e não enxergam a sua capacidade, seu corpo e seu rosto são só uma parte de quem você verdadeiramente é. A sua necessidade de companheirismo feminino levou você a embarcar em uma loucura. Não deveria ter se envolvido. Na época eu pensei que você estivesse apenas passando seu tempo não tinha noção de que era algo tão perigoso. E porque não contou a Andrés sobre isso? Sobre o sequestro e tudo mais, não confia nele?

— Claro que confio, ele como um pai para mim. E por esse motivo não contei, ele me arrastaria do Brasil no primeiro voo. E eu não quero ir embora agora...

— Por causa do investigador? – ela corou.

— Também, mas eu queria conhecer Alana de perto. Ao menos uma vez nós nos parecemos tanto... E eu não tenho família como você sabe.

— Sei... E porque não conta ao investigador que você está caidinha por ele?– brincou, mas viu que ela tinha se apaixonado de verdade e ele podia ver isso.

—Porque eu sei que ele não me ama realmente, mas eu queria tanto que ele sentisse por mim! O que eu sinto por ele... E tem Andrés também ele interferiria —ela sabia que o relacionamento para os dois estava fora de questão Andrés não permitiria — Eu nunca senti isso por ninguém! E acho que ninguém pode ocupar o lugar dele no meu coração!

Para Guilherme cada palavra dela era com uma faca enfiada em seu coração. Ele a amava há muito tempo era seu melhor amigo, sempre cotou tudo a ela. Sempre esperando que ela o enxergasse e visse que ele era seu grande amor! E de repente aparecia um homem que conseguia isso com a maior facilidade! Ele sempre esteve ao seu lado esperando uma oportunidade real, mas...

Sempre antes de uma corrida ele ligava para ela, quando ela não lhe ligava para desejar boa sorte. E sempre antes de um desfile ele ligava para ela e fazia mesmo.

Quando a vida dela ficou mais corrida devido ao sucesso, passaram a se encontrar com menos frequência, mas sempre se comunicavam. Ele deixaria tudo por ela, e era isso que tinha em troca, uma amizade. Mas ele sabia que ela não era culpada por isso, simplesmente ele não foi capaz de conquistar seu coração. Sabia que tinha que tentar mais uma única vez, talvez ela o olhasse com outros olhos. Ela estava com a cabeça baixa suas mãos ainda segurava as dele. Reuniu toda a coragem que tinha e disse.

—Eu posso!

—O que?—perguntou Patrícia levantando a cabeça, e olhando nos olhos dele viu que tinha muita dor e esperanças estampadas ali.

—Eu posso! Eu posso ocupar o lugar dele!—Patrícia ainda olhava confusa—Eu te amo!—aquela frase a fez retirar as mãos das dele assustada, ele nunca lhe dissera algo daquele tipo. E continuava a olhando para ele.

Guilherme se levantou contornou a mesa e segurou nos ombros dela, olhando em seus olhos.

—Eu te amo Patrícia! Deixa-me tentar! Eu posso conseguir! Eu posso ser essa pessoa para você! Deixa-me substituí-lo! Eu consigo! Ninguém acharia isso novidade. Você sabe que o mundo inteiro acredita que temos algo um com o outro...

—Mas...

—Não! Não fala nada eu já sei seus sentimentos! E você não tem culpa de eu te amar tanto assim, sei que você não me ama. Mas eu tenho muito amor para nos dois! Deixe-me tentar?!

Patrícia olhava para seu amigo e não sabia o que dizer, ela nunca imaginou que ele a amasse com essa intensidade. Era tentador, mas não podia fazer isso com ele, ele merecia mais. Merecia um amor verdadeiro um amor só dele.

—Não posso—disse ela tocando no rosto do seu querido amigo — Você não merece isso.

—Eu decido isso! Eu só quero você do meu lado!—ele estava desesperado.

—Você é muito bom, e não merece um meio amor. Merece um amor completo e eu não posso dar isso a você. Não seria justo!

—Mas...—Ela se levantou recompôs toda a dignidade que tinha.

—Eu vou indo agora. Desculpa trazer problemas para você! Mas eu não imaginava que você sentisse isso por mim, preciso de um tempo para digerir tudo isso — ela saiu pela porta da sala deixando Guilherme a sós. Sabia que seria melhor para ele isso.

Ele ficou olhando para a porta por um longo tempo, sentindo que estava deixando ir embora uma pessoa valiosa, mas que não lhe pertencia. E ele sabia que algo tinha mudado no relacionamento deles, nunca mais seria o mesmo. Ele sempre teve medo de

perder a amiga se dissesse seus verdadeiros sentimentos. E talvez fosse o que tinha acontecido.

Gratidão

Tudo está começando a mostrar sua forma, vamos acompanhar nesse capítulo como uma parte da história se desenrola. Eu sei que você talvez esteja cansado, mas falta pouco não me abandone.

Alana chegou aos estúdios Callow eram oito horas da manhã em ponto. Ela estava acompanhada de Victor que insistira em ir junto.

Havia duas recepcionistas, uma loira que tinha um sorriso fácil nos lábios, era uma moça alta e mais parecia uma modelo.

—Em que posso ajudar?—perguntou solícita. Enquanto a outra continuava em suas tarefas.

—Meu nome é Alana Haddad e tenho hora marcada com Vinicius Callow!—informou.

—Ah! Sim ela a aguarda em sua sala! Eu os acompanho até lá — disse ela saindo do balcão — Por aqui — disse seguindo para a escada que levava ao mezanino.

Assim que subiram Victor notou que havia muitos quadros na parede. Fotografia de mulheres e homens, mas uma chamou sua atenção era de uma moça seria e a foto era em preto e branco. A mulher da foto era idêntica a sua esposa, tanto que ficou assombrado com a semelhança.

—Quem é a moça na foto?—perguntou a recepcionista. Alana também olhou para a foto nesse momento.

—Patrícia Sabatini em um de seus primeiros trabalhos, o Senhor Vinicius colocou recente essa foto na parede, fazia parte do book dela. De regra geral ela sempre está com mais maquiagem — disse a moça, também notando a semelhança com Alana.

Alana sabia da semelhança entre ela e Patrícia, mas nunca imaginou que era tão assombrosa. Parecia mais sua irmã.

Victor ainda olhava para o quadro e via sua esposa nele, isso era muito estranho. Ele tinha visto vários comerciais de produtos com aquele rosto estampado. Era uma mulher famosa. O problema era que nunca tinha olhado para sua esposa com atenção. Ela não se destacava muito, era uma mulher atraente, mas sempre com roupas simples e corte de cabelo simples, e diferente de Patrícia e Amélia, Alana usava muito pouca maquiagem, só o necessário. No dia do casamento ela estava muito bela, mas a maquiagem era bem simples.

—Senhor Callow? Aqui estão às pessoas que o senhor esperava — Vinicius estava sentado em sua mesa. Ele se levantou para cumprimentar os recém-chegados.

—Alice pode se retirar—e a moça saiu discreta pela porta, Alana olhava para homem a sua frente e viu que ele tinha os olhos como os dela. Não era muito alto, os cabelos palha estavam mais brancos que loiros e tinha um sorriso nos lábios, seus olhos estavam esperançosos — É um prazer conhecê-la — disse se aproximando para cumprimentá-la e viu Victor ao seu lado — É um prazer conhecê-lo deputado.

—O prazer é nosso — disse Victor .

—Sentem-se — conduziu até o sofá. Nesse momento Samira entrou na sala e viu a moça sentada no sofá junto com o esposo e Demétrio.

— *Ágape mou!* Que bom que você chegou!—disse ele se levantando e conduzindo-a até os visitantes — Esta é Alan Haddad e Victor Guimarães Rosa seu esposo — disse fazendo as apresentações — Essa é Samira Ahmad, minha noiva!

As apresentações foram feitas e todos se sentaram pra que pudessem iniciar a conversa, Alana estava ansiosa com o que tinha lhe dizer.

—Acho que não viemos aqui para conversar sobre amenidade não é mesmo?—perguntou Victor indo direto ao assunto.

— Há muito tempo nós tivemos dois bebês, eu não estava por perto e Samira acabou sofrendo nas mãos de seu pai que era intolerante ao fato dela estar grávida.

— Meu pai era um homem de mente fechada e muito difícil de lidar – Alana ouvia as palavras de Samira e se recordava do próprio pai.

— Como eu estava dizendo, esses bebês foram separados da mãe quando nasceram um deles foi levado pelo seu pai. Ou seja, é você. – Vinicius esperava um rompante ou uma negação. Mas para sua surpresa ela estava muito calma – Tudo bem?

Alana tinha os olhos rasos de lágrimas não derramadas, e pensar que sua vida poderia ter sido diferente. Sentiu falta do que não teve. Tinha tido uma vida na qual sempre estava relegada aos cantos da enorme mansão. Tentava estar fora das vistas do pai e a mãe sempre ocupada e quando estava em casa não conseguia olhar para ela. Depois da conversa com Amélia ela tinha entendido o porque. E essas pessoas que podiam ser seus verdadeiros pais só estavam confirmando tudo.

— Estou bem sim, obrigada pela preocupação... Eu já sabia que não era filha do meu pai e da minha mãe. Vocês só estão confirmando. Podem-me dizer como descobriram.

— Uma enfermeira antiga do hospital – falou Vinicius – Ela contou. Nós investigamos e descobrimos que ela tinha ganhado muito dinheiro naquele dia. Depois de um bom incentivo ela contou como aconteceu. A mãe de Samira pagou com dinheiro e joias para ela colocar uma joia em cada bebê. E com sorte essas joias ainda estariam com as crianças depois de muitos anos. Era para as crianças serem entregues para adoção, mas como vocês nasceram prematuras uma teve complicações e teve que ficar no CTI, e a outra foi trocada com um bebê que tinha morrido durante a noite. Ela disse que Artur pagou uma quantia bem generosa para que ela o fizesse. Ele não queria que a esposa soubesse.

— Sim, mas ela descobriu justamente por causa da joia – Alana completou – E me rejeitou. Minha irmã Amélia me contou a história. Ela pegou uma discussão deles sobre isso, parecia que minha mãe nunca conseguiu sentir amor por mim, e estava depressiva por causa disso. Ela mexeu no cofre e descobriu uma joia diferente, gravada com letras e perguntou de quem era a joia. Amélia disse que estava sem querer no quarto deles. Era uma brincadeira de esconde-esconde... E ele confessou tudo... Depois disso minha mãe foi adoecendo e por fim acabou morrendo de câncer de fígado.

Samira estava chocada, ficou imaginando como seria sentir a dor da morte de um filho depois de tantos anos. Entendia o sentimento de rejeição da mulher, mas não aceitava. Ela teve o direito de ter os braços repletos, algo que foi tirado de Samira. Ela se sentiu vazia como uma casca por tanto tempo que era difícil aceitar que seus braços podiam ser preenchidos novamente.

— Qual é a joia que está com você? – perguntou Samira.

Alana colocou a mão na bolsa onde estava um estojo preto. Ela tinha trago por alguma razão e sabia que era necessário. Assim como sua mãe havia dito que seria.

Dentro do estojo estava um bracelete de ouro cravejado com pedras vermelhas e verdes, provavelmente rubis e esmeraldas. Era uma joia antiga e dentro dela estava as iniciais “LA”. Samira olhou com reconhecimento o bracelete

— Era da mamãe... Posso? – perguntou olhando de perto e viu as iniciais gravadas – Era a joia que eu mais gostava dela. Ela sempre estava com ele no braço, mas um dia desapareceu. Meu pai brigou muito com ela por causa disso. Foi presente pelo nascimento do meu falecido irmão.

Victor reparou em Samira, e viu que seus traços se assemelhavam em muito a Alana. E os olhos de Vinicius eram idênticos aos dela.

— Acredito que precisaremos de um exame de DNA – disse Victor –Só para confirmar, o que já é óbvio.

Estavam os quatro na sala e os pais biológicos de Alana olhavam para ela em êxtase.

— Podemos fazer, mas não vou contestar meu nascimento – Vitor ficou pasmo.

Samira e Vinicius se amuaram de imediato. Eles queriam ser aceitos por ela e a queriam como filha verdadeira de papel passado e tudo.

— Por quê? – perguntou Samira.

— Porque tenho laços com minha família e não quero que isso se desfaça! Além do escândalo que tudo isso provocaria. Seria ruim para a empresa. Meu pai perdeu tanto da sua vida para que a empresa sempre mantivesse a fachada de perfeição que em minha opinião é ingratidão com aqueles que me criaram. Eu não tive a melhor vida de todas, tinha pais ausentes e que me rejeitaram. Mas tenho que agradecer muito a eles todos os dias eu poderia ter ido parar em alguma instituição e não ter a educação que eu tenho hoje. A vida que eu tenho hoje. Eu cuido de crianças nessas situações e fico pensando se fosse

eu a estar nessa situação. Sou grata pela vida que eu tive e não quero demonstrar isso dessa forma. Eu e vocês seremos uma família no meu coração, estou muito feliz de ter encontrado vocês. Poderia passar o resto da vida sem nunca descobrir isso...

A gratidão tem diversas formas.

Samira não aguentou e abraçou a moça com um abraço materno do qual Alana nunca soube que existia. Ficaram por um tempo abraçadas em silêncio. Victor e Vinicius apreciavam a cena. E quando se soltaram ambas estavam com lágrimas que banhavam seus rostos. Vinicius se aproximou e Alana o abraçou. Era um abraço mais apertado e aconchegante, não se lembrava de seu pai fazer aquilo nenhuma vez sequer.

Depois de um tempo e de todos se recomporem Samira falou para Alana.

— Nós compreendemos sua posição e vamos respeitar. Eu estou suficiente feliz só por você nos aceitar em sua vida. Poderia fazer um favor para mim? – Alana acentiu – Quando estiver perto de mim pode me chamar de mãe?

— Claro mãe... – Alana sorriu doce e Samira a abraçou de novo – Quando estiver perto de vocês vou chama-los como se deve.

Elas se sentaram e Samira pediu para que Alana usasse o bracelete era dela e um presente da sua avó.

— Minha mãe era dominada pelo meu pai, mas sabia ser sabia. Ela arriscou... Seu pai... Artur poderia ter jogado fora. Acredito que um dia ele lhe contaria.

— Agora vocês disseram que eram dois bebês, uma morreu? – perguntou Victor.

Duas semanas depois...

Rodrigo passou as ultimas duas semanas, vigiando a entrada do prédio de Cris, ainda tinha a fixa ideia de que a encontraria ali, mas isso não aconteceu e talvez não fosse acontecer.

Sentiu vontade de fumar um milhão de vezes, mas reprimiu a vontade lembrando-se da promessa que tinha feito a seu pai.

Estava de pé na varanda da sala de Cris olhando fixamente para a entrada do prédio. Entrou em contato com todos os porteiros, mas estes disseram que nunca a viram. E foram categóricos ao falar que a cobertura não tinha morador. E essa afirmação era muito suspeita tanto que ele chegou à conclusão de que a conheciam e recebeu dinheiro para não falar nada a respeito.

Há duas semanas esperava por notícias de Patrícia sobre o HD, mas ela não entrou em contato e ele soube que ela tinha viajado para o exterior. Em sua mente ele alternava as imagens de Grey e Patrícia se alternavam em seus sonhos como que formando uma única

pessoa.

Continuou com o olhar fixo na entrada do prédio, quem sabe mais cedo ou mais tarde ela apareceria. Por hora não tinha com que se preocupar estava dormindo na casa de Cris, era mais confortável assim.

Entrou na sala para pegar mais uma dose de uísque, estava começando a ficar frio lá fora.

Patrícia entrou em seu apartamento observando tudo ao redor. Fazia um tempo que não ia até ali. Andrés estava controlando seus passos com mãos de ferro. A sua agenda dobrou de trabalhos, ela tinha achado que tudo iria diminuir depois do seu desaparecimento, mas não foi dessa maneira. Tinha viajado para Nova Iorque na semana anterior, fez vários desfiles e participou de alguns programas de entretenimento. Estava muito cansada, tinha voado de Nova Iorque para Milão e apresentou e desfilou por duas grifes de luxo. Quando conseguiu uma pausa voltou ao Brasil, exigiu alguns dias de descanso e Andrés pareceu concordar. Ele foi afrouxando a mão conforme o tempo estava passando. Ninguém sabia que ela estava com o HD, aonde ia levava ele escondido na bolsa na jaqueta onde podia. Não teve oportunidade de analisar o que tinha dentro e tinha que analisá-lo antes de tomar qualquer atitude.

Não tinha com quem conversar sobre aquele assunto, principalmente depois do que Guilherme disse, achou melhor se afastar por um tempo. Tinha se colocado na perspectiva dele e ficou imaginando se ela deu esperança para algo que não estava disposta a compartilhar.

Sentou no sofá com um notebook que tinha comprado usado, não queria nada disso gravado em seus aparelhos .

As luzes da cidade e do luar clareavam a sala, ela continuava com o olhar fixo no documento. Talvez fosse melhor entrar em contato com Rodrigo, talvez ele soubesse o que fazer, não tinha a coragem que Alana tinha. Ela teve sorte de passar por um único sequestro ficava imaginado se isso se repetisse, soube do corte que o capanga fez nela, se fosse ela não ia suportar tanta tormenta. Ela era fraca e covarde, preferia se esconder a ter que lutar. Desde que tudo aconteceu tinha se acovardado e usado à carreira para evitar qualquer atitude que teria que tomar. Nunca mais entrou em contato com Alana, sentia que não tinha coragem. Parecia que ela estava esperando uma atitude sua.

Havia uma pasta endereçada a ela, clicou na pasta e abriu um documento scaneado.

A primeira coisa que notou foi uma carta escrita à mão e endereçada a ela.

Para Patrícia Sabatini.

Olá Patrícia! Se você está lendo esta carta é sinal que meu plano deu certo! E você recebeu os documentos que reuni...

Eu fiquei muito feliz de conhecer você, e mais feliz por você embarcar nessa loucura comigo. No começo achei que você não era real, mas com o tempo pude conhecer mesmo que por mensagens uma mulher maravilhosa. Talvez tenha começado como uma brincadeira, mas nós seguimos nisso e eu descobri muita coisa.

Sempre soube que você tinha um bom coração... Certa vez eu a vi com uma criança e vi o amor aflorar de você, mesmo que não aparentasse isso a ninguém. Por sorte eu não enxergo só com os olhos, eu vejo além de tudo. Sempre fui muito observadora... E esses olhos enxergaram uma pessoa maravilhosa por debaixo desta casca que você construiu... Ou construíram para você...

É bem provável que eu já esteja morta a essa altura, mas não me arrependo de ter começado essa investigação, pois descobri muita coisa. Documentos que podem ser usados em favor desses lindos anjos.

Anjos que nós deveríamos zelar e cuidar para que nada acontecesse com eles, porque afinal eles são o nosso futuro...

Agora estou parecendo um político em véspera de eleição!-risos.

Mas o caso é sério! Eu cuido de crianças há muito tempo e tenho um amor imenso por elas...

Esses monstros estão vendendo as crianças aos pedaços, como se fossem carnes em açougue.

Primeiro eles encontram crianças saudáveis que geralmente estão em instituições do governo, no Brasil temos muitas crianças nesta situação. Essas crianças são retiradas do Brasil e de outros países menos favorecidos, com a ajuda de pessoas de dentro de instituições que deveriam manter a ordem e proteger essas crianças...

Lá são mantidas em um local que parece com um orfanato, mas é propriamente o “corredor da morte” um local onde elas pensam estar aguardando uma família.

Bem... Nos documentos que consegui você poderá ter maiores explicações.

Quero que saiba que confio em você, confio que fará o melhor para as crianças. Gostaria de ter te conhecer pessoalmente...

Tenho recebido muitas ameaças, provavelmente eles me encontraram antes de você. Por isso me garanti mandando isso a você.

Certa vez, disseram-me que tudo o que você fala, o mundo escuta! Tenho muita esperança que seja assim com esse assunto!

Confio em você.

Alana Haddad.

Patrícia terminou de ler a carta com lágrimas nos olhos, agradeceu por ela não ter morrido. Mas sua previsão foi errada. Eles encontraram as duas ao mesmo tempo, foi um milagre que ambas tenham sobrevivido.

E deixou a carta de lado e começou a ler os documentos. Examinou as fotos de algumas crianças que provavelmente tinham sido levadas para o exterior.

Então viu uma foto que chamou sua atenção, ela conhecia aquela pessoa! Na própria foto tinha uma nota de Alana.

“Esse é o homem que comanda o tráfico no Brasil, ele parece ser muito respeitável...”.

Na tela do celular mostrava uma ligação desconhecida, aquele celular servia apenas para ele ligar e esperava que fosse uma notícia boa, só para variar.

—Alô! – nunca sabia se ele ia ligar e quando.

—Chefe! Quanto tempo!

—Não tenho tempo para suas gracinhas Lobo. Quero saber se já conseguiu o que eu queria?

—Descobri algumas coisas bem úteis. Mas ainda não consegui as informações que Alana juntou. Sei que está com Patrícia, mas a moça é lisa como uma enguia. Ela descobriu de alguma forma que estive na sua casa e se precaveu. Depois disso não consegui mais nenhuma informação.

— E porque Alana ainda está viva?

— Ela também deve saber onde estão as informações. Estou mantendo ela sob vigilância. Eu acredito que ela não vai falar nada, até porque não está com ela...

—Sei...

—Quero saber se continuo atrás de Alana depois dessa notícia? E quero saber quando vai depositar meu dinheiro?

—Não sei por que cobra tanto se deve ter mais dinheiro do que eu!

—Crimes cibernéticos são lucrativos, mas os reais são emocionantes e não faço isso de graça.

—Amanhã o dinheiro entra na sua conta. Quero que vá atrás de Patrícia e pegue o que ela tem. Quero que continue com as duas em mira. Elas têm informações que nem mesmo eu tenho. Com certeza Patrícia não o leu ainda, se o tivesse feito não estaria aqui falando com você. Mas se já o tiver lido acabe com ela sem dó nem piedade.

—O senhor manda Chefinho! – escutou a ligação encerrar.

Ele se levantou da poltrona, ficando de pé na frente da ampla janela. Não entendia como Alana conseguiu reunir tantas provas, mas não podia deixar isso vazar. Quando entrou para o negócio foi avisado de que não havia volta, nunca mais poderia sair e tinha que fazer tudo que estava ao seu alcance para proteger a organização. No começo ele era apenas um intermediário, agora mandava em todos os negócios na América Latina.

Sabia que o que fazia não era certo, mas também não era de todo errado afinal estavam ajudando a salvar vidas mais preciosas do que a dessas crianças. Um bando de rejeitados, e não somente pela família, mas pelo governo. O que facilitava e muito sua ação, elas nunca conseguiram ser mais do que um bando de proletariado, quando não bandidos de quinta categoria. Abarrotando as ruas da cidade com seus corpos imundos, pedindo esmola ou roubando pessoas decentes. Era o lixo da sociedade, e lixo reciclável por sinal, já que ao menos para isso serviam.

Eles tinham um esquema de funcionamento muito eficaz, primeiro tiravam as crianças dos países de terceiro mundo. As levavam para Europa, em três países diferentes eles tinham casas preparadas para cuidar dessas crianças.

Então aparecia o cliente, que não sabe da onde vêm os órgãos que está precisando, mas ele nem pergunta, não quer saber. Só quer que ele ou eu parente vivo e com saúde.

Tendo a ficha medica de cada criança que está na instituição eles escolhem a vítima. Há muitas faixas de idade nas instituições, que vai do zero aos dezoito anos. Algumas dessas crianças praticamente cresceram dentro da instituição. As casas funcionam com o aval de funcionamento, sem levantar suspeitas. Tudo dentro da lei!

Quando a criança é escolhida, ela é levada para fazer exames, para constatar se há compatibilidade entre ela e o doente. Daí para frente é com os médicos que são especialistas no assunto.

Se houver compatibilidade a operação é marcada para o mesmo dia. A remoção dos órgãos que é feita com o paciente ainda vivo, para que não se perca nada. Ele achou monstruoso da primeira vez que escutou isso, mas depois explicam para ele que o paciente do qual está sendo extraído o órgão não sente nada ele morre dormindo pela anestesia geral. Tudo muito simples e ágil. Às vezes a mesma vítima passava por vários procedimentos. Se fosse um rim, eram duas cirurgias. Um rim para cada operação, mas só se retirava o outro rim quando já tinham encomenda para o coração, pâncreas e assim por diante. As crianças que sobreviviam à demanda eram vendidas para o mercado sexual.

Uma única vez impedira que uma menina fosse utilizada, não porque se afeiçoara a ela, mas porque tinha uma dívida de vida com ela.

Ele estava caminhando pelo corredor da instituição quando sentiu um aperto no peito, uma imensa dor no peito algo sufocante que o fez ir ao chão. Estava morrendo e tinha certeza disso, olhou para cima vendo o teto do corredor.

—Senhor?—perguntou uma voz doce preocupada — O senhor está bem?—ela se aproximou e viu a silhueta de uma jovem.

Quando ela viu que ele passava mal, gritou por ajuda e não tendo começou a arrastá-lo pelo corredor gritando, para que a ajudassem.

—O senhor vai ficar bem. Eu prometo!—ela disse com carinho tocando na face dele. A imagem dela foi à última coisa que viu.

Então acordou em uma cama de hospital, tinha sofrido um ataque cardíaco, e se não fosse pela moça que o socorreu teria morrido.

Quando se recuperou voltou até a instituição e procurou pela moça. Foi informado de que ela foi fazer “exames”. Sentiu que não podia a deixar morrer, porque ela não deixou que ele morresse, não pensou duas vezes foi até o local onde se realizavam os “exames”. Conversou com as pessoas responsáveis pelo “caso” e com muito custo conseguiu que a liberassem. Os exames tinham revelado que ela era compatível com o cliente... Precisou convencer muitas pessoas...

Sem desconfiar de nada ela perguntou se ele estava bem, se tinha se recuperado do susto.

E afirmou que rezou muito pela recuperação dele, dando um sorriso carinhoso.

Complicações

“A ignorância não é inocência, mas pecado.” Robert Browning.

Admito, eu e você temos que concordar com o colega acima, nós nos mantemos ignorantes para não sermos cobrados por nossas ações. Às vezes quanto maior o conhecimento maior o tormento. E na maioria das vezes queremos o conhecimento e não a carga que vem com ele.

Patrícia ainda estava em choque olhando para a imagem a sua frente e não acreditava no que tinha lido e acessado. As informações preenchiam a tela do seu computador escancarando uma situação que ela apenas tinha imaginado. Ela teve que usar todo seu autocontrole para continuar escrutinando cada detalhe sórdido que se apresentava diante de seus olhos. Havia vídeos e fotos das salas de cirurgia. Através de um endereço de IP acessou uma pagina de venda tabelada. Cada órgão um valor. Era chocante e aterrador, sentiu o gelo correr pelas suas veias. Quando começou a rastrear as contas que Alana passou para ela, não tinha sequer imaginado que tudo aquilo estava por trás daquele montante de dinheiro. Falar era uma coisa ver era outra completamente diferente. Entendia o porquê de Alana estar tão indignada. No entanto, acusar uma figura publica como esse homem traria muitas complicações a ela.

—Por que fez isso comigo Alana?—perguntou olhando para a tela – Minha vida está deteriorando.

Uma voz no fundo da sua alma respondeu.

“Confio em você!”.

Ela juntou os documentos, precisava de copias urgente! Teria que acionar a impressa.

—Uma coletiva! Isso seria ótimo!—falou mais alto do que de costume.

Com agilidade trabalhou no teclado do computador acessando vários arquivos e traçando vários caminhos. Ela tinha uma habilidade monstruosa quando queria e naquele momento queria mais que tudo.

Ela deu vários telefonemas, seu nome abria portas e deixava passar muitos

Foi até seu quarto trocou de roupa, arrumou os cabelos, colocou as lentes de contato.

Com muita habilidade se maquiou. Estava pronta. Pegou na bolsa algo que ela não usava há muito tempo, desde que conheceu Andrés D’Ávila. Ele havia moldado ela segundo sua vontade e Patrícia cedeu em tudo, fez conforme ele mandou. Ainda se lembrava da voz dele próximo ao seu ouvido. Eles estavam em um quarto de hotel e ela olhava com adoração para aquele homem tinha certeza de que ele mudaria sua vida e

mudou.

— Você vai fazer o que eu mandar—dizia ele naquele dia—Nunca vai perguntar por que está fazendo, vai obedecer cegamente e tudo ficara bem. Mas não se preocupe você tem muito valor para que eu deixe algo ruim acontecer com você.

Ela olhava para ele como se estivesse hipnotizada, não tinha idade para argumentar e estava tão agradecida. Que faria tudo o que ele pedisse.

—Sim, senhor!

—A partir de hoje seu nome é Patrícia Sabatini, e eu vou transformar você na maior top model que o mundo já viu. Nunca mais vai usar isso — disse apontando para seu pescoço.

—Como o senhor quiser—e retirou.

Desde aquele dia ela se tornou Patrícia Sabatini de corpo e alma. Mas hoje era um dia diferente. Hoje ela não podia ter a aprovação dele. Hoje ela precisava tomar as rédeas.

Munique, Alemanha.

Clara estava contente, hoje ia fazer os exames. Disseram que ela ia para aquele lugar que lá teria a confirmação sobre seus novos pais.

Alberto estava contente, foi informado que hoje fariam alguns exames finais para saber se o doador era compatível com Marcos. Foi informado que a criança morreria naquela noite e o órgão doado chegaria a minutos. A compatibilidade era de 90%, e tudo estava caminhando bem. Marcos estava com a mãe na clínica, ele tinha piorado nas ultimas horas, mas com sorte tudo ficaria bem.

Clara chegou a Munique junto com o homem que a tirou do Brasil. Ela desceu do carro e segurou firme na mão do homem bonzinho.

—Tio acha que eles vão gostar de mim?—perguntou ela em sua inocência.

O homem alto de cabelos negros sorriu. Essa parte da historia ele não gostava muito principalmente se ele tinha que levar a criança para a clínica.

—Vão amar você sempre!—sabendo ser verdade.

—Que bom!—e sorriu com inocência. Ele rezou para que ela sobrevivesse à cirurgia. Sabia que seria apenas um rim que seria extraído, mas poderiam acontecer complicações. Pelo menos Clara era saudável, talvez vivesse por mais algum tempo, até acharem outro cliente...

Depois de feitos os exames, e confirmado a compatibilidade os médicos sedaram

Clara, a encaminharam para o centro cirúrgico.

Marcos foi sedado e encaminhado para o centro cirúrgico, ele não estava nada bem seu quadro estava piorando a cada hora.

Os médicos começaram a cirurgia de transplante. Alberto estava aliviado, cinquenta mil dólares não eram nada se comparado com a vida de seu filho.

Para Ana apenas foi dito que um milagre aconteceu, Eles tinham esperado muito para a cirurgia, Marcos teve infecções o que prolongou a estadia dele naquele lugar. Ele tinha que estar saudável para que não houvesse rejeição do rim novo. Ela rezou muito a Deus e bendisse a família que doou o órgão da criança. Sabia que estavam cortando a fila, mas Marcos precisava tanto.

Eis a verdadeira hipocrisia de uma pessoa.

Patrícia andava de um lado para outro na sala da sua cobertura, ela sabia que não devia ter ligado, mas o fez. Precisava de ajuda e aquela seria perfeita. Agora não tinha como voltar a traz, já tinha contatado a imprensa e marcado uma coletiva para o dia seguinte às oito horas da manhã.

Rodrigo ainda estava na varanda, se apegando a esperança de que a qualquer momento veria entrar naquele prédio.

Seu celular começou a tocar, era uma chamada de Alan.

—Fala cara?

—Rodrigo? Tem uma pessoa procurando por você, ligou aqui duas vezes e pediu para que entrássemos em contato com você.

—Quem é essa pessoa?

—Guilherme Soliani Filippini — anunciou Alan entusiasmado.

—O piloto?

—Quem mais? Ele deu um numero de telefone para que você entrasse em contato.

—Passa o número!—Alan passou.

—Ele disse que era urgente.

—Sempre é—disse Rodrigo com ironia.

Assim que Alan desligou, Rodrigo teclou os números esperando para ser atendido.

—Filippini!

—Guilherme? É Rodrigo Corona. Queria falar comigo?—ele ouviu-o respirar fundo.

—Sim. Eu preciso falar como você urgente.

—E o que de tão urgente?—agora ele estava curioso.

—É sobre Patrícia...

—O que tem ela? Aconteceu alguma coisa com ela? Fala!—perguntou aflito.

—Vejo que é recíproco — riu — Achei que fosse só por parte dela...

—Do que está falando?

— Ela pediu para você tocar a campainha da cobertura. — Rodrigo não estava entendendo direito o que ele estava falando. E quando seus pensamentos se conectaram ele desligou o telefone e disparou para o elevador.

Alana chegou ao prédio já passava das dez da noite, seguindo a orientação entrou pelos fundos e acessou o elevador de serviços. Odiava elevadores, era como estar presa e apertada. A sensação de respirar diminuía aos poucos. Costumava usar as escadas, mas o apartamento era um dos últimos do prédio, seria muito para subir naquela hora. Victor estava ao seu lado, ultimamente vinha se comportando dessa forma. Ela se sentia protegida.

Chegaram à porta da cobertura e acessaram a porta dos fundos. Deram dois toques e a porta se abriu revelando um Rodrigo ansioso.

Ele os conduziu até a sala onde Alana viu que havia uma mulher sentada, ela estava de costas, mas o corpo esguio e os cabelos longos escuros denunciavam quem era. A moça virou lentamente o rosto na sua direção e o arfar de Victor ao seu lado foi o suficiente para reconhecer quem era.

— Patrícia Sabatini — disse Victor admirado. E não era para menos, a moça estava no topo do mundo.

Ela e Alana ficaram se olhando, e se aproximaram. Patrícia era bem mais magra que Alana, com características no corpo e no rosto que diferenciava pouco de Alana. Patrícia vestia roupas fashion, calça preta meio rasgada uma blusa com paetês, e uma bota de salto agulha. E a encontrassem com certeza não fariam comparação com Alana que estava mais simples e tradicional. Alan vestia roupas simples calça social sapato baixo e uma camisa de seda rosa clara. Os cabelos de Alana estavam curtos enquanto os de Patrícia cascadeavam pelos ombros.

— Finalmente nos encontramos. — disse Patrícia.

— Sim... — Alana estava emocionada.

— Esse é seu esposo? — perguntou Patrícia olhando para um homem atraente que estava um tanto deslumbrado.

— Sim é Victor... — Victor se adiantou e segurou a mão de Patrícia.

— É um prazer conhecê-lo. Acredito que vocês conheçam o investigador Rodrigo

– ele assentiu – Eu os chamei aqui para podemos conversar melhor. Sua carta Alana tocou-me de uma forma que não posso nem mesmo expressar.

Eles sentaram no sofá confortável da casa de Cris irmã de Rodrigo. Estavam frente a frente. Rodrigo sentou-se ao lado de Patrícia e Alana notou um desconforto entre Rodrigo e Patrícia.

— Sei que nós nunca conversamos antes – continuou Patrícia - Eu procurei por você porque achei você tão parecida comigo fisicamente que não resisti o contato. Talvez se tivesse feito não estaríamos nessa situação, eu não teria encorajado você e nem teria ajudado – Alana estava com o coração pesado com as palavras dela – Mas não me arrependo. Foi a melhor coisa que fiz na minha vida e foi à primeira coisa que eu fiz porque queria fazer. Você transformou meus pensamentos e minha vida de uma forma irrevogável. O que eu vi e o que eu registrei não tem como continuar passiva.

— Eu não queria forçar você a isso... – começou Alana que foi cortada por Patrícia.

— Mas já estamos juntas nisso. Amanhã tenho uma coletiva com a imprensa no hotel Union, vamos terminar o que começamos. Mas não podemos fazer isso sem analisar todas as situações e foi por isso que pedia para vocês virem aqui hoje – os olhos prata de Alana estavam admirados.

— Alana você encontrou provas muito contundentes, e que vai derrubar muita gente, mas precisamos ser cautelosos – orientou Rodrigo, seus olhos azuis estavam extremamente preocupados – O que não podemos é colocar vocês em risco. Aqui nessa casa não tem escuta, mas não podemos garantir que até os nossos celulares estejam grampeados. As pessoas envolvidas são de alto escalão. E a pessoa que foi contratada para eliminar vocês é muito profissional e preciso nunca o vi errar uma única vítima. – Victor abraçou Alana ao perceber que ela tremia.

—E por que estou viva ainda? – Alana questionou.

—Eu não sei... – disse sincero Rodrigo – Mas acredito que ele esteja em uma espécie de brincadeira. Ele não é um homem que devemos subestimar... Eu não sei o que ele quer, mas se vocês duas estão vivas ainda é porque ele não as quis mortas. Mas não sei quanto isso vai durar. O que nós temos que fazer é tentar estar um passo à frente dele o que chega a ser impossível.

— Vou explicar o que vamos fazer Alana – disse Patrícia – Mas não pode sair dessa sala.

— Claro – disseram uníssono Alana e Victor.

Eles ficaram por duas horas conversando e elaborando os planos para que nada desse errado. Rodrigo admirava o modo como Patrícia usava a lógica. Ela não se abatia emocionalmente, parecia ter sido moldada a ferro e fogo. Alana também estava no mesmo patamar de Patrícia. Ambas elaboravam os planos e consultavam Victor e Rodrigo. Pareciam estar sincronizadas, assim como Rodrigo ficava quando estava perto de Ricardo. Ele as observava com verdadeiro interesse.

Ele atendeu ao telefone irritado, não estava dormindo, mas não queria ser incomodado. Levantou-se da cama, o quarto estava na penumbra como ele gostava. A dor de cabeça tinha aumentado muito naqueles dias e não dava trégua naquela hora. Tinha desligado toda a comunicação apenas um aparelho estava ligado e foi justamente o que tocou.

—Alô!—disse grosseiramente.

—Chefinho eu tenho más notícias!

—O que é Lobo!—gritou—Falei com você agora a pouco! O que mudou em três horas?

—Patrícia vai dar uma coletiva de imprensa amanhã!

—O quê!—gritou abismado—Como?

—Um informante me avisou há pouco. A revista onde ele trabalha recebeu o telefonema marcando o horário.

—Isso complica a situação! Não posso acreditar que ela vai fazer isso!

—Com certeza deve ter lido os documentos...

—Maldita seja Alana Haddad!—gritou ele jogando um copo na janela do quarto fazendo que se quebrasse ambos —Maldita seja todas elas!

—A coletiva vai ser no hotel Union.

—Quero você lá! Quero que mate Patrícia antes dela falar com a imprensa!

—Eu conheço a sala de imprensa deles. Tem uma janela no alto dela que pode ser acessado de fora.

—Um único tiro! Na cabeça! Entendeu?

—Sim.

—Vou transferir agora meio milhão para sua conta.

—Um milhão! Se não eu não faço!—exigiu Lobo.

—Certo—e desligou. Tinha que manter tudo em segredo se fosse pego não escaparia de uma execução sumaria. Eles nunca perdoariam quem expôs a organização.

—Amanhã darei adeus a Patrícia Sabatini...

Depois que Alana e Victor saíram Rodrigo e Patrícia ficou sozinha com ele de novo. Ela ainda tinha a imagem dele quando este apareceu na porta da sua casa. Ele tinha olhado com descrença para ela. Ele secretamente sabia, mas a confirmação ainda era

espantosa. Não disseram nada um para o outro naquele momento. Ela passou pela porta com ele e com um computador a tiracolo. Rodrigo não tinha dito nada para ela apenas a seguiu. Quando chegaram ao apartamento de Cris, Patrícia mostrou as imagens e documentos que estavam no HD para Rodrigo, que ficava a cada imagem que via mais consternado. Não disseram nada por um tempo e quando Rodrigo falou disse que precisariam de ajuda. Eles discutiram quem poderia ajudar, e juntos chegaram à conclusão que Alana seria ideal.

Para Patrícia foi muito emocionante conhecer Alana era como ver uma irmã, uma família. Ela tentou manter a compostura para não constranger Alana.

E agora no apartamento estavam somente Rodrigo e Patrícia, eles estavam desconfortáveis na presença um do outro. Mas foi Rodrigo quem falou primeiro.

— Por que escondeu a verdade? — ele foi direto ao ponto.

— Não sei... Eu realmente acreditava que não poderia ter você na minha vida. E essa noite quando via todo aquele lixo... Senti minhas algemas caírem.

— Porque se esconde do mundo dessa forma?

— Eu não me escondo... Eu sou uma criação e o meu criador fez essa mulher que você vê. — ela parecia muito abatida.

— A casca sim, mas o que você é por dentro ninguém pode construir a não ser você mesma. E o fato de você estar escolhendo o que fazer com toda a informação, que chegou as suas mãos mostra que você não faz parte dessa merda toda. Poderia ser verdadeira comigo agora? — perguntou ele olhando para a moça a sua frente que tinha perdido peso e estava muito triste embora não demonstrasse. Ele tinha ímpetos de protegê-la de tudo e de todos, mas ela teria que permitir isso.

Patrícia respirou fundo, e admitiu que não fosse certo ele não saber de tudo o que aconteceu.

— Eu fiquei muito confusa com tudo e naquele dia eu estava vendo o noticiário e não sei o porquê, mas caminhei pelo apartamento até o quarto de Cris, fui ao banheiro já tinha ido ali varias vezes, mas comecei a ver a maquiagens e tentei usa-las e descobri que tinha certa habilidade como se já tivesse feito muitas vezes e em um deslize eu manchei de preto aqui — disse apontado para a pinta dela — E foi como se abrisse uma caixa de imagens e sons. Era como me ver e na minha mente rodopiou. E como em um filme tudo voltou na minha mente. E podia ouvir a voz de Andrés...

“Não vai discutir vai fazer o que eu mandar — dizia Andrés — Você vai usar lentes de contato verdes, combinam com seu tom de pele e uma pequena pinta falsa acima dos lábios ficara perfeita.”

“Você não tem que gostar! Quero que seja perfeita! Vai ganhar dinheiro e isso basta! Amanhã vou providenciar seus documentos, lentes de contato verdes e uma pinta falsa! Vai ficar ótimo!”

—Ele me colocou em uma cadeira em frente a um espelho, Andrés era maquiador

profissional antes de ser empresário. Com muita calma ele colocou a pinta e as lentes, a maquiou com excelência. Quando ele a terminou eu não me reconheci e disse:

“Essa não sou eu!”.

“Não querida essa é Patrícia Sabatini! E é quem você vai ser a partir de agora — disse ele olhando para ela através do espelho.”

— Então você nunca o questionou? – Rodrigo a via balançar a cabeça.

— Não... Eu sempre obedeci a suas ordens. Ele me ensinou tudo. E eu o amava como se ama um pai.

Ela contava e era complicado para Rodrigo entender como uma pessoa podia se deixar montar e ser usada dessa forma. Era como se tivessem criado um robô que aceitava todas as ordens sem ter necessidade alguma. Rodrigo perguntou sobre o sequestro e o porquê dela não falar para ele.

Ela disse que não se lembrava de muita coisa daquele dia, apenas de correr se sentir os pulmões queimarem. Ela contou que olhava para trás se afastando correndo, a qualquer momento eles poderiam alcançar ela. Quando pensou estar longe o suficiente ela avistou um posto de gasolina na beira da estrada, pensou em pedir ajuda, seria reconhecida de imediato, mas quando olhou para trás viu que o carro ao longe eles estavam vindo ao longe. Ela não pensou duas vezes correu para o banheiro do posto.

Olhou no espelho, se eles a procurassem a encontrariam facilmente. A maquiagem estava borrada, ela lavou o rosto com força para tirar tudo. Então ela retirou as lentes de contato e com um pouco mais de dificuldade, puxou a pequena pinta, ela era fixa com uma cola forte. Doeu muito para tirá-la. Saiu do pequeno banheiro e viu uma borracharia, meio mecânica. Correu para ali e se escondeu, viu um jaleco de mecânico pendurado. Ela se encontrou um estilete e cortou o cabelo. Tinha que ficar diferente esse era seu único pensamento. Tinha que sobreviver. Ninguém a reconheceria daquele jeito pensou, e para seu horror constatou que ela não existia. Não existia como pessoa, somente Patrícia Sabatini existia ninguém a reconheceria, ela não era ninguém...

— Deve ter sido um choque em tanto... – Ela não olhava para ele, mas parecia perdida em pensamentos. Como se estivesse revivendo tudo.

— Talvez tenha sido não me lembro de muita coisa depois disso, eu acho que dormi ou desmaie, não sei dizer, mas no dia seguinte eu não sabia quem era. E o pior as pessoas não sabiam quem eu era. Mas sentia um medo absurdo de tudo e todos. Era como se meu subconsciente estivesse em alerta máxima. Até ver você de longe... – ela olhou para ele com aqueles olhos de mentira – Você me deu muita segurança. O problema foi que quando eu recuperei a memória dei por mim que muitas pessoas tinham me visto e a minha carreira poderia sofrer danos irreparáveis. E resolvi fugir e me esconder, a sorte foi que justamente neste prédio ficava meu apartamento.

— E você usou isso a seu favor, e me deixou aqui desesperado.

— Desculpe... Não era a intenção.

— Se não era sua intenção porque não me falou quem era de imediato e por que ligou fazendo eu me confundir mais ainda? – ela não queria responder estava com vergonha. – Estou esperando – disse Rodrigo encarando ela e pressionado uma resposta.

— Eu... Eu... Eu estava com ciúmes... – ela estava com o rosto em fogo.

— Ciúmes do que? – ele não conseguia entender.

— É ridículo não quero falar – ela se levantou e caminhou até a varanda onde o vento noturno soprava seus cabelos.

Rodrigo não tinha intenção de deixar passar, ele precisava saber do que ela estava falando.

— Preciso saber...

— Nós nos... Beijamos quando eu era Grey e parecia que você gostava da Grey. E quando eu apareci como Patrícia você também me beijou com muito entusiasmo e eu achei que se ligasse para você como Grey, você poderia gostar da Patrícia... – ela estava envergonhada ao ultimo e Rodrigo estava na sua frente tentando entender a lógica dela.

— Estava com ciúmes de você mesma? – ela achou graça na atitude dela.

O sorriso dele era bonito e estava com ego inflado. E ela não achou nada engraçado isso.

— Eu disse que era ridículo – se exaustou olhando com olhos frios para ele. – Além do que eu envolvi outras pessoas nisso...

— Guilherme? – a voz dele denotava ciúmes e Patrícia gostou.

— Sim... Ele ajudou a reforçar a minha estória. E quando estava de volta Andrés montou a Patrícia de novo. A maioria do que você vê em mim é falso...

Ele estava triste pela pessoa que estava na sua frente, uma mulher que tinha sido instruída e montada para ser a realização do desejo de alguém. Uma mulher que não se conhecia e não acreditava na própria beleza. Ele a segurou pelos ombros fazendo com que ela olhasse para ele. O vento batia nos cabelos ela não queria, mas toda a fragilidade estava presente no seu corpo e no seu semblante.

— Eu não vejo uma mulher falsa, o que eu vejo é verdadeiro e meu corpo já sabia quando encontrou você. No dia do depoimento seu na delegacia eu estava me controlando para não beija-la e não entendia o porquê disso. Mas agora entendo. O externo é passageiro, com o tempo nada do que se tem por fora dura, mas aqui dentro esse é eterno e é exatamente isso que eu amo. Não interessa qual seu nome ou sua aparência. Importa quem você é! E eu conheço essa pessoa maravilhosa, que enfrentou uma barra e não se abateu, mesmo estando em condições para isso. Eu amo você.

Patrícia ouvia e registrava a cena na sua mente, pois não queria perder nenhuma parte do que ele disse. Aquilo ficaria guardado no seu coração até o dia da sua morte.

Eles se abraçaram e ficaram assim por muito tempo, para ela se aceita era a melhor coisa que tinha acontecido na sua vida. Sentiu ciúmes de si mesma, quis abandonar tudo e correr para os braços dele. Mas não sabia de quem ele gostava. E agora essa aceitação era tudo o que precisava.

Um beijo terno selou aquela noite porque no dia seguinte não sabiam se sobreviveriam.

Trapaça

A arte de enganar as pessoas é admirável, muitos ilusionistas fazem uso dessa arte com primazia, e o mais interessante é que são recompensados por enganar.

Depois de conversarem por muito tempo Patrícia tinha passado a noite na casa de Cris. Seu celular tinha varias ligações de Andrés, mas ela deliberadamente não estava atendendo. Estava livre das amarras dele e continuaria assim. Seguiu cedo com Rodrigo para se atrasar para a coletiva. Ao chegaram ao hotel encontraram Alana e Victor que estavam esperando. Os quatro subiram para uma suíte e começaram os preparativos. Rodrigo ligou para Alan que junto com Fernando e Gabriela seguiram para o hotel e já estavam se preparando para a segurança do local. Eles tinham muito que cobrir e pouco pessoal já que Rodrigo não podia confiar em muitas pessoas. Chamaram somente o essencial.

Os repórteres começaram a chegar aos montes, todos estavam curiosos para saber o que seria anunciado durante a coletiva. A sala de conferência do hotel era ampla e estava preparada uma janela ampla que ficava no alto, dava uma claridade amena à sala.

Estavam todos na antessala reunidos e começou-se a ouvir o barulho dos repórteres que chegavam, houve uma batida na porta e o organizador do evento entrou.

— Com licença. Já estão aguardando. — e saiu.

Patrícia e Alana se olhavam fixamente, ambas deram as mão e juntaram a cabeça, testa com testa em um uma oração silenciosa.

— Obrigada por fazer isso — disse Alana

—Obrigada por me ajudar — disse Patrícia — É muito bom ter todos vocês aqui comigo hoje.

—Ainda acho perigoso o que estamos fazendo — alertou Victor .

—Não se preocupe. A sala vai estar repleta de repórteres, qualquer eventualidade que possa acontecer eles vão cobrir cada detalhe da historia—disse Patrícia com um traço de cinismo.

Patrícia se olhava para Alana e notava que eram idênticas, aproximou-se dela e disse.

—Com essas semelhanças poderíamos ser irmãs.

— Talvez — sorriu Alana — Vamos terminar isso para podermos seguir como nossas vidas.

O organizador apareceu novamente para avisar que os repórteres, já estavam acomodados que poderia começar na hora que ela quisesse.

—O projetor de imagens esta ligado já?

—Como pediu.

—Obrigada — assim que ele saiu Victor perguntou.

—Quem é a pessoa por trás de tudo?—Patrícia virou-se para ele e com um sorriso misterioso, foi como se visse sua esposa fazendo aquilo.

—Isso você vai ficar sabendo junto com todo mundo—e todos juntos saíram, seguindo para a sala principal.

— É hora do Show! – disse em uníssono, Patrícia e Alana.

Se Rodrigo pudesse descrever a reação dos repórteres diria que era de descrença total, pois diante deles tinha duas Patrícias idênticas e vestidas com a mesma roupa. Ambas se sentaram à mesa e arrumaram o microfone como um balé orquestrado. Era como ver aqueles campeonatos de nado sincronizado, o que uma fazia a outra espelhava, no mesmo instante que se ele não soubesse diria que era a mesma pessoa, o que distinguia uma da outra era uma simples joia. Ele e Patrícia tinham armado esse show na noite anterior e ela e Alana treinaram pouco, mas estavam incríveis. Ele tinha sugerido isso para tentar ludibriar o Lobo, ou qualquer pessoa que tentasse impedir ela de dar a entrevista. Eles sabiam que era perigoso, mas era o único meio de fazer o mundo ouvir. Porque a voz de uma pessoa muito importante estava falando, a voz de uma pessoa que ditava tendências, regras e atitudes de muitas pessoas ao redor do globo. E era essa a maior arma que tinham maior até que os documentos e arquivos.

Rodrigo olhou ao redor e viu que seus parceiros estavam a postos. Ambas pegaram o microfone ao mesmo tempo, aquilo estava deixando a mídia enlouquecida. Elas estavam idênticas, mesmo cabelo, mesma maquiagem. Alana tinha colocado um tipo de peruca para parecer que estava com cabelo comprido e estava agora amarrado em rabo igual ao de Patrícia, que confessou ser aplique as madeixas novas. Ele ainda não tinha visto ela sem nada, na noite que passou no apartamento de Cris ela dormiu no quarto de hóspedes. Eles conversaram muito e decidiram que só dariam sequencia ao romance depois de resolver aquele assunto.

—Senhoras e Senhores – Alana e Patrícia falavam alternadamente de modo que nem ele conseguia acompanhar que estava falando – Creio que devem estar se perguntando o por que de eu convocar tão de repente uma coletiva?—vários presentes assentiram. Rodrigo agora estava do lado do palanque, olhando atentamente ao redor—Eu estou aqui hoje para fazer uma denúncia!

— Certo, mas qual de vocês é a Patrícia Sabatini – perguntou um dos repórteres curioso e fazendo suas palavras as de todos os presentes.

— Eu sou Patrícia Sabatini – Alana e Patrícia responderam uníssonos e com os mesmos gestos de mão.

— Mas poderia dizer se é sua irmã gêmea? Ou algo assim – insistiu o repórter.

— Não posso revelar nada – disseram juntas. Então todos os presentes viram que não conseguiriam nada com aquele assunto.

—De que denúncia está falando Sabatini?—perguntou outro e assim sucessivamente até que muitos falavam ao mesmo tempo.

—Silêncio, por favor!—pediu Victor intercedendo por Patrícia e Alana — Se não ficarem em silêncio, ela não vai poder falar e vocês não terão o que ouvir.

O silêncio reinou na sala, somente alguns sussurros permaneciam. Alguns dos presentes estavam curiosos quanto à semelhança de Patrícia e Alana.

Rodrigo continuou atento e de repente viu algo em Patrícia que não gostou, um pequeno ponto de luz vermelha brilhava e se movia em sua tez. E como num filme em câmera lenta ele procurou a direção em que vinha a luz, viu uma pequena sombra se mover na janela que tinha no teto da sala. E para seu horror viu de quem se tratava.

—Obrigada Victor !—agradeceram elas —Estou aqui hoje para denunciar um crime bárbaro, um crime contra nossas crianças, nossa sociedade! Tráfico internacional de órgãos e não estou falando somente de pessoas adultas estou falando de crianças! — anunciavam elas — Como vocês poderão ver, eu tenho provas que reafirmam minha acusação!

Rodrigo Se moveu com extrema agilidade quando viu que a mira estava fixa. Não ia deixar aquilo acontecer com a mulher que amava, não ia deixá-la morrer, nem que para isso tivesse que dar sua vida.

Jogou-se empurrando Patrícia fazendo com que ela caísse no chão. Ele sentiu uma dor aguda na cabeça e tudo começou a ficar escuro, não podia morrer! Tinha que ficar lúcido! Tinha que protegê-la, olhou para cima e viu a sombra dele na janela, um homem que ele conhecia muito bem. Conheceria aquela silhueta e aqueles movimentos em qualquer lugar, conhecia aquela mascara!

—L...Lobo — disse apontando para a janela, Fernando já estava em cima dele para prestar socorro e escutou o que ele falou.

—Vamos todos corram! Ele não deve estar longe!—gritou para os outros. E saíram da sala com as armas em punho, Alan passava um rádio para a polícia pedindo reforços.

Alana e Victor tinham se abaixado atrás das cadeiras, vários repórteres estavam abaixados esperando por mais tiros.

Patrícia que não tinha entendido nada até aquele momento. Viu que os repórteres estavam alvoroçados e olhou para sua frente...

Rodrigo caído no chão com a mão na cabeça havia muito sangue escorrendo pela mão dele. Engatinhou até onde ele estava. Seu peito se comprimiu pela dor de vê-lo naquela situação, ela não conseguiu raciocinar direito. Colocou a mão com delicadeza na face ensanguentada dele.

—Meu... Meu Deus! — gritou — Rodrigo! Meu amor fica comigo! Não morre, por favor, você não pode fazer isso comigo não morre!—gritava ofegante.

Colocou a cabeça dele em seu colo, que rapidamente ficou manchado de sangue.

—Não faz isso, por favor, não morre!—ela chorava.

—Na... Nã... Não vou morrer Grey —ele levantou a mão e acariciou o rosto dela — Acho que a bala não chegou a entrar, mas no to legal—tudo ficou escuro novamente.

—Rodrigo fica comigo!—ela estava desesperada batia no rosto dele e tentava mantê-lo acordado.

—Você conseguiu me enganar Grey, mas eu te achei mesmo não sabendo meu corpo te conhecia — Lágrimas não paravam de escorrer pela face dela.

—Não se esforce! Vai ficar tudo bem eu prometo!—ela chorava e passava a mão pelo rosto dele que lhe era tão querido—Não vou deixar você morrer!

—Eu... E... Eu te... Amo!—aquelas palavras aqueceram sua alma — Continue o que estava fazendo revele ao mundo tudo! Você é forte!

—Rodrigo? Rodrigo!

—Se... Seus... Olhos são tão lindos... É bom vê-los de novo... Confio em você Grey...—dizendo isso ele perdeu a consciência.

—Rodrigo fica comigo! Nãooooooooo! —ela gritava em desespero, agarrada ao corpo inerte dele.

Uma equipe medica abriu caminho entre os repórteres, eles traziam uma maca. Aproximaram-se dela com cuidado.

—Calma — disse um dos médicos com a voz mansa, ela o olhou com apreensão — Vai ficar tudo bem com ele —afirmou o médico. Afastando ela dele para que pudessem trabalhar.

A equipe estava conferindo os sinais vitais dele, e começaram a providenciar a remoção dele para um hospital.

Patrícia permanecia sentada no chão olhando para Rodrigo esperando que a qualquer momento ele se levantasse e a abraçasse como antes. Tinha as mãos no rosto, que agora estavam manchados de sangue, sangue dele. Estava sentada no chão do palanque, vendo por entre os dedos os médicos transportá-lo. Alana se aproximou dela e a fez olhar em seus olhos.

— Ele se entregou por você e pelas crianças, não há nada eu você possa fazer por ele. Mas só você pode fazer isso pelas crianças. – e Alana percebeu que ela estava sem lentes, provavelmente haviam caído durante o pranto. Ela tinha olhos pratas como os dela e de seu pai não tinha duvidas mais – Precisa se recompor, suas lentes caíram.

Alana ajudou Patrícia ir até a sala de preparação e lá ela colocou as lentes que

tinha de reserva na bolsa, sempre levava consigo por precaução, com calma e discretamente colocou-as de novo. Olhou no pequeno espelho e viu que tinha manchas de sangue no rosto, o sangue dele! Quem tinha feito com Rodrigo iria pagar, pois ela não deixaria se abater. Tinha que usar toda a frieza que aprendeu durante os anos de passarela para poder continuar e só desabar quando ninguém estivesse vendo. Foi até o pequeno banheiro limpou as manchas e retornou ao palanque. Voltou-se para os repórteres que continuavam alvoroçados, olhou para o lado e viu que Victor e Alana a olhavam com curiosidade. Ela evitou o olhar e foi até a frente do palanque, com determinação! Não ia parar agora, faria isso por Rodrigo ele confiava nela. Ele a amava! Tomou um tiro por ela, para que ela continuasse com que estava fazendo.

Varias câmeras a filmavam, ela quase sem maquiagem. Segurou firme o microfone nas mãos e disse para todos os presentes.

—Como vocês puderam constatar, não querem que eu fale sobre esse assunto! Mas eu vou falar e ninguém vai me deter! Senhoras e senhores a coletiva continua, mesmo com esse incidente.

Ela viu a polícia entrando na sala e pareciam querer dispensar o presente.

—Não se movam! — gritou ela — Ninguém sai até que eu fale! Não há perigo para vocês, somente para mim!—os policiais não gostaram, mas acatou o que ela estava pedindo.

Victor de forma diligente pegou o microfone e chamou atenção de todos como o deputado que era.

— Pessoal, sei que se afligiram com o que aconteceu aqui hoje. Mas eu garanto a vocês que nenhum de vocês será prejudicado. E como essa é uma matéria preciosa acredito que todos tem interesse em estar presente para acompanhar. Então podem manter e a ordem e se acomodarem queridos colegas e juntos vamos mostrar que somos mais fortes.

Ele já ganhou eleitores para a próxima campanha com essa demonstração.

Todos os presentes se acomodaram em seus lugares, as câmeras ligadas e atentos a uma mulher. Patrícia agradeceu a Victor. No telão imagens mostravam diversos documentos, fotos e vídeos que relatavam o tráfico de crianças.

— Como vocês podem ver essas são crianças de uma instituição aqui no Brasil, essas crianças são retiradas do país para a prática de extração de órgãos. A faixa etária é de zero a dezoito anos, sendo que os de dezoito anos são levados ainda menores. Eles ficam em casas espalhadas pela Europa, que funcionam como se fosse um orfanato. Lá tem aulas, esportes e tudo o que pode ter em uma instituição desse tipo. Vocês devem estar se perguntando... O que tem de errado nisso? Parece tudo tão certo! Mas é aí que nos enganamos, essas crianças são retiradas do Brasil e de vários outros países que não tem uma política voltada para elas! Voltada para o bem estar dessas crianças! Eles apagam

qualquer registro que essa criança possa ter no país, e a levam para essas casas em outros países. Dizem para elas que no exterior vão encontrar uma família rica que vai dar tudo o que elas querem, é certo que em alguns casos acontece, porque essas crianças ainda bebês são vendidas para adoção ilegal. No entanto a maioria delas estão lá para ter seus órgãos retirados e vendidos a pessoas ricas que podem pagar por eles.

Os repórteres começaram a falar junto, questionando o que estava sendo dito.

—Não façam essa cara de descrença! Pois tudo o que digo tenho como provar! Elas ficam nessas casas que não são mais do que um enorme corredor da morte! Com uma diferença quem está no corredor da morte, já sabe que vai morrer, mas essas crianças não sabem! Tem a fiel ilusão de que uma família vai adotá-la — lágrimas vieram aos olhos dela — Elas acham que vão ter um futuro melhor, mas na verdade esses bárbaros já têm a ficha medica deles completa. Quando aparece um cliente, escolhe-se uma criança ou adolescente compatível com o cliente. Então a vitima é levada para realizar os exames finais de compatibilidade. Se aprovado a cirurgia é marcada com o cliente uma hora depois da extração dos órgãos...

Imagens estavam sendo projetadas, para que tudo o que Patrícia falasse fosse reafirmado com imagens.

—Sei o quanto isso é cruel, vocês podem ver por si mesmos. A extração é realizada com a vítima ainda viva, ela sedada, aberta e assassinada friamente por médicos que fizeram o juramento de proteger a vida!—falava com indignação—Como vocês podem ver nos documentos acima, nada do que estou falando é mentira.

—Patrícia! Como conseguiu tudo isso?—perguntou um repórter.

—Não fui eu quem juntou esses documentos! Foi me dado eles para que na minha voz o mundo ouvisse.

—Então pode se que o seu desaparecimento têm a ver com esse caso?—perguntou novamente o repórter, que fazia parte de uma emissora famosa.

—Infelizmente temo que sim! — respondeu Patrícia — Eles tentaram, mas não conseguiram.

—E por que esses documentos não estão com a polícia?—perguntou o repórter.

—Simplesmente porque essa organização tem comparsas dentro da polícia! E dentro de muitos órgãos do governo. Como acha que eles apagam a vida da criança e as tiram do país com tanta facilidade? Corrupção existe sim, mas isso o que estão fazendo é mais do que corrupção é infanticídio e homicídio! Além do que o dinheiro serve para financiar o tráfico de drogas e armas! Eles negociam com facções criminosas pelo mundo! Essa máfia não é a nível nacional, mas sim a nível mundial, são criminosos de alta categoria!

— Deputado e o que o senhor tem a declarar sobre isso – perguntou uma repórter loira.

— Eu estou do lado da justiça como sempre estive, e quando fui informado disso

não medi esforço para ajudar.

— Patrícia! Ana Luiza da RecTv. Pode nos informar quem está por trás disso tudo. É uma única pessoa?

— Um dos responsáveis por esses crimes é...

Ele assistia à coletiva e não acreditava que aquilo estava acontecendo! Era para ela estar morta, não era para estar falando em plenos pulmões tudo aquilo. O desgraçado tinha falhado, e ele tinha pagado uma grana alta para ele... Colocou o charuto na boca, não ia para a cadeia, pensou segurando sua Glock sentindo o peso dela. Uma única bala seria suficiente...

Vinicius tinha ligado a televisão do seu quarto, Samira estava terminado o banho ele escutou o chuveiro sendo desligado. Para sua felicidade ser completa só faltava uma filha, porque a mulher que amava estava ali e tinham encontrado uma de suas filhas Alana, era uma moça muito boa. Ainda estava um pouco reticente a eles, mas Vinicius tinha certeza que acabariam transpassando esse muro que ela tinha em volta de si.

Colocou no canal de notícias vinte e quatro horas, viu que era uma coletiva a câmera filmava uma mulher que ele conhecia muito bem. Era Patrícia Sabatini, ele aumentou o volume do aparelho, ela falava sobre tráfico de crianças, mas quando a câmera a focou de frente ele viu algo nela que fez seu coração parar.

—Samira!—chamou com urgência—Vem aqui! Já!—ela saiu correndo do banheiro olhou para ele que estava sentado na cama, ele sem dizer uma palavra apontou para a televisão.

Samira seguiu o olhar dele e viu uma mulher na televisão, e viu algo que a fez ficar estática.

—O... O... Medalhão!—gritou ela. Vendo o medalhão que Vinicius tinha lhe dado pendendo do pescoço dela, enquanto ela falava e gesticula com as mãos.

Guilherme estava na sala vip do aeroporto internacional de Guarulhos, aguardava o seu voo. Olhou no aparelho de TV e viu Patrícia como nunca tinha visto. Ela transpirava determinação e poder. Era como se fosse outra pessoa não tinha mais nada daquele robô que ela era. Parecia viva. Gostou do que viu agora sim sua amiga tinha saído da concha...

Eles tinham conversado na noite anterior quando pediu para que ele ligasse para Rodrigo. Ela disse que o amava como se ama a um irmão e que não poderia estender esse amor, além disso. Guilherme entendeu, embora não tenha gostado nada disso. Ele tinha tido esperança. Mas agora vendo como ela estava diferente naquela manhã ele aceitou a derrota ainda mais para um cara que pula na frente de uma bala...

“Passageiros com destino a Milão, voo 854... Embarque portão 12...”.

Ele ouviu o anuncio do seu voo e começou a dirigir-se ao local, pensou que sentiria muita falta de Patrícia, mas agora ela tinha Rodrigo e não precisava mais dele. E ele tinha um novo campeonato pela frente e estava disposto a vencer. Estava tão distraído que acabou tropeçando e caindo em cima de uma moça.

—Desculpe, eu não tive a intenção!—começou ele a se desculpar.

—Que pena! Achei que tivesse tido!—brincou a moça.

Ele a ajudou a ficar de pé e viu que era a moça era muito bonita morena de um tom chocolate, olhos negros e cabelos cacheados, tinha as maçãs do rosto saltadas e um sorriso fácil. Ela parecia muito contente, estava muito bem vestida.

—Meu nome é Paula Diniz!—disse ela estendendo a mão para cumprimentá-lo.

—Eu sou...

—Não precisa dizer! Sei quem é e já vi seus seguranças — riu ela — Guilherme Soliani Filippini, piloto de formula Um, o melhor na ultima temporada! Belo título — ele a olhou com curiosidade, não era natural uma mulher saber tanto.

—Sim — riu ele — Que bom que me conhece! Mas e você? O que vai fazer na Itália?

—Eu? Bem me deixa ver se te conto — brincou ela — Sou engenheira mecânica e vou fazer um estágio em uma determinada equipe de formula 1—disse ela piscando o olho.

—Quer dizer?

—Sim.

—Então vamos nos ver muito! E isso será um prazer imenso!—brincou ele.

Seguiram juntos para o local de embarque, e no avião sentaram juntos também...

Victor apertava a mão de sua esposa com força, agora finalmente eles saberiam quem estava por trás de tudo aquilo.

—... É Andrés D'Ávila! Meu empresário!—aquela notícia alvoroçou os repórteres.

Victor e Alana ficaram estáticos.

—E eu era uma dessas crianças!—Alana levou a mão na boca diante da notícia— Eu estava nesse local e é por isso que posso afirmar com tanta convicção! Vocês devem estar se perguntando como? Vou contar! Eu sou órfã de pai e mãe, foi criada em um orfanato no Paraná. Quando estava com 12 anos pareceu um homem nesse orfanato e disse-me que eu teria uma vida melhor fora do Brasil, que seria adotada por uma família! Que lá fora! Eles queriam crianças maiores, não eram como no Brasil, onde só se adotam bebês e crianças novinhas. Cheguei lá, vi que era um lugar legal! Muitas crianças como

eu, brasileiras, angolanas entre outros... Às vezes em uma semana eram “adotadas” duas até três crianças, era isso que a gente pensava. Levou um tempo até eu ser “adotada”, acontecia as vezes de algumas crianças ficarem lá até a maioridade. Depois que se completava dezoito anos nós não as víamos mais. E eu estava com medo disso acontecer comigo, afinal apesar dos trabalhos domésticos o lugar era bom. Quando faltava pouco para eu completar dezoito anos estava caminhando pelo corredor e encontrei um homem caído ele parecia muito mal, eu o arrastei e o ajudei. Uma semana depois, chamaram-me na sala da diretoria falando que tinham arrumado uma família para mim. Lógico que fiquei feliz, nem cogitei a minha idade e porque essas pessoas queriam uma moça tão velha como eu . Eles me falaram que eu tinha que fazer alguns exames... Com certeza tinham encontrado um cliente que precisava dos meus órgãos!—aquilo fez a plateia se arrepiar — Mas enquanto eu estava lá Andrés D’Ávila apareceu e disse que sentia muito, mas minha nova família não me quis! Mas ele me queria como uma filha! Disse que eu seria seu novo projeto, que faria muito sucesso!

Ela olhou para a câmera que focava seu rosto.

—Eu sei que você me salvou!—disse como se estivesse falando com Andrés — Eu sei que naquele dia pagou sua dívida comigo! Salvei sua vida, você salvou a minha! Mas eu não sabia de nada naquela época, assim como só fique sabendo disso ontem à noite! Não sabia disso quando você mandou me sequestrar, não sabia disso quando mandou me matar enquanto estava com amnésia. Por que fez isso comigo? Eu te obedeci em tudo! Fui fiel a você, era como um pai para mim! Eu te amava de verdade como uma filha ama seu pai! Você foi à única família que conheci! Mesmo dizendo que eu era como uma filha você tentou me matar... Por algo que nem mesmo sabia! E agora que sei não concordo! Agradeço o que fez por mim, já era para eu estar morta, ou ser uma escrava sexual em algum bordel na Europa ou Ásia que é para onde são enviadas as mercadorias que vocês não têm serventia. E não estou falando apenas de mulheres e homens, estou falando de meninos e meninas. Que são atirados na lama imunda que é esse mundo torpe da prostituição. Você Andrés me salvou disso e eu estou agora tentando salvar essas mesmas crianças para que possam ter uma vida digna.

Andrés sentado em sua poltrona olhando para a tela do televisor. Ele não sabia que era ela que estava com Rodrigo, pensava que era Alana por isso mandou matá-la, mas isso não fazia diferença agora. Lágrimas escorriam de seus olhos. Tinha se afeiçoada a ela, mas sua vida era mais importante o dinheiro era importante...

Não era ninguém no começo, um maquiador que tinha talento com os negócios. Até que conheceu um médico Alemão que viu a ambição dele e apresentou o negocio. No começo não tinha tantos clientes de órgãos. Eram mais crianças para adoção. Ele era encarregado de levá-las para fora do Brasil.

Quando o transplante de órgãos se tornou popular, eles entraram no ramo com força. E o dinheiro começou a aparecer.

Então para não chamar a atenção da polícia ele criou uma agencia de modelos, onde poderia lavar o dinheiro com facilidade, já que o mundo da moda era algo bem lucrativo.

Os outros membros da organização tinham outros meios de lavar o dinheiro. Mas ele gostava do mundo da moda era interessante. Ao se transformar em um empresário ele se tornou muito respeitado e poderoso. Comprava políticos e policiais com facilidade, já que agora circulava na elite da sociedade.

Comprou um prédio na Avenida Paulista, centro comercial de São Paulo, bem em frete ao prédio da Empeck . Vivia mais fora do Brasil do que no país, viagens e luxo faziam parte da sua vida. O maior dinheiro vinha do tráfico de órgãos e o restante do mundo da moda, contratos altíssimos de diversas modelos. Os de Patrícia eram os maiores, ela era sua maior criação a única.

Agora era tão poderoso quanto Artur Haddad.

Mas cometeu o erro de se afeiçoar a uma menina com cara de anjo, uma menina a quem ele ensinou tudo e a transformou na mais perfeita modelo que já existiu.

E agora ela o traia! Mas não ia para a cadeia! Tomou o revolver nas mãos e encaixou o cano dele na boca. Um tiro seria suficiente, não ia sentir dor seria fácil! Se a organização o pegasse sua dor não ia acabar. Imploraria para morrer e não teria seu desejo atendido. Esse terror o assolava... Se trancou no seu escritório ouvindo os telefones tocarem incessantemente.

Lobo corria pelas ruas da cidade, entrou em um pequeno beco, retirou com rapidez a mascara e a roupa preta. Ninguém podia vê-lo, não podia ser pego. Assim que se livrou das roupas e da mascara começou a rir. Foi pago para matar Patrícia e quem acabou levando a bala foi Corona, isso era sem duvida a melhor coisa que acontecera hoje. E que astúcia daquela mulher ardilosa. As duas aliais, só descobriu quem era Patrícia pelo modo como Rodrigo olhava para ela. Ele testou a mira e sabia que ele só se colocaria na frente de uma bala que fosse dirigida a Patrícia. Mas essa trapaça custou o serviço, agora tinha outro para executar. Se o fizesse bem ninguém saberia que tinha falhado nesse. Mas estava gostando desse jogo era divertido.

Jogou as roupas no lixo, tirou as luvas e as colocou na calça social bege, com um pequeno espelho conferiu a aparência arrumando os cabelos e prendendo-os novamente. Com camisa azul clara, uma gravata vermelha listrada e sapatos marrons era a imagem de decência. O toque final foi os óculos de aro redondo. Um verdadeiro nerd. Saiu do beco com tranquilidade seguindo para o hotel. Os policiais ainda corriam de frente com ele, seu coração disparou quando um deles passou olhando para ele.

—Xavier!—escutou alguém chamar, levantou os olhos e viu Alan a sua frete —Xavier viu algum homem passar correndo por aqui?—perguntou ele.

Lobo pensou em como seu disfarce era bom, e como todo aquele treinamento em

artes marciais o ajudou manter boa forma, sendo quase impossível alcançá-lo. A não ser por Rodrigo, se ele estivesse ali com certeza o tinha alcançado e seria muito mais difícil escapar... Notou que Alan esperava por sua resposta.

—Não vi não! Estava fazendo um serviço aqui por perto—disse ele apontando para a maleta que trazia sempre junto consigo, mas no interior dela tinha a arma que atingiu Rodrigo na cabeça, ante esse pensamento esboçou um sorriso involuntário.

—Sei... Tudo bem! Vou ver se o encontro! O desgraçado atirou em Rodrigo!

—Nossa! Que horror como ele está—perguntou com falsa preocupação.

—Ainda não sei... Deixa-me ir—e saiu correndo pelas ruas.

Lobo começou a caminhar com calma, tinha muito tempo para chegar em casa. Afinal seu dia já estava ganho!

Revelações

Eu sei! Eu sei! Já foi revelada muita coisa até aqui, mas sempre se tem mais para falar. Algo para encerrar de forma suscita esse drama e deixe você satisfeito com o final.

Depois da coletiva e de revelar ao mundo tudo Patrícia sentia-se mais leve, estava sentada na sala de espera do hospital Regional. Alana e Victor estavam com ela. Ela fazia oração para que tudo corresse bem na cirurgia. Alan tinha avisado a família de Rodrigo que estavam vindo do interior. Cristy irmã de Rodrigo que morava em São Paulo já tinha chegado, ela estava conversando com a equipe médica. Victor usou sua influência e ficaram sabendo do quadro geral a bala tinha entrado e saído da cabeça dele, por milímetros não pegou nada vital. Agora ele estava em cirurgia para que estancassem a hemorragia. Alan estava na sala também ela parecia cansado, disse que procuraram Lobo por toda parte, mas não o encontraram em lugar nenhum foi como se tivesse evaporado da face da terra.

Agora nas redes sociais e na internet o assunto da sua declaração e alguns documentos circulavam dando ênfase a denúncia. Patrícia entregou para Gabriela o HD contendo todos os documentos e entregou também um cartão de memória que continha algumas informações sobre as empresa que estavam participando do esquema com a lavagem do dinheiro. Havia algumas bem conhecidas.

Quando Cristy saiu da sala em direção à sala de espera Patrícia ficou apreensiva. Não podia perder Rodrigo. Ele era como um elo que a ligava a terra. Perde-lo significaria se perder também e justo agora que ela tinha acabado de se achar.

— Como ele está? – se adiantou Patrícia assim que ela entrou na sala.

— Ele ficará bem, está em coma induzido, vai ficar assim por um tempo, mas está fora de perigo segundo os médicos.

O alívio era visível na face de Patrícia e dos demais.

Horas depois a família dele chegou ao hospital, Ricardo entrou como um tiro de bala. Estava branco e parecia desorientado, não parecia em nada com a pessoa que ela conheceu na fazenda. Ele a olhou com raiva, que ela sabia que merecia afinal foi à culpada de tudo. Cristy correu até eles e se abraçaram. A mãe de Rodrigo parecia desconsolada. Patrícia sentiu remorso por ter sido a causa. Maria olhou para Patrícia e se aproximou com cautela, ela ainda tinha sangue nas roupas, sangue de Rodrigo.

— Como você está querida? – perguntou com amor, como só ela poderia fazer – Parabéns pelo que você fez, acredito que era exatamente isso que Rodrigo queria. Eu fico triste de ver meu filho naquela cama, mas fico feliz por você estar aqui viva, tenho certeza de dessa vez se você tivesse morrido ele não suportaria. Eu vi nos olhos dele um amor que há muito não via. Ele me contou tudo.

Patrícia não suportou e caiu nos braços daquela mulher doce, e chorou. Todos ao redor ficaram em silêncio observando a cena sem interferir. Ali tinha duas mulheres que sofriam por um homem e ambas entendiam a dor uma da outra, porque para ambas ele era insubstituível.

Munique, Alemanha.

A cirurgia foi um sucesso! Ambas as crianças estavam bem.

Clara foi muito forte e seu corpo resistiu bravamente à cirurgia. Agora ela estava se recuperando no quarto ao lado do de Marcos. Ela não sabia que tinha passado por uma cirurgia de extração de rim. Dormia tranquila em seu leito sonhando com a nova família.

Marcos se recuperava bem da cirurgia, estavam sendo administrados remédios em sua veia para que o organismo não rejeitasse o órgão transplantado. Os médicos disseram que ele ficaria muito bem em alguns dias.

Ana estava contente, achou que foi um verdadeiro milagre! Que foi Deus que abriu aquele caminho para eles. E pensar que nem cadastrado na fila de doação seu filho estava!

Ana estava sentada na poltrona do quarto olhando seu smartphone, ela gostava de ver as notícias. Ela tinha perdido peso nas ultimas semanas, não comia nem dormia há dias. Acessou um canal de noticias e começou a prestar atenção nas noticias e algo chamou sua atenção, algo que a ancora falava.

“... Em Munique fica um clinica de extração de órgãos comandada pelo doutor Rudolph Sturdell, ele faz parte da grande quadrilha internacional de tráfico de órgãos infantis. Que foi denunciada pela famosa modelo Patrícia Sabatini! Patrícia afirma ter provas contra a organização, e que era uma das crianças mantida sob custódia dessa máfia e...”

Ana começou a fazer relações sobre o que estava sendo dito e sobre o que aconteceu nas ultimas semanas. A viagem para a Alemanha e milagre de encontrarem um rim para seu filho tão rápido. Então tudo se encaixou quando se lembrou do nome do medico. Doutor Rudolph Sturdell. Seu filho foi salvo, mas uma criança pode ter morrido para que isso acontecesse. Ela estava estática e foi nesse estado que Alberto a encontrou. Ele chamou por ela que continuava de olho na no celular.

—Você...—começou ela — Você comprou um órgão infantil? – ela estava horrorizada por fazer parte disso.

—Não!—Afirmou Alberto com convicção — Eu paguei para que nosso filho

vivesse, mas...

—E não se preocupou de onde vinha o rim? Você ajudou a matar uma criança!— gritou ela apontando para a o celular—Eles matam crianças aqui! Eles tiram os órgãos com a criança viva! E você fez com que nós fizéssemos parte disso!—gritou ela, com repulsa.

—E você não imaginou que algo estava errado? – ela ficou lívida – Eu não quis saber da onde vinha com tanto que Marcos tivesse uma chance de continuar vivo! E como pai dele não me arrependo!

Ela sentou chorando por ter que admitir a si mesma que ela também não levou em consideração nada com tanto que seu filho estivesse vivo, não pensaria em nada.

Eles conseguiram ter seu filho vivo e voltariam para o Brasil sem consequências.

Clara quando acordou ficou triste, disseram para ela que ela tinha ficado muito doente e não pôde ir com a nova família.

O Studio Callow estava deserto naquele dia, eles programaram com muito cuidado tudo Samira e Vinicius estavam um pouco apreensivos. Mas Alana disse para eles não se preocuparem com nada, ela se encarregaria de levar Patrícia até lá.

Patrícia achou estranho ser levada até o Studio de Vinicius, mas não contestou Alana, ela estava muito feliz. Ultimamente elas estavam mais próximas e quando Patrícia estava sem seu disfarce elas ficavam idênticas. Patrícia estava gostando disso. Alana disse que a notícia era importante e não podia ser dada por ela.

Entraram na sala de Vinicius, as duas de mãos dadas. Patrícia achou estranho, mas não contestou. Viu uma mulher muito bonita parada ao lado de Vinicius, mas isso era normal para ele, já tinha visto ele com muitas mulheres. Mas o modo como ele estava segurando na cintura dessa era diferente. Ao entrarem todos se cumprimentaram. Alana achou peculiar o fato de Vinicius beijar a testa de Alana, mas não fez comentário assim com quando viu a mulher abraçar de modo profundo sua amiga.

— Vinicius, que bom revê-lo amigo. – disse Patrícia

— O prazer é meu. Mas acredito que é a primeira vez que vejo você dessa forma – disse Vinicius olhando para ela com calma, as roupas não mudaram totalmente faschionista, mas os cabelos estavam curtos e os olhos prata como os dele.

— Bem resolvi mudar um pouco...

— Ficou muito bom, mas é melhor se sentar. – fizeram dessa forma – Patrícia nós pedimos para que Alana trouxesse você aqui para podermos dar uma notícia a você — ele quase não continha a emoção que tinha no peito, seus olhos ficaram rasos de água.

Samira tentava, mas não conseguia secar as lágrimas que escorriam pelo seu rosto.

—O que foi Vinicius?—perguntou Patrícia estranhando a forma como ele olhava para ela, curiosa com a presença daquela mulher ali — Quem é ela?

Vinicius se agachou na frente dela, tocou no medalhão que ela trazia no pescoço. Uma lagrima solitária escorreu pela sua face.

Patrícia não estava entendendo nada, Vinicius nunca a tratou daquela forma...

Samira abaixou-se na frente dela e olhou fixamente em seus olhos. Olhou para Vinicius e disse:

—É o mesmo medalhão, não é?—ele afirmou com a cabeça.

—Do que estão falando? Eu não estou entendendo nada.

—Como consegui o medalhão?—perguntou Vinicius.

—Isso?—perguntou ela segurando-o na mão — É meu sempre foi! Sempre estive comigo durante todos os anos da minha vida — afirmou ela.

Vinicius segurou o ar em seus pulmões, olhou para Samira incentivando ela a falar.

—Você é nossa filha!—Patrícia perdeu a cor da face, sentiu o chão se abrir.

—Como?—perguntou querendo uma reafirmação.

—Patrícia! Você é nossa filha! Minha e de Samira, esse medalhão que tem é prova disso! Eu o dei a sua mãe a mais de vinte anos, antes dela voltar para o Brasil carregando você em seu ventre. Você e Alana – Patrícia olhou para Alana no mesmo instante e viu que ela estava emocionada. “*Desde quando ela sabia?*” pensou estava chocada.

— Tenho uma família? – perguntou ela com cautela – E você é meu pai! Você me cantou! – Vinicius ficou vermelho.

Todos riram e Samira segurou a mão das duas filhas estavam reunidas. Contou para Patrícia toda a história e cada detalhe para que elas soubessem que sempre foram queridas para ela.

— Agora que estamos reunidas não vou pedir para esquecerem o passado, mas que eu possa fazer parto do futuro de vocês. – Elas se abraçaram e ficaram assim por um tempo... Era muita mudança na vida para assimilar e Patrícia entendeu que ela só estava ganhando cada vez mais, só faltava Rodrigo agora para estar completa.

Com a ajuda de Gabriela, a INTERPOL pode encontrar muitos cativos, onde encontraram crianças das mais diversas idades. Muitos mandatos foram cumpridos para dismantlar a quadrilha. Eles conseguiram dismantlar uma boa parte da quadrilha. Mas era um trabalho muito difícil, pois muitas das casas já estavam vazias quando entraram e se tinha mostra de que foram deixadas as pressas. A INTERPOL teria que continuar procurando. No Brasil Gabriela conseguiu abrir mandatos para investigar muitos parlamentares e empresas que estavam trabalhando em conjunto com essa máfia lavando dinheiro para que tudo ficasse invisível.

Victor estava sentado na poltrona na sala da sua casa, comemorando consigo mesmo o fato de conseguiu a aprovação de uma lei burocratizando a retirada de crianças

do país, pelo menos no estado se São Paulo nenhuma criança seria retirada do país sem que o estado soubesse de tudo e para onde iram. Eles tinham formado um cadastro de todas as crianças nas instituições e essas não podiam sair do país mais tão fácil como antes. Ele estava satisfeito com a manchete do jornal, estavam fazendo um bom merchandising.

— O que você está vendo que te deixou feliz – perguntou Alana.

— Nada de mais, eu estou um pouco curioso, será que poderia me ajudar?

— No que?

— Queria saber onde você ficou quando estava desaparecida. – ainda o deixava com ciúmes isso.

— Eu estava na casa de uma senhora, o nome dela é Ivone, ela é cozinheira em uma das instituições que eu ajudo. E quando consegui escapar daqueles crápulas eu vim para São Paulo e me escondi lá. Ela deu a ideia de eu cortar os cabelos. Mas com a interferência da mídia eu resolvi sair de lá para não envolver ela. Afinal essa mulher foi quem me abriu os olhos para o que estava acontecendo. Mas por que a pergunta.

— Apenas curiosidade – Victor a abraçou e desconversou.

Um mês depois...

Patrícia entrou como uma bala no hospital tinha recebido a notícia de que retirariam Rodrigo do coma hoje. Naquele último mês não tinha saído do hospital, mas naquele dia foi fazer um exame médico e teve que se ausentar.

A família de Rodrigo tinha estado no hospital diversas vezes, Ricardo passou dois finais de semana lá. Eles conversaram muito sobre os acontecimentos, Cris tinha voltado da Europa e estava morando de novo em São Paulo. A mãe de Rodrigo estava hospedada na casa de Cristy, seu marido ficou na fazenda para cuidar dela.

E pensar que ela agora tinha pai e mãe, foi emocionante quando os conheceu, mas quando teve tempo para conversar melhor com eles ficou sabendo de muita coisa.

Tinha que estar lá na hora em que ele acordasse, ela tinha que ser a primeira pessoa que ele veria. Bateu no vidro do quarto pedindo autorização pra entrar. Um médico que a conhecia fez que sim com a cabeça.

—Ele já acordou Doutor?—perguntou ansiosa.

—Vai acordar em instantes!—disse ele com alegria no rosto—Acabamos de injetar a droga que o fará acordar.

Levou um mês para que eles conseguissem reconstruir parte do tecido cerebral, a bala não chegou a entrar por completo, mas ficou alojada no crânio deu muito trabalho para equipe médica. Até um enxerto ósseo foi preciso.

Patrícia ficou ao lado da cama, colocou a mão na cabeça dele que ainda tinha os

cabelos raspados por causa das cirurgias. Mas o rosto continuava lindo como sempre, e ela desejava ver aqueles olhos azuis novamente. Com discrição retirou as lentes de contato, preferiu manter a carreira por mais algum tempo, não podia desiludir seus fãs. Descobriu que seus documentos eram falsos. Andrés os comprou e por isso ela não tinha digitais reconhecidas, mas agora já tinha providenciado novos documentos com a filiação de seu pai e sua mãe, graças às influências de Victor tudo saiu rapidamente e sem nenhum alarde. Agora ela se chamava Patrícia Ahmad Callow, mas continuava com seu nome artístico de Patrícia Sabatini.

Rodrigo começou a se mover na cama, emitiu alguns resmungos e seus olhos começaram a se abrir ainda sem foco...

Ela se aproximou e ficou olhando fixamente para ele.

Quando ele abriu lentamente os olhos se acostumando com a luz novamente, sentia que tinha estado naquela cama por algum tempo. Ele notou que tinha um par de olhos cinza o olhando, pareciam ansiosos e felizes. Ele os reconheceu de imediato, levantou a mão com certa dificuldade e tocou naquele rosto tão querido.

—Grey...—Ela não se agüentou e começou a chorar, o abraçou e sentiu o braço dele passar pelo seu corpo estreitando-a.

—Rodrigo! Que bom que você acordou!—e chorava abertamente.

—Eu... sab... sabia que v... você estava aqui comigo — ela segurou o rosto dele entre as mãos e o beijou com doçura.

Os médicos conversaram com ele e realizou alguns testes para ver sua condição física.

Um pouco longe daquele hospital onde reinava a alegria, mais precisamente nas empresas Empeck S/A, Artur olhava pela janela quando foi interrompido por um toque na porta. Sua filha Amélia entrou acompanhada por Carlos ele ultimamente estava como uma sombra dela. O sorriso plástico dela era característico, mas a atitude estava diferente. Ela caminhou até a mesa dele e se sentou com graça sobre ela. Carlos apenas a acompanhou e ficou parado ao seu lado como um cão de guarda. Artur não gostou daquela atitude, teria que ensinar ela mais tarde em casa quem mandava na empresa.

— O que pensa que está fazendo Amélia? – perguntou Artur indignado.

— Nada papai, apenas apreciando a sala – disse ela e olhando os moveis torceu o nariz – Eu não gosto de como está à sala nesse momento, acho que vou ter que redecorar.

— Do que está falando? Você sabe que eu não gosto de brincadeiras. – ele estava começando a ficar irritado.

— Ah papai! Como assim você não sabe? – disse ela olhando nos olhos verdes frios como os dela – Você fez muitas coisas que culminou nisso! Estou espantada com o Senhor! Por acaso se esqueceu das suas palavras de que quem prejudica a empresa não em direito nenhum de comandar ela! Esses foram seus ensinamentos.

— Não sei do que está falando!

— Carlos por favor mostre a ele – Carlos colocou uma pasta sobre a mesa.

Artur abriu a pasta com pressa querendo ver o que tinha dentro dela, Amélia ficou com seu sorriso plástico olhando para a vista que se estendia fora do prédio.

— Como conseguiu isso! – ele estava pálido.

— Papai o senhor disse que quando fizéssemos algo errado deveríamos esconder muito bem. E eu tive que limpar a sujeira que o senhor deixou. Olhe a quantidade de estragos que eu tive que apagar.

— Como você soube sobre isso! Quem fez o serviço!

— Carlos, por favor... – Carlos se adiantou e começou a falar.

— Aí constam todas as operações que a empresa fez das quais estavam relacionadas varias contas no exterior para alteração de informações e lavagem de dinheiro para a máfia do tráfico de órgãos. Mais precisamente o escândalo que está nos noticiário no momento.

— Seu ordinário! O que você pensa que é para falar assim comigo! – se exaltou Artur.

Amélia desceu da mesa com calma olhando para seu pai se encostou e acariciou o rosto de Carlos, olhando fixamente para seu pai e sorrindo com aquele sorriso plástico que deixava Artur enojado.

— Ele é meu cão... – disse acariciando a face de Carlos que não mexia um único músculo – E agora o que eu quero de você papai é que assine esse documento de renuncia, e passa todos os poderes para mim – disse com um risinho.

— Não vou fazer isso essa empresa é minha! – Amélia colocou as duas mãos na mesa e disse com muita ênfase.

— Você não tem mais o direito é pelo bem da empresa! Ou quer que isso vaze! E você seja preso! Alana se empenhou muito e com a ajuda de Patrícia outra praga ela conseguiu muita coisa! Não fosse a minha interferência teríamos caído junto com essas outras empresas. Tive que pagar muito caro para um profissional nos tirar dessa enrascada! E pensar que Alana tinha tanto potencial para isso – disse mais consigo mesma – Além disso, eu também sei que Alana não é minha irmã.

— Como...

— Eu soube há muito tempo e Carlos me ajudou a rastrear o restante das informações, portanto preciso que assine esse documento e anuncie a aposentadoria. – Amélia tinha um sorriso cínico no rosto.

Artur não viu outra opção, ela tinha muitas provas contra ele, e ele sabia que só ele iria preso se continuasse com aquilo. Sua filha tinha passado a perna nele e ele sequer percebeu. Achava que ela era desprovida de inteligência, chegou a pensar que a empresa ficaria nas mãos de Alana, mas se enganou. E por mais doentio que fosse sentia orgulho

disso. Assinou tudo conforme Carlos lhe instruía.

— Você sabe que a saúde financeira da empresa depende daquele dinheiro. Não vai conseguir fugir desses caras, eles não vão deixar.

— Quem disse que vou fugir – disse Amélia sentando na cadeira presidencial do seu pai, aproveitando cada segundo, tinha sonhado com aquilo a vida inteira.

— Então vai continuar no negócio? Mesmo com Andrés desaparecido?

— Andrés já caiu, e sim nós vamos. Porque quem tem dinheiro e poder tem o direito de viver. – Artur estava assustado com ela. Ele tinha entrado no negócio por acaso, quando percebeu o que era já não conseguia mais sair.

Andrés tinha apresentado um meio de lucrar mais em pouco tempo. Umas contas no exterior e os depósitos apareciam. Sua parte chegava limpa sem precisar se preocupar. Era só comissão por um trabalho que ele não sabia o que era e quando descobriu era tarde demais. Tentou sair, mas Andrés colocou Lobo para conversar com ele e ele soube que não tinha volta. Mas Amélia sabia exatamente do que se tratava e não tinha remorso quanto a isso. Era assombroso.

Seu pai saiu do escritório sem levar nada, ele disse que anunciaria a aposentadoria em uma reunião do conselho no dia seguinte. Ela estava satisfeita tinha conseguido tudo conforme o planejado.

— Carlos... – seu secretário estava apostado como sempre.

— Sim senhorita.

— Você sabe que eu não tolero falhas não é? – Carlos ficou preocupado.

— Onde falhei? – era melhor perguntar do que negar e Carlos tinha aprendido isso. Amélia era uma pessoa que parecia uma área movediça não parecia profunda, mas era mortal.

Ela tirou da bolsa duas fotos, estavam ampliadas. Nelas podia se ver perfeitamente Carlos de perfil. Ele estava deixando entrar na mansão os sequestradores de Alana.

— Eu não sabia da câmera – disse ele engolindo em seco.

— Nunca mais falhe comigo, se tivessem pegado você todo o meu plano ira para o espaço – ela estava irritada e ela achou melhor não falar nada.

Ela ligou para um telefone que sabia de memória. Uma voz debochada atendeu.

— Chefe! O que você deseja! Já sabe que tudo tem um preço.

— Está com ele ainda? – ela perguntou, mas ouviu ao fundo uma voz agonizada.

“...me deixa morrer... por favor... eu imploro chega...”

— Acredito que isso seja prova suficiente!

— Claro... Já tem as informações que eu pedi para extrair.

— Sim tudo será passado para seu cão de guarda.

— Muito bem pode exterminar. — e desligou.

Amélia ainda lembrava-se do dia que viu o computador de Alana aberto e ela estava conversando com Patrícia. Ela sempre estava buscando uma brecha para tomar a empresa do seu pai e naquele ano em que Alana estava fuçando atrás de informações muito complexas e Amélia tinha hackeado o computador dela e se interado de tudo. E foi preciso apenas uma pequena ajuda de Carlos para que tivesse o contato de um profissional. Ele hackeou tudo e conseguiu todas as informações e quando Andrés contratou Lobo, ele já estava trabalhando para ela. O que ninguém contava era com a astúcia de Alana em fazer uma cópia e mandar para Patrícia. O sequestro de Alana foi somente para conseguir esse HD que ela achava que estava na mansão ainda.

Que show que ela armou! Agora estava tudo certo. Ela tinha conseguido! No dia da coletiva ela deu ordens para que Lobo errasse a mira. Gostava da sua irmã e não sabia quem era quem. Agora que estava tudo resolvido ela podia tomar seu uísque em paz. O olhar da janela era agradável.

Epílogo

Rodrigo ainda estava se recuperando no hospital e Patrícia ficava o tempo que podia com ele. Eles estavam conversando por horas e ela contou tudo sobre seus pais e como os conheceu. Contou que o corpo de Andrés foi achado com um “L” desenhado na nuca. Ao que parecia ele tinha sofrido muito. Patrícia se compadecia, afinal devia a vida a ele.

— Não pense nisso Grey... Agora você tem uma família! - Era assim que ela à chamava quando estavam à sós.

— Sim estou feliz! – Rodrigo via a luz que transparecia na face dela.

— E o que você acha de aumentar essa família tendo eu como seu marido? - os olhos dela brilharam e o prata deles reluzia.

— Sério! – ela estava com as mãos na frente do rosto contente as lágrimas.

— Sim! Eu amo você e quero ter uma vida ao seu lado se você quiser.

O telefone em cima da mesinha ao lado da cama no quarto em que Rodrigo estava internado tocou, Rodrigo estranhou. Perguntou se ela estava esperando algum telefonema. Ela negou e ele atendeu.

—Alô!—ele escutou uma respiração suave.

—Que bom que está vivo assim nós poderemos brincar de gato e rato de novo que acha Corona? — Rodrigo sabia muito bem de quem era aquela vós.

—Lobo!—Patrícia empalideceu a menção daquele nome.

—Que bom que se lembrou de mim! Afinal somos amigos!—disse com cinismo.

—Não somos amigos! Somos inimigos!—gritou Rodrigo.

—E não é a mesma coisa! Poderia ter matado você enquanto dormia, mas desisti. Quero vê-lo chorar de novo — riu ele com sarcasmo — Não leve tão a sério eu só mato por encomenda e você no momento não faz parte da minha lista! Mas a mocinha eu não posso garantir!

—Se encostar um dedo nela eu te mato! Escutou! Eu te mato!—gritava Rodrigo.

— O que você vai fazer nesse seu estado? Nada! Ela mexeu com gente poderosa! Amigo! E a cabeça dela está a prêmio, não posso fazer nada quanto a isso!—e riu com gosto — Posso imaginar sua cara de medo nesse exato momento! Aliais eu posso ver essa cara de medo que você está fazendo neste momento, mas fica tranquilo estava só brincando! Ela não está na minha lista!—e riu.

—Eu juro!—rosnou Rodrigo — Juro que se eu te pegar você vai sofrer muito!

—Cão que ladra não morde, mas Lobo que uiva ataca!—e ria.

—Desgraçado eu ainda te pego, quando sair daqui! Não vou descansar até ver você em minhas mãos! Desgraçado! Eu te odeio!

—Já eu não nutro nada especial por você!—falava ele para irritá-lo. Rindo com sarcasmo.

—Maldito!—desligou o aparelho olhando com fúria para ele. Patrícia estava lívida, ele a abraçou e ficaram assim por um longo tempo. Olhando pela janela do quarto Rodrigo não via nada, mas sentia em cada célula do seu corpo o olhar daquele monstro.

Agora nós dois somos *vouyers*! Você também não acha engraçado ver o rosto de uma pessoa em fúria! A coloração muda e o semblante se altera e se contorce. Assim como quando a pessoa sente dor. É fascinante. Na minha observação eu pude analisar varias interações. Meus ratos trouxeram muita informação, você não acha! Olhando pela janela eu via o casal se abraçando tentado se proteger mutuamente e nem sabem do que! Eu poderia acabar com os dois sem esforço! Mas eles não estavam na minha lista.

Fim.